



**Marcelo Luiz Machado**

**O itinerário discipular missionário:  
a evangelização de batizados em tempos líquidos**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro,  
setembro de 2022



**Marcelo Luiz Machado**

**O itinerário discipular missionário:  
a evangelização de batizados em tempos líquidos**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Abimar Oliveira de Moraes**  
Orientador  
PUC-Rio

**Eduardo Antônio Calandro**  
PUC-Rio

**Jânison de Sá Santos**  
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

**Marcelo Luiz Machado**

Graduou-se em Filosofia pelo Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto, em 2005. Recebeu a graduação em Teologia pela Faculdade Dehoniana, em 2010. Fez curso de Especialização em Pedagogia Catequética, pela PUC-Goiás (2014-2015) e em Pastoral Catequética, pelo Cebitepal – CELAM, na Colômbia (2016). Participou de inúmeros congressos e publicações na área de Teologia Pastoral e Catequética Fundamental. Atualmente é professor de Música Litúrgica, Teologia do Vaticano II, Catequética Fundamental e Religiosidade Popular. Desde 2009 é formador da Escola Diaconal da Arquidiocese de Ribeirão Preto. E desde 2017 é o coordenador da Equipe Regional de Animação Bíblico-Catequética do Estado de São Paulo (Sul 1 da CNBB).

Ficha Catalográfica

Machado, Marcelo Luiz

O itinerário discipular missionário: a evangelização de batizados em tempos líquidos / Marcelo Luiz Machado; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2022.

188 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Evangelização. 3. Iniciação à vida cristã. 4. Modernidade líquida. 5. Catequese latino-americana. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Às minhas eternas amigas Ondina Magnusson Naves Reis  
e Vera Maria Zatta, que hoje alcançaram a coroa imperecível  
após uma frutuosa missão catequética neste mundo passageiro.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao meu orientador pe. Abimar Oliveira de Moraes, por acreditar que depois de tantos anos poderia terminar com esmero esta pesquisa.

A todos da PUC-Rio, de maneira especial à coordenação do Departamento de Teologia, por terem aberto as portas do campus no momento que mais precisava para alcançar meus êxitos como universitário.

Aos colegas professores e sacerdotes amigos, que sempre me estimularam a não desistir e terminar esta etapa que hoje concluo. De maneira especial, aos padres Jânison de Sá Santos e Eduardo Antônio Calandro, pela leitura e observações necessárias para a entrega final desta pesquisa.

Aos paroquianos da cidade de Jardinópolis, que entenderam muitas ausências de minha parte na comunidade durante o período das pesquisas e leituras.

Aos catequistas de minha amada arquidiocese de Ribeirão Preto, fonte inspiradora para o meu ministério, do qual se vivifica do ministério catequético desde minha unção sacerdotal.

## Resumo

Machado, Marcelo Luiz. **O itinerário discipular missionário: a evangelização de batizados em tempos líquidos**. Rio de Janeiro, 2022, 188p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As transformações pelas quais o mundo tem passado nas mais diversas esferas, exigem da Igreja Católica, neste início de milênio, um renovado ardor pastoral desde as suas estruturas. A renovação eclesial proporcionada pelo último concílio ecumênico ainda está por começar. As últimas décadas tem se tornado bastante desafiadoras quanto à busca de valores sólidos, seguros e cheios de vitalidade, mesmo quando se vê por toda a parte o efêmero, o transitório e o espetáculo que garantem público e alguns *selfies* para alimentar as redes sociais, que hoje se tornaram parte do dia-a-dia das pessoas. A ação evangelizadora da Igreja no Brasil bebe da fonte latino-americana, e é aqui que se pretende recuperar um itinerário pastoral que forme discípulos e alcance a tantos batizados afastados da praxis cristã, através de um processo de iniciação à vida cristã kerigmático e mistagógico. Em meio a uma atmosfera social que beira o neopaganismo, a Igreja retoma o catecumenato não como adjetivo da catequese tradicional, mas sujeito que inspira e transforma a comunidade como um todo. Toma-se, como ponto de partida, o primeiro anúncio da fé, que vem acompanhado de outros sinais que demarcam a função profética que todo cristão batizado assume: o testemunho que move, o anúncio de Jesus Cristo que aquece o coração, a instrução que garante a profissão de fé e a maturidade cristã, quando procura dar razões de sua própria fé.

## Palavras-chave

Evangelização; iniciação à vida cristã; modernidade líquida; catequese latino-americana.

## Abstract

Machado, Marcelo Luiz. **The missionary discipleship itinerary: the evangelization of the baptized in liquid times**. Rio de Janeiro, 2022, 188p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The transformations that the world has been going through in the most diverse spheres, demand from the Catholic Church, at the beginning of this millennium, a renewed pastoral ardor from its structures. The ecclesial renewal brought about by the last ecumenical council has yet to begin. The last decades have become quite challenging in terms of the search for solid, secure and vital values, even when the ephemeral, the transitory and the spectacle that guarantee public and some selfies to feed social networks are everywhere, which today they have become part of people's daily lives. The evangelizing action of the Church in Brazil draws from the Latin American source, and it is here that we intend to recover a pastoral itinerary that forms disciples and reaches so many baptized people who are far from Christian praxis, through a process of initiation into the kerygmatic and mystagogical Christian life. In the midst of a social atmosphere that borders on neopaganism, the Church takes up the catechumenate not as an adjective of traditional catechesis, but as a subject that inspires and transforms the community as a whole. The starting point is the first proclamation of the faith, which is accompanied by other signs that outline the prophetic role that every baptized Christian assumes: the witness that moves, the proclamation of Jesus Christ that warms the heart, the instruction that guarantees the profession of faith and Christian maturity, when he tries to give reasons for his own faith.

## Keywords

Evangelization; initiation to the Christian life; liquid modernity; Latin American catechesis.

## Sumário

1. Introdução	11
2. O desafio de viver a fé cristã em tempos líquidos	15
2.1. Entre líquidos, gasosos e viscosos	16
2.2. A “revanche divina” e o revival religioso	26
2.3. Alegorias em cenários fragmentados	39
2.3.1. Encarcerados: o medo de sair da caverna	41
2.3.2. Consumidores: todos os caminhos levam às lojas!	51
2.3.3. Turistas: uma Babel rumo ao infinito	60
3. No coração de Aparecida: em busca de um itinerário catequético permanente	67
3.1. Um sopro inspirador na Igreja latino-americana	68
3.1.1. Nos caminhos de uma catequese evangelizadora	69
3.1.2. Tempo de cultivar a semente em terra boa	77
3.2. A alegria de iniciar discípulos missionários	90
3.2.1. Um processo integral e harmônico	97
3.2.2. Um processo querigmático e transformador	103
3.2.3. Um processo permanente e dinâmico	108
4. Primeiro anúncio e ação evangelizadora: em busca de uma iniciação cristã processual	116
4.1. Algumas impressões de um cristianismo paganizado	117
4.2. Recuperar o primeiro anúncio da fé	126
4.2.1. Em busca da unidade fundamental da ação evangelizadora	127
4.2.2. Ir ao coração da fé!	132
4.3. A Iniciação à Vida Cristã à luz dos signos da evangelização	145
4.3.1. A <i>martyria</i> como eixo processual	149
4.3.2. O <i>kerigma</i> : ide e anunciai	153
4.3.3. A <i>didaskalia</i> e o rebento da semente da fé	158
4.3.4. A <i>krisis</i> como coerência interna da fé	163



5. Conclusão	167
6. Referências Bibliográficas	171

## Siglas e abreviaturas

AG	Ad Gentes
CD	Christus Dominus
CL	Christifideles Laici
CT	Catechesi Tradendae
CV	Christus Vivit
DAP	Documento de Aparecida
DCE	Deus Caritas Est
DC	Diretório para a Catequese
DCG	Diretório Catequético Geral
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DM	Documento de Medellín
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DP	Documento de Puebla
DV	Dei Verbum
EM	Evangelii Nuntiandi
GE	Gravissimum Educationis
Gex	Gaudete et Exsultate
GS	Gaudium et Spes
LG	Lumen Gentium
PF	Porta Fidei
RM	Redemptoris Missio
SS	Spe Salvi
VD	Verbum Domini

## Introdução

“Muitos são os batizados e poucos os evangelizados”! Eu ainda era seminarista quando esta frase ressoava em minha cabeça e nos corredores da faculdade de teologia, da qual ainda estava iniciando. O clima era de esperança e inquietude: os bispos da América Latina decidem voltar a se reunir, depois de tanto tempo. Em meio às expectativas, não poderiam faltar tensões, sejam pelos conflitos de ordem prática com a Cúria Romana durante a última conferência, em Santo Domingo, o longo pontificado longo de São João Paulo II ou ainda pela notícia de que o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, agora eleito papa, viria para a abertura da Conferência, naquele maio de 2007.

Neste ano celebramos os 15 anos daquele memorável encontro sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, no Santuário Nacional, acompanhado por milhares de peregrinos, dia e noite. Para ilustrar, dizia-se que, em outros tempos, quando uma filha completava seus 15 anos, os pais davam um baile para apresentá-la à sociedade, numa passagem da infância à adultez, para dizer que já era uma mulher madura e apta para constituir uma nova família. Podemos dizer que isso também se passa com a Conferência de Aparecida. Até mesmo o papa Francisco, quando soube da possibilidade de um novo encontro episcopal, sugeriu duas coisas: que se fosse realizada uma “Assembleia Eclesial”, com ministros ordenados e leigos – a primeira realizada neste formato na história da América Latina –, ao invés de uma conferência somente para os bispos, e que se retomasse o documento de Aparecida, que de tão rico em experiências, não tinha perdido sua vitalidade e atualidade para a Igreja latino-americana. Assim, mostrou-se mais uma vez Aparecida ao mundo, como o fez Francisco quando escreveu a exortação *Evangelii Gaudium*, em 2013. E mais: que não somente o mundo, mas nós, latino-americanos e caribenhos, reconheçamo-nos neste itinerário de “discípulos missionários em saída”, como propôs a Assembleia Eclesial, realizada de 21 a 28 de novembro de 2021, no México, com o intuito de promover um renovado protagonismo dos batizados desde o “coração de Aparecida”.

E aqui tocamos o ponto fulcral desta pesquisa: a formação discipular dos batizados. A evangelização sempre foi uma experiência constante no cristianismo e nunca faltaram ferramentas e projetos pastorais para que a Boa-Nova do Evangelho chegasse aos confins do mundo. Quando os bispos, reunidos em Aparecida e com registro nos números 286 e 287 do documento final, tocam neste assunto, na verdade atraem a atenção de todos para uma situação bastante frágil e preocupante. Expressam uma porcentagem alta de católicos com identidade cristã fraca e vulnerável, afastados dos sacramentos e da vida comunitária. Além de ressaltar que a iniciação cristã se encontrava pobre ou fragmentada, o que não deixa de ser uma premissa e consequência da situação eclesial apresentada.

O que chama a atenção neste marco referencial da pesquisa é que, 40 anos atrás, quando os bispos da América Latina se reuniram para a II Conferência Episcopal na cidade de Medellín (Colômbia), este assunto foi problematizado no mesmo departamento: o da Catequese. No parágrafo 9 se falava de uma situação social de desintegração familiar, ignorância religiosa e escassez de comunidades cristãs que levava a uma realidade sacramentalizada e pouco evangelizadora. Daí a necessidade, desde aquele fatídico 1968, de uma “catequese eminentemente evangelizadora”.

Neste intuito, a pesquisa está distribuída em três grandes blocos. Num primeiro momento, a preocupação se dará com o desafio de viver a fé cristã em tempos líquidos. A metáfora da liquidez, que se tornou conhecida com a extensa obra deixada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), tornou-se um marco referencial na sociologia moderna, com dezenas de livros publicados e pelo menos 50 deles traduzidos no Brasil. A ideia da liquidez – diferente da apresentada por Karl Marx de um desfalecimento para reestruturar-se novamente – mostra a fragilidade dos laços humanos, a fragmentação das instituições, a vulnerabilidade ética e política, para dizer que a vida hoje parece “escorrer entre os dedos”, sem uma forma social sólida da qual podemos nos abrigar. A dicotomia entre a realidade do mundo virtual e real na qual nos inserimos, também parece não existir mais porque, de fato, não há uma linha que separe mais um do outro. Após uma breve descrição do “mundo líquido” de Bauman, o objetivo é tomar três alegorias humanas presentes na obra *Babel* (2016) – os encarcerados, os consumidores e os turistas – e confrontá-las com a possibilidade de encontrar um caminho aberto para a experiência de fé, entre luzes e sombras.

Num segundo momento, busca-se discernir este cenário líquido, pós-moderno, lançando-nos no coração de Aparecida, com a intenção de compor um itinerário catequético permanente, como bem sugeriu o papa Bento XVI quando de sua visita ao Brasil para a abertura da V Conferência Episcopal Latino-americana. A iniciação à vida cristã atravessa toda a problemática suscitada pelos participantes desta Conferência e aparece em muitos pontos do documento final. Busca-se, num percurso histórico e eclesial, lançar mão de inúmeras iniciativas de renovação catequética tanto no que diz respeito à “re-evangelização” dos adultos batizados – expressão dada em Medellín –, como na formação permanente daqueles que estão “afastados da praxis eclesial”, nas palavras do papa emérito, que também utilizou a expressão “Nova Evangelização” como urgência pastoral. Muitos encontros, documentos e pronunciamentos servirão de alicerce para entender este novo paradigma catequético que se instaura.

Por fim, num terceiro bloco, tratar-se-á do primeiro anúncio e da ação evangelizadora, em busca de uma iniciação processual. Durante muito tempo, a catequese se resumiu a uma complementação doutrinal para as crianças e jovens que os pais apresentavam para receber os sacramentos. E não há nada de errado com isso, a princípio. O problema é que, com a transformação sócio-política e religiosa das últimas décadas tem-se exigido uma nova postura eclesial diante daqueles que desejam viver a fé cristã católica. O próprio Concílio Vaticano II (1962-1965) já acenava sobre isso em inúmeros momentos. Hoje já temos consciência de uma catequese que, além do doutrinal, busca estar a serviço de um processo iniciático da fé e, por isso, deve se fazer atenta e discernir os sinais dos tempos. Não se pode negar que vivemos numa atmosfera de “neopaganismo” dentro do próprio cristianismo, consequência de uma ação pastoral estritamente sacramentalista e que os bispos em Medellín e Aparecida apontavam como insatisfatória para o atual contexto. Diante de sintomas como estes que adoecem o corpo eclesial, precisamos de medicamentos eficazes. Um deles é recuperar o “primeiro anúncio” da fé e, com ele, alguns “signos eclesiais”, sinais concretos deste processo que colaboram na evangelização: o testemunho, o anúncio explícito, a catequese e a teologia. São elementos de uma função profética indispensáveis e urgentes para a formação de novos discípulos missionários em saída. Aqui vale também uma ressalva: principalmente com as contribuições catequéticas do papa Francisco, a iniciação à vida cristã se fortalece nas dimensões querigmática e

mistagógica. O anúncio do Evangelho alimenta a comunidade cristã quando se busca mergulhar no mistério pascal e nos momentos celebrativos. E, por uma delimitação metodológica, aprofundaremos o *kerigma* enquanto signo profético evangelizador, sem deixar de lado a mistagogia que ressoa comunitariamente, desde a profissão de fé, a ação salvífica do Cristo Jesus.

E qual surpresa obtida durante a pesquisa quando, da preocupação da Conferência de Aparecida com a evangelização dos batizados, encontramos a mesmíssima expressão no relatório de 1979 apresentado pelo teólogo Jesus Lopez, membro do Secretariado Nacional de Catequese da Espanha, num balanço dos dez primeiros anos pós-concílio, no que tocava à catequese com adultos. Com preocupação, relatava que “muitos são os batizados, poucos os evangelizados”. Diante da globalização presente e do mundo secularizado, já não há mais fronteiras que separam os continentes; o que a Europa experimentava há tempos na diminuição da participação dos católicos em suas comunidades e no esfriamento da praxis cristã, aqui também já experimentamos e precisamos levar a sério nossa missão de discípulos missionários com decisão, coragem e criatividade, seguindo os passos de Aparecida.

## O desafio de viver a fé cristã em tempos líquidos

*“No seio de uma sociedade marcada pelo relativismo, em que a questão de Deus já não interessa e a verdade se oculta com suspeita, devemos apresentar a pessoa de Cristo como nos ensina a Igreja, ou seja, como a Verdade que ilumina o todo o mistério do 'homem'. É necessário, porém, que o façamos com parrésia, isto é, com confiança filial, com segurança jubilosa, com grande ardor e com humilde audácia, deixando-nos guiar pelo Espírito Santo, com a consciência de que Cristo nos instrui na Igreja.”<sup>1</sup>*

“Por que tendes medo, homens fracos na fé?”<sup>2</sup>. Foi assim que Jesus admoestou os discípulos diante da grande tempestade em mar aberto que sacudia o barco daquele pequeno grupo. Utilizados por todos os evangelistas, sabemos, pela exegese bíblica, a importância simbólica do mar e das águas, que como os perigos e desafios do mundo batem e sacodem o barco, a Igreja, que abriga os seus filhos. É com esta pergunta de Jesus que se pretende iniciar o percurso desta pesquisa. Nela, o Mestre destaca três situações que hoje ganham destaque nas relações quotidianas: o medo, a fraqueza e a fé. E tomaremos a simbologia bíblica para ampliar o pano de fundo das discussões, com o barco e o mar revolto.

Este capítulo percorrerá algumas ideias que se encontram, de forma particular, na obra *Babel*<sup>3</sup> (2015), do sociólogo Zygmunt Bauman. De início, far-se-á uma breve aproximação da sociedade atual, naquilo que o pensador polonês convencionou chamar de cultura líquido-moderna. Adiante, algumas alegorias que nos remetem a capturar retratos deste cenário pós-moderno<sup>4</sup> aparecerão, seja na figura dos encarcerados, dos consumidores ou dos turistas à soltos por aí. O que se verá, como pano de fundo desta pesquisa, é a sequência de “encontros episódicos”,

<sup>1</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, II catechista testimone della fede, p. 212.

<sup>2</sup> Mt 8, 26.

<sup>3</sup> BAUMAN, Z.; MAURO, E. *Babel*. Inclusive, quando soube da morte de Bauman, em 09 de janeiro de 2017, estava justamente lendo este livro, o último que, até então, havia sido traduzido para a língua portuguesa.

<sup>4</sup> O teólogo brasileiro João Batista Libânio (1932-2014) publicou, em 1999, um texto chamado *Cenários da Igreja*, que apresentava quatro cenários eclesiais para compreender a análise de conjuntura da Igreja Católica nos últimos anos – Igreja Instituição, Carismática, da Palavra e da Praxis Libertadora. Dez anos depois lançou uma nova edição e com perspicácia teológica, decidiu acrescentar um quinto cenário: o de uma Igreja plural e fragmentada pós-moderna (LIBÂNIO, J. B., *Cenários da Igreja*, p. 159-196).

superficiais e descompromissados nas relações frágeis do nosso tempo, explanados em vários textos de Bauman, a tensão político-social do momento em que vivemos para, dessa forma, munir-nos de ferramentas para a complexidade da fé e da experiência religiosa neste novo milênio.

## 2.1.

### Entre líquidos, gasosos e viscosos

*“Bauman, ao olhar para o mundo, partia do ideal de que a condição humana deve ser tratada em seu valor ético e humanitário. Preocupado em falar sobre a ‘cegueira moral’ e despertar as pessoas da indiferença aos problemas sociais, era um assíduo questionador dos governos neoliberais que incentivam o capitalismo e deixam de lado suas responsabilidades com a justiça social.”<sup>5</sup>*

“Adeus modernidade líquida! Bem-vinda modernidade gasosa!” Não é novidade que há anos já se questionava a perenidade da metáfora da liquidez adotada por Bauman no fim dos anos 90 do século passado. O fato intensificou-se logo após sua morte, em 2017, para dizer que, com ele, também suas teorias pereceriam. Anos antes, o desembargador Rizzato Nunes publicava em sua coluna que:

tentando ir além do que disse o pensador polonês, arrisco dizer que a sociedade capitalista chegou a, digamos, um estágio gasoso. Nem mais líquida é. A liquidez apesar de fluída, ainda é palpável. E o líquido de algum modo se amolda, como faz o rio que abraça suas margens, que toma a forma do objeto em que está, ainda que possa ser derramado e escorrer. A água se nos escapa por dentre os dedos, mas ainda podemos retê-la na pia, na banheira, no copo. Esse nosso estado atual parece gasoso, parece evaporar e desaparecer no ar atmosférico que com ele se confunde. Talvez forme imagens no céu, como nuvens que desenhavam animais ou plantas. Mas, essas imagens estão distantes, são fugidias e logo desaparecem.<sup>6</sup>

Também o italiano Francesco Romeo, no auge das publicações líquido-modernas, já acenava, lamentando-se:

Nossa tarefa, usando uma metáfora, é transportar esse fluido para um reservatório capaz de nos ajudar a recuperar o senso de comunidade antes de tudo, a reavaliar o trabalho em equipe e o senso de relacionamento, a viver e constituir juntos os significados simbólicos desta cultura que representamos. Minha preocupação inicial

---

<sup>5</sup> ROCHA, S., Bauman, p. 1.

<sup>6</sup> NUNES, R., Da vida líquida para a vida gasosa, p. 1.



é a de testemunhar impotente uma subsequente “passagem de matéria social” do líquido ao gasoso, o que aumentaria inevitavelmente o grau de separação molecular e um afrouxamento nas relações humanas, poderia realmente representar uma ameaça para a sociedade futura. Ao homem moderno é confiada a difícil tarefa de recuperar motivações profundas e fazer convergir toda essa liquidez na vida ecológica e na redescoberta da comunidade.<sup>7</sup>

Não menos importante, a história registrou ainda um encontro épico entre Bauman e o papa Francisco, em Assis, em setembro de 2016. Na ocasião, o professor polonês chegou a dizer ao papa que, depois de tanto percorrer o mundo com seus escritos, via no pontífice uma “luz no fim do túnel”. Dias após a morte de Bauman, celebrando a Eucaristia Jubilar com a Ordem dos Pregadores, Francisco contrapôs o que chamou de o “carneval da curiosidade humana” e a glorificação do Pai mediante suas obras:

há dois milênios, os apóstolos do Evangelho se encontravam diante deste cenário, que nos nossos dias se desenvolveu muito e se globalizou por causa da sedução do relativismo subjetivista. A tendência à busca de novidades típicas do ser humano encontra o ambiente ideal na sociedade da aparência, no consumo, na qual muitas vezes se reciclam coisas velhas, mas o importante é fazer com que pareçam como novas, atraentes, cativantes. Inclusive a verdade é camuflada. Movemo-nos na chamada “sociedade líquida”, sem pontos fixos, minada, desprovida de referências firmes e estáveis; na cultura do efêmero, do descartável.<sup>8</sup>

E conclui, dizendo que “no meio do ‘carneval’ de ontem e de hoje, esta é a resposta de Jesus e da Igreja, este é o apoio sólido no meio do ambiente ‘líquido’”<sup>9</sup>. Recentemente, ele também acenou para um possível “estado gasoso” da sociedade, em uma de suas catequeses, durante o Ano de São José:

uma sociedade como a nossa, que foi definida “líquida”, pois parece que não tem consistência. Eu corrigiria aquele filósofo que cunhou esta definição e diria: mais do que líquida, gasosa, uma sociedade propriamente gasosa. Esta sociedade líquida,

<sup>7</sup> ROMEO, F., *Verso uma modernità gassosa?*, p. 35. Vale a pena apontar, no mesmo patamar reflexivo, um texto da revista digital francesa *Esprit*, escrito por Maxime de Blasi, intitulado *Descrevendo a globalização: rumo a um mundo gasoso em vez de líquido (Décrire la mondialisation: vers un monde gazeux plutôt que liquide)*, em janeiro de 2010. Apresentando também outros sociólogos em questão, já se falava de um momento de “sublimação” social, onde as transformações de um estado sólido ao gasoso, no campo da economia, da moral e das relações humanas. No final do século XX, por exemplo, o antropólogo argentino Néstor García Canclini (1939), ao descrever a sociedade desde as condutas ansiosas e obsessivas do consumo, falava de um “mundo onde o sólido se evapora” (CANCLINI, N., *Consumidores e cidadãos*, p. 59).

<sup>8</sup> FRANCISCO, PP, *Celebração Eucarística no encerramento do Jubileu*, p. 1.

<sup>9</sup> FRANCISCO, PP, *Celebração Eucarística no encerramento do Jubileu*, p. 1.

gasosa, encontra na história de José uma indicação muito clara da importância dos vínculos humanos.<sup>10</sup>

No último ano, intensificou-se a propagação de um texto do argentino Carlos Alberto Scolari, pesquisador em comunicação e mídias sociais. Para ele,

a metáfora líquida nos leva a pensar em fluxos que percorrem seus canais, se deslocam de um lugar a outro acompanhando a orografia e às vezes transbordam de suas margens. Esse rio era a modernidade. Estou convencido de que a cultura contemporânea é mais bem representada por meio de uma metáfora gasosa em que milhões de moléculas enlouquecidas colidem e ricocheteiam umas nas outras.<sup>11</sup>

O que chama a atenção, neste e em outros<sup>12</sup> textos, é o que se propõe diagnosticar sobre esta nova fase da sociedade, caracterizando-a com a forte hibridização, indeterminação, incerteza e intensas relações virtuais; estas já foram mais do que notadas, experimentadas e debatidas ao longo da chamada fase líquida. No entanto, o estado de leveza civilizacional<sup>13</sup>, o avanço tecnológico e, recentemente, a pandemia do “vírus invisível”, intensificou a ideia de que uma “modernidade gasosa” chegou para ficar.

E mais: há quem diga que na América Latina se vive um processo híbrido pelo qual a Europa experimentou na passagem uma fase sólida para a líquido-moderna. Uma sociedade “viscosa”... sim! Para Gudynas, há uma interação de fenômenos sólidos “como os relatos de um maravilhoso progresso, a necessária conquista da Natureza e uma rigidez na moralidade pública – e as dinâmicas

<sup>10</sup> FRANCISCO, PP, Audiência Geral, p. 1.

<sup>11</sup> SCOLARI, C., Adiós sociedad líquida, p. 2.

<sup>12</sup> Após o falecimento de Bauman, muitos textos aparecem como uma justificativa de levar adiante as ideias por ele provocadas nas últimas décadas e que acaba por suscitar outras projeções metafóricas, sem desmerecer o trabalho do polaco. (ROYO, A., *La sociedad Gaseosa*, livro publicado pela editora Plataformas, em 2017; CARDONA, M., *La sociedad gaseosa*, de 2017; GUDYNAS, E. *¿Somos líquidos...o más bien viscosos?*, também de 2017; ARMENTERAS, M., *L’Omnicaminité dans le retail ne suffit plus*, em 2018; GIARELLI, C., *La società líquida che diventa gassosa*, de 2018; GONÇALVES, A. J., *Sociedade em estado sólido, líquido e gasoso*, em 2020.)

<sup>13</sup> Em um de seus últimos trabalhos, o renomado filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944) publicou *De la légèreté: vers une civilisation du léger* (Da leveza: rumo a civilização sem peso, editora Manole, 2016). O autor da metáfora “hipermodernidade”, assim descreve o tempo presente na apresentação da obra em língua portuguesa: “a modernidade cultuou o novo, a razão, a arte, a moral, o peso, o sólido, o industrial, a matéria e a terra como patrimônio, propriedade e matriz produtiva. A hipermodernidade oscila entre o arcaico e o retrô, a emoção, a experiência sensível, a arte/moda, a ética e o pós-moralismo, o leve, o supérfluo e o transitório, o líquido e o gasoso, as nuvens, o imaterial e o pós-tudo” (LIPOVETSKY, G., *Da leveza*, p. 15).

líquidas, como o individualismo, o relativismo moral privado, a substituição do ser cidadão pelo ser consumidor”<sup>14</sup>.

E as metáforas da modernidade não se limitam aos estados físicos da matéria, como nas aulas de biologia do colégio. Desde a Filosofia e as Ciências Sociais, nas últimas décadas, não faltaram esforços para compreender o tempo presente e adjetivá-lo. Desde os seus desafios sintomas são percebidos por diversos grupos e, lista-los aqui, seria demasiado complexo. No entanto, ilustremos alguns, com seus respectivos promotores: sociedade de risco (Ulrich Beck), hipermodernidade (Gilles Lipovetsky), pós-modernidade (Jean-François Lyotard), era da complexidade (Edgard Morin), pós-industrial (Alan Tourraine), modernidade reflexiva (Anthony Giddens), sociedade transparente (Gianni Vattimo), modernidade avançada (João Batista Libânio), pancapitalismo (Arthur Kroker Filho), cultura do efêmero (Nestor Garcia Canclini), modernidade tardia (Frederic Jameson), contramodernidade (Carlos Mendoza-Alvaréz), sociedade de controle (Gilles Deleuze), era da informação (Manuel Castells), tempo do fragmento (Jacques Derrida), pós-otimista (Thomás Halík), ultramodernidade (José Antônio Marina), pós-verdade (Ralph Keyes), entre outros.

Mas uma coisa é certa: quando se menciona Zygmunt Bauman, automaticamente vem à mente a “modernidade líquida”, metáfora que batizou um de seus *best sellers*<sup>15</sup> e que se tornou, como ele mesmo disse, um conceito axial em suas extensas reflexões. É por esse motivo, devido tamanha abrangência de sua literatura nas rodas de debate mundiais e de grande repercussão no Brasil, que este trabalho se dedica a enriquecer a pesquisa sobre a evangelização dos batizados com as provocações sociais deste intelectual.

<sup>14</sup> GUDYNAS, E., *¿Somos líquidos...?*, p. 3.

<sup>15</sup> *Liquid Modernity* foi publicado pela primeira vez na Inglaterra, no ano 2000, e representa um marco na vida de Zygmunt Bauman. A partir daí, quase todos os títulos virão negritados com temas do dia-a-dia da vida líquido moderna. *Liquid love* (lançado em 2003 e publicado no ano seguinte no Brasil, com o título *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*), por exemplo, chegou a ser oferecido nas livrarias brasileiras na prateleira de livros de autoajuda, tamanha a popularidade e aproximação do autor com os jovens nos meios digitais, ao falar da crise dos relacionamentos e da forma como a *web* vinha transformando os laços humanos. No Brasil, são pelo menos 50 títulos traduzidos, na sua maioria pela editora Jorge Zahar. Com quase 1 milhão de livros vendidos no país, nos últimos anos de sua vida, a partir de *Moral Blindness* (Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida, 2013), Bauman vinha publicando sempre com uma coautoria, feita através de correspondências via *e-mail* e entrevistas realizadas por outros especialistas da área.

“*Pós-modernidade é, para mim, modernidade sem ilusões*”<sup>16</sup>. Foi assim que Bauman apresentou suas ideias em entrevista ao *Caderno Mais!*, do periódico Folha de São Paulo, no começo do milênio, após seus livros estourarem em vendas, principalmente no meio universitário e que o levou a ser lembrado como um guru e “profeta da pós-modernidade”<sup>17</sup>. A ideia de encontrar uma metáfora que melhor dialogasse com seu diagnóstico da realidade surge diante de uma confusão semântica que já o atormentava há algum tempo, justamente no entendimento das expressões “pós-modernidade” e pós-modernismo”<sup>18</sup>, que perpassou debates desde o século passado<sup>19</sup>:

Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de modernidade sólida, que também estava sempre a desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”.<sup>20</sup>

<sup>16</sup> PALLARES-BURQUE, M. L., A sociedade líquida de Zygmunt Bauman, p. 5.

<sup>17</sup> No senso comum, os profetas sempre foram vistos como arautos de desgraças e calamidades. Aqui destaco duas biografias autorizadas relevantes sobre o autor. *Zygmunt Bauman: prophet of Postmodernity* (1999), do inglês Dennis Smith, que já mostrava um Bauman reconhecido internacionalmente em suas pesquisas, mesmo antes do *best-seller Modernity Liquid* (2000). Recentemente, a editora Zahar publicou a obra póstuma *Bauman: uma biografia* (2020), uma obra póstuma da professora polonesa Izabela Wagner, que recolhe amplamente depoimentos, fotografias e com mais de 600 páginas todo o legado de Bauman em quase 100 anos. Sobre seu profetismo, ela mesma dirá que “Bauman apresentava sua visão de mundo que causava forte impressão nas pessoas. Foi citado por jornalistas, escritores, ativistas, artistas e também por acadêmicos e intelectuais. Captou a velocidade e as permanentes transformações do mundo e era visto como um oráculo, embora jamais tenha tido a pretensão de prever o futuro. Ele dizia que o mundo o enchia de pessimismo, mas que a admirável criatividade dos seres humanos proporcionava alguma reserva de otimismo”. (WAGNER, I., Bauman, p. 14.)

<sup>18</sup> De 19 a 24 de novembro de 1996, em Montevidéu, no Uruguai, o Celam preparou um seminário de estudos com o tema “*Evangelizar la posmodernidad desde América Latina*”, fazendo um resgate histórico desde a década de 1970, quando muitos teólogos e pastoralistas já se preocupavam com a evangelização diante de um mundo cada vez mais secularizado. Na ocasião, é curiosa a distinção que se fazia entre pós-modernidade e pós-modernismo: “Algunos distinguen la postmodernidad como *época* marcada por la crisis de la modernidad, y el *posmodernismo* como *actitud*, sea ‘inconsciente’ de quienes viven acriticamente o a la moda; sea ‘consciente’ de quienes critican la modernidad”. (CELAM, Evangelizar la posmodernidad, p. 29.)

<sup>19</sup> O inglês e historiador Perry Anderson (1938) publicou, em 1998, uma leitura obrigatória para o tema em questão: *The origins of Postmodernity* (As origens da pós-modernidade, 1999). Aqui, ele não só apresenta o desenrolar histórico da modernidade em seu momento de crise, mas também compõe um quadro significativo sobre as discussões no campo da arte, da literatura e da arquitetura para as expressões pós-modernistas, e seu alcance filosófico e social pós-moderno.

<sup>20</sup> PALLARES-BURKE, M. L., A sociedade líquida de Zygmunt Bauman, p. 5-6.

Prefaciando uma de suas obras em língua portuguesa, Bauman se justificava dizendo que a expressão “pós-modernidade”, ainda que usada temporariamente<sup>21</sup>, era o que melhor se aproximava à realidade. E mesmo assim, o seu caráter negativo, um prefixo que indicava um “fim” para a utópica modernidade, a escassez de informações sobre este novo tempo continuava a incomodá-lo. E aqui se saboreia o que chamou de “paradigma da liquidez” na era moderna:

Entramos em um modo de viver enraizado no pressuposto de que a contingência, a incerteza e a imprevisibilidade estão aqui para ficar. Se o “fundir a fim de solidificar” era o paradigma adequado para a compreensão da modernidade em seu estágio anterior, a “perpétua conversão em líquido”, ou o “estado permanente de liquidez”, é o paradigma estabelecido para alcançar e compreender os tempos mais recentes.<sup>22</sup>

Não há como se esquivar da discussão sobre a chamada pós-modernidade<sup>23</sup>, que ganhou carta de cidadania intelectual<sup>24</sup> e tomou grandes proporções no meio acadêmico com a publicação de *La condition postmoderne* (1979)<sup>25</sup>, do filósofo Jean-François Lyotard (1924-1998), um clássico para aqueles que se aventuram neste tema. O posfácio incluso nas últimas edições, escritas por Silviano Santiago, assinala pelo menos dois destaques do pensamento de Lyotard. Primeiro, que a pós-modernidade se caracteriza pela incredulidade aos chamados “metarrelatos” que carregam um tom hiperbólico, por se tornarem relatos ideológicos expressivos

<sup>21</sup> O professor Douglas Kellner, que escreveu alguns artigos tocando a temática de Bauman, nos anos 90, já percebia a utilização provisória da expressão “pós-modernidade” pelo sociólogo polonês: “Yet Bauman continues to be tentative, provisional and somewhat indecisive in characterizing the postmodern turn. The title of the first work in his postmodern quaternary – *Intimations of Postmodernity* – suggests the tentativeness and provisionality of his analysis.” (KELLNER, D., Zygmunt Bauman's postmodern turn, p. 78). Em uma entrevista, ele mesmo reconhece que ao tentar desenhar uma modernidade líquida fugindo das hermenêuticas pós-modernas, não conseguia ainda responder com “solidez” o que – provisoriamente chamava de “state of interregnum” – ainda é “líquido”. (TABET, S., *Du projet moderne au monde liquide*, p. 35-56.)

<sup>22</sup> BAUMAN, Z., *Legisladores e Intérpretes*, p. 13.

<sup>23</sup> A década de 1980 experimentou o calor do debate sobre a cultura pós-moderna que Lyotard apontava momentos antes. É um debate interdisciplinar que herdou vasta literatura em todas as áreas do conhecimento. Aqui destaco, dentre tantos, três textos basilares em castelhano: *La polémica de la posmodernidad* – organizada por José Tono Martinez, em 1986; mais tarde, o sociólogo Josep Picó compilou texto de especialistas com o título *Modernidad y Postmodernidad*, em 1988; com nomes consagrados na sociologia e na religião, o italiano Gianni Vattimo publica com alguns colegas, em 1990, o livreto *En torno a la posmodernidad*.

<sup>24</sup> BENEDETTI, L., Pós-Modernidade. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. (org.), *Teologia na pós-modernidade*, p. 57.

<sup>25</sup> Curiosamente, no Brasil, as primeiras edições foram intituladas como *O pós-moderno* (1986). A mesma editora José Olympio, tempos depois corrigiu e passou a publicar com o título original: *A condição pós-moderna*. Jean-François Lyotard nasceu em Versalhes, no período entre guerras, tornando-se um dos maiores filósofos da França no século XX.

durante o século XIX e que produziram “grandes atores, grandes heróis, grandes perigos, grandes périplos e principalmente, do grande objetivo sociopolítico e econômico”<sup>26</sup>. Ao mesmo tempo, nesta sociedade pós-industrial e informacional, o que restam são “placas de sociabilidade” que garantem a integração plena do cidadão em comunidades, no lugar antes dedicado ao dever histórico do homem:

[...] a pós-modernidade é antitotalitária, isto é, democraticamente fragmentada, e serve para afiar nossa inteligência para o que é heterogêneo, marginal, marginalizado, cotidiano, afim de que a razão histórica ali enxergue novos objetos de estudo. Perde-se a grandiosidade, ganha-se a tolerância.<sup>27</sup>

Anos mais tarde, o professor Andreas Huyssens (1942), com muita clareza, desenhava alguns contornos culturais pós-modernos na revista alemã *New German Critique*, em 1984:

O que aparece num nível como o último modismo, promoção publicitária e espetáculo vazio é parte de uma lenta transformação cultural emergente nas sociedades ocidentais, uma mudança de sensibilidade para qual o termo “pós-moderno” é na verdade, ao menos por agora, totalmente adequado. A natureza e a profundidade dessa transformação são discutíveis, mas transformação ela é. Não quero ser entendido erroneamente como se afirmasse haver uma mudança global de paradigmas nas ordens cultural, social e econômica; qualquer alegação dessa natureza seria um exagero. Mas, num importante setor de nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições do de um período precedente.<sup>28</sup>

É justamente nesta notável mutação das últimas décadas que Huyssens destacava o que Bauman traduziu nos mais variantes cenários da vida líquido-moderna: nos laços humanos, no medo, na cidade, na política, na cidade, na arte, na ética, na moral, na psicanálise, na literatura, na educação, entre outros deles.

É perene nos textos de Bauman a beleza da interdisciplinaridade. Certa vez utilizou uma das primeiras peças de Franz Kafka (1883-1924), personalidade influente do século XX, para relatar um pouco sobre a condição humana no início do século passado, aludindo à condição pós-moderna:

<sup>26</sup> LYOTARD, J. F., A condição pós-moderna, p. 127.

<sup>27</sup> LYOTARD, J. F., A condição pós-moderna, p. 127.

<sup>28</sup> HARVEY, D., Condição pós-moderna, p. 45.

Estou em pé na plataforma do bonde elétrico e totalmente inseguro em relação à minha posição neste mundo, nesta cidade, na minha família. Nem de passagem eu seria capaz de apontar as reivindicações que poderia fazer, com direito, na direção que fosse. Não posso de modo algum sustentar que estou nesta plataforma, que me seguro nesta alça, que me deixo transportar por este bonde, que as pessoas se desviam dele ou andam calmamente ou param diante das vitrines. É claro que ninguém exige isso de mim, mas dá no mesmo.

O bonde se aproxima de uma parada, uma jovem se coloca perto dos degraus pronta para descer. Aparece tão nítida para mim que é como se eu a tivesse apalpado. Está vestida de preto, as pregas da saia quase não se movem, a blusa é justa e tem uma gola de renda branca fina, ela mantém a mão esquerda espalmada na parede do bonde e a sombrinha da mão direita se apoia no penúltimo degrau mais alto. Seu rosto é moreno, o nariz levemente amassado dos lados termina redondo e largo. Ela tem cabelos castanhos fartos e pelinhos esvoaçando na têmpora direita. Sua orelha pequena é bem ajustada, mas por estar próximo eu vejo toda a parte de trás da concha direita e a sombra da base.

Naquela ocasião eu me perguntei: como é que ela não está espantada consigo mesma, conserva a boca fechada e não diz coisas desse tipo? <sup>29</sup>

A metáfora da liquidez é adotada por Bauman tomando por inspiração um texto de Lyotard que o polaco já forjava em *Mortality, Immortality and Other Life Strategies*<sup>30</sup>. Em uma de suas cartas compiladas, Lyotard dizia que, diferentemente dos mitos que buscavam legitimidade em um ato fundacional, os metarrelatos que caracterizam a condição pós-moderna buscavam legitimar-se num futuro que se vai produzir e projetos a serem realizados: “meu argumento é que o projeto moderno (de realização da universalidade) não tem sido abandonado nem esquecido, mas destruído, ‘liquidado’”<sup>31</sup>. Anos mais tarde, em diálogo com o sociólogo italiano Carlo Bordini (1946), Bauman repetiu o que já havia manifestado no prefácio de *Legisladores e Intérpretes* (2010), para dizer que a mudança do qualitativo nominal ao tempo presente não era puramente estilístico, mas estrutural<sup>32</sup>: primeiro, porque o “pós” revelava algo que estava sendo ultrapassado, no caso, a modernidade, o que era uma mentira; depois, o clima ao redor do pós-moderno sempre foi bastante pessimista e trágico, mascarando e dissimulando a realidade, tão negativo que

<sup>29</sup> KAFKA, F., *Contemplação/O foguista*, p. 28-29.

<sup>30</sup> BAUMAN, Z., *Mortality, Immortality & Other Life Strategies*, p. 163.

<sup>31</sup> LYOTARD, J. F., *Le posmoderne explique aux enfants*, p. 33.

<sup>32</sup> BAUMAN, Z., *Bauman sobre Bauman*, p. 83-84; 111-112. Bauman salientava que, enquanto o pós-modernismo se referia a um projeto ou a uma atitude interna, ele esperava que a pós-modernidade buscasse refletir sobre um determinado tipo de sociedade. O que passou é que os dois conceitos foram misturados e tomados como sinônimos em diversas áreas do conhecimento. Daí o conceito de modernidade líquida, “que aponta ao mesmo tempo para o que é contínuo (a fusão, o desencaixe) e para o que é descontínuo (a impossibilidade de solidificação do fundido, de reencaixe). Até aqui tenho achado o conceito adequado e útil, [...] afirmo de descobrir o que mudou e o que permaneceu incólume com o advento da fase ‘líquida’, e me parece que esse conceito ajuda a entender tanto as mudanças quanto as continuidades” (p. 112).

evocava mais um inventário de coisas que precisavam ser abandonadas do que um catálogo de possibilidades para a crise instaurada:

A chamada “pós-modernidade” foi o momento de aprender quais das promessas da modernidade eram fraudulentas ou ingênuas pretensões, quais de suas ambições eram manifestações de arrogância condenável e quais de suas intenções latentes foram encobertas por objetivos tão somente proclamados.<sup>33</sup>

Com este novo mapa conceitual, é possível acompanhar de forma linear a passagem do mundo sólido para o líquido, como Bauman bem se expressou<sup>34</sup>. De um lado, o homem moderno sempre se firmou na crença do progresso, na busca da única verdade universal, na incorporação de um programa de emancipação na história, na sociologia da ordem e do progresso e na identidade adscrita, demarcada com seus limites culturais e sociais. O que se percebe na passagem do sólido para o líquido é, em primeiro lugar, a libertação da ideia de progresso e de controle do futuro, na busca de um “presenteísmo” contínuo. Depois, o universalismo é substituído pelo relativismo cognitivo e moral, próprio de cada uma das “tribos” reais e virtuais que se possa esbarrar. Além disso, junta-se a ideia de que uma sociedade livre e justa tão difundida pelos grandes relatos já se faz presente, e não há mais nada a se fazer, tornando obsoleta a questão da emancipação. Como consequência, desaparece o sujeito histórico, libertado de todo laço comunitário e institucional e que, mais leve, vive uma identidade autorreferenciada. E, por fim, as identidades no mundo líquido moderno já não são mais adquiridas, mas auto constituídas<sup>35</sup>.

Segundo a biógrafa Izabela Wagner (1964), estamos diante da chamada “desconstrução baumaniana”, pois

esta instabilidade contextual está relacionada a um elevado grau de mobilidade geográfica. A dinâmica da liquidez modificou as relações sociais, que se tornaram frágeis. Os laços sociais se fragilizaram, aumentando a solidão das pessoas. A crença persistente de que comprar o último produto da moda nos faria felizes era uma poderosa ilusão.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> BAUMAN, Z.; BORDONI, C., Estado de crise, p. 105-106.

<sup>34</sup> BAUMAN, Z., Liquid Modernity, p. 110-129.

<sup>35</sup> BÉJAR, H., Identidades inciertas, p. 90-99.

<sup>36</sup> WAGNER, I., Bauman, p. 16.



Na mesma dinâmica, alguns comentadores de Bauman dirão que suas obras foram sinalizando também as ideias de uma modernidade que pouco a pouco vai se liquefazendo diante das transformações sociais vividas pelo homem moderno<sup>37</sup>. As décadas de 80 e 90 do século passado testemunham tais relatos. Enquanto *Legislators and Interpreters* (1987), *Modernity and Holocaust* (1989) e *Modernity and Ambivalence* (1991) constituem a chamada “trilogia da modernidade”, na qual intelectuais e judeus se apresentam como as principais personagens que experimentam a ambivalência da condição humana. Em consequência disso, falam de uma sequência de títulos que constituem a fase pós-moderna de Bauman, como um “quaternário”. São eles: *Intimations of Postmodernity* (1992), *Postmodern Ethics* (1993), *Life in Fragments* (1995) e *Postmodernity and its Discontents* (1997). E, apesar de não haver consistência e sistematicidade em suas obras<sup>38</sup>, existe coerência em seus escritos, o que nos leva arriscar a agrupar seus textos cronologicamente.

*Gardening Society versus Entertainment Society*: a constante obsessão de ordenar, classificar e categorizar da modernidade sólida que contrapõe a obsessão contemporânea pelo bem-estar e de colecionar momentos e impressões prazerosas. O advento da instantaneidade e a perene liquefação dos ideais, valores e culturas levam, nas palavras de Bauman, primeiro, ao declínio da antiga ilusão moderna, da ordem racional perfeita e do domínio sobre o futuro; e, com ela, à privatização das tarefas e deveres modernizantes, que agora são fragmentados e individualizados:

Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso dos nômades que têm que estar “constantemente em contato”), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade. Peso e tamanho, e acima de tudo a gordura (literal ou metafórica) acusada da expansão de ambos, compartilham o destino da durabilidade. São os perigos que devemos temer e contra os quais devemos lutar; melhor ainda, manter distância.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> Dennis Smith (1999) apresenta a trilogia sobre a modernidade, pensada por Bauman nos trabalhos realizados nos anos de 1980 (SMITH, p. 113-135). O sociólogo Douglas Kellner complementa esta ideia apresentando também um “quaternário pós-moderno” (KELLNER, p. 73-86). A pesquisa da espanhola Helena Béjar reúne o trabalho de diversas pesquisas dos últimos anos sobre a questão da identidade no tempo presente, inclusive falando de uma “tetralogia” das obras de Bauman que inauguram este processo “líquido-moderno”. Entre eles, Peter Beilhars que, excluindo *Intimations of Postmodernity*, acrescenta um outro “tríptico” ligado à ciência política: *Globalization: The Human Consequences* – 1998, *Work, Consumerism and the New Poor* – 1998 e *In Search of Politics* – 1999 (BÉJAR, H., p. 59-121; BEILHARZ, P., p. IX-X).

<sup>38</sup> BÉJAR, H., *Identidades inciertas*, p. 8.

<sup>39</sup> BAUMAN, Z., *Liquid Modernity*, p. 128.

Caio Bordoní chegou a questionar Bauman, anos mais tarde, dizendo que a pós-modernidade teria chegado ao fim no início do terceiro milênio e que seria um anacronismo continuar insistindo nela. Afirmou, inclusive, que historicamente poderia datar seu funeral no atentado às Torres Gêmeas em Nova York em 11 de setembro de 2001, ou ainda quando do falecimento de Jacques Derrida, grande teórico do desconstrutivismo e da pós-modernidade, em 09 de outubro de 2004<sup>40</sup>. Para ele, a fase líquida da modernidade teve sua missão como um “rito de passagem” que perdurou dos anos 1970 até o início do milênio. Diferentemente dos arranjos sociais bem apropriados à imagem dos ritos de passagem, Bauman, por sua vez, contesta dizendo que, na história sociopolítica, mais adequada à compreensão do mundo líquido-moderno é o conceito de “interregno”, cunhado pelo filósofo e crítico literário Antonio Gramsci (1891-1937) e que, depois de um longo esquecimento, foi retomado pelo professor Keith Tester (1960) – colega de trabalho de Bauman, em Leeds –, em outro diálogo<sup>41</sup>. E, curiosamente, Bauman termina e não toca no assunto da temporalidade histórica da pós-modernidade. Outrossim, faz uso do tema gramsciano para justificar que há muito o que discutir sobre este interregno:

Desconfiar de toda e qualquer ordem, tanto a sincrônica quanto a diacrônica; questionar a ideia de “ordem” como tal; tender a elevar “flexibilidade” e “inovação” acima de “estabilidade” e “continuidade” na hierarquia de valores; fundir sem moldes preparados nos quais derramar o metal fundido. Tudo isso sugere a perspectiva de que o presente interregno irá durar por tempo bastante longo. E lembremo-nos de que um dos traços mais importantes de um período de interregno é que qualquer coisa, ou quase qualquer coisa, pode acontecer, embora nada, ou quase nada, possa ser feito com algum grau de confiança e autoconfiança.<sup>42</sup>

## 2.2.

### A “revanche divina” e o revival religioso

*“Por isso, a cultura pode degenerar em uma força de ‘não liberdade’ que bloqueie e mine as possibilidades da fé, mesmo no caso de que não seja abertamente contrária a ela. Esta falta de liberdade se mostra, a princípio, naquilo que se define como ‘a identidade frágil’ das atuais gerações jovens. Talvez sem culpa alguma de sua parte, podem ser engolidas por uma sociedade pluralista sumamente confusa, no qual seja difícil encontrar algum elemento de segurança, inclusive a segurança de uma tradição religiosa.”*<sup>43</sup>

<sup>40</sup> BAUMAN, Z.; BORDONI, C., Estado de crise, p. 95-113.

<sup>41</sup> BAUMAN, Z., Bauman sobre Bauman, p. 35.

<sup>42</sup> BAUMAN, Z.; BORDONI, C., Estado de crise, p. 104.

<sup>43</sup> GALLAGER, M., El Evangelio en la cultura actual, p. 25.

Incidindo em todos os campos da vida humana, o mundo líquido-moderno também afetou o fenômeno religioso. O que se via pouco a pouco engrandecer durante a modernidade foi o enfraquecimento da instituição religiosa frente ao poder civil – particularmente, no ocidente, com a Igreja Católica Apostólica Romana. A cristandade já dava sinais de estar ruindo e o racionalismo vinha se fortalecendo com a criação dos estados republicanos. A “morte de Deus”, ideia de corrosão e desaparecimento das instituições religiosas, foi proclamada por alguns pensadores como Friedrich Nietzsche (1844-1900), Ludwig Feuerbach (1804-1872), Sigmund Freud (1856-1939) e Karl Marx (1818-1883). E essa sensação do crepúsculo da fé chegou fortemente durante a primeira metade do século XX. No pós-guerra a impressão era bastante negativa, como se vê na reflexão de James Beckford dos anos 60:

A religião está à deriva, desligada dos anteriores pontos de ancoragem; essa situação, porém, não diminui sua eficácia. Ela permanece um poderoso recurso natural ou forma, que pode atuar como veículo de mudança, desafio ou conservação. Consequentemente, a religião tornou-se um fenômeno menos previsível. A capacidade de mobilizar pessoas e recursos materiais permanece forte, mas é possível que isso aconteça em lugares imprevisíveis e dentro de modalidades que poderiam causar tensões com práticas consolidadas e políticas públicas.<sup>44</sup>

Lyotard foi um pouco além, quando falava do eclipse das grandes narrativas da modernidade, que buscavam a ideia de felicidade além do ato originário fundante:

a emancipação progressiva da razão e da liberdade, emancipação progressiva ou catastrófica do trabalho, enriquecimento de toda a humanidade através do progresso da tecnociência capitalista e, inclusive se conta o cristianismo dentro da modernidade (oposto, portanto, ao cristianismo antigo), salvação das criaturas por meio da salvação das almas e por meio do relato crístico do amor mártir.<sup>45</sup>

No entanto, as décadas que se sucedem, em inúmeras situações, começam a falar do “retorno à religião”, como uma revanche divina na pós-modernidade, ora como crise, ora como um rejuvenescimento da fé:

---

<sup>44</sup> MARTELLI, S., A religião na sociedade pós-moderna, p. 17.

<sup>45</sup> LYOTARD, J. F., Le posmoderne explique aux enfants, p. 32-33.

O “retorno da religião” no limiar do terceiro milênio cristão não é, porém, uma reação a esses fenômenos políticos, econômicos e morais. As mudanças do cenário religioso podem ser interpretadas como um aspecto da “cultura pós-moderna”, como reação à modernidade *com seus próprios meios*.<sup>46</sup>

Para o mesmo autor, a profecia de um “deus dançante” de Nietzsche, desprovido de qualquer atributo moral, parece mover o que chama de mania contemporânea da religião, porque enquanto a religião do século XIX era “frequentemente reduzida à moral, um traço chamativo do ‘retorno da religião’ atual é o fato de ele ignorar a moral. No atual mercado colorido das religiões, a piedade que melhor se vende e aquela sem qualquer peso de obrigações éticas”<sup>47</sup>.

Metáfora interessante a do escritor português Gabriel Magalhães, ao falar da “partícula de Deus” na pós-modernidade:

Você não precisa de um acelerador de prótons milionário para provar que, no velho átomo do Ocidente, falta a partícula espiritual. Sem ela, a economia funciona como um canibalismo sem fim de egoísmo e interesses. E é a sua ausência que se nota no vazio inquietante de muitos dos nossos políticos. Realizamos o projeto de uma sociedade sem Deus, e isso equivale a submergir-nos lentamente em um pântano de problemas. Sem música de fundo divina, o Ocidente será um pesadelo sem fim. [...] Ter fé consiste em discutir com Deus: a conversa mais interessante de nossas vidas será aquela que manteremos com Ele. Negá-Lo, com frequência, é uma maneira de encontrá-Lo. No mapa do ser humano, a rosa dos ventos divina é indispensável. Esquecer de Deus porque acreditamos ser muito avançados é tão absurdo como não conhecer o alfabeto porque possuímos computadores.<sup>48</sup>

O que se desenhava na década de 1960 como um eclipse do sagrado e ocultamento do religioso – junto às demais narrativas modernas – transformou-se, nas décadas seguintes, na expressão do teólogo Libânio, em um espasmo religioso, num movimento de religião privatizada. A “individualização da religião libera os agentes religiosos. Agem então desligados de vínculos limitantes e multiplicam desta sorte as expressões religiosas, gerando uma sensação de inundação religiosa”<sup>49</sup>. O desejo moderno de se desprender das asas da fé trouxe graves consequências no pós-moderno, pois a “tendência a diluir e eliminar o sagrado na

<sup>46</sup> HALÍK, T., Não sem esperança, p. 32.

<sup>47</sup> HALÍK, T., Não sem esperança, p. 33.

<sup>48</sup> OTÓN, J., El reencantamiento espiritual posmoderno, p. 49.

<sup>49</sup> LIBÂNIO, J. B., O sagrado na pós-modernidade, p. 61-62.

sociedade moderna preparou o seu retorno de um modo sub-reptício, sob uma forma não transcendente, mas imanente”<sup>50</sup>.

Dessa nova configuração religiosa, ainda se constata um caráter paradoxal da sociologia da modernidade religiosa. O que se vê, do ponto de vista da crença na pós-modernidade e do falso brilhante de uma “revanche divina”, é fruto direto da secularização, diz a pesquisadora Danièle Hervier-Léger (1947), pois

falou-se muito equivocadamente, de “retorno do religioso” ou de “revanche divina”, para designar, desordenadamente, o atual desenvolvimento dos novos movimentos espirituais, o aumento das correntes carismáticas, o retorno das peregrinações ou mesmo o sucesso da literatura de inspiração esotérica.<sup>51</sup>

Por mais que esta sociedade ofereça condições de expansão da crença, um possível retorno da religião aos moldes pré-modernos está longe de se concretizar porque as grandes explicações religiosas sobre o mundo caíram em descrédito, as instituições religiosas continuam a perder força na regulação de suas crenças no campo social e cultural, sem contar a diminuição no número de fiéis e a grande migração religiosa entre igrejas, como se vê no Brasil, por exemplo, nas últimas décadas.

Para responder a esse problema, é necessário ter entendido que a secularização não é, acima de tudo, a perda da religião no mundo moderno. É o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las.<sup>52</sup>

E esta experiência espiritual marginaliza a força da tradição religiosa, com uma fé emancipada de regras, dogmas e toda estrutura<sup>53</sup>. Um reencantamento pós-moderno se vislumbra com uma diminuição da prática religiosa e um novo tipo de espiritualidade, um renascimento do religioso “segundo formas emocionais, como estranha combinação de confissão de fé e afirmação narcisista típica de um sujeito ameaçado”<sup>54</sup>. Isso acontece, por exemplo, em pesquisa de Grace Davie (1946), através de uma analogia interessante. Segundo ela, os dados mostram que há uma

<sup>50</sup> LIBÂNIO, J. B., O sagrado na pós-modernidade, p. 62.

<sup>51</sup> HERVIER-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 41.

<sup>52</sup> HERVIER-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 41.

<sup>53</sup> KÜNG, H., Teología para la postmodernidad, p. 20-23.

<sup>54</sup> MENDOZA-ÁLVAREZ, C., O Deus escondido da pós-modernidade, p. 32.

diminuição no número de pessoas que vão até os cinemas para o entretenimento de um bom filme, mesmo na comodidade e tecnologia que os *shopping centers* oferecem. Entretanto, não podemos afirmar que diminuiu, na mesma medida, o interesse pela arte cinematográfica. Os serviços de diversos *streaming* têm facilitado a comodidade e adequação das pessoas de desfrutar deste serviço no momento que desejarem, o que há vinte anos fazíamos correndo pelos corredores dos cinemas com o pote de pipocas para chegar a tempo enquanto se passavam os *trailers*. Assim também acontece com a religião e com a Igreja Católica.

Em primeiro lugar, o que se percebe nos últimos anos é:

a aparição de novas formas de espiritualidade, mais ou menos estruturadas, gestadas fora dos círculos religiosos convencionais. Recebem nomes diversos (Nova Era, novos movimentos religiosos, seitas, fundamentalismos...) que manifesta a pluralidade deste fenômeno. Os limites que distinguem cada uma delas não são nítidos, provavelmente porque convivem em um entorno sociocultural comum. Por isso adotam formatos que, ainda que pesem as divergências doutrinárias, tendem a uniformizar-se.<sup>55</sup>

Nesta atmosfera espiritual, o teólogo Hans Küng (1928-2021) descrevia que no cenário religioso atual, três bactérias religiosas dividiam e separavam as sociedades, espalhando-se: o fundamentalismo religioso, o moralismo rigorista e o pós-moderno indiferentismo pluralista. A primeira, espantosamente virulenta e fechada em si mesmo; a segunda, como impiedosa e fanática antimodernista separatista; e a terceira, que acaba por cultivar um estilo de vida indiferentista, consumista e hedonista, amparada pelos meios de comunicação<sup>56</sup>.

Com esta pluralidade, Davie sublinha, em seguida, que uma característica marcante deste novo tipo de experiência religiosa é que as preferências individuais são as responsáveis em construir e elaborar a crença, em detrimento da tradição das comunidades de fé estruturadas. A herança do passado hoje se torna suspeita e ineficaz para a novidade da fé que se apresenta: com isso, encontramos uma efervescência religiosa emancipada de dogmas, regras e formalidades.

E, por fim, destaca ainda que esta relação privada com a religião interessa mais aos sociólogos que aos teólogos, porque não se assiste a novos conteúdos

<sup>55</sup> OTÓN, J., El reencantamiento espiritual posmoderno, p. 51.

<sup>56</sup> KÜNG, H., Uma ética global para a política e a economia mundiais, p. 235-244. O sacerdote Juan Martín Velasco (1934-2020) sugere uma reflexão sobre a crise epocal da religião desde as intuições de Hans Küng (VELASCO, J. M., Ser cristiano en una cultura posmoderna, p. 11-16).

religiosos, mas à mistura de antigas práticas e devoções de uma maneira nova, como é perceptível, no Brasil, com a crescente de grupos tradicionalistas que, adotando práticas medievais e pré-modernas, recusam-se à postura do Magistério eclesial de diálogo e abertura com o mundo moderno no último século. Mais adiante, sua reflexão leva a crer que o retorno do sagrado comporta uma nova secularização, para dizer num trocadilho castelhano, não de “*las herencias, pero de las conciencias*”, não das heranças da tradição religiosa, mas da consciência individual e da fé privatizada:

ao separar a espiritualidade da tradição, a sociedade civil está arrebatando às instituições religiosas o monopólio da vivência espiritual. Nas palavras de Gauchet, “aquilo que acontecia dentro das religiões está destinado a recompor-se fora da religião”. Este autor indica algumas experiências que assumem esta função: a estética, a imaginação, a do conhecimento, a psicológica de si mesmo e a ética.<sup>57</sup>

No início de seu pontificado, papa Francisco, ao falar sobre a mística do “viver juntos” na fé cristã, alertava sobre os perigos das novas cepas espirituais pós-modernas:

O isolamento, que é uma concretização do imanentismo, pode exprimir-se numa falsa autonomia que exclui Deus, mas pode também encontrar na religião uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio. O regresso ao sagrado e a busca espiritual, que caracterizam a nossa época, são fenômenos ambíguos. Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus.<sup>58</sup>

Há um problema ainda maior que quase sempre acompanha os discursos de Francisco e que fundamenta a doutrina social da Igreja: o perigo de uma fé desconectada da realidade. Paulo de Tarso conclamava aos Romanos: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, afim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e

<sup>57</sup> OTÓN, J., El reencantamiento espiritual posmoderno, p. 121.

<sup>58</sup> EG 89.

perfeito”<sup>59</sup>. O mesmo vale para a falsa ideia de que o retorno da religião produziria mais solidariedade e comprometimento com a justiça e fraternidade no mundo. Os valores horizontais de caráter político e social são cada vez desacreditados, enquanto se busca refúgio numa verticalidade espiritual desconectada e à margem dos sistemas religiosos estabelecidos<sup>60</sup>.

Em um de seus trabalhos, o teólogo batista Harvey Cox (1929) dilata a crise entre horizontalidade e verticalidade pós-moderna. Na atual metamorfose da religiosidade, poderíamos descrever o que se disse acima, num grau mais elevado, de uma “transcendência horizontal”, isto é, enxergá-la como a redescoberta do sagrado *no* imanente, do espiritual *dentro* do secular. Mais pessoas parecem reconhecer que é este nosso mundo cotidiano, e não algum outro, que, nas palavras do poeta Gerard Manley Hopkins, “está carregado da grandeza de Deus”. O progresso da ciência incrementou o senso de temor que temos diante da imensa escala do universo ou da complexidade do olho humano. As pessoas buscam a religião mais para ter apoio em seus esforços para viver neste mundo e torná-lo melhor do que para preparar-se para o próximo.<sup>61</sup>

Ao falar ainda de uma “religião terapêutica”, o monge e antropólogo Lluís Duch (1936-2018) se utiliza desta metáfora para ilustrar o nosso tempo, no qual se vê muito de religioso e nada eclesiástico, pois “a religião terapêutica e intimista se caracteriza por uma forte aversão aos aparatos institucionais eclesiásticos”<sup>62</sup>. Da mesma forma, Peter Sloterdijk (1947) vê, nesta terapia espiritual pós-moderna, mais “experimentos” do que a convicção no ato de crer:

em sua obra filosófico-religiosa, o filósofo norte-americano Willian James conferiu às tendências da individualização da religiosidade uma expressão clássica. O título de seu ensaio *The will to Believe* [...] sinaliza a nova situação da fé que, futuramente, não poderá mais ser entregue a indivíduos em grandes pacotes dogmáticos – pelo menos não com a expectativa de sucesso amplo. Quando indivíduos soltos ainda optam pelas hipóteses religiosas, eles o fazem com a postura daquele que experimenta um remédio promissor – como teste de efeitos positivos de uma medida terapêutica.<sup>63</sup>

E mais:

<sup>59</sup> Rm 12,2.

<sup>60</sup> DUCH, L., *La religión en el siglo XXI*, p. 12.

<sup>61</sup> COX, H., *O futuro da fé*, p. 13.

<sup>62</sup> DUCH, L., *La crisis de la transmisión de la fé*, p. 66.

<sup>63</sup> SLOTERDIJK, P., *Pós-Deus*, p. 256.



O suposto “retorno do religioso” de nossos dias se baseia em uma supervalorização do sentimento como categoria emotiva e estética, em detrimento, muitas vezes, das responsabilidades e das repostas éticas, históricas, situadas em tempos e espaços concretos. As inúmeras manifestações débeis da “nebulosa místico-esotérica” de nossos dias se converteram em uma espécie de compensação da frieza e anonimato crescente das sociedades ocidentais.<sup>64</sup>

Desde o último quartel do século XX já se experimentava uma visão teológica de que a fé, num futuro próximo, seria vivida quase que exclusivamente no âmbito religioso.

[os grupos religiosos] já não mobilizam na sensibilidade atual a transformação da realidade e a superação do que J. Moltmann denominava o “paradoxo cristão”: a esperança dos crentes piedosos que não tinha repercussão na situação desesperançosa da realidade sócio-política e econômica. Hoje, nos oitenta, parece que a utopia cristã não sente a necessidade de se fazer crível historicamente se não é permanecendo exclusivamente religiosa.<sup>65</sup>

Este mesmo “espetáculo paradoxal da fé” também é compartilhado pelo teólogo galego Andrés Torres Queiruga (1940) quando faz um diagnóstico dos novos tipos de espiritualidade:

À primeira vista, o mundo atual, considerado religiosamente, oferece um espetáculo paradoxal. Por um lado, crise da religião, desencantamento do mundo, secularismo generalizado, ateísmo rampante. Por outro, *New Age*, mundo de novo povoado de deuses, religiosidade descoberta, florescimento renovado da religiosidade popular... O religioso parece de novo ubíquo em sua presença e arborescente em suas formas. Necessitamos de um mínimo de clareza para compreender aos demais e para situar ou re-situar corretamente nossa própria postura.<sup>66</sup>

“Deus morre e renascem os deuses!”. O filósofo italiano Gianni Vattimo (1936), que tem ganhado notoriedade no mundo acadêmico nas últimas décadas, despertou muitas pesquisas sobre o seu otimismo quanto à forma de viver a experiência do sagrado na pós-modernidade porque, segundo ele, é justamente no pluralismo cultural presente que se permite reencontrar a fé cristã<sup>67</sup>. O que antes

<sup>64</sup> DUCH, L., La crisis de la transmisión de la fé, p. 112.

<sup>65</sup> MARDONES, J., Postmodernidad y cristianismo, p. 121-122.

<sup>66</sup> QUEIRUGA, A. T., Fim do Cristianismo pré-moderno, p. 107.

<sup>67</sup> VATTIMO, G., Depois da Cristandade, p. 12. Criador da expressão “*pensiero debole*”, a pós-modernidade é herdeira deste pensamento enfraquecido, notado pelo eclipse das grandes narrativas expostas por Lyotard. Grande propagador da filosofia de Nietzsche e Heidegger, para Vattimo, a fé cristã busca reencontrar o seu caminho e a sua identidade no mundo plural, aberto também pelo enfraquecimento do ateísmo filosófico no final do século XX. Na chamada “Transfiguração da

atraía os olhares da filosofia aos gritos dos ateus militantes modernos, o que preocupa hoje é o fundamentalismo neste revival religioso, que Vattimo contempla em cinco situações:

Primeiro, a derrubada do colonialismo que determinou também o fim do eurocentrismo, ou, ao menos, seu enfraquecimento. Segundo, o desenvolvimento de uma sociedade multiétnica, como consequência. Terceiro, as culturas outras que tomaram a palavra nas sociedades ocidentais trouxeram consigo suas próprias teologias e crenças religiosas com o consequente retorno à tradição religiosa local nas sociedades industriais. Quarto, a gravidade dos novos problemas com o desenvolvimento das ciências da vida que simplesmente a razão é incapaz de solucionar. Um quinto ponto seria “a popularidade que um personagem como o papa romano adquiriu a contribuir poderosamente para a queda das ditaduras comunistas.”<sup>68</sup>

Entretanto, o reaparecimento do religioso não esconde alguns traços concretos<sup>69</sup> e visíveis como o medo e a insegurança sobre a experiência religiosa experimentada na filosofia no final do século XIX, a perda do sentido da existência, os inúmeros riscos gerados pela globalização e o tédio e a insatisfação que acompanham o *frenesi* consumista e que são unidos, filosoficamente, ao eclipse dos grandes sistemas especulativos da modernidade.

Vattimo acredita em um *cristianismo kenótico*, que é fruto da sua teoria do pensamento enfraquecido, como característica pulsante do tempo presente à luz de um hino antigo apresentado por Paulo na carta aos filipenses<sup>70</sup>. Para a superação de um Deus pós-metafísica e da cristandade medieval, o seu cristianismo não-religioso<sup>71</sup>, isto é, negando qualquer vestígio de experiência de fé que se valha de

---

Religião”, acredita num renascimento que fortalece a identidade num “retorno aos fundamentos, de uma renovada aceitação de disciplinas, de doutrinas rígidas, com o óbvio risco do fanatismo e da intolerância” (p. 108), isto no mundo cristão, islâmico e até entre as religiões orientais.

<sup>68</sup> SANDRINI, M., Religiosidade e educação, p. 132-133.

<sup>69</sup> PECORARO, R., Niilismo e (pós) modernidade, p. 119.

<sup>70</sup> Fl 2,6-11. Carta escrita pelo apóstolo Paulo durante seu cativeiro em Roma, datada entre os anos 53-58, endereçada à comunidade de Filipos.

<sup>71</sup> Em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, Vattimo se expressa sobre o que seria um cristianismo não religioso: “Não tenho ideias muito claras ainda, porque não posso imaginar uma transmissão das verdades cristãs sem as igrejas. Mas, gostaria de uma Igreja mais aberta e menos autoritária. Mais aberta às comunidades e tradições locais. Mais aberta às contaminações, no sentido literal da palavra, às misturas. O próprio cardeal Ratzinger não afirma mais o que antes se acreditava, que ‘fora da Igreja não há salvação’. Quando o papa se encontra com Dalai Lama, ele não se preocupa em convertê-lo ao catolicismo, seria absurdo. Os dois sentam como duas pessoas que trabalham igualmente em um mesmo marco de espiritualização da vida. Isso não significa que eu creio menos em Jesus Cristo, mas tenho comprometida minha vocação cristã ao interior de minha cultura. Eu, através do cristianismo, descubro também a possível verdade das outras religiões.” (VATTIMO, G., O cristianismo é a religião da pós-modernidade, p. 9.)

dominação, violência, massificação e alienação do homem. Não isento de polêmicas, o cristianismo deveria passar por algumas transformações:

O enfraquecimento de uma interpretação hierárquica da Sagrada Escritura para uma interpretação pessoal e comunitária da mesma, deslocando a força da autoridade para a comunidade. Além disso, o deslocamento do olhar fixo nos dogmas, nas normas absolutas para uma atenção mais acentuada para o aspecto vivencial da caridade. Depois, a virada de uma ética dogmática para a ética relacional, com a qual Vattimo denuncia um verdadeiro diálogo entre surdos que acontece, por exemplo, entre Igreja e mundo. [...] Enfim, é necessário enfrentar a passagem de uma visão monista e exclusivista para uma concepção pluralista, tonando o cristianismo denso de possibilidades no mundo atual.<sup>72</sup>

Em entrevistas mais recentes, entendemos o que Vattimo diz sobre o cristianismo como religião da pós-modernidade, quando religião da caridade. Com a nomeação do papa Francisco, o filósofo afirma fortemente que o pontífice salvou a Igreja Católica de um suicídio, pois caminhava para o abismo: “Certamente insistir na caridade e na misericórdia, a atenção aos necessitados, a rejeição à guerra, são elementos que aproximam o pensamento fraco à pregação Papal”<sup>73</sup>.

Em outro diálogo<sup>74</sup>, o filósofo arrisca um prognóstico que, com esperança, vivenciamos em espírito sinodal: o papa precisa se colocar como “servo dos servos”, uma Igreja eurocêntrica deve dar lugar a uma Igreja tolerante e dando autonomia às Igrejas locais, e destaca que o futuro da Igreja no papel essencial da caridade cristã deve assumir o lugar da disciplina.

De fato, a figura do papa Francisco reflete, hoje, os inúmeros esforços logrados pelo último concílio ecumênico Vaticano II (1962-1965). A expressão “retorno às fontes” foi bastante recorrente nestes últimos sessenta anos, porque este evento eclesial conseguiu amplificar inúmeros esforços dos movimentos eclesiais ecumênico, teológico, bíblico, litúrgico e catequético. Este movimento de “beber nas fontes” das comunidades cristãs dos primeiros séculos<sup>75</sup> mostrou também a

<sup>72</sup> FERREIRA, V., Cristianismo não religioso, p. 122-123.

<sup>73</sup> VATTIMO, G., O Papa que salvou a Igreja do suicídio, p. 01.

<sup>74</sup> RORTY, R.; VATTIMO, G., O futuro da religião, p. 41.

<sup>75</sup> Em *Peregrinos do novo século*, o teólogo e pastor protestante Leonardo Sweet, autor de centenas de publicações busca, na evangelização do terceiro milênio, analisar a sobrevivência da fé cristã à luz da tradição clássica do primeiro século da era cristã. Para ele, os cristãos não podem se adaptar à pós-modernidade. Pelo contrário, às sedução do mundo presente, o caminho é retornar a um cristianismo da cruz. (SWEET, L., *Peregrinos do novo século*, p. 13-24). Uma outra publicação anterior de Sweet nos chama a atenção: *Aqua Church*, em 1999, no mesmo período em que Bauman compunha sua obra-prima pós-moderna. A ideia de Sweet aqui era apresentar uma Igreja que, em

consciência da Igreja de que a modernidade estava se transformando ao mesmo tempo que a cristandade também estava perecendo. Este testemunho foi dado pelo papa emérito Bento XVI:

Então partimos para o Concílio não apenas com alegria, mas também com entusiasmo. Havia uma expectativa incrível. Esperávamos que tudo se renovasse, que viesse verdadeiramente um novo Pentecostes, uma nova era da Igreja, pois esta apresentava-se ainda bastante robusta naquele tempo, a prática dominical ainda boa, as vocações ao sacerdócio e à vida religiosa, apesar de já um pouco reduzidas no número, ainda eram suficientes. Contudo, tinha-se a sensação de que a Igreja não caminhava, ia diminuindo, parecia mais uma realidade do passado que a portadora do futuro. E, naquele momento, esperávamos que esta situação se alterasse, mudasse; que a Igreja fosse de novo força do futuro e força do presente. E sabíamos que a relação entre a Igreja e o período moderno tinha sido, desde o princípio, um pouco contrastante, a começar do erro da Igreja no caso de Galileu Galilei; pensava-se em corrigir este início errado e encontrar de novo a união entre a Igreja e as forças melhores do mundo, para abrir o futuro da humanidade, para abrir o verdadeiro progresso. Por isso, estávamos cheios de esperança, de entusiasmo e também de vontade de contribuir com a nossa parte para isso.<sup>76</sup>

Há um consenso em dizer que o discurso de abertura do concílio proferido por São João XXIII foi fundamental não só para direcionar espiritualmente o momento como para rearranjar os trabalhos e comissões conciliares. Deixou claro que o concílio não tinha como finalidade condenar – abandonando-se o *anathema sit* –, mas guardar e ensinar de forma mais eficaz o *depositum fidei*: “é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo”<sup>77</sup>. Aqui é possível ver, objetivamente, a compreensão do que seria o tão sonhado *aggiornamento*<sup>78</sup> do Papa Bom.

Aqui se recolhe uma larga discussão bibliográfica que parte de um princípio objetivo: a tentativa do Concílio Vaticano II em dialogar com a modernidade, por

---

alto-mar, enfrenta inúmeros desafios no início do milênio. Em 2008, uma nova edição revisada é apresentada, diante do sucesso da obra.

<sup>76</sup> BENTO XVI, PP, Encontro do Papa Bento XVI com o clero de Roma, p. 2.

<sup>77</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Discurso de Abertura, p. 18.

<sup>78</sup> É uma expressão forte que representa o que muitos chamarão de o “espírito do Vaticano II” e utilizado como escopo do mesmo. Traduzindo literalmente do italiano como “atualização”, vemos que o *aggionamento* é a forma como o papa João XXIII entendia a reforma da Igreja, desde quando revelou a seu secretário particular, monsenhor Loris Copovilla, dentro do carro em direção a Roma, em novembro de 1958: “Também para a Igreja seria necessário um *aggiornamento*. Seria necessário um Concílio!”. Nas palavras de Giuseppe Alberigo (1926-2007), grande historiador do Vaticano II, *aggiornamento* é mais que uma reforma institucional: é uma renovada inculturação da revelação nas novas culturas e no tempo presente. Este era o desejo do papa João. (ALMEIDA, A., *Aggiornamento*. In: PASSOS, J., Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 8-9.)

mais louvável e necessária que fosse, chegou tarde demais! Era um diálogo que já devia ter acontecido no século XVI, durante o Concílio de Trento (1545-1563), mas os desdobramentos históricos o impediram de se consumir. Metaforicamente, a Igreja chega para um diálogo no velório da modernidade, quando já se impunha uma nova época, com traços pós-modernos, porque “um novo giro da sensibilidade socio-cultural declarava exausto o projeto da modernidade”<sup>79</sup>.

O Departamento de Teologia do CELAM lembrava que a pastoral latino-americana pós-moderna não podia cometer o mesmo erro tardio do diálogo com a modernidade durante o concílio<sup>80</sup>. A intenção seria buscar aquilo que há de novo, adotando uma postura compreensiva frente às mudanças sociais e políticas.

Passos bem acertados foram se dando ao largo do concílio, como se vê:

a proliferação de condenações papais contra o modernismo, o liberalismo, o socialismo e o comunismo, deixaram passagem para uma nova situação desde os pronunciamentos sociais, políticos e pastorais de João XXIII e Paulo VI. O diálogo com o mundo, o otimismo pastoral da Constituição *Gaudium et Spes*, a renovação da doutrina social, e o papel globalmente positivo da Igreja na transição, fez com que o catolicismo ganhasse em credibilidade, inclusive entre os não católicos. O compromisso de amplos setores da Igreja na defesa dos direitos humanos, na luta pela justiça e em favor da paz internacional, afiançava sua capacidade de influência na sociedade. [...] Parecia, portanto, haver-se criado uma ponte entre Igreja e sociedade. Mas já emergia uma nova cultura: a pós-moderna.<sup>81</sup>

O professor Brighenti também faz seu diagnóstico diante do atraso ocorrido entre a Igreja e a modernidade. O seu desabafo demonstra que ainda se persiste no erro do catolicismo não acompanhar as transformações do mundo:

Hoje, passadas algumas décadas de encantamento com o mundo moderno, outra vez a Igreja mostra-se incapaz de caminhar sob o dinamismo do Senhor da História. E o que é pior, certos segmentos dela estão não só indispostos a acertar o passo, como com vontade de voltar atrás, a um tempo quimérico, em que as coisas eram mais estáveis, inevitavelmente irreversível. Paira sobre certos contingentes da instituição, hoje, a nostalgia do mundo das essências, das “ideias claras e distintas”, das verdades estáticas, das regras simplesmente a obedecer, enfim, de um Deus que não se mostre novo em cada manhã. Perde-se de vista que a fé é êxodo e que a fidelidade no seguimento de um Cristo pobre e itinerante faz-se na tecitura do risco – “vinde e vede”.<sup>82</sup>

<sup>79</sup> MARDONES, J. M., *Postmodernidad y cristianismo*, p. 153.

<sup>80</sup> CELAM, *Evangelizar la Posmodernidad*, p. 58.

<sup>81</sup> ESTRADA, J., *El cristianismo en una sociedad laica*, p. 175.

<sup>82</sup> BRIGHENTI, A., *A Igreja perplexa*, p. 22.

É entre as alegrias e esperanças, como conclamou a *Gaudium et Spes* na clausura do concílio, que Juan Martín Velasco também se une aos pastoralistas do “inverno conciliar” que pairou sobre a Igreja a partir da década de 1980. Afirma-se que não faltaram cristãos católicos – e hoje no Brasil tornou-se um grupo que cresce e faz barulho – que acusam o Vaticano II com qualitativos de precipitação, falso otimismo e inconsciência. Esses grupos “propõem a manutenção ou a involução para as posições pré-modernas, com esperança de que a crise da modernidade fará voltar aos homens os princípios que nunca deveriam ter abandonado”<sup>83</sup>.

Diante deste cenário apresentado, ao falar sobre a situação espiritual frente à cultura pós-moderna, Velasco apresenta algumas características<sup>84</sup> que exigem atenção de nossa parte quando buscamos meios eficazes para a evangelização, alguns com acentos mais fortes. São elas: uma cultura da intranscendência marcada pelo ritmo do *carpe diem*, onde as pessoas acomodam seus projetos de vida à medida de seus desejos imediatos; uma cultura do divertimento, que libera o *homo ludens*, cada vez mais perigosa e invasiva, carente de compromissos a longo prazo; o consumismo exacerbado leva também à substituição do “ser” pelo “ter”, o que se constata com facilidade na larga exposição que se faz hoje nas redes sociais, produzindo uma inevitável desumanização frente à “vitrine a céu aberto” que quer ser mostrar; é notável o perigo também de um pluralismo que se transforma em relativismo e indiferença, no qual impera as múltiplas crenças subjetivas e imediatistas; o individualismo que atinge, no nível global virtualizado, tons mais elevados quanto ao narcisismo e hedonismo, em uma “rede” sem ídolos e sem tabus, somente à busca de *likes* e *emojis* carinhosos; por fim, a indiferença religiosa chega a tão alto grau que, em algumas situações, não se vê diferença alguma na forma de viver entre crentes e não crentes, que quaisquer traços de espiritualidade e religiosidade aparecem de formas espontâneas e diversas:

A crise das instituições e o individualismo conseguinte intervêm assim no interior da religião operando no que M. de Certeau denominou o “*estallido del cristianismo*”, que consiste na ruptura do sistema cristão organizado pela instituição e em torno a ela, e sua substituição por novas sínteses elaboradas pelos sujeitos particulares, a partir del *stock* de símbolos da própria tradição e de outros tomados de tradições religiosas e de sistemas de pensamentos seculares, por um procedimento que os

<sup>83</sup> VELASCO, J. M., Ser cristiano en una cultura posmoderna, p. 69.

<sup>84</sup> VELASCO, J. M., Ser cristiano en una cultura posmoderna, p. 41-65.

sociólogos têm designado com as imagens de religião *a la carte*, de supermercado ou construída por sistema de bricolagem.<sup>85</sup>

## 2.3.

### Alegorias em cenários fragmentados

*“A mudança de paradigma é uma boa notícia. A nova situação favorece o diálogo. O novo contexto cultural facilita a carta de cidadania do cristianismo – tão castigado pelo positivismo e o laicismo dos séculos XIX e XX – e abre espaços de diálogo com o mundo pós-moderno. O século XXI é mais religioso, mas não mais cristão. É necessário um diálogo sincero e respeitoso, mas também valente.”*<sup>86</sup>

O que vimos até aqui, à luz do tempo presente, são traços de uma religiosidade peregrina, onde “todos esses fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado”<sup>87</sup>. É necessário que vejamos, a seguir, algumas metáforas do mundo líquido-moderno trazidas por Bauman para que, diante de cada uma delas, busquemos luzes para dispor de ferramentas precisas no processo iniciático da fé cristã.

A princípio, pode parecer desanimador, ainda mais diante de inúmeras mudanças geradas nas órbitas científicas da era moderna. Na introdução de *Tempos Líquidos* (2007), Bauman de forma pontual apresenta novas tecituras que visivelmente preocupa a todos, individual e socialmente: na cultura, a passagem do sólido para o líquido entrelaça a modernidade que não garante mais a estabilidade e durabilidade das organizações sociais; depois, desde o campo político, a utopia do Estado-Nação, que congrega poder e política, se desfaz em detrimento de um poder que hoje se vive de forma extraterritorial e globalizado; no âmbito social, a segurança comunal – que sempre nutriu os laços humanos – é gradualmente reduzida diante dos movimentos de conexão e desconexão social, porque as “redes” são mais flexíveis e fáceis de escapar do que as antigas “estruturas” da comunidade; na dimensão antropológica, o colapso da ação a longo prazo leva as pessoas a viverem uma vida fragmentada e episódica, na qual hábitos e lances do passado e estratégias para o futuro são cruelmente descartados; e no plano da ética, a responsabilidade em resolver os dilemas da vida é o jugo colocado no ombro dos

<sup>85</sup> VELASCO, J. M., Ser cristiano en una cultura posmoderna, p. 60.

<sup>86</sup> OTÓN, J., El reencantamiento espiritual posmoderno, p. 140-141.

<sup>87</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 170.

indivíduos apenas, na qual, em detrimento da conformidade às regras sociais, adota-se a flexibilidade das escolhas e oportunidades à mercê de suas preferências<sup>88</sup>.

Com o que fora apresentado, de forma alguma se consegue responder e dizer ao certo o que se pode fazer. O que nos resta é indagar porque, nas palavras do polaco, qualquer resposta seria “peremptória, prematura e potencialmente enganosa”.

Não poderia escapar aqui uma constatação cirúrgica do autor sobre o medo que assola a humanidade:

O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa insegurança e essa incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência: parecemos não estar mais no controle, seja individual, separada ou coletivamente, e, para piorar ainda mais as coisas, faltam-nos as ferramentas que possibilitariam alçar a política a um nível em que o poder já se estabeleceu, capacitando-nos assim a recuperar e reaver o controle sobre as forças que dão forma à condição que compartilhamos, enquanto estabelecem o âmbito de nossas possibilidades e os limites à nossa liberdade de escolha: um controle que agora escapou ou foi arrancado de nossas mãos. O demônio do medo não será exorcizado até encontrarmos (ou, mais precisamente, *construirmos*) tais ferramentas.<sup>89</sup>

Halík foi questionado certa vez sobre ser pessimista ou otimista diante da crise da modernidade. E ao que respondeu: nem um e nem outro! Porque a secularização transformou a esperança – que nós cristãos alimentamos como uma das grandes virtudes – em otimismo e fé no progresso. E, de certo, esse otimismo demonstrou-se um grande falsário: “o otimismo é a suposição de que ‘tudo ficará bem’; a esperança, por sua vez, é uma força capaz de aguenta também uma situação em que essa suposição foi desmascarada como ilusão”<sup>90</sup>. Citando Kafka, Bauman ilustrou esta via da esperança: se você não achar nada nos corredores, abra as portas. Se você achar que nada há além dessas portas, há outros andares. E, se você não achar nada ali, suba outro lance de escada. Enquanto você não parar de subir, as escadas não terminarão sob seus pés e continuarão a crescer sempre<sup>91</sup>.

<sup>88</sup> BAUMAN, Z., Tempos líquidos, p. 07-10.

<sup>89</sup> BAUMAN, Z., Tempos líquidos, p. 32.

<sup>90</sup> HALÍK, T., Não sem esperança, p. 11.

<sup>91</sup> BAUMAN, Z., Capitalismo parasitário, p. 81. Sobre isso, o sociólogo argumenta: “Existe, porém, uma terceira atitude possível: a da esperança, da confiança na capacidade que o ser humano tem de ser sensato e digno. Acredito que o mundo que habitamos pode ser melhor que hoje; e podemos fazer com que ele seja mais ‘amigável’, mais hospitaleiro, para a dignidade humana”.



Não obstante, firmemos os passos, “pois nossa salvação é objeto de esperança”<sup>92</sup>, disse Paulo de Tarso aos romanos. Bento XVI reforça:

é na esperança que fomos salvos. [...] A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho.<sup>93</sup>

### 2.3.1.

#### Encarcerados: o medo de sair da caverna

É inevitável quando se busca compreender a ciência filosófica e, principalmente entre os iniciantes, não se esbarrar no ateniense Platão<sup>94</sup>. Nas questões de vestibulares, sem dúvida, o que mais aparece dele é a famosa “alegoria da caverna”, registrada no clássico *A República*<sup>95</sup>. De uma história bastante conhecida no meio acadêmico, servimos da interpretação livre de John Maxwell Coetzee (1940)<sup>96</sup> para recontá-la:

No livro 7 da República, Platão nos pede para imaginar uma sociedade na qual as pessoas passam suas horas de vigília sentados em fileiras dentro de uma caverna escura, olhando para as telas quais várias oscilações estão ocorrendo. Nenhum deles nunca esteve fora da caverna, nenhum deles está familiarizado com nada além das cintilações suas telas. Todos aceitam sem questionar que o que vêem nas telas é tudo há para ver.

Um dia, uma dessas pessoas se levanta e cambaleia ao ar livre. Seus olhos, desacostumados à luz, estão cegos, mas ele vislumbra árvores, flores, e uma multiplicidade de outras formas que em nada se assemelham ao cintilações a que está acostumado.

<sup>92</sup> Rm 8,24.

<sup>93</sup> SS 1.

<sup>94</sup> O destacável filósofo da Idade Antiga nasceu em Atenas, na Grécia, no ano de 428 a. C., falecendo aos 80 anos, em 348 a.C. Fundou uma Academia própria para acolher os jovens, preparando-os para a política, a música, a arte, os esportes e para a filosofia, possibilitando propagar as ideias de seu mestre, Sócrates (470-399 a.C.), a quem muito deveu suas teorias que chegaram a nós até hoje.

<sup>95</sup> PLATÃO, *A República*, p. 319-322.

<sup>96</sup> Nascido na cidade do Cabo – na África do Sul, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 2003, considerado um dos mais destacados escritores vivos de língua inglesa. Possuidor de um forte gênio e extremamente reservado, seus escritos são de grande radicalidade e crítica, com influências de Dostoiévski e Kafka. Na ocasião do prêmio, disse Eduardo Prado Coelho: “um duro (como mostrou na luta contra o 'apartheid'), um homem seco e conciso (como revela a sua escrita), alguém que transporta consigo o sentido trágico da existência - mas ao mesmo tempo, um cosmopolita com alguns traços narcísicos; nessa altura andava sempre com sapatos vermelhos que se tinham convertido na sua imagem de marca. O Prêmio Nobel vem-lhe dar o reconhecimento que uma obra austera e complexa obviamente merece.” (PRÊMIO Nobel de Literatura 2003, WOOK, p. 01)

Protegendo os olhos, ele volta para seus companheiros. Este lugar onde vivemos é na verdade uma caverna, diz ele, e a caverna tem um lado de fora, e fora da caverna é bem diferente de dentro. Há vida real acontecendo lá fora.

Seus companheiros riem. Pobre tolo, eles dizem, você não reconhece um sonho quando você vê um? Isso é o que é real (eles gesticulam em direção às telas).

Está tudo lá em Platão (427-348 a. C.), até os detalhes das curvas dos ombros, as telas piscando e a miopia.<sup>97</sup>

Bauman faz uma releitura para dizer que esta é a história da desesperança e que não está fixamente enquadrada num box textual de um capítulo da história da filosofia. Melancolicamente, Coetzee admite que no fim da tragédia platônica, o que resta, é “o detalhe dos ombros caídos, das projeções bruxuleantes e da miopia”<sup>98</sup>. Aqui também se retoma um pensamento de Gramsci para justificar uma de suas impactantes frases para definir o pós-moderno: para o ítalo, o “desafio da modernidade é viver sem ilusões e sem ficar desiludido”<sup>99</sup>.

O mundo todo ainda vive as sequelas sociais da situação pandêmica do COVID-19. Inúmeras pessoas preferem permanecer fechadas em casa e evitam qualquer tipo de aglomeração, seja um almoço familiar, uma simples ida ao supermercado ou participar de um ato religioso na comunidade. E as projeções nas paredes da caverna pululam: os noticiários da tv e os *shorts* nas redes sociais a todo instante recordam o perigo de novas infecções, variantes e a rotatividade de doenças que se adaptam a cada estação para causar mais pânico aos mais vulneráveis. Certamente esta é uma amostra do que se passa ontologicamente na modernidade do século XXI.

Fixemo-nos nestas três percepções tomadas por Coetzee e Bauman que se nos dá como acréscimo à antiga alegoria. A primeira delas é o detalhe dos ombros caídos, que foram se curvando à medida que o peso das correntes distraía os músculos já atrofiados. Os livretos de bolso da coleção do filósofo Byung-Chul Han (1959), representam fielmente o que chamaríamos de cenários da pós-

<sup>97</sup> AUSTER, P.; COETZEE, J. M., Here and now, p. 26-27.

<sup>98</sup> BAUMAN, Z, Babel, p. 60.

<sup>99</sup> BAUMAN, Z, Babel, p. 60-61. Em outro título, Bauman revela: “a pós-modernidade, pode-se dizer, é a *modernidade sem ilusões* – o oposto disso é que a modernidade é a pós-modernidade que recusa aceitar sua própria verdade” (*Ética Pós-Moderna*, 1997, p. 41).

modernidade<sup>100</sup>, porque funcionam como fotografias que capturam alguns detalhes críticos que passam despercebidos dos sensores modernos frenéticos.

Já era de se esperar que a rápida aceleração do mundo provocaria um esgotamento e cansaço em graus nunca vistos:

O “cansaço fundamental” suspende uma individualização egológica, fundando uma comunidade que não precisa de parentesco. Nela desperta um compasso especial que leva a um mútuo acordo, a uma proximidade, a uma vizinhança sem qualquer vínculo familiar ou funcional: “Um certo alguém cansado como um outro Orfeu, ao redor do qual se reúnem os animais selvagens, que finalmente podem ser cocansados junto com ele. O cansaço dá o compasso ao indivíduo disperso”.<sup>101</sup>

Uma pergunta caberia aqui: o que nos atrai para dentro da caverna? Sweet chama a atenção para a história da imaginação humana, que ganhou asas, por exemplo, no mundo da fantasia dos filmes, novelas e outras atrações ao longo do século XX e, hoje, ao alcance das mãos no mundo virtual: “infelizmente a imaginação pós-moderna está provando ser mais criativa na realidade falsa do que na realidade concreta. As melhores mentes estão hoje mais obcecadas em nos ajudar a escapar do que a nos engajar em nossas múltiplas crises”<sup>102</sup>.

Outra ideia provocativa neste sentido se vê quando Ulrich Beck delimita a passagem de uma solidariedade moderna de igualdade para uma solidariedade do medo, em nossos tempos. Da preocupação moderna em erradicar a desigualdade, desloca-se, na sociedade de risco, à preocupação quanto à insegurança. O apelo “Tenho fome!”, estandarte das passeatas modernas, é agora substituído pelo eco do “Tenho medo!”.

Enquanto a utopia da igualdade contém uma abundância de metas conteudístico-positivas de alteração social, a utopia da segurança continua sendo peculiarmente negativa e defensiva: nesse caso, já não se trata de alcançar efetivamente algo “bom”, mas tão somente de *evitar* o pior. O sonho da sociedade de classes é: todos querem e devem *compartilhar* do bolo. A meta da sociedade de risco é: todos devem ser *poupados* do veneno.<sup>103</sup>

<sup>100</sup> Especificamente nesta primeira impressão dos ombros caídos dos homens das cavernas, aproveita-se as leituras de *Sociedade do cansaço* (2015), *Sociedade da Transparência* (2017) e *Sociedade paliativa: a dor de hoje* (2021), todas traduzidas no Brasil pela editora Vozes.

<sup>101</sup> HAN, B., *Sociedade do cansaço*, p. 40.

<sup>102</sup> SWEET, L., *Peregrinos no novo século*, p. 19-20.

<sup>103</sup> BECK, U., *Sociedade de risco*, p. 59-60.

E, em meio ao medo, à insegurança e à indiferença, chegamos também a falar de uma “pós-verdade”, que antes de ser um *hit* que desaparece na estação seguinte, parece que chegou também como condição pós-moderna. Utilizado pela primeira vez em um artigo de Steve Tsuchi, em 1992, *post-truth* foi escolhida como a palavra do ano do Dicionário Oxford, em 2016, como “relativo ou referente a circunstâncias nas quais os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública do que as emoções e as crenças pessoais”<sup>104</sup>. D’Ancona dedicou um trabalho a este tema para mostrar que a preocupação em meio ao debate público não está na verdade ou na mentira, mas na forma como as pessoas hoje reagem a cada uma delas. Isso também aconteceu dentro daquela caverna, na qual um prisioneiro liberto retorna e confronta a sua experiência e a sua verdade com aquilo que os outros religiosamente criam como verdade.

Pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. Os políticos, afinal, mantêm desde o início dos tempos. O que a pós-verdade traz de novo não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência. Massacrado por informações inverossímeis e contraditórias, o cidadão desiste de tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira e passa a aceitar, ainda que sem consciência plena disso, que tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional.<sup>105</sup>

E como na vida real, com Sócrates, Platão relata que, no retorno e insistência do prisioneiro, os companheiros tomados por raiva matam-no. Em “tempos de insegurança, medram grupos fundamentalistas”<sup>106</sup>, relatou Libânio em pesquisa sobre a juventude católica no início do milênio. Vemos esta postura religiosa nas mais distintas dimensões, onde soma-se, à insegurança, o fanatismo, o clericalismo e a ilusão de propostas firmes e sólidas e que busca refúgio num muro erguido de ortodoxia que eles próprios definem<sup>107</sup>. Em outra ocasião, lembrava da ambiguidade pós-moderna na qual qualquer “aroma de perenidade” desperta medo

<sup>104</sup> HANCOCK, J., Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano, p. 1.

<sup>105</sup> D’ANCONA, Pós-verdade, p. 09-10. Outro texto que ganhou o meio acadêmico, escrito anos antes é o do inglês e professor Ralph Keyes, traduzido recentemente pela editora Vozes: *A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea*. A abertura do livro se dá com uma epígrafe que sintetiza bem o que se quer dizer: “a verdade foi substituída pela credibilidade” (Daniel Boorstin).

<sup>106</sup> LIBÂNIO, J. B., Jovens em tempo de pós-modernidade, p. 89.

<sup>107</sup> HERVIER-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 170-174. A socióloga apresenta aqui o duplo movimento da chamada “desinstitucionalização do religioso” nos tempos atuais, com um primeiro grupo de liberais, de apropriação religiosa mais pessoal, enquanto um segundo grupo segue um espírito tradicionalista, com rigidez doutrinal e demarca as fronteiras do grupo ao qual e pertence.

e aflição nas novas gerações: “qualquer vinculação a compromissos estáveis e perenes de natureza religiosa ou ideológica são percebidos e rejeitados como ameaça à própria individualidade, autonomia, independência”<sup>108</sup>.

A segunda percepção deste relato recai sobre as “luzes bruxuleantes” que dinamizavam a vida daqueles corpos inertes, acorrentados, imobilizados ao fundo da caverna. Numa época em que a comunicação virtual suplantou a compreensão, a “perda de conexão” deixou de ser um problema técnico para se tornar social:

Numa sociedade em que o indivíduo médio despende mais que a metade do seu tempo acordado diante das telas eletrônicas, “ao pensar que não estamos conectados, nós nos sentimos completamente perdidos, no escuro, sem chaves para entrar em casa, ou, mais precisamente, sem chaves para sair de casa”.<sup>109</sup>

Quem nunca se questionou quanto à atitude dos que estavam presos na caverna e que cegamente diziam ser as sombras a visão real de sua existência? Quem nunca ousou, para dizer aos outros porque também eles não foram dar uma espiadinha lá fora para, ao menos, tirar suas conclusões? Parece estranho, mas pouca coisa mudou nestes últimos 2.600 anos. A nova geração se comunica mais no virtual do que no real. Em qualquer evento que se reúna pessoas aglomeradas, os celulares são expostos com suas câmeras de última geração, pra que nenhum momento se perca, e tudo seja registrado na memória do celular, e não na memória cerebral de quem está lá, ao vivo. Inclusive em celebrações religiosas é muito comum registrar seu *selfie* e linkar sua localização, porque as redes precisam ser alimentadas. Como dizem muitos especialistas, não se pode mais dividir o mundo real do virtual, porque os dois são um só!

No começo dos anos 2000, Bauman nos seus octogenários tinha às mãos sua percepção do mundo. A proximidade virtual é real, dizia:

o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. Centradas no negócio à mão, estão protegidas da possibilidade de extrapolar e enganar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida — ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato

<sup>108</sup> LIBÂNIO, J. B., Qual o futuro do cristianismo?, p. 133.

<sup>109</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 98.

— mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam, idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão. [...] "Estar conectado" é menos custoso do que "estar engajado" — mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos.<sup>110</sup>

Em mensagem aos participantes do encontro da Pontifícia Academia para a Vida no início de 2020, em Roma, papa Francisco alertava mais uma vez para a complexidade do que ele chamou de “galáxia digital”, que ocupa hoje o centro da mudança de época pela qual passamos:

a inovação digital abrange todos os aspectos da vida, tanto pessoais como sociais. Incide sobre a forma como entendemos o mundo e a nós mesmos. Está cada vez mais presente nas atividades e até nas decisões humanas, e por isso está a mudar a nossa forma de pensar e agir. As decisões, mesmo as mais importantes como as do campo médico, económico ou social, são hoje o resultado da vontade humana e de uma série de contribuições algorítmicas. A ação pessoal encontra-se no ponto de convergência entre a contribuição propriamente humana e o cálculo automático, de modo que é cada vez mais complexo compreender o seu objeto, prever os seus efeitos, definir as suas responsabilidades.<sup>111</sup>

E no que toca a algo tão caro nos gestos do Pontífice, aponta também a necessidade de pôr em prática o que ensina a Doutrina Social da Igreja, que visa integrar os processos de relações humanas e o uso das máquinas e das tecnologias, de forma transdisciplinar:

Contribuem decisivamente para a busca comum destes objetivos, os princípios da Doutrina Social da Igreja: dignidade da pessoa, justiça, subsidiariedade e solidariedade. Eles expressam o compromisso de estar ao serviço de cada pessoa na sua totalidade e de todas as pessoas, sem discriminação nem exclusão. Mas a complexidade do mundo tecnológico exige uma elaboração ética mais articulada para tornar este compromisso verdadeiramente incisivo.<sup>112</sup>

A segurança da caverna e a satisfação das sombras projetadas nos leva, hoje, ao que Padilha chamou – tomando-o de um texto de Nelson Rodrigues – de uma pedagogia do medo: “o medo do outro, o medo do espaço público, o medo da liberdade. O que se constrói é uma visão de seres humanos ensimesmados,

<sup>110</sup> BAUMAN, Z., Amor líquido, p. 82.

<sup>111</sup> FRANCISCO, PP, Discurso da Pontifícia Academia para a Vida, p. 1.

<sup>112</sup> FRANCISCO, PP, Discurso da Pontifícia Academia para a Vida, p. 1.

individualistas, consumistas, competitivos, egoístas e amedrontados”<sup>113</sup>. E por mais que aqui a socióloga retoma a ideia desde a questão da sociabilidade estranhada e reificada que se dá dentro de um *shopping center*, a situação vai se ampliando na medida em que se leva ao extremo um antigo provérbio popular: “uma imagem vale mais que mil palavras”. Sim! E assim o foi dentro da caverna platônica, dentro dos templos climatizados dos *shoppings* e agora dentro de cada *smartphone*, porque um *selfie* vale mais que mil palavras”.

E, por fim, a terceira percepção do relato de Coetzee encerra com o qualitativo de “miopia”, distorção da realidade e falta de visão. E esta deficiência provoca alterações também quando se fala da fé cristã. Tomemos por princípio um relato bastante conhecido:

Quando amanheceu, Jesus estava na margem. Mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Então Jesus disse: «Rapazes, vocês têm alguma coisa para comer?» Eles responderam: «Não.» Então Jesus falou: «Joguem a rede do lado direito da barca, e vocês acharão peixe.» Eles jogaram a rede e não conseguiam puxá-la para fora, de tanto peixe que pegaram. Então o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: «É o Senhor.»<sup>114</sup>

O encontro do Senhor Ressuscitado com os discípulos revela um novo vigor na missão, encorajando-os, mesmo que a pesca lhes pareça um infortúnio. Mas um detalhe chama a atenção nos versículos seguintes: “Estava cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de tantos peixes, a rede não arrebentou”<sup>115</sup>. Há farta literatura para dizer que estes peixes lembram as comunidades já existentes, fundadas pelos apóstolos e seus discípulos no final do primeiro século da era cristã. A rede foi lançada de dentro da barca, que lembra a Igreja, que navega nos mares revoltos deste mundo<sup>116</sup>. Hoje a palavra “rede” assume uma condição que contrasta bastante àquela apresentada por João. Agora no plural e fragilizadas, Bauman tentou defini-las inúmeras vezes:

Em total oposição às comunidades ao velho estilo, a rede é um arranjo (mais corretamente, um rol ou lista de chamada de nomes e endereços) que será escolhido/composto por indivíduos sob sua responsabilidade exclusiva, tendo em vista selecionar links e nós. Seus “membros” e suas fronteiras não são dados”,

<sup>113</sup> PADILHA, V., *Shopping Center*, p. 180.

<sup>114</sup> Jo 21,4-7.

<sup>115</sup> Jo 21,11b.

<sup>116</sup> GREGÓRIO, PP, *Lecionário patrístico dominical*, p. 600-601.

tampouco fixos, mas são frágeis e maleáveis; definidos, esboçados e interminavelmente redefinidos e reesboçados segundo critério do compositor da rede, instalado com firmeza em seu centro. Por sua origem e por seu modo de existência, a rede é quase uma extensão do eu, ou uma carapaça com que o ego se cerca em busca de segurança, talhando seu próprio nicho, oxalá seguro, fora do perturbador e talvez – quem sabe? – hostil mundo off-line.<sup>117</sup>

O velho mito de Narciso<sup>118</sup> ressurge em vestes pós-modernas. A rede, definitivamente, “não é um espaço para desafiar as ideias recebidas e as preferências de seu criador. Ela é antes uma réplica ampliada ou um espelho de aumento daquele ou daquela que a teceu, povoadas por pessoas de mesma opinião”<sup>119</sup>. Qualquer contrariedade ou mal-estar ao grupo é rapidamente eliminável com apenas um clique e exilados ao primeiro sinal de discordância.

É possível perceber, principalmente entre os jovens, uma geração que – ainda mais evidente com a ascensão de *youtubers* e outras plataformas digitais – é reconhecida em três atributos: é *triumfante*, porque busca sucesso, fama e dinheiro; é, porventura, *fruitiva*, que vive o seu *carpe diem* com prazeres curtos e imediatos, desconectados a qualquer espécie de tradição; e é também *narcisista*, onde a vida privada é o novo santuário da vida e as horas de leitura são trocadas pelos treinos da academia:

**O narcisismo dessa geração nasce de dupla experiência.** Ela se cansou de ser Prometeu, conquistadora e destruidora da natureza, colonizadora e opressora dos povos, construtora de indústrias e megalópoles. Envergonhou-se da façanha da modernidade e não quer continuá-la. Em contrapartida, sente-se um Sísifo diante das transformações humanistas com a juventude de 1968 sonhou. Tanto esforço para levar a pedra até o alto da montanha e vê-la rolar para baixo. Então, que fazer? Deixar que a pedra da história continue rodando e debruçar-se sobre o lago da existência a contemplar narcisisticamente o próprio rosto.<sup>120</sup>

Maffesoli<sup>121</sup> explorou muito o tema do neotribalismo em sua versão pós-moderna. As redes sociais foram criando espaços diversos para que, de inúmeras

<sup>117</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 85.

<sup>118</sup> Narciso representa o símbolo da vaidade e é uma das personagens da mitologia grega. Nesta narrativa é inevitável a semelhança de Narciso com o homem pós-moderno, da fascinação com a própria imagem, a ponto de arriscar a vida por uma fixação extrema. O culto à imagem, própria do mundo virtual, carrega de forma identitária o simbolismo desta personagem, onde permanece o perigo quanto à vida humana e as relações sociais que dela se desprende.

<sup>119</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 85.

<sup>120</sup> LIBÂNIO, J. B., Jovens em tempo de pós-modernidade, p. 106.

<sup>121</sup> Michel Maffesoli (1944) é doutor em Ciências Humanas e Sociais, e em Sociologia, na Universidade de Grenoble, na França. “Pensador extraordinário, construiu um modo particular de



formas, induzisse uma nova compreensão do ritmo de vida. Tanto no computador como no *smartphone*,

o que importa é entrar em contato com “os de sua tribo”. Ficando entendido, deve-se esclarecer, que esse contato não é da ordem do “conteúdo”, mas se contenta em privilegiar o “continente”. Ou seja, grau zero da dimensão racional, e prevalência da relação emocional. Em resumo, ser-junto para estar junto!<sup>122</sup>

E o que caracteriza a mudança de paradigma é repensar esse “estar juntos” que, para Maffesoli, é a saturação do sujeito, chamando-a de “narcisismo de grupo”, que mostra um revés filosófico, declarando guerra a elementos fundamentais modernos como o Ser, o Estado, Deus, o Indivíduo e as Instituições:

No fundo, é a desforra do “dionisiaco”, a ambiência erótica da vida social, a importância dada à “proxemia quotidiana”, é o que está em jogo no mito do “*puer aeternus*”. Ao imperativo categórico kantiano, imperativo moral, ativo e racional, sucede, para retomar expressão de Ortega y Gasset, um “imperativo atmosférico”, que se pode compreender como uma ambiência estética na qual somente importa a dimensão transindividual, coletiva, até mesmo cósmica.<sup>123</sup>

Quando olhamos para a caverna e seus prisioneiros, notamos que o medo de sair é maior do que a coragem de se arriscar. O raciocínio de Bauman é preciso quanto à definição de que as redes, hoje, são réplicas eletrônicas de um condomínio fechado, como nas grandes cidades, cercados

por muros que os separam do mundo lá fora – um mundo que, por causa da erosão, da perda ou do fracasso em aprender as capacidades necessárias para funcionar dentro dele (sem falar em viver nele), se torna assustador demais para que sua população se aventure numa viagem de descoberta – como aconteceu com os homens da caverna de Platão. Com facilidade lamentável, a rede se transforma numa jaula trancada sem buraco de fechadura, os quatro ídolos de Francis Bacon (tribo, caverna, foro e teatro) guardam a saída, ainda mais eficazes na ausência de competição.<sup>124</sup>

---

analisar o mundo contemporâneo, o que explica como o francês se tornou uma referência em Sociologia. Liderou estudos sobre o imaginário contemporâneo a partir da filosofia fenomenológica e da sociologia compreensiva. Isso tudo com o objetivo de definir os paradigmas da pós-modernidade. Inclusive, é um dos pais do conceito ‘Tribo Urbana’, sendo um dos nomes mais respeitados mundialmente no assunto. Ao longo de sua carreira, o docente na Universidade de Sorbonne, na França, escreveu mais de 30 livros.” (BIOGRAFIA. Quem é Michel Maffesoli, PUC-RS *on line*)

<sup>122</sup> MAFFESOLI, M., A ordem das coisas, p. 89.

<sup>123</sup> MAFFESOLI, M., O Tempo das tribos, p. XXX.

<sup>124</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 86.

E suas conclusões não são nada animadoras quando, por exemplo, deparamo-nos com jovens que apresentam dificuldades de relacionamentos “*off-line*” porque, desde crianças, cresceram acorrentados e vislumbrados diante dos relacionamentos “*on-line*”. É muito comum jovens pais entregarem seus bebês aos cuidados de um *tablet*, que gerencia a atenção da criança com desenhos animados e jogos, enquanto retiram dos pais o tempo e a atenção de estar próximos, porque há muito o que se fazer e é preciso evitar o choro e nervosismos que provoca cansaço e *stress*.

Neste clima *on versus off*, Bauman dá o seu veredito:

Se a variedade atual dos homens da caverna de Platão não se importa de estar encarcerada é porque esses homens foram espoliados do desejo de se aventurar do lado de fora, ou jamais conseguiram tomar conhecimento do propósito de fazê-lo. Como sabemos a partir da experiência dos prisioneiros de longo período, o dia de sua soltura no pandemônio do mundo fora dos muros da prisão é traumático e repleto de choques.<sup>125</sup>

De forma semelhante dirá Maffesoli quando percebe uma atmosfera de “aporia mística” em nosso tempo. Não se busca uma solução aos problemas ou se arregimenta para a revolução, em busca de mudanças sociais. O que se quer é “vibrar com o Outro, outro da natureza (*deep ecology*), outro do grupo (tribalismo), outro da deidade (religiosidade)”<sup>126</sup>. Um renovado discurso do método nos é apresentado sob a forma de *hashtags*, símbolos e imagens que garantem não só um posicionamento político, mas um gesto de solidariedade grupal:

As imagens, os fenômenos visuais têm, assim, uma função sacramental: eles tornam visível a força invisível que está na base de todo viver-junto. É por isso, aliás, que, à imagem das tribos primitivas de que o totem era causa e efeito da solidez do grupo, as tribos pós-modernas não hesitam em utilizar *via* redes sociais, pequenos amuletos, *smiles*, sinais de reconhecimento múltiplos, como expressão de um sentimento de pertença coletivo.<sup>127</sup>

E, para superar uma existente cegueira eclesial frente à realidade tribal e fragmentada pós-moderna, Karl Rahner (1904-1984), um dos grandes teólogos do século XX, abre-se nos uma janela teológica para a vivência da fé hoje, no qual já era visionário há 40 anos atrás, de um cristianismo que, mais que uma doutrina,

<sup>125</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 86.

<sup>126</sup> MAFFESOLI, M., A ordem das coisas, p. 89.

<sup>127</sup> MAFFESOLI, M., A ordem das coisas, p. 150.

apresenta-se como um caminho salvífico. Primeiro, porque o pluralismo cultural exige nova postura de diálogo, como nas comunidades primitivas e bem provocativas nas discussões de Sweet nas igrejas protestantes. Segundo, porque uma certa irrupção descontrolada do sagrado pode revelar, especialmente no veio tradicionalista religioso, uma forma de insuficiência dialogal dentro da própria instituição. Depois, a ação do Espírito de Deus extrapola os muros institucionais, donde ganhará força a experiência dos cristãos anônimos que, mesmo distante dos enquadramentos sacramentais e morais institucionalizados, demonstram sensibilidade frente aos sofrimentos humanos. Por fim,

repetir o discurso eclesiástico e se espantar com sua baixa eficácia é esquecer que não mais vivemos numa sociedade de cristandade. Portanto, para muitas faixas da população esse discurso não é entendido, não é pertinente, não é salvífico. A inculturação da fé, ao respeitar o local e o étnico, está paradoxalmente a serviço da universalidade e da catolicidade do cristianismo.<sup>128</sup>

### 2.3.2.

#### **Consumidores: todos os caminhos levam às lojas!**

Indiscutivelmente podemos dizer que o consumo é a marca registrada do nosso tempo. E nesta pesquisa não se deixaria de lado este tema central na fase líquido-moderna. Em dezenas de títulos<sup>129</sup>, Bauman aborda direta ou indiretamente sobre o assunto. Dois deles ganham destaque no título: *Consuming Life* (2007) e *Does Ethics Have a Chance in a World of Consumers?* (2008), ambos publicados no Brasil<sup>130</sup>. Para ele e outros críticos, a cultura consumista acaba por cometer pelo menos dois crimes relacionados à crise da democracia.

A capacidade de permanência aparentemente inatacável da cultura consumista repousa em seu sucesso surpreendente em desviar os caminhos que levam à aquisição de todos os valores essenciais da vida (como dignidade, segurança, aceitação social e reconhecimento, o sentimento de pertencimento bem como de distinção, de ser singular e insubstituível, uma vida significativa, a busca da

<sup>128</sup> MIRANDA, M., A Igreja numa sociedade fragmentada, p.273.

<sup>129</sup> No último quartel do século passado, em *Legislators and Interpreters*, Bauman já alimentava a ideia de uma modernidade não findada, mas que aos poucos se consumia frente a novo cenário: “a descrição/interpretação mais popular da condição pós-moderna é aquela da ‘sociedade de consumo’; uma descrição que identifica precisamente, como característica suprema do novo período histórico, o advento e o domínio (pelo menos numérico) do consumidor”. (BAUMAN, Z., Legisladores e intérpretes, p. 261.)

<sup>130</sup> A editora Jorge Zahar em 2008 publica *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Em 2011, lança *A ética é possível num mundo de consumidores?*.

felicidade, a autoestima ou, com efeito, a consciência moral limpa) para o *shopping center* – fazer compras tem sido representado como solução universal para os problemas e preocupações humanas mais universais.<sup>131</sup>

Uma segunda transgressão, que é decorrência da primeira, bem lembrada pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk (1947), é a de que o indivíduo hoje é acima de tudo e em primeiro lugar um consumidor e não um cidadão. Isso acontece porque nós “invertemos os resultados porque as obrigações foram invertidas: sem dever de selecionar e decidir, o cidadão é um espectador, é perfeitamente livre, ‘inocente’ de todo, já que não está vinculado a causas nem é responsável pelas consequências”<sup>132</sup>. Pela ação dos mercados e da revolução científica e tecnológica, Lipovetsky & Serroy apontam que essa transformação se dá visivelmente no que hoje chamamos de cultura de massas, que diferente da cultura dominante – elitista, excludente e erudita –, busca oferecer às pessoas “novidades acessíveis que sirvam de entretenimento à maior quantidade possível de consumidores. Sua intenção é divertir e dar prazer, possibilitar evasão fácil e acessível para todos, sem necessidade de formação alguma”<sup>133</sup>.

Caberia aqui a arte de Eugène Ionesco (1909-1994), um dos ícones da dramaturgia e do chamado teatro do absurdo europeu. Em 1965 escreveu a peça *La Soif et la Faim* (A Sede e a Fome), que acaba por se tornar uma parábola interessante para a compreensão do consumo na modernidade, reproduzido pela originalidade e poesia do cardeal José Tolentino Mendonça (1956):

*A sede e a fome.* Conta a história de um casal – Jean, o homem, Marie Madeleine, a mulher –, onde cada um representa uma posição diferente não só perante a vida prática, mas também quanto ao sentido da própria vida. Jean é devorado por um desejo sem objeto, um infinito vazio, uma inquietude sem coordenação com nada de real. Ele vive abrasado por uma sede e por uma fome que nada parece aplacar. E que rugem dentro dele continuamente como um trovão: “Tenho sempre fome. Como e é como se não tivesse comido. Este vazio, este vazio que não consigo encher... o meu estômago é um buraco sem fundo; a minha boca é um abismo cujas paredes são de fogo. Fome e sede, fome e sede”. A mulher tenta reorientá-lo, mas em vão. Ela interroga-se: Por que é que não lhe agrada criar raízes? [...] Em vez de viver na sede do absoluto, Jean escolheu viver o absoluto da sede. Por isso tudo lhe parece ínfimo, insuficiente e mesquinho. Sobre todas as coisas espalha o mesmo veneno da lamúria, condenando-as. Esta sede, a que ele não consegue dar um rosto, fez dele um homem

<sup>131</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 62.

<sup>132</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 80.

<sup>133</sup> LLOSA, M., A civilização do espetáculo, p. 23.

sem casa, sem raízes; incapaz de criar laços; estrangeiro de si mesmo; perdido no vazio do labirinto onde escuta apenas o solitário rumor dos seus passos.<sup>134</sup>

Esta é a parábola da nossa sede, dirá o purpurado. É uma sede insaciável que nos lança nos braços do consumismo, um dos tipos ideais – juntamente com a sociedade de consumidores e a cultura consumista – que Bauman se utiliza como ferramentas e instrumentos de análise da realidade social, destinados a tornar inteligíveis as evidências da experiência<sup>135</sup>. Na *ágora* digital, as coisas funcionam assim: o botão de curtir é sua cédula eleitoral. Sim, porque “a responsabilidade pela comunidade caracteriza o cidadão. Ela falta, porém, ao consumidor. Na *ágora* digital, onde local de eleição e mercado, *polis* e economia se tornam o mesmo, eleitores se comportam como consumidores”<sup>136</sup>.

A busca do bem estar social, de melhores condições de vida, de justiça e fraternidade, são substituídos pela busca da felicidade, no aqui e agora. Mas esse desejo, na cultura de massas, torna-se um círculo vicioso:

O consumidor vai ao mercado procurar a felicidade e compra, para tanto, sapatos, relógios, roupas, viagens, consultas em videntes, etc., mas como nem sempre consegue ser feliz por esse meio, continua comprando na esperança vã de atingi-la. [...] “*essa frustração gerada pelo mercado de consumo, fazendo crescer a indústria química de medicamentos contra ansiedade, ‘stress’, angústia e enchendo os consultórios dos médicos, psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, etc.*”<sup>137</sup>

A pressão social e o código publicitário que arrasta as pessoas neste círculo contínuo e interminável leva a um mal-estar do consumo, tema que Bauman há décadas trabalhou com profundidade<sup>138</sup>. Esta insegurança pessoal e a percepção do

<sup>134</sup> MENDONÇA, J. T., Elogio da sede, p. 34-35.

<sup>135</sup> BAUMAN, Z., Vida para o consumo, p. 34. “Como sugeriu Weber, os ‘tipos ideais’ (se construídos de maneira adequada) são ferramentas cognitivas úteis, e também indispensáveis, ainda que (ou talvez porque) iluminem deliberadamente certos aspectos da realidade social descrita enquanto deixam na sombra outros aspectos considerados de menor ou escassa relevância para os traços essenciais e necessários de uma forma de vida particular. ‘Tipos ideais’ não são descrições da realidade, mas ferramentas usadas para analisá-la. São bons para pensar.” (p. 39-40)

<sup>136</sup> HAN, B., No enxame, p. 118.

<sup>137</sup> NUNES, R., Era do consumo, p. 20-21.

<sup>138</sup> Em 1997, Bauman publicou *Postmodernity and its discontents* (o mal-estar da pós-modernidade, pela Jorge Zahar, no ano seguinte). Ao lado de *Modernidade Líquida*, é um dos títulos mais procurados do sociólogo. Inspirado no psicanalista Sigmund Freud que, em 1930, lançava *Civilization and its Discontents*, sobre o homem e a cultura do século XX, Bauman desafia o leitor para uma arrojada leitura do mal-estar em roupagem pós-moderna, às portas do novo século. De arte a religião, ele percorre as vielas sociais para trazer à luz o que a mesma cultura muitas vezes prefere deixar às escuras.

modo como se vive diante desta cultura é desumanizante, – nas palavras do jesuíta Juan Antonio Estrada (1945) –, ocasionada pela proliferação das ofertas de consumo, diminui a capacidade reflexiva, provoca distância entre as pessoas, aumentam as frustrações e a vida se resume em experiências de subjetividade lúdica, trivial e empobrecida. É o que se pode falar de uma “sociedade sem alma: próspera, mas com agudo déficit de sentido, onde a acumulação de bens vem acompanhada por uma insatisfação pessoal, como reflexo de um estilo de vida superficial<sup>139</sup>.

Quando pensamos em espaços de consumo, a indústria dominante conseguiu produzir algo que emplacou nas últimas décadas e é objeto de inúmeros trabalhos: os *shopping centers*. No molde como estamos acostumados a ver hoje, em qualquer centro urbano, a ideia de um centro de compras fechado surgiu na Holanda, em 1953, na cidade de Rotterdam. No Brasil, somente em 1966 foi inaugurado o primeiro em São Paulo, o Shopping Iguatemi<sup>140</sup>. Conforto, segurança e elegância. A ideia de se refugiar das grandes praças e centros urbanos perigosos, provocou uma nova forma de conviver com o consumo. Há anos foi publicado um trabalho que chama a atenção pela singularidade: *Shopping Center: a catedral das mercadorias* (2006), da professora Valquíria Padilha. Aqui se funde consumo e espiritualidade. Como os antigos mosteiros que buscavam um recanto de paz, longe do centro da cidade, assim também é o *shopping*. Porque ali tem até espaço ecumênico e se pode meditar, sem ruídos e sem pedintes lá dentro. Não tem relógio, porque é um momento de felicidade atemporal e não se pode ter pressa. O ponteiro de cruz da velha matriz é ofuscado pelos luminosos letreiros que, mais altos ainda, atraem os olhares e o espírito dos transeuntes que se sentem acolhidos e amados num espaço seguro e totalmente prazeroso de se viver, “capaz de acalmar e confortar as angústias, os estranhamentos e os fetiches que florescem no espaço real e imaginário do admirável mundo do consumo”<sup>141</sup>.

<sup>139</sup> ESTRADA, J. A., *El Cristianismo en una sociedad laica*, p. 182-183;198.

<sup>140</sup> À época, foi considerado o maior centro de compras da América do Sul e contou com um espaço amplo de arborização e luminosidade. “A visão empreendedora da época não conseguia enxergar os consumidores caminhando até as “lojas dos fundos” de um shopping center. Mesmo enfrentando todas essas desconfiças, o negócio saiu e, no dia de sua inauguração, ocorreu um show com ícones da MPB, entre eles Chico Buarque, Nara Leão e Eliana Pittman. O evento reuniu cerca de 5 mil visitantes curiosos para saber do que se tratava o novo empreendimento. Vale aqui uma curiosidade: a de que um comerciante em especial, o cearense Diogo Gadelha, foi um dos poucos que acreditou na ideia do shopping.” (OLIVEIRA, A., *O primeiro shopping center de São Paulo*.)

<sup>141</sup> PADILHA, V., *Shopping Center*, p. 13.

Projetados para fora da cidade, ou pelo menos não se misturar a ela, hoje os grandes centros comerciais se tornaram parte integrante da vida das pessoas, porque de inúmeras formas conseguem oferecer mais “lá dentro” do que as lojas lá “de fora”. O que preocupa, socialmente, são as consequências que daí derivam.

Com olhos viciados na racionalidade econômica do capital, os gestores dos shopping centers redesenham cidades e suas praças públicas, recriando-as mais limpas, mais bonitas, mais modernas, mais práticas e mais seguras, de forma que as pessoas sintam mais prazer no mundo artificial “de dentro” que na realidade real “de fora”. Esse prazer provocado artificialmente, menos ilusório, acaba por dificultar a tomada de consciência dos conflitos sociais e econômicos, do imperialismo norte-americano, dos riscos trazidos pela globalização e pelo desenvolvimento tecnológico sem limites, da manipulação do “tempo livre” pela via do consumo, etc.<sup>142</sup>

Esta ânsia consumista gerada pelo capitalismo gera um padrão de consumo exposto nas vitrines dos grandes centros comerciais, porque o luxo e o desejo de hoje se tornam necessários amanhã. Aqui vemos uma crise gerada pelo sistema neoliberal, porque “não há objetos de desejo para todos, eles estão à disposição dos mais capazes e eficientes. Isto é fonte de insatisfação e de frustração para a maioria dos incapazes que, ou se conformam, ou buscam atalhos ou desvios”<sup>143</sup>. O mercado acaba por transformar as pessoas, por um lado, em nômades, porque libertos do passado e sem a preocupação com o futuro, desfrutam o presente; de outro, temos os vagabundos, aqueles que, à margem dos desejos, não conseguem se locomover<sup>144</sup>. E esta esfera vai ganhando proporções maiores, para dizer que a inclusão é para os que estão dentro, segregados:

A decisão de ir ao shopping center ultrapassa a necessidade de comprar algo. E mais: ela encobre todo um processo de segregação social, agora numa escala que compreende a possibilidade ou não de acesso ao *american way of life* via shopping center – e tudo o que tal espaço representa. Vale lembrar, porém, que o simples fato de poder ir a um shopping center significa uma inclusão – embora relativa – na esfera do consumo.<sup>145</sup>

Mas um tema há bastante tempo tem tomado as críticas nos campos teológico e pastoral: as igrejas como supermercados da fé. Aqui se apresentam algumas cenas

<sup>142</sup> PADILHA, V., Shopping Center, p. 26.

<sup>143</sup> SANDRINI, M., Religiosidade e educação, p. 13.

<sup>144</sup> FERREIRA, V., Cristianismo não religioso, p. 80.

<sup>145</sup> PADILHA, V., Shopping Center, p. 27.

– ou parafraseando, algumas prateleiras – que não se esgotam nestas páginas, mas ajudam a digerir o tema do consumo e da religião nos últimos anos.

*O jardim convertido em dunas de areia.* Numa época ritmada pela lei do mercado, homens e mercadorias se tornam objetos do consumo. E isto afeta também a espiritualidade a experiência comunitária de nossas comunidades. Bauman frisou muito estas ideias quando escreveu *Liquid Love, on the frailty of human bonds* (2003). A fragilidade dos laços humanos é um dos sintomas da crise humana pela qual passamos. Afetividade, moralidade, sexualidade, redes sociais... foi um livro que ganhou o gosto da juventude que passou a acompanhar o polônês mais de perto. Tais relacionamentos hoje são vistos por ele com regozijo e ansiedade, porque não se prende a compromissos duradouros, exigentes, mas ao mesmo tempo causa tensão e insegurança porque qualquer relação com o outro é imprevisível. A nova tecnologia virtual, ao estilo do consumidor, serve como remédio à solidão e estímulo à liberdade, mas também deixa seus efeitos colaterais quanto aos vínculos sociais e suas habilidades, tão necessário à sociedade e, particularmente, à sobrevivência das comunidades cristãs. É por isso que a “rede”, que “serve de matriz tanto para conectar como para desconectar”<sup>146</sup>,

parece, de maneira perturbadora, uma duna de areia soprada pelo vento e não um canteiro de obras onde se poderão estabelecer vínculos sociais confiáveis. Quando as redes de comunicação eletrônica penetram no habitat do indivíduo consumidor, estão equipadas desde o início com um dispositivo de segurança: a possibilidade de desconexão instantânea, livre de problemas e (presume-se) indolor de cortar a comunicação de uma forma que deixaria partes da rede desatendidas e as provaria de relevância, assim como de seu poder de ser uma perturbação. É esse dispositivo de segurança, e não a facilidade de estabelecer contato, muito menos de estar junto de maneira permanente, que torna esse substituto eletrônico da socialização face a face tão estimado por homens e mulheres treinados para operar numa sociedade mediada pelo mercado.<sup>147</sup>

*A Terceira Era.* O batista Harvey Cox Jr. ao descrever o sagrado na era secular, postulou que a história do cristianismo podia ser dividida em três grandes períodos desiguais. Um primeiro momento, que o chamou de “era da fé”, compreendendo os três primeiros séculos, foi marcado pelo binômio *koinonía/martyría*, pois viver a fé em comunidade com perseguições era ter esperança, abraçando-a, como fez Jesus, obediente ao Pai. Mais tarde, surge a “era

<sup>146</sup> BAUMAN, Z., Amor líquido, p. 12.

<sup>147</sup> BAUMAN, Z., Vida para consumo, p. 137-138.



da crença”: ainda que semeada no primeiro século, é oficializada junto ao cristianismo como religião oficial do Império. Para o autor, esta era, que chega até o último século, substituiu a fé em Jesus pela crença e catecismos em torno dele. Por fim, este início do milênio seria marcado, como é proposto, por um terceiro momento histórico: a “era do Espírito”, expressão tomada do monge Joaquim de Fiore, do século XIII, justificando que depois da era do Pai (Primeiro Testamento) e do Filho (tempo da Igreja), seria o momento do Espírito, sem hierarquias, e os cristãos viveriam em contato direto com Deus. Para ele, a experiência de fé e crença mudaram hoje: “Entrar na igreja de Saddleback, com suas imensas telas de TV, música ambiente, café e uma variedade de ‘tendas’ musicais mais parece entrar num *shopping* do que pisar numa catedral. Sua lógica arquitetônica é horizontal, não vertical”<sup>148</sup>. E deixa bem claro que hoje as pessoas buscam, nas igrejas, mais aspectos da experiência religiosa do que os aspectos doutrinas e, como Sweet, vê este momento atual como um retorno ao primeiro século da era cristã, sem credos, sem hierarquia e tendo a fé como bússola.

*A devotio post-moderna em nova versão.* Tomando a expressão da forma de consciência de Peter Berger (1929-2017) como *homiless mind* (a consciência sem abrigo), o teólogo português João Manuel Duque (1964) justifica o retorno da religião – ou a necessidade desesperada dela – numa versão *soft* e que se mostra leve, desenraizada e descomprometida. Ainda que com rascunhos e contornos, a *religião soft* se caracteriza da seguinte forma: é assumida como salvação individual, em compensação da angústia causada pela chamada “era do vazio” e que leva a um clientelismo religioso de base consumista; possui uma espiritualidade selvagem e de bricolagem, no imenso mercado de crenças, símbolos, ritos e bênçãos, onde seu único interesse é a felicidade pessoal; e, se selvagem, é também anti-institucional, revelando rebeldia e descaso frente às igrejas tradicionais; há um “efeito rebote” institucional de integrismo frente ao declínio da participação dos fiéis, com uma postura pré-moderna, de reafirmação fiel à doutrina, sobretudo escrita, frente aos ritos e gestos de piedade, da forma mais fideísta possível, chegando ao fanatismo; recorrendo à sensibilidade e à corporeidade, de outro lado, vemos um (re)encantamento religioso travestido de misticismo difuso, com forte incoerência doutrinal e apoiada na experiência existencial, buscando algo de

---

<sup>148</sup> COX, H., O futuro da fé, p. 25.

sagrado em toda parte; e, não menos importante, a estreita ligação do mercado religioso com o *mass media*, onde a fé se sujeita aos meios de comunicação para expor a oferta sagrada, os templos, os sacerdotes virtuais, e percebendo que o *mass media*, quase sempre, dessacraliza o encantamento do religioso<sup>149</sup>.

*Jesus na Disneylândia.* Por mais esquisito ou extravagante que pareça, este é o título de um dos trabalhos de David Lyon (1948): *Jesus in Disneyland – Religion in Posmodern times*, no ano 2000. Ele concorda que a religião, como se concebe modernamente estruturada, é inapropriada e pobre para a sociedade atual: “o mundo das simulações, que perturba ou destrói um sentido (moderno) da realidade, se vê com prazer na Disneylândia. São produtos da racionalidade modernista que se celebram em seu santuário da Disneylândia”<sup>150</sup>. Esta metáfora é bastante apropriada porque apresenta cristãos que estão preocupados com o espetáculo e o bem-estar e acabam por se tornar vítimas religiosas da sedução consumista. A figura de Jesus se torna “disneyficada”, porque é tomada por qualquer situação a qualquer um que queira buscar novas fontes de significado espiritual.

Mas também se trata, sem dúvida alguma, de um Jesus pós-moderno. Como comenta o teólogo Henry Maier, ainda que se busque uma relação pessoal com Deus, as pessoas desejam “um Deus mais fácil, mais rápido, sem perturbação, que se possa colocar no micro-ondas”. Para muitos, a cruz segue sendo um estorvo – e sempre o será –, mas, ao juízo de Meier, Jesus é popular porque “é pluralista, acolhe os estranhos, acolhe as mulheres, está contra a religião organizada e a favor da justiça. Jesus vem vestido com a roupa de nossa cultura”<sup>151</sup>.

*Uma religião servida “a la carte”.* Este qualitativo francês é bastante usual na maioria das literaturas que discutem religião e pós-modernidade. No final do século passado, Mardones<sup>152</sup> já apontava algo, para desmistificar o argumento de que o retorno das experiências religiosas seria anti-moderno; pelo contrário, é moderno por adaptar os dogmas e os costumes ao gosto dos indivíduos, relativizando os conteúdos religiosos<sup>153</sup>. Na virada do milênio, o Instituto Santo

<sup>149</sup> DUQUE, J. M., Para o diálogo com a pós-modernidade, p. 128-134.

<sup>150</sup> LYON, D., Jesús en Disneylandia, p. 14.

<sup>151</sup> LYON, D., Jesús en Disneylandia, p. 204.

<sup>152</sup> MARDONES, J. M., Postmodernidad y cristianismo, p. 125.

<sup>153</sup> Citando Lipovetsky: “Se é crente, mas *a la carte*, se mantém tal dogma, se elimina outro, se mesclam os Evangelhos com o Alcorão, o Zen e o Budismo, a espiritualidade se situa na idade kaleidoscópica do supermercado e do auto-serviço” (VATTIMO, G., En torno a la posmodernidad, p. 83). Josep Otón destaca um ressurgimento religioso que, acompanhado do apetite consumista moderno, é revestido de neomisticismo, religião *a la carte* e supermercado espiritual, e com eles um

Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte, realizou em outubro de 1997, uma semana de estudos que resultou num debate com os principais teólogos e especialistas do Brasil, com o tema *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso no limiar do Terceiro Milênio*. Já se falava de um surto religioso que carecia de um tônus crítico-social. De cunho terapêutico<sup>154</sup>, se “permite que as pessoas assumam os elementos das religiões que no momento lhes satisfaçam os anseios”<sup>155</sup>. A lei da oferta e da procura também vale para as crenças, onde persuasão e sedução entram em disputa com os fiéis: “transfere-se para o indivíduo as escolhas religiosas que antes cabiam à família, ao grupo e à cultura. E ele decide à base das vantagens que os produtos oferecem”<sup>156</sup>. É interessante como, por exemplo, as Jornadas Mundiais da Juventude – que acontecem desde 1985, criadas por São João Paulo II – também se movem por esse espírito de supermercado da fé, como apresentou Hervieu-Léger, em seus dados de pesquisa. Ali, “cada um circula e ‘abastece seu carrinho’ em função de suas necessidades e suas preferências encontrava-se, nessa ocasião, com a realidade totalmente concreta de um ‘salão do catolicismo’, em que cada corrente tinha seu estande”<sup>157</sup>.

*O freguês tem sempre razão.* As igrejas nem sempre seguem este ditado, mas frequentemente o assimilam, dizia Peter Berger há décadas: “se quiserem sobreviver, as Igrejas devem atender sempre mais aos desejos de seus membros. A oferta das Igrejas deve comprovar-se num mercado livre”<sup>158</sup>. O tema da freguesia é decorrente do anterior, ainda que aqui se queira distinguir o balcão pelo qual passa o prato *a la carte* do cliente que desfruta do desejo adquirido. Por isso que a pertença a uma religião não garante mais o futuro religioso do cliente. Nas palavras de Reginaldo Prandi (1946), “a religião não é mais para sempre, e só dura enquanto durar a capacidade de troca que se pactua de ambos os lados, do serviço e do

---

quinhão de aspectos supersticiosos e esotéricos (OTÓN, J., *El reencantamiento espiritual posmoderno*, p. 56).

<sup>154</sup> O professor Silas Guerriero aponta que “há na sociedade atual um conjunto significativo de práticas e serviços que prometem bem-estar a seus adeptos e que têm, em lugar de destaque, a tríade corpo-mente-espírito como componente central de seus discursos. Muitas dessas atividades tiveram origem em tradições religiosas distantes e exóticas, como as religiões orientais ou os xamanismos indígenas. Para muitos de seus adeptos, notadamente, aqueles que se dizem sem religião, essas práticas nada têm de religiosas, embora sejam profundamente espirituais no sentido em que buscam o desenvolvimento de uma espiritualidade interior. (VILHENA, M., *Religião e consumo*, p. 153.)

<sup>155</sup> LIBÂNIO, J. B., *O sagrado na pós-modernidade*. In: CALIMAN, C. (org.), *A sedução do sagrado*, p. 62.

<sup>156</sup> LIBÂNIO, J. B., *Qual é o futuro do cristianismo?*, p. 131.

<sup>157</sup> HARVIEU-LÉGER, D., *O peregrino e o convertido*, p. 103.

<sup>158</sup> BERGER, P.; LUCKMANN, T., *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*, p. 63.

consumidor. Desencantos e desentendimentos são respondidos com mais uma nova escolha”<sup>159</sup>. De mãe e mestra, a Igreja transformou-se, para muitos críticos, em uma prestadora de serviços especializados, e a crise recai precisamente na atitude do freguês que, antes fiel, agora “afrouxa sua relação interna com a Igreja em medida considerável, também com aquilo que a Igreja proclama no campo da fé e da moral”<sup>160</sup>. Em contrapartida,

no mesmo espírito da cultura de consumo, as religiões, apropriadas pela lógica do consumo, adequam suas liturgias, discursos, promessas e ofertas com o intuito de cativar o indivíduo em busca de felicidade, autorrealização, enfim, de um lugar onde ele se encontre, com cujas propostas possa se identificar e corrobore com suas expectativas narcisistas.<sup>161</sup>

### 2.2.3.

#### Turistas: uma Babel rumo ao infinito

O céu é o limite! Já ouvimos muitas vezes este *slogan* para justificar a força, o dinamismo e a intensidade rumo ao infinito. Mas ela é mais antiga do que possamos imaginar:

O mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras. Ao emigrar do oriente, os homens encontraram uma planície no país de Senaar, e aí se estabeleceram. E disseram uns aos outros: Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo! Utilizaram tijolos em vez de pedras, e piche no lugar de argamassa. Disseram: «Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos dispersarmos pela superfície da terra». Então o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E o Senhor disse: «Eles são um povo só e falam uma só língua. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro». O Senhor os espalhou daí por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade. Por isso, a cidade recebeu o nome de Babel, pois foi aí que o Senhor confundiu a língua de todos os habitantes da terra, e foi daí que ele os espalhou por toda a superfície da terra.<sup>162</sup>

<sup>159</sup> BARRERA, P., Fragmentação do sagrado e crise das tradições na pós-modernidade. In: TRASFERETTI, J., Teologia na pós-modernidade, p. 457, n. 36. Em outra pesquisa, Ayres dirá que “igreja e religião passaram a ser artigos a mais no balcão de opções” da pós-modernidade. (AYRES, A., Como entender a pós-modernidade, p. 37.)

<sup>160</sup> HALÍK, T., Não sem esperança, p. 42.

<sup>161</sup> COSTA, R., A espiritualidade do consumo, p. 268.

<sup>162</sup> Gn 11,1-9.

Nesta conhecida história bíblica, que relata a ira de Deus diante da pretensão humana de chegar ao céu, Bauman & Mauro se inspiram para que se projete, aqui, a última alegoria escolhida para sintetizar o espírito moderno em sua fase líquida:

Como aconteceu em Babel, as línguas perseguem umas às outras e se sobrepõem, fragmentos de informação se substituem antes de produzir uma ideia. “Notícia”, diz Todd Gitlin, “diz respeito ao evento, não à condição subjacente; à pessoa, não ao grupo; ao conflito; não ao consenso; ao fato que ‘promove a história’, não àquele que a explica’. [...] Mas, num mundo sem contexto, mil cacos de informação nada acrescentam ao conhecimento.”<sup>163</sup>

A segunda Babel<sup>164</sup>, agora convertida na megalópolis pós-moderna, além de fragmentar os vínculos coletivos e o ritmo das comunidades modernas, acabou por originar uma nova classe de cidadãos, na qual este *civilitas* aparece como estrangeiro, um ser invisível para seus companheiros e que, sobrevivendo em diversas circunstâncias, acaba por construir um mundo externo que foi capaz de destruir internamente<sup>165</sup>. E para que se fale sobre Babel, é preciso apresentar aqui outra personagem que integra mais uma cena: o turista. Este tipo alegórico já foi muito explorado por Bauman em vários momentos. O primeiro deles foi no início dos anos 90, quando falava sobre a ética. Percebeu que necessitava encontrar novas formas de descrever os tipos de comportamentos na nova fase da modernidade. Ainda que juntos, colocou, de um lado, o “vagabundo”, um peregrino sem destino que vagueia em meio a esperanças e experiências frustradas; e de outro, temos o “turista”, que também vive de forma errante<sup>166</sup>, mas com liberdade, privilégios e segurança. Ele dizia que

é a habilidade estética do turista – sua curiosidade, necessidade de diversão, vontade e capacidade de viver experiências novas e agradáveis e agradavelmente novas – que parece possuir liberdade quase total de espaçar o mundo de vida do turista; a espécie

<sup>163</sup> BAUMAN, Z., Babel, p. 94-95.

<sup>164</sup> O dominicano Carlos Mendoza-Álvarez (1961) dedica sua obra *O Deus escondido da pós-modernidade* a buscar, desde a filosofia atual, razões históricas para falar de Deus nos escombros da modernidade. Para tanto, utiliza-se da metáfora de Babel porque, como ela, outras torres foram derrubadas e hoje se faz urgente – tomando a expressão de Queiruga – uma “teologia parteira”, capaz de enxergar nos sofrimentos do tempo presente e nos seus escombros, as dores do parto.

<sup>165</sup> UHÍA, J. C., La sociedad Revelada, p. 59-64.

<sup>166</sup> Michel Maffesoli traça uma linha temporal para dizer que na fase pré-moderna a figura do sábio era bastante forte e respeitada e que foi substituída, na modernidade, pelo especialista, ao qual anda escapa de seus olhos científicos. Hoje, porém, reaparece a figura do errante: “a errância seria a expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos.” (MAFFESOLI, M., Sobre o nomadismo, p. 28-29.)

de liberdade com a qual mal pode sonhar o vagabundo que depende das rudes realidades dos lugares visitados para viver e que só pode evitar desprazer escapando. Os turistas pagam por sua liberdade.<sup>167</sup>

Em outro trabalho, eles já aparecem com os qualitativos de vítimas (os vagabundos) e heróis (os turistas) da sociedade<sup>168</sup>. A vida turística, por exemplo, vem de encontro com o eixo da estratégia pós-moderna de fazer com que uma identidade nunca se fixe, porque o turista possui a arte de não pertencer ao local por onde visita, não cria raízes, guarda distância dos outros e viaja sem preocupação, apenas com poucos pertences numa bagagem de mão, porque “agora é o menor, mais leve e mais portátil que significa melhoria e ‘progresso’”. Mover-se leve, e não mais aferra-se a coisas vistas como atraentes por sua confiabilidade e solidez<sup>169</sup>.

A cultura do *self* e do presentismo é a marca registrada da nova geração. As principais redes sociais e meios de comunicação reforçam e legitimam este tipo de comportamento. E não faltam aplicativos de *photoshop* pra que a imagem pareça a mais perfeita possível, pois assim o é no mundo virtual: as pessoas precisam aparecer sempre felizes e prósperas. Profeticamente alertava Kumar, no século passado:

O domínio do espacial, argumentam alguns autores, estende-se mesmo ao sentido de *self* e identidade pessoal. O “sujeito descentralizado” da teoria pós-moderna não pensa mais na sua identidade em termos históricos ou temporais. Não há mais expectativa de um desenvolvimento contínuo por toda a vida, nenhuma história de crescimento pessoal no tempo. Em vez disso, o *self* pós-moderno considera-se uma entidade descontínua; como uma identidade, ou identidades, constantemente construídas e reconstruídas em tempo neutro.<sup>170</sup>

E aqui nos toca um perigo que perpassa o coração destes heróis: “fixar-se muito fortemente, sobrecarregando os laços com compromissos mutuamente vinculantes, pode ser positivamente prejudicial, dadas as novas oportunidades que surgem em outros lugares”<sup>171</sup>. Por isso os turistas não param e estão sempre à busca de novos prazeres e oportunidades, insaciavelmente. Eles “se movem poque acham o mundo a seu alcance (global) irresistivelmente *atraente*. Os vagabundos se

<sup>167</sup> BAUMAN, Z., *Ética pós-moderna*, p. 274.

<sup>168</sup> BAUMAN, Z., *O mal-estar da pós-modernidade*, p. 106-120.

<sup>169</sup> BAUMAN, Z., *Liquid Modernity*, p. 21.

<sup>170</sup> KUMAR, K., *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*, p. 157.

<sup>171</sup> BAUMAN, Z., *Liquid Modernity*, p. 21.

movem porque acham o mundo a seu alcance (local) insuportavelmente *inóspito*<sup>172</sup>. Tais circunstâncias chegam ao cúmulo de – como nas experiências turísticas de cidades históricas – servir-se do rito sem a profissão de fé. E isso se passa de forma corriqueira, lembrava o historiador Eric Hobsbawn (1917-2012) em uma de suas histórias publicadas em obra póstuma:

Lembro-me de um serviço funeral organizado por uma faculdade de Oxford em nome de uma senhora soviética sistematicamente descrente para seu marido britânico apaixonadamente ateu, porque, como explicou ela, não parecia correto se despedir dele sem um ritual qualquer. Apesar de totalmente irrelevante, a cerimônia anglicana, numa fé que ela não conhecia e à qual não dava a mínima importância, foi a única de que pôde dispor naquele momento. Na realidade, os mais racionalistas entre nós por vezes lançam mão das mais primitivas simpatias para obter as graças dos dirigentes de nosso desconhecido futuro, como “bater na madeira” ou “cruzar os dedos”, que são os equivalentes do cristão “se Deus quiser” ou do muçulmano “inshallah”.<sup>173</sup>

Hervieu-Léger realizou estudos intensivos a partir desta temática dentro do espaço religioso. Visitando a comunidade ecumênica de Taizé<sup>174</sup>, na França, buscou entender a dinâmica dos diversos jovens peregrinos que ali buscavam abrigo. “Taizé é uma verdadeira Torre de Babel”, afirmou. O que se passa ali, chamou de um “probabilismo crente”:

Há pessoas muito diferentes, crentes e não crentes. “Às vezes parece que todos estão à procura de alguma coisa, mas eles próprios não sabem muito bem o que é”. O probabilismo crente – eu creio em alguma coisa, mas não sei exatamente em quê” – encontra aí uma legitimidade de expressão, no meio e em paridade com outras formas de expressão de fé. É isso que, em todo o caso, os jovens que vão para Taizé expressam espontaneamente: ‘Aqui, cada um se sente um pouco em casa, ninguém é rejeitado’.<sup>175</sup>

E em outras partes de sua pesquisa vão aparecendo outros sinais concretos de como estas “experiências turísticas” vão acontecendo neste cenário de

<sup>172</sup> BAUMAN, Z., Globalização, p. 101.

<sup>173</sup> HOBBSAWN, E., Tempos fraturados, p. 238.

<sup>174</sup> A comunidade cristã ecumênica de Taizé, foi fundada pelo irmão Roger, em 1940, em Borgonha, na França, durante a II Guerra Mundial. Com uma centena de membros mesclando católicos e protestantes, buscam, através da meditação cristã, acolher milhares de jovens semanalmente provenientes do mundo todo, com retiros, músicas e momentos de deserto. A ideia da comunidade é criar um espaço para que o jovem reencontre sua espiritualidade e retorne para sua comunidade de origem.

<sup>175</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 93.

multiplicidade de línguas e confissões religiosas. Estes errantes são “crentes passeadores”, que se pautam pela “difusão do crer individualista, pela disjunção das crenças e das pertenças confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas”<sup>176</sup>. Uma outra expressão familiar neste contexto é a dos chamados “católicos não-praticantes”<sup>177</sup>, que se dizem pertencentes à comunidade sem permanecer nela quotidianamente, salvo momentos esporádicos de ritos de passagem, onde a crença acaba por escapar das mãos da instituição religiosa. Por mais que a socióloga reforça a ideia dos peregrinos errantes na vida religiosa, Bauman, por exemplo, sinaliza que os turistas, hoje, foram transformados por aqueles:

Na vida do turista, a duração da estada em qualquer lugar mal chega a ser planejada com antecipação; tampouco o é o próximo destino. A peculiaridade da vida turística é estar em movimento, não chegar. Ao contrário daqueles seus antecessores, os peregrinos, as sucessivas escalas dos turistas não são estações pelo caminho, uma vez que não há nenhum objetivo que lhes acene, no fim das viagens da vida, que pudesse convertê-los em estações. [...] As escalas são acampamentos, não domicílios.<sup>178</sup>

E não dá para falar de turista sem falar de espetáculo, porque todo bom viajante espera fortes emoções e surpresas durante seu passeio. O acelerado desenvolvimento econômico no pós II Guerra Mundial, na década de 1950 e a democratização da cultura na sociedade neoliberal, foi desenhando no Ocidente o que chamaríamos de uma cultura do espetáculo, onde “o primeiro lugar na tabela de valores vigentes é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é paixão universal”<sup>179</sup>. Este imperativo do presentismo, por consequência, provoca, além da perda da memória histórica, qualquer tipo de referencial para projetos futuros<sup>180</sup>. O divertimento em si sempre fez parte de todas as sociedades ao longo da história. O que nos preocupa é a proporção com que se mede nos últimos tempos:

Só um puritano fanático poderia reprovar os membros de uma sociedade que quisessem dar descontração, relaxamento, humor e diversão a idas geralmente

<sup>176</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 28.

<sup>177</sup> HERVIEU-LÉGER, D., O peregrino e o convertido, p. 41-46.

<sup>178</sup> BAUMAN, Z., O mal-estar da pós-modernidade, p. 114-115.

<sup>179</sup> LLOSA, M., A civilização do espetáculo, p. 29.

<sup>180</sup> ESTRADA, J. A., El cristianismo en una sociedad laica, p. 185.



enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes imbecilizantes. Mas transformar em valor supremo essa propensão natural a divertir-se tem consequências inesperadas: banalização da cultura, generalização da frivolidade e, no campo da informação, a proliferação do jornalismo irresponsável da bisbilhotice e do escândalo.<sup>181</sup>

E diante deste cenário, propor a fé cristã é mais que um desafio e exige de nós, discípulos de Cristo, uma forte sensibilidade à história e ao tempo presente. É preciso assumir a experiência de Pentecostes – da festa judaica das colheitas, da alegria e da abundância – nesta modernidade líquida, não como reparação do que se deu em Babel e nem a reconstrução da unidade prévia que se dava antes dela, mas acolher o pluralismo<sup>182</sup> no qual nos encontramos como riqueza e oportunidade:

Dialogar com as espiritualidades pós-modernas não é trair a identidade cristã, mas pelo contrário, continuar sendo fiel a sua vocação de abrir-se à cultura de cada momento e não se esconder atrás dos muros das falsas seguranças que bloqueiam a dinâmica da fé.<sup>183</sup>

E aqui se encerra este capítulo com a doce lembrança do Concílio Ecumênico Vaticano II, historicamente descrito como a primavera da Igreja e um novo Pentecostes para o Povo de Deus. Nesse desejo de diálogo e abertura, reservo este parágrafo da constituição pastoral *Gaudium et Spes*, tão esperada pelos padres conciliares e que continua a desafiar a Igreja neste início de milênio:

Eis a razão por que este sagrado Concílio, proclamando a sublime vocação do homem, e afirmando que nele está depositado um germe divino, oferece ao gênero humano a sincera cooperação da Igreja, a fim de instaurar a fraternidade universal que a esta vocação corresponde. Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido.<sup>184</sup>

<sup>181</sup> LLOSA, M., A civilização do espetáculo, p. 30.

<sup>182</sup> O filósofo Rossano Pecoraro, influenciado pelas ideias do italiano Vattimo, lembrava que “o cristianismo, de resto, enquanto ligado à tradição metafísica e à certeza dogmática de possuir a verdade e os princípios primeiros, é essencialmente violento. É necessário, portanto, que ele se liberte e entre na Babel pós-moderna como portador de uma ideia de laicidade, plural e ecumênica”. (PECORARO, R., *Nihilismo e [pós] modernidade*, p. 123-124.)

<sup>183</sup> OTÓN, J., *El reencantamiento espiritual posmoderno*, p. 208.

<sup>184</sup> GS 3.

É este sinal de esperança que buscamos quando pensamos no espaço que a teologia e a fé devem ocupar no mercado aberto da pós-modernidade. Temos muito a fazer. O que segue, num segundo bloco, será rever um pouco da caminhada do nosso povo latino-americano e perceber quão profundo e desafiador foi e é para nós o trabalho da semente da Boa Nova do Evangelho.

## No coração de Aparecida: em busca de um itinerário catequético permanente

*“Do alto do barco místico da Igreja, também nós, e não em menor grau, sentimos a tempestade que nos cerca e nos assalta. Mas ouve também da nossa boca, Irmãos, vós - pessoalmente mais fortes e corajosos do que nós -, a palavra de Jesus, com a qual Ele, aparecendo entre as ondas tempestuosas, numa noite cheia de perigos, gritou aos seus discípulos: «Sou eu, não tema» (Mt 14,27). Esta é para a Igreja uma hora de encorajamento e confiança no Senhor.”*<sup>185</sup>

Uma grande expectativa foi gerada nos teólogos e bispos que preparavam a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (2007): a confirmação de que o papa Bento XVI<sup>186</sup> (1927) viria ao Brasil para iniciar os trabalhos desta conferência, realizada em 2007, no Santuário Nacional de Aparecida – SP. Tal sentimento advém de uma preocupação de muitos participantes, já que sempre o discurso inaugural do papa daria o ritmo de toda a assembleia. É fato que o encontro de Santo Domingo havia sido traumático devido aos representantes papais terem assumido a dianteira dos trabalhos. A V conferência já vinha se estendendo e até cogitavam de não mais acontecer, já que se passavam quinze anos desde Santo Domingo e, tradicionalmente, a cada decênio os bispos se reuniam para retomar a comunhão pastoral. E mais: a figura do teólogo Ratzinger como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé – entre 1981 e 2005 – causou inquietação, agora como papa, de como se expressaria frente à teologia latino-americana e aos trabalhos aqui realizados.

<sup>185</sup> PAULO VI, PP, Abertura da II Conferência de Medellín, p. 1.

<sup>186</sup> Joseph Ratzinger nasceu em Marktl am Inn, no território da Diocese de Passau (Alemanha), a 16 de abril de 1927. Nomeado Cardeal em 1977 e Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé em 1981, Decano do Colégio Cardinalício desde 2002, foi nomeado papa após a morte de São João Paulo II, de quem foi fiel colaborador, no ano de 2005. De 1946 a 1951 estudou filosofia e teologia na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Frisinga e na Universidade de Munique. Em 29 de Junho de 1951 foi ordenado sacerdote, junto com seu irmão de sangue. Em 1953 formou-se em teologia com a dissertação "Povo e Casa de Deus na Doutrina da Igreja de Santo Agostinho". Em 1957 fez a livre docência com um trabalho sobre: "A teologia da história de São Boaventura". Entre as suas publicações, numerosas e qualificadas, teve particular eco a "Introdução ao cristianismo" (1968), muito veiculado até hoje. Durante o Concílio Vaticano II participou como teólogo perito, inclusive dando aulas aos bispos da América Latina nos intervalos das sessões conciliares. No dia 25 de março de 1977, São Papa Paulo VI nomeou-o arcebispo de Monastério e Frisinga. Eleito papa no dia 19 de abril de 2005, protagonizou algo raro nos últimos séculos, renunciando ao papado em 11 de fevereiro de 2013. Hoje, com 95 anos, vive recluso no mosteiro *Mater Ecclesia*, dedicando-se à oração e ao estudo. Mesmo lembrado como “papa emérito”, é o papa de maior longevidade da história da Igreja, sucedido por Leão XIII (1810-1903), que governou até os 93 anos. (*Biografia de Sua Santidade Bento XVI.*)

No entanto, Bento XVI impressionou a todos desde sua chegada ao Brasil. Reunido com os bispos brasileiros na tarde de sexta-feira, 11 de maio de 2007, fez a seguinte ressalva:

Entre os problemas que afligem a vossa solicitude pastoral está, sem dúvida, a questão dos católicos que abandonam a vida eclesial. Parece claro que a causa principal, dentre outras, deste problema, possa ser atribuída à falta de uma evangelização em que Cristo e a sua Igreja estejam no centro de toda explanação. As pessoas mais vulneráveis ao proselitismo agressivo das seitas - que é motivo de justa preocupação – e incapazes de resistir às investidas do agnosticismo, do relativismo e do laicismo são geralmente os batizados não suficientemente evangelizados, facilmente influenciáveis porque possuem uma fé fragilizada e, por vezes, confusa, vacilante e ingênua, embora conservem uma religiosidade inata.<sup>187</sup>

E, de maneira especial, faz um apelo ao episcopado brasileiro diante da situação fragilizada da evangelização às portas da assembleia:

É necessário, portanto, encaminhar a atividade apostólica como uma verdadeira missão dentro do rebanho que constitui a Igreja Católica no Brasil, promovendo uma evangelização metódica e capilar em vista de uma adesão pessoal e comunitária a Cristo. Trata-se efetivamente de não poupar esforços na busca dos católicos afastados e daqueles que pouco ou nada conhecem sobre Jesus Cristo, através de uma pastoral da acolhida que os ajude a sentir a Igreja como lugar privilegiado do encontro com Deus e mediante um itinerário catequético permanente.<sup>188</sup>

É com essa afirmação que se guia este capítulo: revisitar a caminhada da Igreja latino-americana e identificar os elementos essenciais de uma ação verdadeiramente evangelizadora. *“Uma árvore é conhecida por seu próprio fruto”*<sup>189</sup>, disse Jesus; e é nesta trilha da comunidade lucana que se buscará saborear os frutos desta experiência eclesial.

### 3.1.

#### Um sopro inspirador na Igreja latino-americana

*“Daremos tudo o que for necessário do nosso tempo, reflexão, coração, meios etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários, compartilhando a vida operária e o trabalho.”*<sup>190</sup>

<sup>187</sup> BENTO XVI, PP, Encontro e celebração das vésperas com os bispos do Brasil n. 3.

<sup>188</sup> BENTO XVI, PP, Encontro e celebração das vésperas com os bispos do Brasil n. 3.

<sup>189</sup> Lc 6,44.

<sup>190</sup> BEOZZO, J., Pacto das catacumbas, p.38.

A evangelização sempre foi uma constante e parte constitutiva da natureza da Igreja. O evangelista Marcos, por exemplo, apresenta nas primeiras palavras de Jesus a proclamação do Reino de Deus, seguida de conversão e da fé professada<sup>191</sup>. Já a comunidade mateana encerra seu Evangelho com a aparição do Ressuscitado que ordena a formação de discípulos na comunhão sacramental e fiéis ao mandamento do amor<sup>192</sup>. Com o dever da Igreja de propagar a fé e a salvação de Cristo, os padres durante o Concílio Vaticano II (1962-1965) assim se expressaram:

A missão da Igreja realiza-se, pois, mediante a atividade pela qual, em obediência ao mandato de Cristo e aos impulsos da graça e da caridade do Espírito Santo, ela se torna atual e plenamente presente a todos os homens ou povos para os conduzir à fé, liberdade e paz de Cristo, não só pelo exemplo de vida e pela pregação, mas também pelos sacramentos e pelos restantes meios da graça, de tal forma que lhes fique bem aberto um caminho livre e seguro para participarem plenamente no mistério de Cristo.<sup>193</sup>

É neste intuito que deixaremos aqui registradas algumas reflexões que possibilitaram um caminho aberto para a catequese e a iniciação à vida cristã no continente. São muitas histórias e personagens que por aqui passarão entre as alegrias e esperanças dos homens e mulheres de nosso tempo.

### 3.1.1.

#### **Nos caminhos de uma catequese evangelizadora**

À luz do evento conciliar, os bispos latino-americanos, ao final da II Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia, emitiram uma carta aos “Povos da América Latina”<sup>194</sup>, assumindo inúmeros compromissos para a evangelização no continente, inclusive na promoção de uma evangelização nova e uma catequese que chegasse a todos, elites e massas, para se alcançar uma fé lúcida e comprometida. E, curiosamente, logo em seguida, aparece o desejo de “renovar e criar novas estruturas na Igreja que institucionalizem o diálogo e canalizem a colaboração entre os bispos, sacerdotes, religiosos e leigos”<sup>195</sup>. A fonte inspiradora do documento de Aparecida permite-nos, aqui, alcançar os rincões da serena Medellín.

<sup>191</sup> Mc 1,14-15.

<sup>192</sup> Mt 28,16-20.

<sup>193</sup> AG 5.

<sup>194</sup> CELAM, *Las cinco conferencias generales del episcopado latinoamericano*, p. 75-81.

<sup>195</sup> CELAM, *Las cinco conferencias generales del episcopado latinoamericano*, p. 79

A quarta e última sessão do Concílio Vaticano II iniciou no dia 14 de setembro de 1965. Era outono. E foi aí que alguns bispos, liderados por dom Manuel Larraín Errázuris (1900-1966)<sup>196</sup>, bispo de Talca, no Chile, e presidente do CELAM, propuseram a chegada da primavera na América Latina. Ele mesmo disse: “O que vivemos é impressionante; porém, na América Latina não estamos muito atentos aos nossos próprios sinais dos tempos, o concílio passará ao largo de nossa Igreja, e quem sabe o que virá depois”<sup>197</sup>.

E assim sugeriram que na ocasião do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional, previsto para 1968, pudesse acontecer uma segunda conferência episcopal, à luz da experiência conciliar que fazia vibrar os prelados. Com a ilustre presença do papa Paulo VI, pela primeira vez na América Latina, este participou dos festejos do congresso eucarístico, sagrou a catedral de Bogotá e abriu os trabalhos da conferência episcopal, no dia 24 de agosto de 1968. Como a capital colombiana sempre foi muito fria, os bispos optaram por realizar os trabalhos na cidade de Medellín, mais tropical e acolhedora. Estiveram presentes no grande seminário diocesano 45 arcebispos, 86 bispos, 70 sacerdotes e religiosos, 19 leigos e 09 participantes de outras denominações religiosas<sup>198</sup>.

Desde o documento de trabalho até o documento final, a assembleia buscou ter como princípio a dimensão da fé e vida: a realidade do povo latino-americano numa primeira aproximação, depois buscar na reflexão teológica luzes para a missão da Igreja e, num último momento, projeções pastorais desde a Igreja visível e suas estruturas. Várias conferências foram apresentadas seguindo a dinâmica dos

<sup>196</sup> Nascido em Santiago, de uma família católica e abastada economicamente, é um dos homens de maior destaque no Chile da primeira metade do século XX, sendo o pioneiro da reforma agrária em seu país. Depois de cursar Direito na Universidade Católica do Chile, decidiu entrar na vida religiosa, em 1922, ordenando-se sacerdote em 1927. Onze anos depois foi nomeado bispo de Tala, ao sul do país. Durante o Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro, no ano de 1955, dom Larraín chamou dom Helder Câmara para propor algo semelhante ao que o Brasil teria feito, anos antes, criando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A ideia era criar um órgão pastoral que colaborasse na comunhão com os outros países vizinhos. E assim nasceu o CELAM (Conferência Episcopal Latino-americana), no mesmo ano, ao final do congresso. Lembrado como um bispo aberto e acolhedor, durante o Concílio Vaticano II, encontrou-se novamente com dom Helder e, juntos, buscaram uma Igreja que tivesse os pobres como opção preferencial, participando inclusive do famoso “pacto das catacumbas”, assumindo a pobreza junto a dezenas de bispos durante o concílio. Já como presidente do CELAM desde 1964 e sonhando com os preparativos de Medellín, acabou sofrendo um acidente automobilístico que o levou à morte, em 22 de junho de 1966. (HOORNAERT, E., Errázuris, Manuel Larraín. In: PASSOS, J. D.; SANCHES, W. (org.), Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 349.)

<sup>197</sup> GODOY, M., Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano. In: PASSOS, J. D.; SANCHES, W. (org.), Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 211.

<sup>198</sup> SARANYANA, J., Cem anos de teologia na América Latina, p. 82.

documentos que depois seriam apresentados. Mas chama a atenção, justamente pelo tema deste trabalho, a exposição de dom Samuel Ruiz Garcia (1924-2000)<sup>199</sup>, bispo de Chiapas, México, que falou sobre *A evangelização na América Latina*. O prelado foi um dos sete bispos convidados a discursar durante toda a assembleia, protagonizando a defesa da causa indígena desde sua experiência pastoral. Já no início, a semelhança com as provocações em Aparecida, anos depois, são nítidas e, porque não dizer, atualíssimas:

Devemos acabar com o mito de que a América Latina é um continente católico. Se a Igreja é um lugar de fé, esperança e caridade, esse conceito não se realiza na América Latina. E isso podemos atestar: as injustiças sociais, os sincretismos religiosos, o ateísmo e a incredulidade manifestas, o tradicionalismo ilustrado na recepção e administração mais mecânica que pastoral dos sacramentos, o individualismo na religiosidade, o laicismo das instituições, a penúria vocacional, a insuficiência do clero para a atenção pastoral, etc. Todas estas coisas são bem mais sintomas de uma Igreja em fase de implantação, que sinais de uma Igreja jovem e vigorosa.<sup>200</sup>

E mais: discursando sobre a necessidade de mudança na Igreja latino-americana, afirma que a nossa evangelização – desde o século XVI – foi incompleta e com instrução memorística e moralista, e constata que “se na Igreja primitiva se batizava aos convertidos, nossa tarefa hoje é, ao contrário, a de converter os batizados”<sup>201</sup>. Mesmo diante dos esforços dos missionários na propagação da fé e conversão dos povos indígenas, descuidou-se, desde o início, do caminho catecumenal que a Igreja busca recuperar no terceiro milênio, inspirando-se nas comunidades primitivas.

Dividido em três grandes grupos, o documento final apresenta o trabalho das 16 comissões compostas, inspiradas fortemente no espírito e na letra da constituição

<sup>199</sup> Nasceu no dia 03 de novembro de 1924, na cidade de Irapuato, estado de Guanajuato, região centro-oeste do México. Filho de pais católicos fervorosos, o jovem Samuel foi criado em ambiente de perseguição à Igreja, que efervesceu justamente no ano em que nasceu, já que seu pai estava engajado politicamente como ativista. Entrando para o seminário aos 13 anos, foi testemunhando uma reaproximação entre a Igreja e o Estado mexicano, sobretudo com a diplomacia do papa Pio XII. Ordenou-se sacerdote em 1949, em Roma, e doutorou-se em Sagrada Escritura, em 1952. Retornando a seu país, foi professor e reitor do seminário diocesano. Em 1960 foi nomeado bispo de São Cristóbal de las Casas. Ao chegar na diocese, viu o contraste social entre latifundiários de um lado e indígenas na miséria de outro, além de um clero escasso. Formou um plano pastoral que abrigava três atitudes: ensinar o castelhano aos índios, vestir-lhes calçados e melhorar sua dieta. Isso foi a forma que encontrou também de combater o protestantismo e o comunismo. Faleceu em 24 de janeiro de 2011. (FACHIN, P., Samuel Ruiz García e as origens da Teologia Indígena, p.1)

<sup>200</sup> CELAM, La Iglesia en la actual transformación de América Latina a la luz del Concilio, p. 147.

<sup>201</sup> CELAM, La Iglesia en la actual transformación de América Latina a la luz del Concilio, p. 162.

pastoral *Gaudium et Spes*, do Vaticano II. Num primeiro grupo, denominado de “Promoção Humana”, estão dispostos os documentos sobre a Justiça, Paz, Família e demografia, Educação e Juventude; depois, um segundo grupo textual sobre a “Evangelização e crescimento da fé”, com a Pastoral popular, Pastoral das elites, Catequese e Liturgia; e, por fim, um terceiro bloco sobre a “Igreja visível e suas estruturas”, com os documentos sobre o Movimento dos leigos, Sacerdotes, Religiosos, Formação do Clero, Pobreza na Igreja, Pastoral de Conjunto e Meios de comunicação social. Foi um momento que deixou marcas profundas na história da Igreja da América Latina, como lembrou Galilea:

Depois de Medellín, pode-se falar legitimamente de uma Igreja latino-americana, de uma pastoral latino-americana, de uma teologia latino-americana. [...] Pode-se falar em caráter fundacional em uma Igreja que quer renovar-se, fiel ao Concílio, abordando decididamente os desafios de uma “nova sociedade”. Daí em diante, ela será referência necessária a todo discurso teológico e pastoral latino-americano.<sup>202</sup>

Uma coisa, entretanto, chama a atenção quanto à dimensão da catequese. Alguns dias antes do início da II Conferência, aconteceu a VI Semana Internacional de Catequese, inclusive no mesmo espaço reservado aos bispos, em Medellín. Lideradas pelo jesuíta Johannes Hoffinger<sup>203</sup> (1905-1984), as semanas internacionais de catequese foram um marco referencial na promoção da evangelização nas décadas de 1950 e 1960. No final da primeira metade do século XX, o movimento catequético já suscitava inúmeras iniciativas de renovação pastoral da catequese, ampliando o espaço doutrinal e catecismal que já era sedimentado por ela há séculos. Por isso, como acontecia com os congressos eucarísticos, as semanas internacionais de catequese buscavam irradiar este projeto

<sup>202</sup> GALILEA, S., A mensagem de Puebla, p. 16.

<sup>203</sup> O sacerdote austríaco nasceu em Tirol, no dia 21 de março de 1905 e, além de teólogo, propagou a linha da catequese querigmática da primeira metade do século XX. Ingressou na companhia de Jesus em 1925, sendo convidado para colaborar na preparação do Concílio Vaticano II, de maneira especial na produção do documento *Sacrosanctum Concilium*. Na verdade, ele não aderiu plenamente às ideias antropológicas da Semana de Medellín, que era como que um desmembramento do movimento que ele havia iniciado. Para ele, esta temática era sem fundamento e sem futuro na catequese. Foi por isso que ele ficou à margem das discussões em Medellín, até porque não dominava o castelhano e a língua portuguesa, dominantes durante este encontro. Depois de assessorar em vários países com os temas de liturgia e catequese, faleceu aos 14 de fevereiro de 1984, em New Orleans-EUA. Ele foi o grande mentor dos congressos e semanas de catequese em nível internacional. (LIMA, L. A., Medellín e a renovação da catequese na América Latina. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson [org.]. Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina, p. 262, nota 58.)



renovador e suscitando novas lideranças naquilo que depois o Vaticano II irá buscar na restauração do catecumenato.

A primeira<sup>204</sup> semana internacional aconteceu em Eichstätt – Alemanha, de 21 a 28 de julho 1960, com o tema “Missão e Catequese”. A segunda semana aconteceu em Bangkok – Tailândia, entre 31 de outubro e 03 de novembro de 1962. A terceira foi realizada em Katigondo – Uganda, de 27 de agosto a 01 de setembro de 1964. A quarta semana em Manila – Filipinas, de 23 a 30 de abril de 1967. A quinta semana, no mesmo ano, acontece para despertar a renovação conciliar, na cidade de Aachen, novamente na Alemanha, de 11 a 17 de setembro, com o tema “O catequista depois do Concílio”. A sexta semana, já apresentada, acontece no continente latino-americano, em 1968. E a sétima e última semana se dá no ano de 1969, de 22 a 27 de junho, na cidade do Texas – EUA, com o tema “Meios de comunicação e catequese”<sup>205</sup>.

No Brasil, havia um grupo especializado de catequetas que também se deixaram envolver com a renovação conciliar, principalmente com o trabalho do padre Wolfgang Gruen, sdb (1927)<sup>206</sup>. O Brasil se preparou bem a Semana de

<sup>204</sup> Pe. Luiz Alves de Lima sublinha que há discordâncias na época sobre a numeração das semanas internacionais, inclusive afirmando que em alguns documentos da VI Semana de Medellín aparecem como sétima, e não sexta (LIMA, L. A, Medellín e a renovação da catequese na América Latina. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson [org.]. Medellín, p. 262). Não é por acaso que Ir. Nery afirma que a primeira semana internacional de catequese aconteceu em Nimega, na Holanda, no ano de 1959, modificando a numeração arquivística (NERY, I. J. Panorama da catequese, nos 40 anos do Concílio Vaticano II, p. 383). Confusão maior se dá quando encontramos, já em 1992, na *Revista de Catequese*, uma lista que antecede a semana de Medellín, misturando congressos de Roma, semanas missionárias e as semanas de catequese. As listas oficiais colocam todas as semanas internacionais na década de 1960 (*RETROSPECTIVA dos congressos...*, p. 77-78).

<sup>205</sup> Há uma apresentação detalhada destes encontros em: PLACIDA, F., *Comunicare Gesù*, p. 79-96.

<sup>206</sup> Nasceu em 29 de abril de 1927, em Niederfinow, na Alemanha, e residente no Brasil desde 1940. Formado no Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia, em Lorena (SP) entre 1944-1949 e no Instituto Teológico Pio XI (Seminário Maior, Lorena, 1950-1953), tem também Licenciatura Plena em Letras Anglo-Germânicas (1969-1972) e convalidação em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco (1970-1971). Foi professor da primeira graduação em Ciência da Religião no Brasil, na ocasião, em modalidade bacharelado, durante a década de 1970 na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Recebeu em 2006 o título de Doutor *honoris causa* em Teologia e Ciências Bíblicas pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. Sua nova visão foi elaborada com experiências e leituras ao mesmo tempo latino-americanas e europeias. Com essas bases interculturais e internacionais ele apresentou uma questão inédita no Brasil: a ruptura entre a catequese e o Ensino Religioso escolar. Com isso, lançou nova luz para o Ensino Religioso, que passou a desenvolver sentidos próprios na educação básica, sobretudo, pública. Ele mesmo conta que deixou a Alemanha, onde nasceu, ainda criança, fugindo da perseguição nazista; na Itália, a família, que era judia, se converteu à Igreja Católica. Foram morar na Inglaterra, para escapar do fascismo e, nos anos 1940, vieram de navio para o Brasil. Fluente em alemão, italiano, português, espanhol, inglês, francês, latim, hebraico e grego, é membro da Sociedade Latino-americana de Catequetas. (COSTA, M. Entrevista com Wolfgang Gruen, p. 306).

Medellín, promovendo um encontro nacional de catequese<sup>207</sup>, realizado de 1º a 05 de julho, no Rio de Janeiro. Foi um momento de revisão e orientação pastoral devido aos anos de chumbo que o Brasil passava, bem como a crise de identidade fora e dentro da Igreja, de leigos e religiosos, logo após o evento conciliar<sup>208</sup>.

Mais de 200 pessoas participaram da VI Semana de Medellín dos dias 11 a 18 de agosto de 1968, com o tema “Catequese e Promoção Humana” e o lema “Onde está a vossa fé”<sup>209</sup>. Pelo menos dois cardeais, 21 bispos e duas centenas de pessoas representavam os cinco continentes. Terminado o encontro, a equipe internacional entregou à comissão da conferência episcopal um texto produzido durante as reflexões.

Durante a assembleia dos bispos, cada um dos 16 documentos foi produzido por uma equipe de redatores e especialistas. E o documento número 8, sobre a catequese, foi quase que integralmente publicado com as contribuições da semana internacional, salvo algumas alterações<sup>210</sup>. Isso mostra, mais uma vez, a liberdade e a vivacidade com que foram conduzidos os trabalhos durante a Conferência. Além disso, a equipe responsável pela semana catequética enviou uma carta aberta intitulada *Orientaciones Generales de la Semana Internacional de Catequesis*, com 15 parágrafos destinados aos agentes de pastoral<sup>211</sup>.

É por isso que olhando agora mais de perto agora os destaques do documento final de Medellín sobre a catequese se descobre o documento final da semana internacional de catequese. A palavra-chave no documento 8 da conferência é “renovação”. Se tomamos pelo seu significado, chegamos aos sinônimos de “tornar novo”, “rejuvenescer” e “recomeçar”. Esta foi a intenção em Medellín! E esta renovação catequética aparece no texto em quatro facetas:

<sup>207</sup> Nesse momento, a CNBB contava com um grupo animado e bem preparado para os novos desafios da evangelização, dentre eles grandes nomes lembrados até hoje como dom Antônio Batista Fragoso (1920-2006), pe. Wolfgang Gruen (1927), sdb, pe. Hugo Assmann (1933-2008), pe. Hugo Vasconcelos de Paiva (1928-2008) e ir. Antônio Cecchin, fms (1927-2016).

<sup>208</sup> NERY, I., Catequese com adultos e catecumenato, p. 183-184.

<sup>209</sup> LIMA, L., Medellín e a renovação da catequese na América Latina. In: SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. [org.]. Medellín, p. 263.

<sup>210</sup> Alguns anos depois vai dizer padre Gruen: “O documento do CELAM sobre a catequese retomou basicamente as Conclusões da Semana Internacional, mas enfraquecendo-as notavelmente. Nessa forma enfraquecida é que elas foram oficializadas para a América Latina. Mesmo assim, o essencial ficou. E, pela primeira vez, catequetas do Primeiro Mundo olharão com interesse e respeito para a catequese latino-americana.” (GRUEN, W., Novas orientações para a catequese no Brasil, p. 37-38.)

<sup>211</sup> ORIENTAÇÕES gerais da Semana Internacional de Catequese, p. 642-646.

a) *A urgência pastoral.* O século XX foi testemunha de um mundo aceleradamente em transformação. É de se notar que a renovação catequética esteja em plena fidelidade a Deus, que confia sua mensagem de salvação à Igreja, e ao homem, que necessita desta mesma mensagem para a sua salvação. Mesmo diante da crescente secularização, a América Latina é banhada por forte piedade popular mariana e, com isso, o pedido de acompanhá-la mais de perto, purificando aquilo que precisava e valorizando outros elementos presentes;

b) *As características de um novo momento.* A renovação catequética acontece quando se manifesta profunda unidade entre o plano salvífico de Deus e as experiências humanas. Mais uma vez nos encontramos no coração da *Gaudium et Spes*, que nos traz notas densas de antropologia teológica. É característico, ainda, que a catequese conserve seu caráter dinâmico evolutivo, seja no dinamismo da liturgia celebrada ou, ainda, na autêntica verdade revelada e confiada à Igreja;

c) *Algumas prioridades.* Como conteúdo essencial da catequese, a salvação integral em Cristo – partindo da teologia da revelação –, não pode ser marginalizada. É neste sentido que o autêntico ser cristão que se busca em meio ao processo de mudança social e ao pluralismo religioso, a unidade da fé é salvaguardada em suas diversas formas eclesiais. E é aqui, no número 9, que aparece uma expressão muito cara à iniciação cristã e a toda a igreja latino-americana: a catequese “tem que ser iminentemente evangelizadora, sem propor uma realidade de fé, senão depois de oportunas comprovações”<sup>212</sup>. Mais uma vez se reafirma que a ideia de um continente ser majoritariamente católico não descarta a constatação de “muito sacramento e pouca prática evangélica”, até mesmo porque o cenário dos países ao redor de Medellín falava por si só quanto à miséria e injustiça. O adulto e a evangelização dos batizados é a palavra de ordem do documento, tendo em conta (1) a desintegração da família, a (2) ignorância religiosa dos adultos e (3) a escassez de comunidades de base. Dentre as prioridades se destaca ainda a importância da família, como “igreja doméstica” e a chamada cultura da imagem já assinala naquele tempo como um sinal dos tempos para a Igreja.

d) *Meios para a renovação.* Para tal feito, a equipe de reflexão da VI Semana Internacional já havia sugerido que era necessário que cada conferência se

---

<sup>212</sup> DM 8, § 9.

organizasse com equipes nacionais, regionais e diocesanas para o acompanhamento dos grupos de base. Chama a atenção que a equipe nacional, com seu testemunho de vida, colaborasse neste acompanhamento seja pelas técnicas pedagógicas no ensino catequético, em pessoas especializadas e devidamente preparadas para este novo tempo, seja ainda quanto às diversas situações econômicas para o bom desenvolvimento da caminhada catequética. Cada uma destas instâncias precisaria preparar pessoas capacitadas e exclusivas para esta função, formando catequistas sobretudo com as dimensões psicossociais e promovendo, além de catequistas leigos para o serviço, diáconos ordenados para o ministério da Palavra de Deus.

O ano de 1968 na América Latina reproduz uma plêiade de encontros, gestos, projetos e esperança que, nas palavras do pe. Grüen, representa a primeira sistematização e codificação de uma mudança qualitativa na iniciação cristã:

Em duas palavras podemos resumir assim a mudança que se deu. O movimento querigmático havia procurado superar o intelectualismo dos séculos precedentes insistindo não só na *salvação* (principalmente da alma) mas na *história da salvação*; e nela, ao nexo indispensável que há entre história do povo e Palavra de Deus. Consequentemente, a catequese passou a falar mais da história do povo de então (Bíblia) e de hoje. O princípio estava certo; sua aplicação, porém, era insuficiente. História *contada* ainda não é história: é narrativa. Na América Latina é que se fez a verdadeira mudança que o movimento querigmático apenas vislumbrou: incorporou-se ao conteúdo da catequese a história vivida, realizada; e não só momentos fortes, mas a atuação lenta e firme dentro do próprio processo histórico em sua macrodimensão. A história vivida passou a ser não apenas ponto e partida (motivação pedagógica), mas parte integrante do conteúdo da catequese.<sup>213</sup>

Em outro momento, pe. Lima testemunha que de tantos assuntos preciosos e que deveriam ser retomados da vivacidade de Medellín, a categoria teológica da unidade do plano de Deus – que acalorou os debates do encontro nacional do Rio de Janeiro – é reafirmada em nível latino-americano:

sem cair em simplificações e superando todo dualismo, a catequese deve manifestar a unidade do plano de Deus, unidade entre o projeto salvífico de Cristo e as aspirações humanas, entre história da salvação e a salvação humana, entre revelação de Deus e experiência do homem.<sup>214</sup>

<sup>213</sup> GRUEN, W., Novas orientações para a catequese no Brasil, p. 36-37.

<sup>214</sup> LIMA, L. A, Medellín e a renovação da catequese na América Latina. In: SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (org.), Medellín, p. 265.

E de forma efusiva e festiva, a Revista Medellín, nos 10 anos da conferência de Puebla, lançou um número interessante: de Puebla, lança um olhar às fontes de Medellín e já amarrava alguns debates para a IV conferência de Santo Domingo que ainda estava sendo germinada. O brasileiro padre José Marins escreveu uma crônica, narrando muitos detalhes do encontro de 1968, do qual integrou o grupo de participantes. Ele explicita que não faltou tensões nos debates:

No que se refere ao conteúdo dos trabalhos, sentimos desde o início que era importante precisar mais cientificamente a problemática continental. O recente encontro latino-americano de catequese, que precedera de poucos dias à própria Conferência e no qual estiveram atuando vários participantes, havia insistido clara e contundentemente numa posição profética da Igreja como corpo conjunto, diante dos problemas do povo, do qual subia um surdo clamor de sofrimento e que colocava na Igreja as suas esperanças de apoio e de orientação.<sup>215</sup>

### 3.1.2.

#### **Tempo de cultivar a semente em terra boa**

Como já visto, a partir da II Conferência de Medellín, a Igreja latino-americana experimentou um novo paradigma evangelizador à luz do evento conciliar. A intenção aqui é não apenas registrar o que segue na história do nosso povo, mas de que forma a Igreja foi tomando consciência e respondendo aos apelos da sua missão na segunda metade do século XX.

Por isso, temos em mãos um instrumento valioso para entender todo o processo de renovação catequética, as chamadas Semanas Latino-americanas de Catequese, sediadas em Quito (1982), Caracas (1994) e Bogotá (2006). E aqui mais uma particularidade: cada uma delas é reflexo e resposta às inquietações e propostas deixadas pelos bispos nas conferências de Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

A década de 1970 foi marcada pela renovação catequética “na prática”, momento no qual a América Latina adquire a consciência com notas de sua originalidade no grande concerto da Igreja universal<sup>216</sup>, não mais importando e adaptando as ideias europeias, mas buscando seu gênio cultural histórico:

<sup>215</sup> MARINS, J. Crônica sobre Medellín, p. 24.

<sup>216</sup> PONTES, P., La catequesis latino-americana al impulso de Medellín y Puebla, p. 134.

Medellín como início e Puebla como culminação foram o marco e começo de uma nova era na Igreja latino-americana. Não se deve esquecer, no entanto, que por detrás de Medellín e Puebla, urgindo e inspirando, estava o Concílio Vaticano II. Puebla, por outro lado, assumiu decididamente a imensa riqueza da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, toda ela inspirada por sua vez no mesmo Concílio.<sup>217</sup>

Prova de uma reflexão consciente e frutuosa são os processos que nasceram de vários acontecimentos: a publicação do Diretório Catequético Geral (1971), o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA (1972), um Sínodo dos Bispos sobre a Evangelização (1974), o programa missionário de São Paulo VI na carta magna *Evangelii Nuntiandi* (1975), um Sínodo dos Bispos sobre a Catequese (1977) e a exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (1979), de São João Paulo II, que encerra uma década de renovação conciliar.

*a) A força da comunidade catequizadora*

Como naquele agosto de 1968, mais uma vez, às vésperas da III Conferência Episcopal de Puebla, em 1979, o DECAT – Departamento de Catequese do CELAM – publica um documento com alguns pontos para iluminar as discussões que se dariam com os participantes de dentro e de fora<sup>218</sup> da assembleia. Entusiasmados com o recente sínodo dos bispos, o documento considerava a catequese como tarefa prioritária na pastoral latino-americana. E, por isso, alguns temas se destacam, como o perfil do catequista, a catequese permanente, a dinâmica de grupos e as técnicas audiovisuais<sup>219</sup>. Algumas destas propostas já haviam sido apresentadas há pouco, durante o Sínodo de 1977, sobretudo ao reafirmar que na América Latina se vivia uma “catequese situacional”, isto é, profeticamente uma catequese que conhecia as diversas situações como lugar catequético, bem como a situação de injustiça e opressão que exigiam do catequista anúncio e denúncia.

Foi nesse espírito que, de 03 a 10 de outubro de 1982, na cidade de Quito, no Equador, aconteceu a I Semana Latino-americana de Catequese e que contou com 100 participantes provindos de quase todas as conferências latino-americanas, exceto Cuba, El Salvador e Nicarágua. Na representação brasileira, havia ao menos

<sup>217</sup> RODRÍGUEZ, N., Primera evangelización y evangelización “nueva” a la luz de Medellín y Puebla, p. 123.

<sup>218</sup> Com não poucas tensões – relata o pe. José Comblin às vésperas da conferência de Aparecida – o perigo de uma teologia da libertação atrelada aos ideais marxistas e os governos ditatoriais fez com que pelo menos 40 teólogos ficassem hospedados ao redor do local da conferência, trocando informações sobre as linhas de ação e preparação do documento final. (COMBLIN, J. Puebla de los Ángeles, p. 09.)

<sup>219</sup> GRZONA, R. La catequesis en América Latina: orientaciones del Magisterio, p. 828.

nove participantes<sup>220</sup>, tendo como tema “A comunidade catequizadora no presente e no futuro da América Latina”. De fato, ao mesmo tempo em que este encontro reforçou a intenção de uma leitura mais consciente e ampla da conferência de Puebla, a Semana de Quito – principalmente no foco da temática escolhida – enfraquece a opção catequética e evangelizadora de Medellín. Vez e outra se percebe um “morde e assopra” com avanços e retrocessos, fruto da tensão política e eclesial deste período. Muitos chamavam a I Semana latino-americana de “Puebla Catequética”<sup>221</sup>.

Quarenta anos depois, poderíamos dizer que a palavra de ordem que inspirou esta Semana de Quito foi “resistência”. A teóloga dra. Solange Maria do Carmo, a respeito dos critérios teológicos de Puebla, lembrava que “enquanto a Igreja de Medellín se preocupava com a construção da comunidade humana, em Puebla alguns bispos se mostram preocupados com a comunhão eclesial e o fortalecimento da instituição Igreja”<sup>222</sup>.

Ainda assim, era possível sentir uma “catequese implícita”, que tentava driblar o enrijecimento da cúria romana e da presidência do CELAM naquele momento:

A fidelidade ao homem latino-americano exige da catequese que penetre, assuma e purifique os valores de sua cultura. Por isso, que se empenhe no uso e adaptação da linguagem catequética. Em consequência, a catequese deve iluminar com a Palavra de Deus as situações humanas e os acontecimentos da vida para descobrir neles a presença ou a ausência de Deus.<sup>223</sup>

<sup>220</sup> Dos participantes brasileiros: dom Albano Cavallin – bispo auxiliar de Curitiba e responsável pela linha 3 da CNBB (Catequese), pe. José Geeurickx – assessor nacional da linha 3, sra. Maria Augusta de Souza – arquidiocese de Natal (RN), pe. Ralfy Mendes de Oliveira – perito convidado do CELAM, pe. Luiz Alves de Lima – diretor do curso superior de catequese de São Paulo, Israel José Nery – religioso lassalista e catequeta, ir. Visitatio Lemos Gibson – coordenadora do regional leste II, do Recife (PE) e o pe. Maucyr Gibin – assessor do departamento de liturgia do CELAM (CAVALLIN, A., A I Semana Latino-americana de Catequese, p. 38-39).

<sup>221</sup> O testemunho do arcebispo dom Albano Cavallin (1930-2017), participante, comprova esta expressão (CAVALLIN, A., A I Semana Latino-americana de Catequese, p. 38-40), como também o de dom Paulo Eduardo Andrade Ponte (1931-2009) que, à época, era membro da Comissão Episcopal de Pastoral. Na década de 1980 foi também presidente do Departamento de Catequese do Celam e, membro do Conselho Internacional de Catequese (PONTES, P., La catequesis latino-americana al impulso de Medellín y Puebla, p. 135).

<sup>222</sup> CARMO, S. M., Catequese em Puebla: tensões e resistências. In: SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (org.), Puebla, p. 403.

<sup>223</sup> DP 996-997.

No discurso inaugural da I Semana, dom Felipe Santiago Benítez<sup>224</sup>, bispo de *Villarica del Espiritu Santo*, no Paraguai, e presidente do DECAT, lembrou que o objetivo daquele novo sopro do Espírito era “refletir sobre a Comunidade eclesial evangelizadora no presente e no futuro da América Latina, tendo em vista incrementar, coordenar e orientar a ação catequética do continente”<sup>225</sup>. Agrupados em dez grupos temáticos para discussão<sup>226</sup>, a Semana de Quito concentrou-se em quatro exposições centrais e com a ajuda de alguns peritos no assunto, a saber:

1. “*O processo da catequese na história da América Latina*”, assessorada por Jorge Vicente Micolta Piñeros (1932-2018), então diretor de catequese da arquidiocese de Bogotá, na Colômbia e sacerdote desde 1958.
2. “*A comunidade: fonte, lugar e meta da catequese*”, conduzida pelo padre Ralfy Mendes de Oliveira (1917-2008). Sacerdote desde 1950, compositor, foi assessor da CNBB, membro do DECAT e do Conselho Internacional de Catequese. Coube a ele o tema principal da semana, tendo em vista a larga experiência brasileira junto às comunidades eclesiais de base.
3. “*Alguns aspectos teológicos de nossa catequese latino-americana*”, exposta pelo padre mexicano Francisco Merlos Arroyo, sacerdote desde

<sup>224</sup> O prelado nasceu em 1º de maio de 1926, na cidade de Piribebuy, no Paraguai. Foi pároco em várias paróquias e ocupou cargos na cúria metropolitana. Ele foi o primeiro secretário da Universidade Católica do país. Ordenou-se bispo em 24 de setembro de 1961, servindo como bispo auxiliar de Assunção até 07 de setembro de 1965. Doutor em Teologia, promoveu os trabalhadores do JOC e fundou o Movimiento Obrero Católico (MOC). Interessado por jornalismo, foi diretor de Comunidade, da revista eclesial, catequese latino-americana, etc. Foi nomeado bispo de Villarica del Espíritu Santo em 15 de janeiro de 1966 e foi pastor por 23 anos (1966-1989). Trabalhou por 30 anos no Conselho Episcopal Latinoamericano, especialmente no Comitê Latinoamericano da Fé (1962-1972), no Departamento de Catequese e na primeira vice-presidência. Participou de três Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano: Medellín, Puebla e Santo Domingo. Atuou por quatro períodos consecutivos como presidente da Conferência Episcopal do Paraguai (1972-1984). Colaborou com a Santa Sé na comissão que preparou o Diretório Catequético Geral (1971), na Pontifícia Comissão para a América Latina, no Conselho Internacional para a Catequese e na Pontifícia Comissão para o Catecismo da Igreja Católica. Dedicou-se também à restauração do diaconato permanente dos homens casados, à ampla renovação da catequese, à promoção dos catequistas e à elaboração de textos. Era arcebispo de Assunção desde 1989, quando faleceu, em 19 de março de 2009. (MONSEÑOR Felipe Santiago Benítez..., p. 1.)

<sup>225</sup> CELAM, *La catequesis en América Latina y el Caribe*, p. 26.

<sup>226</sup> Relendo a conferência de Puebla, as rodas de debate foram: 1. A catequese e a opção pelos pobres; 2. Cristo como centro da catequese; 3. A formação de catequistas e a revalorização do ministério do catequista; 4. A religiosidade popular e o papel de Nossa Senhora na educação da fé de nossos povos; 5. A libertação integral e o seu papel de denúncia, anúncio, conversão e compromisso; 6. A paróquia como comunhão de comunidades; 7. A Bíblia na vida e a vida na Bíblia; 8. As comunidades eclesiais de base, lugares privilegiados de evangelização e catequese; 9. Meios de comunicação social, sobretudo os meios grupais como o teatro, a dança e a música; 10. A catequese permanente e sua ligação com a liturgia. (CAVALLIN, A., *A I Semana Latino-americana de Catequese*, p. 39.)



1965 e ali colaborava como professor de teologia pastoral e diretor do DECAT do CELAM.

4. “*Alguns aspectos da catequese latino-americana, hoje*”, ministrada pelo padre jesuíta Roberto Viola, do Uruguai, fundador da Sociedade de Catequetas Latino-americanos (SCALA). O sacerdote faleceu no ano de 2005.

Alinhando com a dezena de situações temáticas da pastoral latino-americana, as exposições principais conferem um ritmo metodológico ao evento: desde a realidade e a história dos nossos povos (J. Piñeros), nosso olhar se volta à comunidade de fé (R. Oliveira) que vive sua experiência como *sensus fidei* (F. Arroyo) e que precisa lançar seu olhar ao planejamento pastoral (R. Viola).

Não se pode perder de vista a continuidade de Medellín quanto à evangelização dos adultos e batizados:

**A ação catequética:**

Se dirigirá em forma simultânea aos grupos e às multidões. Ara estas últimas, resultam de muita eficácia as missões populares, convenientemente renovadas em uma linha evangelizadora.

Se favorecerá a catequese permanente, desde a infância até a velhice, pela mútua integração entre si das comunidades ou instituições que catequizam, a saber: família, a paróquia, os movimentos e as diversas comunidades ou grupos.<sup>227</sup>

De tudo o que foi refletido e projetado durante esta nova fase da evangelização na América Latina, chama-nos a atenção uma planilha tabulada com as impressões vindas de todos os países participantes e enviadas ao Celam. Nela encontramos avanços, tendências, tensões, carências e — a que destaco — expectativas<sup>228</sup>. Poderíamos dizer que esta pauta de ações funciona como que um projeto a longo prazo, mas no intuito de logo serem realizadas. Distantes já 40 anos deste impulso inovador, é difícil não perceber a atualidade de cada uma delas e necessidade de revisitar tais expectativas dentro do que já se conseguiu avançar neste início de terceiro milênio.

Vejamos:

<sup>227</sup> DP 1010-1011.

<sup>228</sup> GRZONA, R. La catequesis en América Latina, p. 831-839. Aqui o autor não só detalha as aspirações da I Semana, como também enriquece o documental com sínteses das reuniões feitas antes, durante e após a semana de Quito.

- o reconhecimento oficial por parte da hierarquia ao ministério do catequista;
- uma catequese que assegure a perseverança das várias etapas da vida, e não somente a iniciação (catequese permanente);
- maior presença da catequese nos movimentos leigos;
- dar aos leigos o lugar que lhe corresponda na catequese;
- considerar as comunidades eclesiais de base como centro renovador da catequese, fonte de liderança, militância cristã e ministérios leigos;
- aproximar a catequese aos fenômenos socioculturais mais relevantes da época;
- a religiosidade popular é o elemento indispensável na catequese;
- priorizar a catequese juvenil;
- optar com maior decisão por uma catequese de sinal libertador e de luta por justiça em favor dos mais necessitados;
- maior presença e apoio eficaz dos bispos e sacerdotes na catequese;
- sensibilizar, capacitar e atualizar os bispos, sacerdotes e religiosos sobre as tarefas da catequese.
- maior conhecimento e uso dos meios de comunicação social para a catequese.

Podemos concluir que é de se reconhecer que este clamor do povo de Deus continua latente aos nossos desafios de hoje. O processo de evangelização e iniciação à vida cristã continua a se esbarrar em inúmeras situações fragilizadas que retardam o avanço renovador previsto a tantos anos.

#### *b) Catequizar desde o coração das culturas*

Dos dias 18 a 24 de setembro de 1994, aconteceu a II Semana Latino-americana de Catequese, em Caracas, capital venezuelana, trazendo como tema “Rumo a uma catequese inculturada”<sup>229</sup> e que contou com 98 participantes, incluindo 22 bispos<sup>230</sup>. Já no documento de trabalho se prescreve o cenário eclesial nos idos da década de 1990:

Neste lapso de tempo vamos destacar três feitos importantes para a pastoral:

- a) a convocação feita por João Paulo II a uma Nova Evangelização, nova em seu ardor, nova em seus métodos e nova em suas expressões;

<sup>229</sup> Para aprofundar os temas desta Semana sugerimos o verbete “Catequese e inculturação da fé na América Latina”, escrito por Juan Manuel Benítez Hernández. Não deixando de falar sobre a Semana de Quito, enobrece a reflexão com um programa de evangelização junto à temática desta II Semana. (HERNÁNDEZ, J. M., Catequese e inculturação da fé na América Latina. In: PEDROSA, V. M. (et al), Dicionário de Catequética, p. 151-156).

<sup>230</sup> AHUMADA, E., La catequesis latinoamericana en los inicios de tercer milenio, p. 256.

- b) a IV Conferência do Episcopado Latino-americano (1992): Documento de Santo Domingo e
- c) a publicação do Catecismo da Igreja Católica – CICat.<sup>231</sup>

Mesmo que – segundo testemunhos<sup>232</sup> – esta II Semana tenha se perdido um pouco no tema da inculturação – devido a coordenação do cardeal conservador mexicano Javier Lozano Barragán (1933) –, não fraquejou ao deixar reflexões apropriadas para o nosso tempo. Para melhor compreender este processo, buscar-se-á debruçar um pouco sobre cada um destes eventos.

Na catedral de Porto Príncipe, no Haiti, São João Paulo II – em visita à América Central – fez o discurso de abertura da XIX Assembleia do CELAM. Na ocasião, fez conhecer o projeto de evangelização de seu pontificado, confiando-o também aos bispos da América Latina:

A comemoração de meio milénio de evangelização terá o seu significado pleno se for um renovado compromisso da vossa parte, como Bispos, juntamente com o vosso Presbitério e fiéis, compromisso não de reevangelização mas de uma evangelização nova. Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão.<sup>233</sup>

É possível notar, a princípio, um certo desencontro com as definições de Medellín, por exemplo. É muito claro quando os bispos assumem a chamada “re-evangelização” dos adultos na linha da *Gaudium et Spes*, ao falar de uma autêntica conversão pastoral por parte da Igreja em diálogo com o homem moderno: “devemos também revisar tudo aquilo que em nossa vida ou em nossas instituições possa ser um obstáculo para a ‘re-evangelização’ dos adultos, purificando assim o rosto da Igreja diante do mundo”<sup>234</sup>.

E o papa continua deixando claro que uma “nova evangelização” se concretizava em três pressupostos fundamentais. O primeiro com a tarefa dada aos bispos de suscitar novas vocações sacerdotais e preparando-as nos aspectos espiritual, doutrinal e pastoral, pois “a Igreja na América Latina necessita manter uma grande vitalidade, o que será impossível se não contar com sacerdotes numerosos e bem preparados”<sup>235</sup>. Segundo, com a missão de indicar aos leigos o

<sup>231</sup> CELAM, La catequesis en América Latina y el Caribe, p. 259.

<sup>232</sup> Nery, Catequese com adultos e catecumenato, p. 193.

<sup>233</sup> JOÃO PAULO II, PP., Discurso na abertura da XIX Assembleia do CELAM, n. III.

<sup>234</sup> DM 8, § 9.

<sup>235</sup> JOÃO PAULO II, PP., Discurso na abertura da XIX Assembleia do CELAM, n. III.

seu lugar na Igreja e na sociedade, buscando formá-los como fiéis colaboradores na obra evangelizadora. E, terceiro, retomando o documento de Puebla, que caminha junto às orientações do Evangelho e do Concílio Vaticano II. E com uma ressalva: “é necessário que se difunda e eventualmente se recupere a integridade da mensagem de Puebla, sem interpretações deformadas, sem reducionismos deformantes e sem aplicações indevidas de algumas das suas partes e eliminação de outras”<sup>236</sup>. Aqui caberia uma pergunta: e Medellín? Também não se encontra perfeitamente alinhada ao Evangelho e aos documentos conciliares?

Pensando neste projeto de uma nova evangelização, a II Semana de Caracas concentrou-se em quatro temas principais que se desdobram em conferências e aportes dos peritos convidados: 1. Jesus Cristo, centro da mensagem, é o modelo da catequese inculturada; 2. Memória histórica da inculturação da fé na América Latina; 3. Uma catequese inculturada, para uma nova evangelização; 4. A promoção humana é parte integrante de uma catequese inculturada.

No terceiro temário, por exemplo, o jesuíta Roberto Viola fez uma valiosa síntese do movimento catequético no século XX, em vistas da nova evangelização rumo ao novo milênio:

No século XX se pode falar de diferentes dimensões da catequese. Assim falamos de uma catequese que tem como centro o mistério salvador de Jesus, o Kerigma. Mais tarde vemos uma catequese que sublinha o antropológico-situacional. Logo aparece uma pregação centrada sobre as grandes inquietudes sócio-políticas. Ao mesmo tempo se acentua o comunitário neste ministério (tema da semana latino-americana de Quito: ‘a comunidade como fonte, lugar e meta da catequese’). E finalmente da catequese inculturada ou a catequese na Nova Evangelização.<sup>237</sup>

Pe. Viola busca aqui, quando apresenta os caminhos da catequese, elaborar uma nova síntese na caminhada catequética. O caminho percorrido pelos catequistas latino-americanos na história não pode ser tomado de forma linear, como uma linha do tempo, sobrepondo ideias e situações. A catequese é um organismo vivo que cresce e toma consciência do seu papel na evangelização.

Seguindo o objetivo central da II Semana de Caracas, o segundo acontecimento eclesial que pesa sobre os caminhos da evangelização neste período

<sup>236</sup> JOÃO PAULO II, PP, Discurso na abertura da XIX Assembleia do CELAM, n. III.

<sup>237</sup> VIOLA, R., Nueva Evangelización y Catequesis. In: CELAM, La catequesis en América Latina y el Caribe, p. 537.

é a IV Conferência Episcopal Latino-americana de Santo Domingo, na República Dominicana, de 12 a 28 de outubro de 1992. Não poderia deixar de reproduzir aqui o primeiro quesito que é a escolha da data porque, a princípio, o desejo era reunir os bispos na comemoração dos 10 anos de Puebla e o foco foi mudado:

Ela [a conferência] foi inserida no calendário de festividades da celebração dos 500 anos da América e isso não deixou de causar certo desconforto, pois a reação popular àquelas celebrações, denunciando que não se celebrava nenhuma “descoberta”, mas, sim, invasão, corria o risco de tornar-se também reação à própria conferência. O tema “Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã” e a preparação da conferência, ambos a cargo sobretudo de Roma, não encontraram eco imediato nas Igrejas do continente — e Santo Domingo permanece como que apêndice na vida da Igreja latino-americana, não tendo a influência eclesial desempenhada pelas duas conferências antecedentes.<sup>238</sup>

Dom Angélico Sândalo Bernardino, que também participou da assembleia, revelou:

Deixando de lado o “Documento de trabalho”, os bispos receberam a bênção do discurso inaugural do papa, as quatro “ponências” e se distribuíram em trinta grupos, segundo os diversos temas. Atiraram-se, nos 17 dias da Conferência, à elaboração do texto que — sobretudo pelo fator tempo e dinâmicas adotadas —, possui certas lacunas. Marcante é, por exemplo, a falta da elaboração histórica dos pontos positivos e negativos dos 500 anos de evangelização. O texto apresentado não recebeu a necessária aprovação do plenário, tendo ficado a parte histórica unicamente com cinco números no texto oficial final.<sup>239</sup>

O pe. João Batista Libânio, reconhecido mundialmente como um dos teólogos mais clarividentes da América Latina, expressou-se pontualmente sobre a tensão de continuidade ou não com as demais conferências, porque a metodologia em Santo Domingo encontrou recepção nas igrejas locais de duas formas: na assembleia dos bispos “se produziram inversões com respeito à linha criada por Medellín e, em parte, continuada por Puebla. Essas inversões fizeram seu caminho para dentro das Igrejas. Mas também em Santo Domingo houve acenos novos e criativos que trouxeram respiro”<sup>240</sup>.

E mesmo gerando tensões antagônicas nas quais, de um lado havia a força hegemônica autoritativa das instâncias romanas e, de outro, a força residual da

<sup>238</sup> MANZATTO, A., As primeiras conferências do CELAM, p. 4.

<sup>239</sup> BERNARDINO, A., Santo Domingo, p. 3.

<sup>240</sup> LIBÂNIO, J. B., Memória de Santo Domingo até nossos dias, p. 23.

dinâmica criada pelos bispos da assembleia, é preciso olhar com esperança ao rever estas páginas craqueladas da nossa América Latina:

A outra dinâmica, residual, vinha da memória de Medellín o verdadeiro ponto de partida de uma pastoral latino-americana da libertação. Retivera a relevância da presença de teólogos a assessorar livremente os bispos. E, embora muitos estivessem fora do círculo oficial da assembleia, eram consultados por bispos ou grupos deles. Permanecia ainda um sentido de autonomia das Igrejas particulares e de suas conferências, afeitas à discussão e à busca de consenso na liberdade e não da intromissão de poder externo. A experiência de Medellín e de colegialidade de muitas Igrejas do continente, ainda que enfraquecida, permanecia viva em Santo Domingo com momentos de liberdade e criatividade.<sup>241</sup>

Diante de tantos testemunhos que não esgotam a força espiritual que adentrou a Igreja nesta década de 1990, quase que como uma síntese, Manoel de Godoy finaliza seu testemunho com um aporte do teólogo Clodovis Boff:

Santo Domingo fez um ajuste pastoral na Igreja do continente, retomando o caminho tradicional da Igreja latino-americana, mas numa outra direção, um redirecionamento global. Saiu dali com a hierarquia mais reforçada, e conseqüentemente o enfraquecimento da Igreja-Povo de Deus, e com foco mais voltado para a sua missão religiosa, desviando-se de seu compromisso social das últimas décadas. Santo Domingo é música latino-americana, tocada com guitarra romana”.<sup>242</sup>

Na introdução da II Semana Latino-americana, para se chegar até o itinerário que conduz ao terceiro milênio, foi-se identificando algumas tônicas renovadoras da catequese ao longo do século XX: a acentuação do método, por exemplo, desde o Congresso de Munich (1928), a dimensão querigmática da catequese, bem difundida na primeira semana internacional de Eichstätt (1960), a acentuação antropológica, principalmente durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), a dimensão social e situacional que ganhou vida na Semana de Medellín (1968) e a acentuação solidária e comunitária, proclamada fortemente em Puebla (1979). E se pode completar dizendo que o acento no fim do II milênio era de uma catequese inculturada, na qual tendo o anúncio querigmático ao centro, desde a proposta de

<sup>241</sup> LIBÂNIO, J. B., Memória de Santo Domingo até nossos dias, p. 22.

<sup>242</sup> GODOY, M., Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano. In: PASSOS, J. D.; SANCHES, W. (org.), Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 215.

uma nova evangelização e promoção humana<sup>243</sup>, a mensagem de salvação chegasse a todas as culturas.

Santo Domingo nos recorda que Jesus Cristo deve chegar a todas as culturas valorizando-as em suas justas medidas já que “*não é a cultura a medida do Evangelho, mas o Evangelho é a medida de toda cultura*”. Os catequistas são chamados a evangelizar a cultura que como um esforço para compreender as mentalidades do mundo atual e iluminá-las desde o Evangelho.<sup>244</sup>

E muitos frutos da caminhada evangelizadora da América Latina são reconhecidos desde a sua autenticidade do testemunho evangélico, seja na dimensão comunitária, missionária, litúrgica, bíblica, ecumênica e sociotransformadora. E, à luz de Santo Domingo, os participantes da II Semana receberam este anúncio: “uma catequese fiel a Jesus Cristo, à Igreja e ao homem latino-americano, nos dias de hoje, além de ter presente todas as outras dimensões, há de apresentar uma dimensão fortemente cristocêntrica e revestida de um rosto autenticamente latino-americano”<sup>245</sup>.

E, por fim, um último acontecimento que acalorou fortemente os ânimos em Caracas foi a publicação do Catecismo da Igreja Católica<sup>246</sup>, por São João Paulo II, logo após o término da Conferência de Santo Domingo. Com isso, não faltaram iniciativas por parte dos dirigentes para colocar o novo Catecismo no centro das reflexões da IV Conferência. A mensagem de João Paulo II dirigida aos participantes, por intermédio do cardeal Ângelo Sodano (1927), conclama a Igreja

<sup>243</sup> O Documento de Consulta, publicado em língua portuguesa um ano antes da conferência, trazia, de forma específica, três parágrafos no último capítulo, direcionados à catequese (n. 563-565). Mesmo reconhecendo os frutos da caminhada latino-americana, o documento cita “catequeses excessivamente conceituais” e muitas experiências metodológicas que acabam por renunciar a conteúdos sérios. Estimula-se uma nova linguagem catequética e o uso da Bíblia nos vários momentos de encontro. (CELAM, Documento de Consulta, 564.)

<sup>244</sup> CELAM, *La catequesis en América Latina y el Caribe*, p. 264.

<sup>245</sup> CELAM, *La catequesis en América Latina y el Caribe*, p. 276.

<sup>246</sup> “O *Catecismo da Igreja Católica* (CICa) foi lançado em 11 de outubro de 1992 por meio da Constituição Apostólica *Fidei Depositum* do Papa João Paulo II a data de lançamento já vinculava o evento ao que motivou sua origem: o trigésimo aniversário de abertura do Concílio Vaticano II. A Constituição não somente revestiu o Catecismo de uma autoridade que lhe conferia a marca oficial católica, como, de fato, expunha as razões, o itinerário de construção, a disposição dos conteúdos e o valor doutrinal do novo Documento da Igreja. Tratava-se, de fato, de um marco histórico para a Igreja pós-conciliar, da realização de um evento que vinha cumprir os próprios objetivos do grande Sínodo, como explicou o Papa na Introdução do Documento: ‘Ao Concílio, o Papa João XXIII tinha confiado como tarefa principal guardar e apresentar melhor o precioso depósito da doutrina cristã, para tonar mais acessível aos fiéis de Cristo e a todos os homens de boa vontade. E o novo Catecismo vinha apresentar um compêndio da doutrina oferecida pelo Vaticano II.’ (PASSOS, J. D., *Catecismo da Igreja Católica*. In: PASSOS, J. D.; SANCHES, W. *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 80.)

latino-americana a facilitar o processo de recepção do catecismo e estimular processos para a publicação de catecismos locais, como um projeto para o terceiro milênio.

Às vésperas do encontro, a Congregação para o Clero também enviou uma carta ao CELAM, manifestando alegria pela proposta e enfatizando que pudesse ser um momento de renovação na catequese missionária, na formação e espiritualidade dos catequistas e na elaboração de instrumentos mais idôneos ao ministério profético que a Igreja confere: “se faça ressoar sempre mais capilar e com empenho a voz dos catequistas missionários que, em vosso continente anunciam a Cristo ‘raiz de toda evangelização, fundamento de toda promoção humana e princípio de toda autêntica cultura cristã’”<sup>247</sup>.

Dom Javier Lozano Barragán, bispo da diocese mexicana de Zacatecas e, na ocasião, presidente do Departamento de Catequese do CELAM, fez o discurso inaugural com o título *Reflexiones para la inculturación del Catecismo de la Iglesia Católica*. Com ele, traçou primeiro um panorama sobre o que é a inculturação desde os últimos documentos magisteriais. Depois, ofereceu algumas pistas para a inculturação do novo catecismo na evangelização da América Latina:

encontramos finalmente que a meta da inculturação do Catecismo da Igreja Católica é o crescimento da Igreja que se realiza pela encarnação da Mensagem na cultura para edificar de uma forma melhor a comunidade cristã. É fazer que a salvação universal se faça realidade em cada particularidade, que se dê um testemunho integral, declarado, atestado e gozoso da fé católica como algo vivo, crescente, sempre em movimento e que continuamente enfrenta o desafio da inculturação. É assim o Catecismo da Igreja Católica, um grande dom que recebemos para seguir construindo a única Igreja de Cristo, para seguir redefinindo a personalidade distinta de nossas Igrejas particulares em sua comunhão universal.<sup>248</sup>

De fato, a publicação do novo Catecismo – um pedido expresso de São João Paulo II e dos bispos no Sínodo de 1985 sobre a caminhada conciliar nos seus vinte anos – é de um valor inigualável em toda a história da Igreja, que durante os grandes concílios e assembleias sempre produziu material doutrinal para a educação da fé, como forma de *lex vivendi*. Seguindo a mesma estrutura do Catecismo Romano tridentino, o recente catecismo deixa-se enriquecer com inúmeras reflexões dos Padres da Igreja, que foram impulsionadas pelo movimento patrístico desde o

<sup>247</sup> CELAM, *La catequesis en América Latina y el Caribe*, p. 299.

<sup>248</sup> CELAM, *La catequesis en América Latina y el Caribe*, p. 333.



século XIX, e também pelos 16 documentos do Concílio Vaticano II. Tudo isso orquestrado pela mente brilhante do cardeal Ratzinger, que coordenou os trabalhos de reflexão e redação.

Não se pode negar a tensão que também existiu neste momento pós-conciliar. O Vaticano II não pretendia elaborar um catecismo normativo em suas inferências. Sugeriu apenas a publicação de um diretório que levasse em conta a renovação conciliar e os novos tempos. Aqui entendemos quando São Paulo VI dizia, numa alocução no ano seguinte à clausura conciliar, que o Concílio e seus textos eram o “Catecismo dos tempos modernos”<sup>249</sup>. E dele, muitas iniciativas foram tomadas em todo o mundo, como já observado.

À guisa de exemplo, citamos aqui o *Novo Catecismo*, prefaciado pelos bispos holandeses em 1966 e que foi propagado em inúmeros países, como resultado imediato das atribuições e teologia conciliar que precisavam chegar às comunidades. Na edição brasileira<sup>250</sup>, trazia-se inclusive a manchete na contracapa: “Tradução fiel da edição original do mundialmente famoso Catecismo Holandês”. Esta obra, inclusive, recebeu um suplemento de Roma, a partir das edições de 1970, como um opúsculo para corrigir as partes controvertidas do catecismo. Outro texto precioso e esquecido foi o pioneirismo brasileiro realizado pelo sacerdote paulino Franco Pierini (1931) quando, em 1967, publicou o *Catecismo do Concílio Vaticano II*, chegando a dizer que sua obra – uma espécie de entrevista com 614 perguntas e respostas – não era “uma espécie de concílio em pílulas. Pelo contrário, ele oferece aos outros catecismos as principais riquezas do Concílio Vaticano II, na espera que essas sejam assimiladas pela catequese”<sup>251</sup>. Nem mesmo a distância histórica e sua apresentação aos moldes tridentinos de catecismo, levou-o ao esquecimento bibliográfico:

<sup>249</sup> CT 3.

<sup>250</sup> INSTITUTO CATEQUÉTICO SUERIOR DE NIJMEGEN. *O Novo Catecismo: a fé para adultos*. São Paulo: Loyola, 1975. 6 ed. Outros países seguiram a trilha para sistematizar o Concílio em catecismos: “o do episcopado alemão: *Novo Catecismo Católico: Crer-Viver-Agir* (10-14 anos, 1971); o do episcopado italiano: *Não só de pão* (jovens, 1979); o do episcopado francês: *Pedras vivas* (9-11 anos, 1980); o da conferência episcopal espanhola: *Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja* (adultos relacionados com crianças de 9-11 anos, 1986); o da conferência episcopal alemã: *Catecismo Católico para Adultos. A fé da Igreja* (1988); o da conferência episcopal belga: *Livro da fé* (1987).” (HOLGADO, M.; ARÉS, V., Catecismos e Catecismo. In: PEDROSA, V. M. (et al), Dicionário de Catequética, p. 119-120)

<sup>251</sup> PIERINI, F., Catecismo do Concílio Vaticano II, p. 7.

Trata-se de um preciso trabalho de compor conteúdos catequéticos *ipsi verbis* dos textos conciliares, utilizando para tanto o esquema geral do Catecismo Romano. Ainda que esquecido, esse Catecismo demonstrou que é possível retirar do texto conciliar os conteúdos renovados da doutrina católica, sem repetir sua formulação tradicional; concretizou, por assim dizer, o que João XXIII havia dito em seu Discurso inaugural do Concílio; a distinção entre a substância da doutrina e seu modo de formulação.<sup>252</sup>

O atual catecismo continua sendo uma fonte preciosa da Tradição católica para auxiliar não somente os catequistas, mas todos que evangelizam e que precisam falar em nome da Igreja e dizer o que ela ensina, sobretudo aos batizados que desejam alcançar a maturidade da fé. Não resta dúvidas que o Catecismo da Igreja Católica é a porta de entrada para este íterim.

### 3.2.

#### A alegria de iniciar discípulos missionários

*“Lembra-vos daquilo que nos disse Bento XVI: «A Igreja não cresce por proselitismo. Cresce por atracção». E aquilo que atrai é o testemunho. Ser catequista significa dar testemunho da fé; ser coerente na própria vida. E isto não é fácil. Não é fácil! Gosto de recordar aquilo que São Francisco de Assis dizia aos seus confrades: «Pregai sempre o Evangelho e, se for necessário, também com as palavras». As palavras têm o seu lugar... mas primeiro o testemunho: que as pessoas vejam na nossa vida o Evangelho.”*<sup>253</sup>

O fim do segundo milênio e, de forma especial, o hiato entre as conferências de Santo Domingo e Aparecida, produziu muitos frutos e, porque não dizer um novo paradigma catequético. Alguns sinalizadores apontam para isto: a publicação do Catecismo da Igreja Católica<sup>254</sup> (1992), o Projeto Rumo ao Novo Milênio<sup>255</sup>

<sup>252</sup> PASSOS, J. D., Catecismo da Igreja Católica. In: PASSOS, J. D.; SANCHES, W. Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 84.

<sup>253</sup> FRANCISCO, PP, Discurso do Papa Francisco aos catequistas vindo a Roma por ocasião do Ano da Fé e do Congresso Internacional de Catequese, p. 1.

<sup>254</sup> Como já refletido anteriormente, o Catecismo da Igreja Católica é um grande dom e um maiores frutos do Concílio Vaticano II. O papa Bento XVI, um dos que coordenou sua publicação, ao abrir o Ano da Fé, em 2011, lembrava: “É precisamente nesta linha que o Ano da Fé deverá exprimir um esforço generalizado em prol da redescoberta e do estudo dos conteúdos fundamentais da fé, que têm no Catecismo da Igreja Católica a sua síntese sistemática e orgânica. Nele, de fato, sobressai a riqueza de doutrina que a Igreja acolheu, guardou e ofereceu durante os seus dois mil anos de história. Desde a Sagrada Escritura aos Padres da Igreja, desde os Mestres de teologia aos Santos que atravessaram os séculos, o Catecismo oferece uma memória permanente dos inúmeros modos em que a Igreja meditou sobre a fé e progrediu na doutrina para dar certeza aos crentes na sua vida de fé.” (PF 11.)

<sup>255</sup> Este Projeto veio unir os bispos do Brasil com suas comunidades à preparação do Jubileu do ano 2000, em comunhão com o papa João Paulo II que vivia este espírito de forma continental e unidos às Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. Foi uma ação eclesial que enfrentou

(1996-2000), o Diretório Geral para a Catequese<sup>256</sup> (1997) o Sínodo para a América<sup>257</sup> (1997), a II Semana Brasileira de Catequese<sup>258</sup> (2001), o Projeto Nacional de Evangelização “Queremos ver Jesus, Caminho, Verdade e Vida”<sup>259</sup>

muitas dificuldades, em meio à esperança: “Naturalmente não faltarão os que vão julgar presunçosa ou equivocada essa retomada da ‘pastoral de conjunto’ num momento histórico em que o individualismo e a fragmentação parecem ter penetrado profundamente a cultura em que vivemos e o próprio ambiente eclesial. ‘Cada um na sua’ é não só o lema, mas a prática efetiva da grande maioria, mesmo dos eclesiais e agentes de pastoral. Mas, como reação a essa situação, o Projeto parece encontrar acolhida entre os que estão convencidos de que a rendição à moda reinante do individualismo não é senão o primeiro passo rumo a ulteriores rendições e decepções. Por isso, o Projeto tem chances de se firmar e de representar um verdadeiro avanço da ação pastoral e evangelizadora”. (ANTONIAZZI, A., O projeto de evangelização da CNBB, p. 76.)

<sup>256</sup> Um dos pedidos expressos do Vaticano II no campo catequético era de publicar um diretório catequético, para auxiliar as comunidades e agentes de pastoral quanto ao trabalho evangelizador. O primeiro foi publicado em 11 de abril de 1971, com o título *Diretório Catequético Geral*; 25 anos depois, viu-se a necessidade de elaborar um outro, atualizando os documentos magisteriais de Paulo VI e João Paulo II. E assim o fez em 18 de setembro de 1997, com o título *Diretório Geral para a Catequese*. Como se vê: “aparentemente, este DGC está em função do *Catecismo*. No entanto, ele supera e muito essa perspectiva. Na verdade, ele recolhe todo o rico pensamento do movimento catequético que floresceu na Igreja durante o século XX. Sem dúvida nenhuma, dentre as várias publicações oficiais da Igreja sobre a missão e a natureza da catequese durante o século passado, esse DGC brilha como uma grande síntese e vem impulsionando, hoje e no futuro, a catequese em toda a Igreja. Quanto mais se lê, mais se aprecia o seu denso conteúdo. Trata-se de um verdadeiro tratado ou *vade-mécum* da catequese.” (LIMA, L., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 163-169.)

<sup>257</sup> Na carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, de 1994, São João Paulo II sugeriu, como primeira fase, que a preparação para o Jubileu do Ano 2000 fosse marcada com Sínodos continentais. Assim, de 16 de novembro a 12 de dezembro de 1997, aconteceu em Roma o *Sínodo para a América*, com grande densidade catequética. Quatro caminhos de propostas são levantados pelos padres sinodais e depois aprofundadas na exortação *Ecclesia in America* (1999): o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de conversão, caminho de comunhão e caminho para a solidariedade. A mensagem final da assembleia “assume um tom de proclamação da fé cristã e do sentido comunitário dessa fé, no Continente americano; e, em seguida, como que inspirada pela introdução da *Gaudium et Spes*, saúda as alegrias e anota as preocupações da Igreja na América; realça alguns desafios principais à evangelização e renova a grande afirmação da esperança da comunidade em Jesus. Assim, a Mensagem sintetiza, em um gênero literário próprio, os temas tratados durante o Sínodo. A formulação nos parece feliz e espelha as grandes linhas tomadas na Assembleia.” (ANJOS, M., Sínodo para a América, p. 11-35.)

<sup>258</sup> Transcorreu esta II Semana entre os dias 08 a 12 de outubro, na cidade de Indaiatuba (SP), refletindo o tema *Com adultos, catequese adulta* e o lema *Crescer rumo à maturidade em Cristo*, foi um momento que marcou não somente a re-centralização do adulto na catequese, mas a motivação para compreender a catequese dentro um processo com inspiração catecumenal. Neste encontro foi lançada uma nova edição do RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, revisada e com layout mais moderno, sendo reapresentado ao povo depois de 30 anos de sua publicação, já que ficara este tempo todo no esquecimento. Mesmo em um tom pessimista quanto ao resgate do RICA, a proposta encantou leigos e ministros ordenados e, a partir daí, várias comunidades foram estudando e colocando em prática a relação harmoniosa e sempre viva entre liturgia e catequese. Quando das contribuições para o Diretório Nacional de Catequese, o tema do RICA já estava tomando corpo nas discussões, principalmente com as dúvidas na sua aplicação. (LELO, A., Aplicação no Brasil do RICA, p. 5-20.)

<sup>259</sup> Este projeto dos bispos do Brasil agradou muito, quando se fala de novas ações e pensar novos caminhos para a evangelização, voltando às fontes da fé cristã e tornando a experiência com Jesus mais próxima das pessoas, especialmente as que estão mais distantes. Já se percebia em seus objetivos: “Anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, sua pessoa, vida, morte e ressurreição para proporcionar o encontro pessoal com Cristo, na comunidade, e ajudar a cada pessoa na adesão a ele e no compromisso de segui-lo, realizando a tarefa missionária por ele confiada à Igreja” (CNBB, Doc. 72, 3.3.).

(2004-2007), a III Semana Latino-americana de Catequese<sup>260</sup> (2006) e a publicação do Diretório Nacional de Catequese<sup>261</sup> (2006). Cada um deles contribuiu para que pouco a pouco se forjasse uma nova mentalidade eclesial que ganharia força na V Conferência de Aparecida.

Em meados do ano de 2001 foi proposto, em reunião ordinária do CELAM, o projeto de pensar uma nova conferência latino-americana. A partir de 2003, o assunto foi se estendendo aos grupos de reflexão e muitos diziam que o tema central seria a iniciação cristã. Mas o tema acertado foi “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele todos os povos tenham vida”. A formação dos discípulos missionários tem, por excelência, as mãos e o coração do catequista que acompanha como pedagogo e mistagogo<sup>262</sup>.

Inúmeros encontros preparatórios para a conferência foram sendo realizados<sup>263</sup>. E, claro, o departamento de catequese estava atento e, como em Medellín, colaborou diretamente no texto final da assembleia episcopal. Tanto o *Documento de Participação* como o *Documento de Trabalho* não apresentavam conteúdo denso de catequética, mas o Departamento de Catequese latino-americano já buscava, desde 1999, promover o catecumenato de adultos em seus eventos e

<sup>260</sup> Celebrada na capital colombiana de 1º a 05 de maio de 2006, a III Semana Latino-americana e caribenha de Catequese, buscou ser à Conferência de Aparecida aquilo que a VI Semana Internacional foi para Medellín: um aporte para pensar a iniciação à vida cristã dentro da grande dinâmica do discipulado. Adiante veremos com mais detalhes no texto.

<sup>261</sup> O Diretório Nacional de Catequese levou vários anos para nascer. Desde o término da II Semana Brasileira de Catequese, em 2001, o Grupo de Reflexão Catequética da CNBB (GRECAT), sentiu a necessidade de se atualizar o documento *Catequese Renovada*, de 1983, que ainda continuava a lançar luzes sobre a ação pastoral. Numa reunião deste grupo em 27 de outubro de 2001 se consta na ata: “o Diretório é uma exigência. Todos os países, após o Catecismo da Igreja Católica, elaboraram seus catecismos. Esperava-se que no Brasil fosse feito um catecismo para adultos como uma obra conjunta do episcopado brasileiro. Parece que agora é o momento oportuno para elaborá-lo, adaptando à nossa realidade o *Diretório Geral para a Catequese* de 1997. É importante dizer que o enfoque e a preocupação maior na elaboração do texto foi a catequese com adultos.” (LIMA, L., *Gênese e desenvolvimento do Diretório Nacional de Catequese*, p. 09.)

<sup>262</sup> LIMA, L., *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*, p. 208.

<sup>263</sup> “Una vez aceptada, el CELAM la preparo con encuentros continentales especializados con temas tan variados como el presbiterado en la región, la pastoral del mar, la teología indígena, los movimientos y nuevas comunidades y un Congreso Teológico Mariano.” (AHUMADA, E., *La catequesis latinoamericana...*, p. 257-258.)

reflexões<sup>264</sup>. E neste período já se alertava sobre a necessidade de superar uma catequese infantilizada frente à crescente secularização do mundo moderno.<sup>265</sup>

Na cidade de Bogotá, na Colômbia, de 1º a 05 de maio de 2006, mais de quarenta<sup>266</sup> catequistas e especialistas se reuniram sob o tema *Hacia un nuevo paradigma para la catequesis*<sup>267</sup>. Eis um aceno para o que se buscava, objetivamente:

à luz desta rica temática e do contexto sociocultural, dois fios condutores guiaram nossa reflexão: a Iniciação Cristã e a catequese de inspiração catecumenal. Julgamos importante refletir sobre quatro temas chaves para dar continuidade à renovação da catequese que em todos os países, há muitos anos, busca e abre novos caminhos. São os capítulos deste texto orientador que agora apresentamos em sua redação oficial. 1. A Iniciação Cristã no itinerário do discipulado; 2. Íntima relação entre comunidade eclesial e Iniciação Cristã; 3. O catequista discípulo e missionário; 4. Inspiração catecumenal da catequese.<sup>268</sup>

Pe. Luiz Alves de Lima, à época, integrou a equipe organizadora da III Semana, junto com o Ir Enrique García Ahumada e representantes da Região Cone Sul latino-americano. Lima traz um artigo<sup>269</sup> que contém uma riqueza de detalhes do processo vivido e das expectativas geradas em torno da V Conferência que ia se construindo. O diferencial, segundo o religioso, foi a quantidade de textos e

<sup>264</sup> É só averiguar que no Brasil, por exemplo, o perfil da catequese com adultos foi transformado logo em seguida às provocações do CELAM quando, em 2001, foi promovida a II Semana Brasileira da Catequese (CNBB, Estudos 84). Em um relatório do CELAM junto às conferências nacionais em 2010, mostra um pouco a situação do catecumenato, ainda que desanimador por parte do organizador, Ir. Enrique García, junto aos 50% dos relatórios que voltaram preenchidos pelos países latino-americanos. Cuba, mesmo em meio a ditaduras, foi o país com maior número de experiências de catecumenato, desde a década de 1970. O Brasil, por sua vez, à época, apresentava somente 20% das paróquias com algum tipo de experiência catecumenal. (AHUMADA, E., *La catequesis latinoamericana...*, p. 265.)

<sup>265</sup> AHUMADA, E., *La catequesis latinoamericana...*, p. 258

<sup>266</sup> O número de participantes se contradiz nas diversas fontes. No texto oficial do CELAM, por exemplo, é apresentado 41 participantes (CELAM, *La catequesis en América Latina y el Caribe*, p. 733-735). Já pe. Lima apresenta um primeiro texto, logo após o encontro, apontando 44 participantes. Mais tarde, em 2016, na história da catequese relata 50 participantes. (LIMA, L., *Discípulos e missionários de Jesus Cristo*, p. 38; LIMA, L., *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*, p. 209.)

<sup>267</sup> Traduzido para a língua portuguesa, pelas edições CNBB, ficou intitulado *A caminho de um novo paradigma para a catequese*, e publicado somente dois anos depois, em 2008. Curiosamente, a contribuição textual desta Semana Latino-americana é infinitamente menor que as demais. Enquanto aqui encontramos um pouco mais de 70 páginas, a I e II Semana ultrapassam 200 páginas de arquivo. Isso se explica porque a III Semana apresenta um texto conjunto que abarca toda a temática do encontro, enquanto as demais publicaram todas as conferências e discursos do evento.

<sup>268</sup> CELAM, *La catequesis en América Latina y el Caribe*, p. 665.

<sup>269</sup> A Revista de Catequese no ano de 2006 publica, na seção “Feitos”, um memorando descrito pelo salesiano pe. Lima, com o título *Discípulos e Missionários de Jesus Cristo – Síntese dos temas da III Semana Latino-americana de Catequese*, p. 38-52.

reflexões que chegaram à equipe organizadora da Semana: cada participante deveria enviar um pequeno texto frente às indicações temáticas propostas pela coordenação. Mais uma vez, à guisa de Medellín, o grupo enviou à equipe da V Conferência cinco proposições temáticas para entrar em discussão durante a conferência episcopal do ano seguinte; ao contrário das outras semanas catequéticas que, no caminho inverso, ofereceram espaço para colocar em prática as conclusões de Medellín e Santo Domingo.

Aqui temos um germen daquilo que em Aparecida e, depois, mundialmente na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* do papa Francisco, chamamos de catequese querigmática e mistagógica de inspiração catecumenal. Cada um dos quatro capítulos vai se lançando a temas tão queridos hoje no processo de iniciação à vida cristã: a dimensão do primeiro anúncio da fé, o protagonismo da comunidade cristã e da família, a formação de catequistas para uma nova época e a inspiração catecumenal nas diversas etapas da vida.

Buscando entender este novo processo iniciático, é preciso avançar na busca de atingir o coração dos homens, desde a acolhida, a sólida doutrina e o acompanhamento:

Nisto se busca a necessidade numa formação integral e de processo do discípulo: que responda aos tempos desde uma fé adulta e comprometida; que redescubra o sentido festivo da liturgia em oportunas celebrações da Palavra na utilização adaptada dos ritos do catecumenato; que integre progressivamente na comunidade da Igreja como lugar de acolhida, crescimento e maturidade da vida cristã ao serviço da evangelização e da transformação do mundo.<sup>270</sup>

Aqui se encontra alguns lampejos do que se buscou nesta III Semana e que continua a enriquecer o processo que sonhamos na Igreja: na formação integral e processual do discípulo se contempla uma fé professada e comprometida, consciente com o chamado que Deus nos faz, com uma catequese que introduza e promova intimidade na oração e comunhão divinas, e que encontre na comunidade cristã um espaço de fraternidade, geradora de vida plena e irradiando atitudes evangélicas e missionárias.

Com estes prolegômenos pastorais, chegamos ao momento que fora lembrado como o ponto mais alto do magistério latino-americano: a Conferência de

---

<sup>270</sup> CELAM, La catequesis en América Latina y el Caribe, p. 675.

Aparecida<sup>271</sup>. A V Conferência aconteceu no Santuário de Aparecida, no estado de São Paulo, Brasil<sup>272</sup>, entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, chegando a participar quase 300 peritos pastorais nos trabalhos que se seguiram. Em contrapartida pessimista, há outros que se viram frustrados quanto à expectativa, pois o evento se mostrou “tímido e pouco ousado” quando se tenta aproximar Aparecida de Medellín, por exemplo<sup>273</sup>. Isto será a marca registrada da V Conferência: entre luzes e sombras, a Igreja do novo milênio se debruça sobre a missão e o discipulado. Não por acaso ter o papa Francisco, em 2021, pedido pessoalmente que não se preparasse uma VI Conferência, mas sim uma expressiva Assembleia Eclesial<sup>274</sup>, com ampla participação laical e de outros setores, confirmando, assim, o que dizia pe. Libânio ao final de Aparecida:

O evento de Aparecida distinguiu-se de Medellín pelo fato de que foi um encontro realmente de bispos. Eles mesmos tomaram as decisões da Assembleia e redigiram o texto. O papel dos assessores em Medellín foi decisivo. Depois de Medellín, perdeu muito de relevância para os bispos mesmos assumirem a tarefa. Em relação à Puebla e a Santo Domingo, Aparecida se mostrou mais envolvida com o ambiente. O fato de os bispos participarem da Eucaristia junto com o povo e experimentarem concretamente a religiosidade popular lhes terá feito bem. Em outros encontros, estiveram isolados e enclausurados no recinto dos trabalhos.<sup>275</sup>

<sup>271</sup> BOFF, C., O Documento de Aparecida..., p.16.

<sup>272</sup> Desde o início dos anos 2000, o papa João Paulo II já havia concordado que a V Conferência poderia acontecer, mas em Roma, devido seu estado de saúde. Mas com a eleição de Bento XVI em 2005 as coisas mudaram: “estavam em cogitação outros lugares para a conferência — Equador, Chile e Argentina. A escolha do Brasil causou surpresa, e o papa não apresentou razões. Surgiram especulações. Aparecida, por ser santuário mariano de renome mundial, dava à 5ª Conferência um cunho internacional para além do fato de se realizar em terras brasileiras. Num momento de firmar a identidade católica, um santuário mariano vinha a propósito.” (LIBÂNIO, J. B., Aparecida significou quase uma surpresa, p. 20.)

<sup>273</sup> BINGEMER, M. C., O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla, p. 31.

<sup>274</sup> Aconteceu, na cidade do México, de 21 a 28 de novembro, em formato híbrido – porque, com a pandemia do COVID-19, tornou-se comum este formato de encontro com algumas pessoas presencialmente e outras acompanhando pela webcam – a I Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe com o lema “Somos todos discípulos missionários em saída”, após 14 anos distantes da última Conferência. Digo isso porque o papa Francisco sugeriu que não se produzisse outro documento, mas que num processo de escuta, saboreasse novamente o documento de Aparecida que ainda poderia produzir muitos frutos na América Latina. Em vídeo conferência no dia 24 de janeiro de 2021, convocou o Santo Padre: “*Gostaria de sugerir dois critérios para acompanhá-los neste tempo, um tempo que abre novos horizontes de esperança para nós. Primeiro, junto com o povo de Deus: que esta Assembleia não seja uma elite separada do santo povo fiel de Deus. Junto com o povo: não se esqueça, somos todos parte do povo de Deus, somos todos parte dele. O povo de Deus que é infalível ‘in credendo’, como nos diz o Concílio, é o que nos dá a pertença. Do povo de Deus surgem as elites, as elites iluminadas por uma ideologia ou outra, e esta não é a Igreja. A Igreja se dá no partir do pão, a Igreja se dá com todos, sem exclusão. Uma Assembleia de Igreja é o sinal de uma Igreja sem exclusão. E outra coisa a ter em mente é a oração. O Senhor está em nosso meio. Que o Senhor se faça ouvir, daí nosso pedido de que Ele esteja conosco*”. (FRANCISCO, PP, Mensagem em vídeo do Papa Francisco...)

<sup>275</sup> LIBÂNIO, J. B., Aparecida significou quase uma surpresa, p. 20.

Com três partes bem esquematizadas, o documento final da V Conferência contempla a vida dos povos latino-americanos que, chamados ao discipulado, precisam olhar a realidade conectados com a fé no Ressuscitado que professam; ele também discerne, à luz do Evangelho, como a vocação do discípulo é alimentada e fortalecida dentro da comunidade eclesial, especialmente quando se percorre o caminho da iniciação; e, por fim, propõe a conversão pastoral e renovação missionária da comunidade, buscando os sinais do Reino, no seio familiar e no coração da cultura.

A intenção neste tópico é promover um recorte de Aparecida naquilo que já fora citado inicialmente, quando o papa Bento XVI, na Catedral da Sé paulopolitana, pedia aos bispos que buscassem os católicos afastados mediante um autêntico “itinerário catequético permanente”. Seguindo as pistas deixadas pelo pontífice em inúmeros momentos, tentaremos compreender melhor no que consiste este itinerário, à luz do documento final<sup>276</sup>. Na mesma ocasião, o papa apresenta ainda o ponto de partida para superar as inúmeras<sup>277</sup> dificuldades da missão evangelizadora: a necessidade de recomeçar a partir de Cristo!

Redescobrir em Jesus o amor e a salvação que o Pai nos dá, pelo Espírito Santo. Esta é a substância, a raiz, da missão episcopal que faz do Bispo o primeiro responsável pela catequese diocesana. Com efeito, ele tem a direção superior da catequese, rodeando-se de colaboradores competentes e merecedores de confiança. É óbvio, portanto, que os seus catequistas não são simples comunicadores de experiências de fé, mas devem ser autênticos transmissores, sob a guia do seu Pastor, das verdades reveladas. A fé é uma caminhada conduzida pelo Espírito Santo que se resume em duas palavras: conversão e seguimento. Essas duas palavras-chave da tradição cristã indicam com clareza, que a fé em Cristo implica uma práxis de vida baseada no duplice mandamento do amor, a Deus e ao próximo, e exprimem também a dimensão social da vida cristã.<sup>278</sup>

<sup>276</sup> Segundo o arcebispo de Aparecida, dom Orlando Brandes (1946), o discurso inaugural do papa Bento XVI foi citado pelo menos 48 vezes no documento final, tamanha a importância de sua contribuição à Assembleia: “Ele entregou aos participantes da Conferência 15 chaves de reflexão, a saber: a opção pelos pobres; a promoção humana; as estruturas injustas; as desigualdades sociais; a globalização; a democracia; a ecologia; a cultura; a política; o machismo; a religiosidade popular; a presença da Igreja na sociedade; a erosão do catolicismo; o valor do domingo e o enfraquecimento da identidade católica” (BRANDES, O., A Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho, p. 1).

<sup>277</sup> Papa Bento XVI enumera: os católicos afastados da praxis cristã, o proselitismo das seitas neopentecostais, o agnosticismo, o relativismo, o laicismo, sem contar o tema da fé fragilizada e confusa de muitos católicos. (BENTO XVI, PP, Encontro e celebração das vésperas com os bispos do Brasil. Catedral da Sé, n. 3)

<sup>278</sup> BENTO XVI, PP, Encontro e celebração das vésperas com os bispos do Brasil. Catedral da Sé, n. 4.



Por isso, a proposta se dá na promoção de um programa de evangelização a partir deste itinerário catequético permanente: à luz dos debates da assembleia, buscar-se-á entender o que se propõe quanto aos critérios no caminho formativo dos discípulos missionários, isto é, uma formação *integral, querigmática e permanente*.

Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital. Na base dessas dimensões está a força do anúncio querigmático. O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo, a crer n'Ele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos. O anúncio se fundamenta no fato da presença de Cristo Ressuscitado hoje na Igreja, e é fator imprescindível do processo de formação de discípulos e missionários. Ao mesmo tempo, a formação é permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e como serviço que são chamadas a prestar, em meio às exigências da história.<sup>279</sup>

### 3.2.1.

#### Um processo integral e harmônico

Em inúmeras ocasiões o papa alemão também fez ecoar um pensamento que se tornou quase que o combustível para a V Conferência: “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”<sup>280</sup>. E, nesta lógica missionária, tomaremos o ícone joanino da samaritana<sup>281</sup> que, por sinal, ilustrou bem a mensagem final do XIII Sínodo dos Bispos, sobre a Nova Evangelização<sup>282</sup>:

Não há homem nem mulher que, na sua vida, não se encontre, como a mulher da Samaria, ao lado de um poço com uma ânfora vazia, na esperança de encontrar que seja satisfeito o desejo mais profundo do coração, o único que pode dar significado pleno à existência. Hoje são muitos os poços que se oferecem à sede do homem, mas é preciso discernir para evitar águas poluídas. É urgente orientar bem a busca, para

<sup>279</sup> DAp 279.

<sup>280</sup> DCE 1.

<sup>281</sup> Jo 4,4-42.

<sup>282</sup> O capítulo I do documento 107 da CNBB intitulado *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, inspirou-se na mesma temática bíblica, convidando o leitor para uma verdadeira *lectio divina*, previamente ao conteúdo doutrinal. Nesta dinâmica, seis passos foram apresentados para trilharmos, à luz dos passos em Samaria: o encontro, o diálogo, o conhecimento, a revelação, o anúncio e o testemunho. (CNBB, Doc. 107, 11-38.)

não ser vítima de desilusões, que podem arruinar. Como Jesus no poço de Sicar, também a Igreja sente que se deve sentar ao lado dos homens e mulheres deste tempo, para tornar presente o Senhor na sua vida, para que o possam encontrar, porque só o seu espírito é a água que dá a vida verdadeira e eterna.<sup>283</sup>

Quando voltamos nosso olhar ao poço de Jacó reconhecemos, nos gestos de Jesus e da samaritana, um encontro perturbador que é matéria para buscarmos um processo integral e harmônio na evangelização. Seguindo os passos de Aparecida, o documento acentuará que existem algumas dimensões formativas que nos levam à unidade vital que garante o processo evangelizador. São elas: a humana comunitária, a espiritual, a intelectual e a pastoral missionária<sup>284</sup>.

Estando Jesus no poço, ao chegar a samaritana, disse: “Dá-me de beber!”<sup>285</sup>. A dimensão *humana comunitária* toca o íntimo do ser humano, as suas dores, feridas e também os seus anseios. E a Igreja acompanha seus filhos na busca deste amadurecimento humano frente ao mistério divino. Santo Agostinho dizia que Jesus tinha sede da fé daquela mulher, e não da água que ela poderia oferecer, da mesma forma que também tinha sede da fé de todos os homens por quem fez correr Seu sangue redentor<sup>286</sup>. Santo Efrém da Síria (306-373), em um de seus sermões, revelava a humildade de Jesus em tocar o coração miserável humano para conduzir os seus à Verdade:

Nosso Senhor veio à fonte como um caçador, ele pediu água para podê-la dar; pediu de beber como alguém sedento, para ter oportunidade de saciar a sua sede. Fez uma pergunta à samaritana para lhe poder ensinar e, por sua vez, ela lhe fez uma pergunta. Embora rico, nosso Senhor não teve vergonha de mendigar como um indigente, para ensinar o indigente a pedir. E dominando o pudor, não temeu falar a uma mulher sozinha, para ensinar-me que aquele que está na verdade não pode ser perturbado.<sup>287</sup>

Nos passos do Mestre Jesus de Nazaré, a primeira parte do documento de Aparecida toca a vida dos nossos povos latino-americanos e, como um sinal de esperança, sempre recorda que os cristãos são chamados a ser “portadores de boas novas para a humanidade, não profetas das desventuras”<sup>288</sup>. Escrevendo ao Grão-

<sup>283</sup> SÍNODO DOS BISPOS, Mensagem ao Povo de Deus, 2012.

<sup>284</sup> DAp 280.

<sup>285</sup> Jo 4,7b.

<sup>286</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 149.

<sup>287</sup> BONDAN, F., Lecionário Patrístico Dominical, p. 63.

<sup>288</sup> DAp 30.

Chanceler da Universidade Católica Argentina, papa Francisco já advertia sobre o perigo de viver a fé trancados “no escritório”, distantes do mundo e da realidade que nos circunda enquanto irmãos de fé:

o vosso lugar de reflexão sejam as fronteiras. E não cedais à tentação de as ornamentar, perfumar, consertar nem domesticar. Até os bons teólogos, assim como os bons pastores, têm o odor do povo e da rua e, com a sua reflexão, derramam azeite e vinho sobre as feridas dos homens.<sup>289</sup>

Por isso a dimensão comunitária exige, no caminho do discipulado, uma conversão da comunidade em missionária, superando o egoísmo que se espalha como o odor do vinho quando se quebra uma garrafa num ambiente fechado e sem saber de onde vem; com isso, muitas pessoas acabam vivendo sua fé de forma privada e profundamente intimista. Nesse sentido, “mesmo que cada um possa ter um jeito pessoal de ser religioso, ‘a fé não é um fato privado, uma concepção individualista, uma opinião subjetiva’. É impossível crer sozinho”<sup>290</sup>.

E quase que no desespero pediu a Jesus: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la”<sup>291</sup>. Mesmo em meio às dúvidas, a *dimensão espiritual* permite aderir de coração através da fé e da experiência que se faz em Jesus a um profundo amadurecimento. Também o “boca de ouro” São João Crisóstomo (347-407), bispo e doutor da Igreja, dizia como em poesia:

Vê como Nosso Senhor alevanta esta mulher, de pouco em pouco, às alturas da doutrina cristã. “Eis um judeu a desrespeitar a lei”, foi o que pensou de início. Quando, porém, ouviu falar da água viva, estas palavras entendeu-as num sentido literal. Em seguida, ao compreender-lhes a significação espiritual, creu que se dela bebesse haveria de matar sua sede de uma vez para sempre. Contudo, ainda não a discernia; buscava, no entanto, fazê-lo, persuadida que estava de que se achava acima das coisas sensíveis. Escuta agora o que ela diz ao Salvador: “*A mulher disse-lhe: Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter mais sede, nem vir aqui tirá-la*”. A Jesus, alça-lhe acima do patriarca Jacó, a quem contudo tinha em alta conta.<sup>292</sup>

<sup>289</sup> FRANCISCO, PP, Carta do Papa Francisco por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina, p. 1.

<sup>290</sup> CNBB, Doc. 107, 225.

<sup>291</sup> Jo 4,15.

<sup>292</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 153.

Quando os bispos em Aparecida falam sobre a vocação dos discípulos chamados à santidade, algumas “notas espirituais” são melodizadas na missão da Igreja<sup>293</sup>. No seguimento a Jesus, descobrimos pelo menos duas coisas: que é o Senhor quem nos escolhe, não o contrário; além do que o chamado é para que nos mantenhamos unidos a ele, como os ramos na videira<sup>294</sup>. Assim, este pertencer a Cristo, lembra-nos a exortação de Tertuliano: “Vejam como eles se amam!”. Parecer-se ao Mestre implica compreender que o mandamento do amor deixado como expressão máxima da entrega ao madeiro significa muito mais que um nobre sentimento oferecido aos amigos, mas a nota característica da sua Igreja, conduzido pelo testemunho da caridade fraterna. Com um brilhantismo teológico, papa Bento XVI explorou a dimensão grega do *ágape* como a procura do bem do amado, em vem da busca a si próprio. E esclarece o mandamento deixado por Jesus: “desse modo, já não se trata de um ‘mandamento’ que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros”<sup>295</sup>. Um outro elemento espiritual funde-se na parte integrante da integridade cristã e que não é opcional, mas essencial: o anúncio do Evangelho do Reino a todas as nações. É um impulso que acontece quando se deixa tocar por Jesus:

Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva. De fato, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro.<sup>296</sup>

E, por fim, a dimensão espiritual é visível quando os discípulos se sentem animados e fortalecidos pelo Espírito Santo de Deus. Através dos dons, carismas e ministérios emanados por Ele, a Igreja propaga o ministério salvífico do Senhor até que Ele venha.

Quanto à *dimensão intelectual* se vê que “o encontro com Cristo, Palavra feita carne, potencializa o dinamismo da razão que procura o significado da realidade e se abre para o Mistério”<sup>297</sup>. Não é por acaso que Jesus, no diálogo junto ao poço de

---

<sup>293</sup> DAp 129-153.

<sup>294</sup> Jo 15,1-8.

<sup>295</sup> DCE 18.

<sup>296</sup> DAp 146.

<sup>297</sup> DAp 280c.

Jacó, leva a samaritana a buscar algo além da água que desejava e do cântaro que trazia: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!”<sup>298</sup>. Mais uma vez recorremos ao bispo de Hipona:

Mostra-lhe Nosso Senhor que a água a que se refere não é a que ela está a imaginar. E, com efeito, o Salvador conhecia-lhe a fé; sim, sabia que ela tinha sede do Espírito Santo e estava inclinado a lho dar. De fato, esta água viva, se a bem compreendemos, não é senão dádiva de Deus, como no-lo diz expressamente o Salvador: *Se tu conheceras o dom de Deus*.<sup>299</sup>

A experiência intelectual do discípulo missionário equivale àquilo que todo teólogo experimenta quanto ao método que o inicia na ciência divina. *Auditus fidei* e *intellectus fidei* são como que cara e coroa da mesma moeda. São dois momentos inseparáveis de um mesmo processo, o de adentrar ao mistério divino. Sua mútua relação em momentos positivo, de ouvir a fé presente na revelação divina e na tradição, e especulativo, reflexão sobre o dado coletado em linguagem técnica, rigorosa e conceitual, possibilitam àquele que crê uma nova estrutura mental e uma linguagem acessível no hoje<sup>300</sup>. Como intuiu Santo Efrém, a samaritana, como todo aquele que se sente chamado a seguir Jesus, percorreu um caminho teológico que foi experimentado na medida em que Ele se deixava mostrar como o Messias. Jesus foi se revelando progressivamente à samaritana, a princípio como judeu, depois como sábio, profeta e, por último, como Messias. E a mulher, por sua vez, foi experimentando cada momento, progredindo na sua fé. No início demonstrou aversão ao judeu, em seguida interrogou o sábio, foi corrigida pelo profeta sobre a água viva e, decididamente, adorou o Cristo, que tanto esperava<sup>301</sup>. A V Conferência deixa claro que, quando se busca um processo integral de formação, a catequese é essencial como baliza orientadora no seguimento:

A catequese não pode se limitar a uma formação meramente doutrinal, mas precisa ser uma verdadeira escola de formação integral. Portanto, é necessário cultivar a amizade com Cristo na oração, o apreço pela celebração litúrgica, a experiência comunitária, o compromisso apostólico mediante um permanente serviço aos demais. Para isso, seriam úteis alguns subsídios catequéticos elaborados a partir do

<sup>298</sup> Jo 4,10.

<sup>299</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 150.

<sup>300</sup> LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A., Introdução à Teologia, p. 83-86.

<sup>301</sup> BONDAN, F., Lecionário Patrístico Dominical, p. 64.

Catecismo da Igreja Católica e do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, estabelecendo cursos e escolas de formação permanente aos catequistas.<sup>302</sup>

Quem está disposto a seguir Jesus, enche seu coração de alegria e esperança, que é uma constante na vida do crente, mesmo em meio aos desafios que se atravessam. Vejam: a alegria é tamanha quando chegam os discípulos e observam a samaritana; “a mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: ‘Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?’”<sup>303</sup>. A *dimensão pastoral missionária* encontra nesta cena um motor propulsor quando se fala de encontro pessoal com Jesus Cristo. Como outrora os discípulos abandonaram as redes e seus ofícios, chamados por Ele, agora a mulher abandona seu cântaro, pois não precisa mais dele e se torna como um dos doze e corre para a cidade, pois mais pessoas precisavam também buscar a fonte de água viva. Dizia São João Crisóstomo:

E, contudo, não se vexa de dar a conhecer as desordens de sua vida, pois, quando a alma encontra-se abrasada do amor divino, nada na Terra lhe pode fazer frente; com efeito, neste estado, tornou-se indiferente à glória e à vergonha; obedece unicamente à chama que a está devorando. Ela, contudo, não pretende que creiam por suas palavras, mas insta seus concidadãos a que vejam com os próprios olhos, e ouçam com os próprios ouvidos a verdade que vai na doutrina de Cristo.<sup>304</sup>

Tornar-se um evangelizador é fazer com que mais pessoas experimentem a mesma água que provamos. E aqui se recorda um gesto significativo empregado pelo evangelista: a mulher não “leva a água” para seus concidadãos, mas convida para que vejam com seus próprios olhos e também busquem provar o que ela experimentou pela fé. Não é à toa que a Conferência de Aparecida ficou conhecida pelo bordão da necessidade de uma autêntica conversão pastoral na Igreja latino-americana, passando de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária. O momento atual que o mundo experimentou de isolamento social, a dor e o medo diante de novas cepas e transmissões virais da pandemia do COVID-19, acentuou um pouco mais alguns sintomas de enfermidade eclesial que já atingiam os membros das comunidades. O desafio pastoral hoje é

<sup>302</sup> DAp 299.

<sup>303</sup> Jo 4,28-29.

<sup>304</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 161-162.

identificar a dor e medicar da forma correta. Com isso, reproduzimos o que os bispos já alertavam:

A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só veem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseje reconhecer-se com a luz e a força do Espírito.<sup>305</sup>

Pensando na unidade de um processo integral e harmônico, a Igreja, por meio de seus discípulos missionários, busca retomar a novidade do Evangelho e redimensionar os três verbos citados acima: *confirmar* a Palavra da vida através do anúncio e da presença cristã no mundo, *renovar* desde o Evangelho inúmeras estruturas caducas que já não respondem à essência missionária da Igreja, e também *revitalizar*, como pretendeu o último concílio ecumênico, aquilo que sempre fez resplandecer: a alegria do Evangelho em meio às culturas e facilitar os caminhos para que os homens e mulheres deste tempo tenham vida e vida em abundância.

### 3.2.2.

#### Um processo querigmático e transformador

Neste segundo momento do processo formativo que a V Conferência nos oferece, a princípio parece até redundante dizer que é querigmático<sup>306</sup> e transformador, já que todo anúncio transforma de alguma forma aqueles que o recebe. Vejamos o texto:

Na base dessas dimensões está a força do anúncio querigmático. O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo, a crer n'Ele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos. O anúncio se fundamenta no fato da presença de Cristo Ressuscitado

<sup>305</sup> DAp 11.

<sup>306</sup> No próximo capítulo, o tema do *kerigma* será tratado mais profundamente e mais pertinente ao cenário teológico e pastoral que se insere esta pesquisa. Aqui usaremos, a princípio, as provocações que o documento de Aparecida oferece para compreender o processo formativo dos discípulos missionários.

hoje na Igreja, e é fator imprescindível do processo de formação de discípulos e missionários.<sup>307</sup>

Como se vê, a base das dimensões explicitadas no tópico anterior é o anúncio querigmático da pessoa de Jesus Cristo. Importa aqui ter em consideração a quantidade de verbos que indicam a “via querigmática” que exige da comunidade de fé uma atenção maior quando se deseja acolher mais pessoas atraídas pelo Evangelho. Primeiro se fala de *contagiar*: ora, o contágio acontece quando se transmite algo a alguém. É no contato íntimo que este processo acontece. E todo aquele que se deixa contagiar pela Palavra, inicia um processo transformador em sua vida. Adiante se fala de *escutar* a Jesus, como fizeram Maria, irmã de Lázaro, a mulher adúltera, o discípulo amado recostando-se diante do Senhor e dando ouvidos à sua mensagem, porque o escutar educa na fé. E nesse sentido se pode falar em *crer*: se crê quando se escuta; a assembleia litúrgica faz o mesmo quando, durante a liturgia da Palavra, professa-se a fé prontamente após debruçar-se sobre os textos sagrados. Automaticamente quando se crê, busca *reconhecer* em Jesus Salvador o sustento da vida peregrina pela qual passamos e, da mesma forma que os discípulos de Emaús reconheceram Jesus ao partir o pão, os fiéis também proclamam o mesmo desejo na anamnese litúrgica, como compromisso de fé sugerido por Paulo: “Pois todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha”<sup>308</sup>. E o último verbo desta catequese não poderia ser outro; o *seguir*, pois o seguimento ao Cristo é a resposta madura daquele que experimentou o chamado de coração e mente abertos àquilo que Deus oferece pela graça do Espírito Santo. Isso não acontece, por exemplo, no caso do jovem rico<sup>309</sup> que, mesmo conhecendo os mandamentos e tendo uma vida santa, não se dispõe a abandonar os bens materiais, pré-requisito essencial para o seguimento e o discipulado.

Pensando em diversas referências para ilustrar este momento como ícone bíblico do processo querigmático, retomamos um e específico que implica em questões bastante conflituosas quando se fala da evangelização após um longo

---

<sup>307</sup> DAp 279.

<sup>308</sup> 1Cor 11, 26.

<sup>309</sup> Mt 19,16-30; Mc 10,17-22; Lc 18,18-30.



período da chamada cristandade. Na última cena do evangelista Mateus, deparamo-nos com o Ressuscitado que insiste na formação discipular:

Os onze discípulos caminharam para a Galileia, à montanha que Jesus lhes determinara. Ao vê-lo, prostaram-se diante dele. Alguns, porém, duvidaram. Jesus, aproximando-se deles, falou: *“Todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”*.<sup>310</sup>

E mais uma vez se experimenta a força do anúncio da Palavra do Ressuscitado. Mateus vê a continuidade da missão do Salvador na medida em que os discípulos também perseverem, até a segunda vinda de Cristo. O papa São Leão Magno (400-461) recordava que “aquele que sobe aos céus não abandona os adotados, mas – de cima para baixo – os fortalece para que tenham firmeza e convida-os – em direção ao alto – para a glória”<sup>311</sup>.

Mas esse mandato missionário em forma de anúncio querigmático vem acompanhado com um programa missionário bastante preciso: primeiro se forma o discípulo, depois se é inserido plenamente no mistério de Cristo através dos sacramentos e, por último, a observância de viver aquilo que o Senhor ensinou e deixou à comunidade. Vemos, por exemplo, que após o Edito de Milão de Constantino, em 313, este não só deu liberdade aos cristãos, como também os colocou, aos poucos, em lugar de destaque e prestígio nos séculos seguintes, desmantelando este projeto missionário até então vivido de maneira bastante organizada nos primeiros séculos com a experiência do catecumenato. Exortava São Jerônimo, que já vivia a experiência do cristianismo como religião oficial do Império Romano:

Em primeiro lugar ensinam a todas as pessoas em seguida, depois de instruí-las, batizam-nas com água; não pode, pois, acontecer que o corpo receba o sacramento do batismo se a alma não tiver antes recebido a verdade da fé. *“Batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”* afim de que haja uma só doação para aqueles que têm uma única divindade, que – sendo um só Deus – designa-se pelo nome de Trindade.<sup>312</sup>

<sup>310</sup> Mt 28,16-20.

<sup>311</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 885.

<sup>312</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 883.

O que se vê na fala do santo doutor é que, nesse período, já havia algum tipo de desvio quanto à prática do catecumenato<sup>313</sup> nas comunidades cristãs. No início da Idade Média, por exemplo, para conter a força dos bárbaros contra as cidades e comunidades cristãs, a Igreja, por meio de alguns grupos religiosos, lançavam mão de alguns métodos de evangelização, que acabaram por descaracterizar por completo o que se via no primeiro anúncio da Igreja primitiva. Um destes métodos era o do convencimento, utilizado largamente por São Bonifácio de Mogúncia (675-754), do qual primeiro se convencia os pagãos à fé, batizando-os e, mais tarde, organizava-se a estrutura comunitária. Outro deles era o de converter o chefe do grupo, primeiramente, para que assim obrigasse, mais tarde, todos os seus súditos a viver a fé cristã. Chegou-se, ainda, ao método das conversões forçadas, no tempo de Carlos Magno (742-814) que com violência aplicou o lema: “abraçar o Cristianismo ou morrer!”. Pra se ter ideia, no ano de 782, na cidade francesa de Verdun, morreram 4.500 saxões pela não observância dos princípios cristãos<sup>314</sup>.

A pregação de Jerônimo insistia em evitar o caos sacramentado acima:

Considera-se esta ordem essencial. Mandou que seus apóstolos ensinassem primeiro todos os povos, depois que os batizassem com o sacramento da fé e que, depois da fé e do batismo, ensinassem o que deviam guardar. Por isso segue: “*ensinando-as a observar todas as coisas que vos mandei*”.<sup>315</sup>

Por isso, ao longo dos séculos, o anúncio querigmático da fé e da conversão a Jesus ficou marginalizado e diminuído em detrimento ao forte apelo da sacramentalização, de cunho social. O batismo de recém-nascidos se alarga e desaparece o caminho catecumenal com adultos. Chegamos no século XX tentando compreender melhor a famosa frase de Tertuliano, que não fazia mais sentido, quando afirmava que não se nascia cristão, mas tornava-se um.

<sup>313</sup> Vigorando fortemente na Igreja Primitiva dos séculos II ao V, vemos que “esta instrucción sucedia, prolabamente, al anuncio (kerigma) del evangelio y preparaba para el bautismo o lo seguía inmediatamente. Así como los judíos instruían en la Ley, los cristianos enseñaban el Evangelio (didajé). El catecumenado es una de las instituciones más antiguas y básicas de la Iglesia, de carácter litúrgico, catequético y moral. Nació como etapa de preparación a la vida cristiana el proceso de iniciación que la Iglesia exige a los convertidos adultos para que se transforme su fe inicial en profesión de fe explícita, sacramentalmente celebrada en la comunidad cristiana pascual. [...] El catecumenado es la institución donde se lleva a cabo comunitariamente la iniciación cristiana de un adulto. En este proceso destacan dos elementos esenciales: el *itinerario personal* y el *ámbito comunitario*. (FLORISTÁN, C., Para comprender el Catecumenado, p. 20-21.)

<sup>314</sup> BESEN, J., História da Igreja, p. 70.

<sup>315</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 884.

Os bispos latino-americanos veem a necessidade de continuar a caminhada pós-conciliar, na esteira da evangelização. É possível dizer que todo o documento de Aparecida é querigmático, porque busca fortalecer a Igreja através de discípulos missionários que vivam uma fé madura em Jesus Cristo. Mas alguns acentos mais fortes são percebidos quanto ao anúncio e serão descritos a seguir com os números correspondentes.

Sem dúvidas, ficou emblemático o desejo eclesial de Aparecida quando se anseia por uma *pastoral decididamente missionária*<sup>316</sup>, porque exige das comunidades uma conversão pastoral que supere o antigo e desgastado estilo de uma pastoral de conservação, limitados a guardiões da “fé de sacristia”<sup>317</sup>, e fazer com que os talentos confiados a nós por Deus deem frutos<sup>318</sup>. Aqui importa lembrar o anúncio do evangelho nos novos areópagos modernos, espaços abertos pelo mundo globalizado e que acabam por “conectar e desconectar” com muita rapidez, cabendo à Igreja comunicar a fé desde uma *cultura da solidariedade*<sup>319</sup>, em contraposição à cultura da exclusão, do *bullying* e das relações enfraquecidas<sup>320</sup>. Buscando uma resposta madura aos tempos atuais, o documento faz despertar mais uma vez na América Latina o *dom do encontro*<sup>321</sup> com Jesus Cristo, transbordando gratidão e alegria. Suscita, ainda, ao estilo bergogliano, a sermos *portadores de boas novas*<sup>322</sup> ao invés de profetas de desgraças.

Recuperar a experiência pascal do primeiro anúncio é desenvolver em nossas comunidades um processo de iniciação cristã que tenha o *querigma como ponto de partida*<sup>323</sup>, já que costumeiramente este processo iniciático se fundamenta na doutrina e no catecismo. Retomar a inspiração catecumenal contempla ter em mente

<sup>316</sup> DAp 370.

<sup>317</sup> Nessa ocasião, abrindo o mês extraordinário missionário, papa Francisco insistia para que se vivesse a missão na Igreja com audácia e criatividade, enumerando três pecados presentes no dia-a-dia de nossas comunidades: “1. Quando, num lamento sem fim, ficamos dizendo que está tudo mal, no mundo e na Igreja; 2. Quando caímos na escravidão dos medos que imobilizam e nos deixamos paralisar pela ideia de que ‘sempre foi feito assim’; 3. Quando vivemos a vida como um peso e não como um dom; quando colocamos a nós mesmos no centro, com as nossas fadigas, em vez dos irmãos e irmãs que esperam ser amados.” (MEKARY, A., *Papa Francisco enumera três pecados contra a missão*, p. 1.)

<sup>318</sup> MEKARY, A., *Papa Francisco enumera três pecados contra a missão*, p. 1.

<sup>319</sup> DAp 380; 391.

<sup>320</sup> No capítulo anterior, já se verificou de forma mais ampla como os tempos pós-modernos e multifacetados constroem uma série de ideias, contextos e cenários que se chocam entre si e, de modo particular, com a fé cristã e sua missão no mundo conforme se vê aqui.

<sup>321</sup> DAp 14.

<sup>322</sup> DAp 30.

<sup>323</sup> DAp 289.

o primeiro tempo da iniciação como o momento do despertar, do anúncio e da conversão. Dessa forma, é possível oferecer uma profunda e intensa *experiência religiosa*<sup>324</sup>, que é fruto do anúncio querigmático e o testemunho pessoal dos crentes que levam à conversão pessoal e a busca da santidade pessoal e comunitariamente.

### 3.2.3.

#### Um processo permanente e dinâmico

A fé cristã desde o seu início foi expressa de diversas formas e em diversos contextos. O conhecido artista brasileiro padre Zezinho – que ficou famoso por evangelizar nas mídias e redes de comunicação por mais de 50 anos – é sacerdote, teólogo, catequeta, poeta, cantor, professor... e sua arte perpassou gerações no Brasil e no exterior. Muitos falaram e ainda falam de Jesus, não porque encontraram algo n’Ele, mas porque o Mestre se deixou revelar de alguma forma. Os padres conciliares lembravam que “Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado ‘como homem para os homens’, ‘fala, portanto, as palavras de Deus’ (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realiza”<sup>325</sup>.

Em uma das mais conhecidas canções religiosas, sussurrava o poeta:

Um certo dia, a beira mar / Apareceu um jovem Galileu.  
Ninguém podia imaginar / Que alguém pudesse amar do jeito que ele amava.  
Seu jeito simples de conversar / Tocava o coração de quem o escutava.<sup>326</sup>

O jeito de Jesus era diferente. Naquele tempo haviam muitos que eram chamados ou se autoproclamavam profetas e até Messias. A literatura apocalíptica também era bastante usual. Mas o estilo de Jesus não só atraía como transformou a vida de muitas pessoas em Nazaré. Seu primo João dizia: “Eu vos batizo com água para o arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. [...] Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo”<sup>327</sup>. Sobre o estilo único daquele nazareno que passava no meio da multidão, se diz:

<sup>324</sup> DAp 226a.

<sup>325</sup> DV 4.

<sup>326</sup> ZEZINHO, P. In: Um certo galileu.

<sup>327</sup> Mt 3,11.

Olhamos para Jesus, o Mestre que formou pessoalmente a seus apóstolos e discípulos. Cristo nos dá o método: “Venham e vejam” (Jo 1, 39). “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Com Ele podemos desenvolver as potencialidades que há nas pessoas e formar discípulos missionários. Com perseverante paciência e sabedoria, Jesus convidou a todos para que o seguissem. Àqueles que aceitaram segui-lo, os introduziu no mistério do Reino de Deus, e depois de sua morte e ressurreição os enviou a pregar a Boa Nova na força do Espírito. Seu estilo se torna emblemático para os formadores e adquire especial relevância quando pensamos na paciente tarefa formativa que a Igreja deve empreender no novo contexto sócio-cultural da América Latina.<sup>328</sup>

E por falar em método, é preciso dizer que, neste último tema do itinerário proposto pelo papa Bento XVI para o novo milênio, falamos de um processo que é permanente e dinâmico. O estilo de Jesus continua sendo inspirador quando se fala em motivar aqueles que estão ao nosso redor para viver segundo a vontade de Deus. Especialmente para a América Latina, algo nos chama a atenção durante a V Conferência quanto à metodologia pastoral que viralizou em manchetes e noticiários:

Os grupos de trabalho da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe, em Aparecida (SP), escolheram o método "ver, julgar e agir" para analisar os documentos que estão sendo elaborados no encontro.

O modelo que se tornou conhecido na realidade latino-americana, nasceu no seio da Ação Católica dos anos 50, na Bélgica, e encontrou um campo fértil para seu desenvolvimento na Igreja da América Latina.

Nos países latino-americanos, esse método foi recebendo novas características de acordo com as necessidades a compreensão teológico-pastoral. Foram acrescentados, por exemplo, os itens "celebrar" e "avaliar". Em muitos lugares esse modelo é chamado de "método participativo", colocando em destaque o aspecto "comunhão e participação".<sup>329</sup>

A boa notícia chega porque na IV Conferência, devido a inúmeros problemas já apresentados anteriormente, o consagrado método jocista<sup>330</sup>, adotado pela Igreja

<sup>328</sup> DAp 276.

<sup>329</sup> “VER, julgar e agir” é o método de análise da V Conferência, p. 1.

<sup>330</sup> A trilogia metodológica “Ver-Julgar-Agir” é bastante conhecida por ter completado já seu primeiro centenário na Igreja Católica. Ela surgiu como um método programático do cardeal belga Josef-Léon Cardijn (1882-1967) que foi germinado nos idos de 1914, através de conferências e textos até chegar ao apostolado com a juventude operária, na década de 1920. Depois de um encontro pessoal com o papa João XXIII, em 1960, seu método foi incluído oficialmente na encíclica *Mater et Magistra* (1961) e na constituição conciliar *Gaudium et Spes* (1965). Com isso, o método tornou-se parte integrante do trabalho da chamada Ação Católica Especializada que, a partir da década de 1950, ganhava ramos específicos de apostolado juvenil, seja no campo (JAC), no meio estudantil (JEC), no ramo independente (JIC), junto aos operários (JOC) ou nos campos universitários (JUC). No Brasil, por exemplo, o primeiro registro que se tem oficialmente do método por parte da CNBB foi o encontro o Encontro Nacional de Catequese (1 a 5 de julho de 1968), no Rio de Janeiro, em preparação direta à II Conferência Latino-americana de Medellín. Desde então, são mais de 50 anos

latino-americana em Medellín, foi deixado de lado e a impressão era que não seria mais resgatado – ou como alguns chegam a dizer que o método estaria ultrapassado e sem eficácia em nossos tempos. Em Aparecida o método é retomado e o documento deixa claro em seu número 19. O problema aqui é a forma como se retoma: não se recupera a força do método de Medellín, mas, em contrapartida, traz alento e esperança frente a Santo Domingo.

O pastoralista Agenor Brighenti traz um texto interessante e abrangente quanto a esta problemática. A tensão acontece quando se depara com um método moderno de pastoral indutivo que se contrasta com outro pré-moderno e dedutivo-essencialista que vem ganhando força novamente nos últimos anos:

O método ver-julgar-agir, idealizado por J. Cardijn, fundador da Ação Católica especializada, marca a recepção nos meios eclesiais da racionalidade moderna, primeiro na pastoral e, depois, na reflexão teológica. A pedagogia cardijniana toma distância de uma racionalidade dedutiva, a-histórica, metafísica, escolástica, que a modernidade, desde o século XVI, havia superado. A racionalidade moderna é histórica, indutiva, articulada a partir da práxis ou da experiência. Como observa K. Rahner, na modernidade a teologia se faz antropologia, no sentido que a experiência da transcendência só pode ser apreendida a partir da imanência.<sup>331</sup>

Mais tarde, tratando especificamente sobre o documento de Aparecida, nota-se que o método moderno da Ação Católica Especializada aparece com “vestes pré-modernas” para tentar agradar uns e outros, o que não deixa de descaracterizar nossa teologia latino-americana. No mesmo número 19 do documento final se fala de ver e contemplar a Deus, julgar segundo Jesus Cristo e atuar a partir da Igreja, Corpo Místico de Cristo e Sacramento universal da salvação. Para entender o que se passou para chegar a essa mudança de postura, nada melhor que o próprio Brighenti explicar:

ver à luz da Providência, julgar segundo Jesus Cristo e agir a partir da Igreja, ou seja, uma teologia que não se articula a partir da experiência, da história, dos

---

fazendo uso de um método que continua a gerar bons frutos em nossa teologia latino-americana. Vale citar a tese doutoral defendida pelo padre Agenor Brighenti em 02 de dezembro de 1994, com o título: “Raízes da epistemologia e do método da Teologia da Libertação. O método ‘ver-julgar-agir’ da Ação Católica e as mediações da Teologia latino-americana”. (BRIGHENTI, A., Raíces de la epistemología y del método de la teología latinoamericana, p. 207-254; BRIGHENTI, A., Método Ver-julgar-agir, p. 608-615; LIMA, L., Medellín-Aparecida: um diálogo provocador, p. 593-624; LOZADA, L., La importancia del método en el Concilio y en el Magisterio Episcopal Latinoamericano, p. 313-331; FERREIRA, R., Papa Francisco, e o método? Considerações sobre o método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco, p. 215-228.)

<sup>331</sup> BRIGHENTI, A., Documento de Aparecida, p. 689.

acontecimentos, dos sinais dos tempos e, portanto, a-histórica, dedutiva, é irrelevante para seu contexto. Aqui aparece a dificuldade dos censores em reconhecer a densidade teológica da história, da experiência humana, da vida cotidiana, dos fatos. É aquela mentalidade que o “profano” não tem nada a dizer para a Igreja e que a secularização, enquanto reconhecimento da autonomia do temporal, atenta contra o espiritual.<sup>332</sup>

Diante do mal-estar e do debate sobre a vitalidade ou não do método, recentemente o Departamento de Missão e Espiritualidade do CELAM lançou um documento intitulado *La alegría de iniciar discípulos misioneros en cambio de época*, rerepresentando o método teológico naquilo que padre Lima chamou de “novo frescor ao velho esquema”<sup>333</sup>. Na apresentação do documento se fala em três momentos: o de *contemplar* o caminho percorrido pela catequese na América Latina, seguido pelo *discernir* um novo paradigma catequético pelo qual passa a Igreja, o processo de iniciação à vida cristã, para enfim *proponer* ações eclesiais não somente à catequese, como à Igreja e à comunidade que faz parte deste processo.

Também para este momento utilizamos um ícone bíblico que representa a importância de uma formação permanente e dinâmica, e que respeite o desenvolvimento das pessoas e as exigências da história: a aparição do Ressuscitado, no evangelho de João<sup>334</sup>, tendo como centralidade na temática a figura do apóstolo Simão Pedro. Sem a pretensão de aprofundar exegeticamente esta perícopa, mostramos em três cenas o que se busca compreender neste itinerário catequético permanente:

Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos. Simão Pedro lhes disse: “Vou pescar”. Eles lhe disseram: “Vamos nós também contigo”. Saíram e subiram ao barco e, naquela noite, nada apanharam.<sup>335</sup>

<sup>332</sup> BRIGHENTI, A., Documento de Aparecida, p. 690.

<sup>333</sup> LIMA, L., A alegria de iniciar discípulos missionários: apresentação do novo documento catequético do Celam, p. 44. Pe. Lima apresenta com riqueza de detalhes a preparação e publicação deste documento que, na verdade, é uma terceira edição do Celam sobre orientações de catequese para a América Latina: o primeiro, *Líneas comunes de orientación para la catequesis en América Latina*, de 1983, traduzido no mesmo ano para a língua portuguesa; o segundo, *La catequesis en América Latina*, de 1999, sem tradução, infelizmente. E, por fim, este último, impulsionado fortemente pela exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, do papa Francisco. *La alegría de iniciar discípulos misioneros en el cambio de época. Nuevas perspectivas para la Catequesis en América Latina y el Caribe*, publicado pelo CELAM em 2015, demorou a ser traduzido aqui, sendo lançado pelas Edições CNBB somente em 2017.

<sup>334</sup> Jo 21,1-19.

<sup>335</sup> Jo 21,2-3.

Na primeira cena deste relato da comunidade joanina vemos, a princípio, grande parte do grupo juntos. E Pedro – que sempre toma a dianteira neste evangelho – quase que convocando o grupo e diz: “vou pescar!”. Mas eles nunca se esqueceram daquilo que o Mestre já havia dito a eles: “e eu os farei pescadores de homens”<sup>336</sup>. Não é fácil a vida de pescador... e tão pouco a de apóstolo, porque diz que naquela noite não apanharam nada. Lembrava São João Crisóstomo: e “Jesus fica junto dos discípulos angustiados e aflitos; daí que siga: *Chegada a manhã, Jesus apresentou-se na praia*. Não se deu a ver a eles, mas quis, não obstante, travar com eles uma conversa”<sup>337</sup>.

Olhando a figura do discípulo missionário, vemos um Pedro *confiante e seguro em sua missão* de “pescar”. Mesmo depois de uma noite toda de trabalho sem receber nada; porém, estavam acordados em alto-mar, dentro da barca. “Afligem-nos, mas não nos confundem, as grandes mudanças que experimentamos”<sup>338</sup>, exortam os bispos citando São Paulo VI:

Recobremos, portanto, o “fervor espiritual”. “Conservemos a doce e confortadora alegria de evangelizar, inclusive quando é necessário semear entre lágrimas. Façamo-lo, como João Batista, como Pedro e Paulo, como os demais Apóstolos, como essa multidão de admiráveis evangelizadores que se sucederam ao longo da história da Igreja, façamos tudo isso com ímpeto interior que ninguém e nada seja capaz de extinguir. Seja essa a maior alegria de nossas vidas dedicadas. E oxalá o mundo atual – que o procura às vezes com angústia, às vezes com esperança – possa assim receber a Boa Nova, não através de evangelizadores tristes e desalentados, impacientes ou ansiosos, mas através de ministros do Evangelho, cuja vida irradia o fervor de quem recebeu, antes de tudo em si mesmos, a alegria de Cristo e aceitam consagrar sua vida à tarefa de anunciar o Reino de Deus e de implantar a Igreja no mundo”. Recuperemos o valor e a audácia apostólicos.<sup>339</sup>

Na segunda cena, quando acontece a “pesca milagrosa” se experimenta aquilo que o papa Francisco chamou de “familiaridade com o Senhor”:

Ninguém perguntava: “Quem és?” Sabiam que era o Senhor, era natural, o encontro com o Senhor. A familiaridade dos apóstolos com o Senhor tinha crescido. Também nós, cristãos, em nosso caminho de vida nos encontramos neste estado de caminhar, de progredir na familiaridade com o Senhor. O Senhor – poderia dizer – é de certo modo “aberto”, mas “aberto” porque caminha conosco, sabemos que se trata d’Ele. Ninguém lhe perguntou, aí, “quem és?”: sabiam que era o Senhor. Uma familiaridade cotidiana com o Senhor, é a do cristão.

<sup>336</sup> Mt 4,19.

<sup>337</sup> AQUINO, T., Catena Áurea, p. 559.

<sup>338</sup> DAp 20.

<sup>339</sup> DAp 552.



[...] Esta familiaridade dos cristãos com o Senhor sempre é comunitária. Sim, é íntima, é pessoal, mas em comunidade. Uma familiaridade sem comunidade, uma familiaridade sem o pão, uma familiaridade sem a Igreja, sem o povo, sem os sacramentos, é perigosa.

Pode tornar-se uma familiaridade – digamos – gnóstica, uma familiaridade somente para mim, separada do povo de Deus. A familiaridade dos apóstolos com o Senhor sempre era comunitária, se dava sempre à mesa, sinal da comunidade. Sempre era com o Sacramento, com o pão.<sup>340</sup>

“É o Senhor!”, disse o discípulo amado, que está sempre atento, inclusive quando se volta a Pedro com respeito, o escolhido para guardar as ovelhas que, diante da abundância e do bom resultado, “alimentado” na mesa da Palavra em atenção ao pedido do Mestre, deixa a barca e vai em terra firme para, junto do Senhor, “fartar-se” da mesa preparada por Jesus. Pedro pula na água e depois sobe na barca para puxar a rede com os peixes. O discípulo é aquele que vai ao encontro do Senhor e, fiel à sua Palavra recolhe os bons frutos. Quando se fala da comunhão dos discípulos missionários na Igreja, vemos que como

às primeiras comunidades de cristãos, hoje nos reunimos assiduamente para “escutar o ensinamento dos apóstolos, viver unidos e tomar parte no partir do pão e nas orações” (At 2,42). A comunhão da Igreja se nutre com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo. A Eucaristia, participação de todos no mesmo Pão de Vida e no mesmo Cálice de Salvação, nos faz membros do mesmo Corpo (cf. 1 Cor 10,17). Ela é a fonte e o ponto mais alto da vida cristã, sua expressão mais perfeita e o alimento da vida em comunhão.<sup>341</sup>

O protagonista vive, ainda, o momento ápice da vocação cristã: Jesus o envia em missão, mas, para isso, é preciso ouvir dele mesmo aquilo que o evangelista Mateus dizia de Jesus quando Ele pediu que ensinasse a observar tudo o que tinha ordenado<sup>342</sup>. Ora, João aqui responde: “dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns outros.”<sup>343</sup>. Mais uma vez recorremos ao doutor Crisóstomo:

O que mais atrai sobre nós aquela benevolência que vem do alto é o cuidado com o próximo. O Senhor, pondo de lado todos os outros, fala a Pedro tais coisas, pois era Pedro exímio entre os apóstolos, a boca de todos os discípulos e a cabeça de todo o colégio; por isso, riscada a negação, delega-lhe a prelação dos irmãos. E nem mesmo o censura pela negação, mas diz: “Se me amas, põe-te à testa dos teus irmãos, e mostra agora o teu fervente amor de que o tempo inteiro deste prova; e a vida que

<sup>340</sup> FRANCISCO, PP, Aprendamos a fazer um caminho de amadurecimento na familiaridade com o Senhor, p. 1.

<sup>341</sup> DAp 158.

<sup>342</sup> Mt 28,20.

<sup>343</sup> Jo 13,34.

disseste que darias por mim, dá agora pelas minhas ovelhas”. Segue: *Disse-lhe outra vez: “Simão, filho de João, amas-me?”*. Ele disse-lhe: *“Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo”*.<sup>344</sup>

Logo após o término da V Conferência, não faltaram esforços de especialistas em ciências da religião e teólogos para problematizar e dinamizar, de forma mais programática, o que viria a ser o “pós-Aparecida”. Entre muitas iniciativas, o mundo todo passou a conhecer mais de perto esta experiência depois do contato, via papa Francisco, da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*<sup>345</sup> e com as conclusões do Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização, convocado pelo papa Bento XVI, em 2012. Padre Libânio, à época, falava de uma trilogia de postura discipular que bem se aplicava ao que Pedro viveu na perícopa e que inspiraria novos discípulos hoje: *encontro – discipulado – missão*. Esse é o caminho percorrido que Jesus, através dos evangelhos, espera de todo aquele que é chamado por Ele:

tudo começa para o cristão com o Encontro pessoal com o Senhor que o chama para viver, conviver com ele em comunhão de vida e destino. Daí lhe nasce a vocação de discípulo. De dentro dela, brota o zelo missionário. [...] Portanto, quatro passos: experiência pessoal inicial da fé em Cristo, consciência da identidade católica, alegria de vivê-la e zelo missionário de levá-la aos demais pelo anúncio do Reino da Vida. O tema da vida ocupa o horizonte subjetivo e objetivo da missão.<sup>346</sup>

Encerrando mais um bloco, podemos dizer que a V Conferência latino-americana tornou-se um grande farol no que compete ao pedido do papa Bento XVI de se implementar um autêntico itinerário catequético permanente na Igreja do terceiro milênio.

Por isso mesmo a melodia de Aparecida continua a ser cantarolada pela nossa Igreja e não podemos perder de vista a vivacidade de um processo que busca na

<sup>344</sup> AQUINO, T., *Catena Áurea*, p. 564-565.

<sup>345</sup> Para se ter ideia, não é comum em documentos oficiais dos papas se fazer citações de encontros específicos regionais ou continentais. Mas o papa Francisco o faz: da mesma forma que cita os seus predecessores, cita quatorze vezes o documento de Aparecida, do qual foi um dos redatores e igualmente quatorze citações do doutor angélico, Tomás de Aquino. (SANTOS, B., *Evangelizar com Papa Francisco*, p. 5; BRIGHENTI, A., *Documento de Aparecida*, p. 673-713; AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (org.), *Evangelii Gaudium em questão*, nos textos de AMADO, P., *Evangelii Gaudium*: alguns aspectos para sua leitura, p. 30 e no de MORAES, A., *O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à Evangelii Gaudium* p. 38-42.)

<sup>346</sup> LIBÂNIO, J. B., *Aparecida significou quase uma surpresa*, p. 23.

Igreja também a sua conversão, com uma pastoral vibrante, rica em ministérios e aberta ao diálogo. Esse é o ar puro da fé que buscamos respirar.

O que se buscará, a seguir, é delimitar um pouco mais de que forma este itinerário tem buscado forças em algumas notas evangelizadoras no processo de iniciação à vida cristã nos últimos anos.

## Primeiro anúncio e ação evangelizadora: em busca de uma iniciação cristã processual

*Se trata de uma verdadeira crisálida espiritual. Estamos entrando na “era da borboleta” onde nos toca libertar-nos do lastro mental do verme mítico e sua ilusória segurança, para empreender o voo livre, ainda que frágil y efêmero, da borboleta pós-moderna. Definitivamente, o religioso, também na América Latina, já não pode pretender explicar a realidade. Esta função necessita exercer a ciência em suas diversas modalidades. Se o religioso conserva, na Pós-Modernidade, alguma legitimidade, é exclusivamente no campo da busca e da construção simbólica de sentido dentro dessa mesma realidade.<sup>347</sup>*

Este último bloco de reflexão busca entender melhor o que se passa com a Iniciação à Vida Cristã nestes últimos anos. Melhor ainda: o que se pretende é perpassar as diversas crises no processo de evangelização que tocam diretamente àquilo que compete aos itinerários catequéticos que buscam responder – cada qual no seu ritmo e *marketing* publicitário – à tarefa de melhor corresponder ao desejo da Igreja, por meio de seu magistério, em meio à efervescência do mundo líquido-moderno.

Depois de contemplar a realidade pós-moderna e seus contornos sólidos, líquidos e gasosos, bem como discernir este frágil cenário à luz da experiência eclesial latino-americana, vemos que o volumoso testemunho catequético nos últimos anos não está isento de desencontros, inquietações e pontos desconexos que precisam ser aqui lembrados. Interessa-nos, aqui, lembrar o modo impactante e tão verdadeiro de se expressar do bispo francês François Favreau (1929): na Igreja, “não basta ‘arrumar’, é preciso desarrumar’. Em outras palavras, torna-se necessário habitar de outro modo um mundo que se tornou outro. [...] Não há fidelidade senão na coragem das evoluções”<sup>348</sup>.

Em cada época o cristianismo foi se reinventando na sua forma de lidar com as transformações ao longo dos séculos. Temos que concordar com Mendoza-Àlvarez :

<sup>347</sup> ARNOLD, S., La era de la mariposa, p. 8.

<sup>348</sup> DELUMEAU, J., À espera da aurora, p. 8.

em seu terceiro milênio de existência em particular, o cristianismo lança, de maneira inédita, a questão de saber não tanto como resolver como sobreviver como doutrina e moral, mas como *transmitir a fé* em Deus segundo uma experiência de cumprimento humano e da criação inteira, onde seja possível descobrir os vestígios da Presença divina sem aniquilar ao sujeito emancipado.<sup>349</sup>

Não faltaram grupos que, como torcidas de futebol no campo, ora vibravam por aceitar que o cristianismo ainda está na sua infância, ora se decepcionavam, reclamando de uma estrutura obsoleta e até carcomida. Outros, ainda, optam por dizer que a Igreja – especialmente na Europa – passa “pela sua crise da meia-idade, pela sua ‘fase de acídia’, por um período de sonolência e letargia”<sup>350</sup>, e o que se espera é um “recuperar fôlego” para seguir seu caminho.

#### 4.1.

#### Algumas impressões de um cristianismo paganizado

*Frente à nova situação religiosa de pluralismo e secularização, torna-se mais urgente a tarefa evangelizadora da Igreja. Desde uma penetração mais profunda da palavra de Deus deve se considerar, por um lado, a necessidade da tomada de consciência dos elementos positivos desta secularização e, por outro lado, a criação de formas de transmissão da fé, como são exigidas pela sociedade em processo de mudança, buscando uma compreensão e expressão mais puras e autênticas do Evangelho e da Igreja. Esta transmissão da fé há de conduzir a uma adesão pessoal e, portanto, complementar, do homem a Cristo.*<sup>351</sup>

O papa Francisco, na última Missa Crismal, dirigiu-se aos sacerdotes para dizer que no ministério pastoral é possível prender-se ao que chamou de espaços de idolatria, comportamentos perigosos para a vida do sacerdote, como a mundanidade espiritual, o pragmatismo dos números e o funcionalismo. E, a certa altura, de forma direta, como se faz costumeiramente, disse: “Um sacerdote mundano não é outra coisa que um pagão clericalizado”<sup>352</sup>. Uma frase bastante forte, mas que revela a fraqueza humana refletida não somente nos ministros ordenados, mas que toca a todos que vivem em meio a pessoas “inseguras, desorientadas, confusas e assustadas pela instabilidade do mundo”<sup>353</sup> moderno.

<sup>349</sup> MENDOZA-ÁLVAREZ, O Deus escondido da pós-modernidade, p. 68.

<sup>350</sup> HALÍK, T., A noite do confessor, p. 225.

<sup>351</sup> CELAM, Documento básico preliminar-1968, p. 23.

<sup>352</sup> FRANCISCO, PP, A homilia do Papa Francisco, p.1.

<sup>353</sup> BAUMAN, Z., Identidade, p. 68.

Já há algum tempo, teólogos – principalmente europeus – tocam no tema de um novo “paganismo” pós-cristão, depois do grande período da cristandade ocidental. No primeiro século da era cristã, na cidade de Antioquia, por exemplo, foi um lugar propício para o chamado cristianismo pagão, uma corrente que adaptava o cristianismo ao substrato social, psicológico e religioso do mundo pagão. E, assim, vários elementos se mesclavam na compreensão de fé em Jesus Cristo, mesmo diante das perseguições do Império Romano. São Tiago, São Paulo, Timóteo e outros tiveram contato com muitas comunidades cristãs que não aceitavam muitas práticas judaicas e buscavam outros elementos culturais que foram, aos poucos, sendo assimilados na vivência comunitária.

O que observamos agora é a inversão de práticas culturais que chamamos de um “cristianismo paganizado” às avessas: se no começo do cristianismo eram os pagãos que traziam elementos culturais para as comunidades cristãs, agora, há um novo movimento, o de levar alguns elementos religiosos para a sociedade com uma prática desconectada do que se foi recebido como experiência de fé na comunidade cristã.

Nossas comunidades cristãs se encontram cada vez mais numa situação de diáspora frente a um mundo crescentemente paganizado, mas com uma diferença significativa: nossos pagãos não provêm de uma religião estranha, mas que têm passado do cristianismo ao paganismo real ou, o que é pior, mantém o cristianismo como ponto de referência cultural, mas que tem perdido todo sentido de fé e de transcendência.<sup>354</sup>

O mesmo jesuíta vai demonstrar que não é fácil, hoje, estabelecer uma linha que possa dividir os batizados afastados da comunidade com os neopagãos, sociologicamente cristãos. Partindo da tradição latino-americana do teólogo Segundo Galilea (1928-2010), nota-se um cristianismo estático, desgastado e sem prestígio, o que na Conferência de Aparecida se insistia na mudança da enrijecida pastoral de conservação, que impedia a conversão para uma Igreja missionária e transformadora:

Os destinatários da reevangelização são os cristãos batizados neopagãos, que vivem sua fé de uma maneira “sociológica”, sem conteúdo nem compromisso real, a quem a mensagem evangélica se torna estranha, por opções de vida nunca assumidas, ou porque as radicais transformações socioculturais relegam os conteúdos anteriores da

<sup>354</sup> VELA, J., Reenvangelización, p. 107.

fé a momentos históricos passados que não podem ser assumidos no mundo de hoje.<sup>355</sup>

Em sintonia, os bispos latino-americanos reunidos em Medellín traziam à tona situações desta mesma natureza:

Na América Latina, na grande massa de batizados, as condições de fé, crenças e práticas cristãs são muito diversas, não só de um país para outro, como entre regiões de uma mesma nação, e ainda entre os diversos níveis sociais.

Encontram-se também grupos étnicos semi-pagãos; massas camponesas que conservam uma profunda religiosidade e massas de marginalizados com sentimentos religiosos, mas de pouca prática cristã.<sup>356</sup>

Na Europa, esta situação é muito mais evidente. O jesuíta Roger Lenaers (1925-2021) constata, com tristeza: “olhem os bancos das igrejas nos domingos, onde há cada vez mais lugares vazios. Melhor nem falar dos dias da semana. A Europa antes cristã e piedosa hoje se torna pagã a olhos vistos”<sup>357</sup>. De fato, desde a década de 1970, alguns filósofos de direita, sobretudo franceses, lançavam um projeto de renascimento cultural europeu, um segundo paganismo, livre do monoteísmo judaico-cristão. E com esse projeto teórico, cogitava-se, ainda, algumas proposições de cunho religioso para este cenário, com uma vida “hedonista, individualista, narcisista de determinados humores pós-modernos, acompanhados às vezes de uma áurea esotérica, ocultista e da defesa de novas formas politeístas”<sup>358</sup>.

Pensando neste projeto, sonhado por idealistas do século XX que desejavam o fim da religião, Berzosa apontará ao menos três tendências que foram se mostrando desde o ponto de vista religioso: uma primeira que traz alguns poucos núcleos de cristandade tradicionais, abertos à confissão cristã; uma outra que se vê indiferente diante do neopaganismo que se desenha, aos poucos na velha cristandade; e também aqueles que projetam uma nova forma de religiosidade, protegidos pelo guarda-chuva da chamada Nova Era. Observamos que:

<sup>355</sup> VELA, J., *Evangelizar de nuevo el kerigma cristiano*, p. 31.

<sup>356</sup> DM 6.1.

<sup>357</sup> LENAERS, R., *Outro cristianismo é possível*, p. 33-34.

<sup>358</sup> VELASCO, J. M., *El malestar religioso de nuestra cultura*, p. 222.

hoje, em nossa sociedade moderna pós-moderna, pós-cristã, aberta, plural e secularizada, existe uma dissociação clara entre a comunicação do cristianismo (ou transmissão da fé) às novas gerações e o processo de socialização (ou de inserção social). As perguntas estão na rua: se pode ser cristão e cidadão moderno (como sim se enfrentaram dogmatismo contra tolerância)? O que o cristianismo contribuiu como específico quando alguém já é um bom cidadão?<sup>359</sup>

Os ídolos dos quais o papa Francisco apresenta como desvios da fidelidade que se espera no sacerdócio ministerial, também equivale aos fiéis como um todo, porque num contexto neopagão como o nosso, com uma forte carga idolátrica, tudo isso afeta diretamente a transmissão da fé cristã. Os novos oráculos, numa versão em que se mantem sem portas e janelas, provoca um deslumbramento neste novo paganismo, quando se dá justamente a passagem de um *homo religious* ao *homo indifferens*, como difusão de uma nova religiosidade centrada no indivíduo. Comentando o teólogo espanhol Gonzalez de Cardedal (1934), aqui vemos que:

temos passado do ateísmo beligerante, ao agnosticismo consciente e finalmente a algo mais grave: não falar, não saber, não recordar a Deus (afasia, agnosia e amnesia de Deus). Deus tem deixado de ser objeto de interesse ou de rechaço, porque previamente tem deixado de ser objeto de interesse ou de escândalo [...]. o que tem nascido é outra coisa, chama-se cansaço, silêncio ou desinteresse de Deus, incapacidade para perceber o que implica sua realidade.<sup>360</sup>

Como dito anteriormente, o que se testemunhou foi a massificação do batismo de crianças impulsionada pela cristandade, de um lado, e a desapareição do catecumenato, como caminho de conversão, de outro. Ninguém discorda, como Cassiano Floristán ressoava, às vésperas do Concílio Vaticano II, que “na Igreja primitiva era batizado o convertido; agora tem que converter o batizado”<sup>361</sup>. E ele corajosamente impõe que uma grande maioria de batizados não foi devidamente iniciada na família, na escola ou na paróquia:

Esta anomalia a uma supervalorização da graça sacramental sobre a fé pessoal; se mostra na obsessão pastoral não distante de batizar (*quam primam*) a quem não tem uso da razão e dar a extrema unção (hoje, unção dos enfermos) a quem se tem perdido a razão. A existência de um número considerável de batizados não praticantes, com uma vida de fé mais ou menos deficiente, se deve, sem dúvida, à precipitação

<sup>359</sup> BERZOSA, R., Transmitir la fe en un nuevo siglo, p. 20.

<sup>360</sup> CARVAJAL BLANCO, J., Pedagogía del primer anuncio, p 97.

<sup>361</sup> FLORISTÁN, C., Para comprender el catecumenado, p. 27.



batismal. Evidentemente, há cristãos que se afastaram da prática, mas também há muitos batizados que quase nunca praticaram pessoalmente.<sup>362</sup>

Velasco também aborda o assunto para situar o que chama de “segunda secularização”. Para ele, uma primeira aconteceu na época moderna, quando as instituições sociais e outras áreas do conhecimento foram se emancipando da instituição religiosa. Agora, vivemos um segundo momento, no qual novos movimentos religiosos aparecem para compor um paganismo politeísta<sup>363</sup>, como expressão do retorno do sagrado em nossa época:

A secularização origina assim um pluriforme pluralismo religioso que abarca de novas e variadas formas religiosas, a coexistência de diferentes crenças, cosmovisões e sistemas éticos de orientação da vida, inclusive uma pluralidade de formas de organizar e viver das religiões institucionais.<sup>364</sup>

Nos anos que se seguiram imediatamente ao pós-concílio, a Igreja já indicava uma nova modalidade de paganismo, unida ao indiferentismo religioso e ao ateísmo:

Há também o caso de uma fé cristã misturada com uma espécie de neopaganismo, embora permaneça um certo sentido religioso e uma certa crença em um ser supremo. A mentalidade religiosa pode estar longe da influência da Palavra de Deus e da vida sacramental e buscar seu alimento em práticas supersticiosas e mágicas; e a vida moral, por sua vez, pode retornar a uma ética pré-cristã. Às vezes é possível que elementos de cultos naturistas e animistas sejam introduzidos na religiosidade cristã, de práticas divinatórias com o perigo de cair em formas sincréticas. E também se espalham seitas religiosas que misturam os mistérios cristãos com antigas visões míticas.<sup>365</sup>

<sup>362</sup> FLORISTÁN, C., Para comprender el catecumenado, p. 27.

<sup>363</sup> Além do teólogo Juan Martín Velasco (1934-2020) – que deixou uma vasta literatura sobre o fenômeno religioso –, Juan Carlos Carvajal Blanco (1961), do mesmo presbitério madrilês, aprofunda largamente este tema: “*El paganismo* se define por ofrecer una experiencia gozosa de la vida que permite huir tanto del peso de la responsabilidad como de la angustia que produce hoy al hombre el futuro incierto. [...] El neopaganismo se ha convertido en un ‘hábitat cultural’ que, aunque no se explicita teóricamente, funciona como un axioma vital por el cual nuestros contemporáneos, incluso creyentes, prejuzgan el anuncio del Dios cristiano y ven condicionada su acogida.” (CARVAJAL BLANCO, J., Pedagogía del primer anuncio, p. 103;105.)

<sup>364</sup> VELASCO, J. M., Ser cristiano en una cultura posmoderna, p. 60.

<sup>365</sup> DCG 7.

Já Gevaert, na conhecida obra *El Primer Anuncio*, que ganhou parte dela uma tradução à língua portuguesa<sup>366</sup>, aponta o perigo da fragmentação de diversos serviços da Igreja que tiram a sensibilidade eclesial para entender onde caberia a catequese, a animação bíblica e a pastoral, por exemplo. Falamos muito em projetos que se amarram em “nós cegos” na práxis. Aqui o autor também se utiliza da expressão “neopagãos”:

Se corre o risco muito sério de “não perceber concretamente que existem muitos jovens e adultos que, de fato, não são cristãos, não tem fé e não experimentam nenhuma conversão do coração. São efetivamente neopagãos e constituem uma situação missionária que nos desafia com métodos apropriados, diversos das lógicas da catequese doutrinal e da pastoral dos crentes.”<sup>367</sup>

Na verdade, o retorno da religião em sua versão pós-moderna se dá sob vestes pagãs, onde se refresca com a fé em momentos de experiências individuais, com busca de satisfação e harmonia subjetiva. A novidade “consiste na pujança com o que, na atualidade, os valores pagãos se vão impondo e a convicção com a que pretende substituir a visão cristã da vida por outros. Não esqueçamos que o ‘paganismo tem sido sempre o grande adversário do cristianismo’”<sup>368</sup>.

Este desafio da evangelização com novos métodos não passou despercebido pelos últimos pontífices. São Paulo VI exortava sobre a importância do testemunho cristão frente ao grupo dos “não-cristãos”<sup>369</sup> – para falar daqueles que ainda não conheciam a Cristo, dos batizados não praticantes ou daqueles que viviam em modelos eclesiais obsoletos e distantes dos valores evangélicos. Na festa de São Pedro e São Paulo, no início do décimo ano de seu pontificado, não deixou esconder a sua preocupação quando falava de comunicar Deus ao mundo de hoje: “Pensemos neste momento com imensa caridade em todos os nossos irmãos que nos deixam, a tantos fugitivos e esquecidos, a tantos que talvez nunca tenham tido consciência da

<sup>366</sup> GEVAERT, J., *El primer anuncio*, p. 37. Gevaert, belga e professor de Catequética em Roma, está inscrito entre os catequetas mais lúcidos da atualidade e apresenta nesta obra um tratado sobre a importância do primeiro anúncio e de uma organização catequética abertamente missionária. Infelizmente, a tradução portuguesa brasileira (*Primeiro anúncio: finalidade, destinatários, conteúdos, modalidade*. São Paulo: Paulinas, 2009) não apresenta os dois primeiros capítulos da publicação original. Por mais que o autor apresente alguns problemas específicos da secularização vivida na Europa, este prelúdio traz uma reflexão pastoral preciosa sobre as dificuldades do primeiro anúncio hoje e, especialmente, sobre o testemunho cristão. Utilizamos aqui a publicação original.

<sup>367</sup> GEVAERT, J., *El primer anuncio*, p. 37

<sup>368</sup> CARVAJAL-BLANCO, J., *Pedagogía del primer anuncio*, p. 95.

<sup>369</sup> EN 21.

vocação cristã, embora tenham recebido o Batismo”<sup>370</sup>. E nesta mesma homilia desabafa numa agonia lembrada até hoje:

Referindo-se à situação da Igreja hoje, o Santo Padre afirma ter a sensação de que "de alguma fresta entrou a fumaça de Satanás no templo de Deus". Há dúvida, incerteza, problemas, inquietação, insatisfação, confronto. Não confiamos mais na Igreja; confiamos no primeiro profeta profano que vem falar conosco de algum jornal ou algum movimento social para persegui-lo e perguntar se ele tem a fórmula da vida verdadeira. E não sentimos que já somos mestres e professores disso. A dúvida entrou em nossas consciências e entrou por janelas que, em vez disso, tiveram que ser abertas para a luz. Da ciência, que é feita para nos dar verdades que não se desvinculam de Deus, mas que nos fazem buscá-lo ainda mais e festejar com maior intensidade, veio a crítica, veio a dúvida. Este estado de incerteza reina também na Igreja. [...] Acreditava-se que depois do Concílio viria um dia ensolarado para a história da Igreja. Em vez disso, chegou um dia de nuvens, de tempestades, de escuridão, de pesquisa, de incerteza. Pregamos o ecumenismo e nos distanciamos cada vez mais dos outros. Tentamos cavar abismos em vez de preenchê-los.<sup>371</sup>

São João Paulo II, ao apresentar as conclusões do Sínodo sobre a Catequese, em 1977, referia-se também a um grupo de cristãos sociológicos, chamando-os de “quase catecúmenos”<sup>372</sup>, fruto de uma catequese precoce, mal orientada e/ou mal assimilada. No seu longo pontificado, sempre manifestou a necessidade de uma nova evangelização, diante das fortes transformações que se abatera ao mundo nas últimas décadas:

Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova, e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. [...] Noutras regiões ou nações, porém, conservam-se bem vivas ainda tradições de piedade e de religiosidade popular cristã; mas, esse patrimônio moral e espiritual corre hoje o risco de esbater-se sob o impacto de múltiplos processos, entre os quais sobressaem a secularização e a difusão das seitas. Só uma nova evangelização poderá garantir o crescimento de uma fé límpida e profunda, capaz de converter tais tradições numa força de liberdade autêntica.<sup>373</sup>

O papa Bento XVI, na missa de abertura do Sínodo sobre a Nova Evangelização, comemorando os 50 anos de abertura do Concílio Vaticano II,

<sup>370</sup> PAULO VI, PP, IX aniversário da Coroação de Sua Santidade, p. 1.

<sup>371</sup> PAULO VI, PP, IX aniversário da Coroação de Sua Santidade, p. 1.

<sup>372</sup> CT 44.

<sup>373</sup> CL 34.

elucidada que a nova evangelização<sup>374</sup> no milênio entrante estava “destinada principalmente às pessoas que, embora batizadas, se distanciaram da Igreja e vivem sem levar em conta prática cristã”<sup>375</sup>. Na homilia junto aos padres sinodais que encerrava a XIII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, o papa sintetizou as três linhas pastorais que emergiram deste sínodo: a catequese e a iniciação cristã, a preocupação com a missão *ad gentes* e as pessoas batizadas, mas que não viviam as exigências de seu Batismo:

Durante os trabalhos sinodais, foi posto em evidência que estas pessoas se encontram em todos os continentes, especialmente nos países mais secularizados. A Igreja dedica-lhes uma atenção especial, para que encontrem de novo Jesus Cristo, redescubram a alegria da fé e voltem à prática religiosa na comunidade dos fiéis. Para além dos métodos tradicionais de pastoral, sempre válidos, a Igreja procura lançar mão de novos métodos, valendo-se também de novas linguagens, apropriadas às diversas culturas do mundo, para implementar um diálogo de simpatia e amizade que se fundamenta em Deus que é Amor. Em várias partes do mundo, a Igreja já encetou este caminho de criatividade pastoral para se aproximar das pessoas afastadas ou à procura do sentido da vida, da felicidade e, em última instância, de Deus.<sup>376</sup>

Discursando à presidência do CELAM durante a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, papa Francisco lembrava aos bispos que temos nas mãos uma bússola para não nos perder no caminho da evangelização, que é a identidade católica concebida como pertença eclesial, necessária para que resgatemos os “batizados indiferentes e afastados”<sup>377</sup>. Neste sentido, temos que reaprender o caminho da fé abrindo “os átrios dos pagãos, ainda para os que, supostamente, tenham recebido um verniz de religião”<sup>378</sup>.

Esta experiência de afastamento e neopaganismo manifesta a crise do sagrado e novas recomposições religiosas híbridas, já que os homens de hoje são treinados

<sup>374</sup> O tema da “nova evangelização” ou “re-evangelização” é, sem dúvida, palco de espinhosas discussões nos campos teológico e pastoral. Ainda que alguns afirmem que foi cunhada para reafirmar o desejo de uma neocristandade sonhada pelo papa João Paulo II, creditando-a aos novos movimentos eclesiais, esta nova evangelização acabou sendo incorporada eclesialmente naquilo que compete a missão e natureza da Igreja de evangelizar em meio aos novos desafios deste milênio. Dizia dom Rino Fisichella: “Na selva das interpretações considero que é melhor evitar o neologismo ‘re-evangelização’ para permitir-nos falar da nova evangelização como de uma forma mediante a que o mesmo Evangelho de sempre se anuncia com novo entusiasmo, com novas linguagens compreensíveis em uma situação cultural diferente, e com novas metodologias capazes de transmitir o sentido profundo que permanece inalterado. (FISICHELLA, R., *La nueva evangelización*, p. 29.)

<sup>375</sup> BENTO XVI, PP, Santa Missa para Abertura do Sínodo, p. 1.

<sup>376</sup> BENTO XVI, PP, Santa Missa para Conclusão do Sínodo, p. 1.

<sup>377</sup> FRANCISCO, PP, Aos Bispos responsáveis do CELAM, p. 1.

<sup>378</sup> ARNOLD, S., *La era de la mariposa*, p. 158.

para a vida de consumo, não para a vida eterna<sup>379</sup>, como sempre ensinou o cristianismo. Para muitos, a ida da família aos domingos no *shopping center* é a nova encarnação do sagrado. Vejamos, à guisa de exemplo, as duas maiores festas cristãs do ano litúrgico. No Brasil, a Festa do Natal se resume a propagar a figura fantasiosa e norte-americana do papai-noel em casacos pesados em pleno verão, bem como os chamados “amigos secretos”, com muita comida e bebida. E na festa da Páscoa a situação fica um pouco pior: não se fala de Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Isso é demasiado triste e escandaloso para os nossos dias. Na Páscoa, as crianças se divertem com seus ovos de chocolate superfaturados e a família programa, com antecedência, suas férias antecipadas no “feriado” da semana santa. Joel Portella lembrava, na III Semana Brasileira de Catequese que, nesta mudança de época em que vivemos, muitos pais “já estão transmitindo para seus filhos a opção dos sem-religião. Podem até crer em Deus e achar Jesus Cristo simpático. Não querem, todavia, se submeter a uma comunidade, a uma instituição, a uma tradição”<sup>380</sup>. Estes são os cristãos paganizados: fizeram com que as pontes que o cristianismo construiu, ligando a vida mortal à eternidade, caíssem em desuso<sup>381</sup>.

Mesmo diante de um cenário aparentemente catastrófico, vê-se lampejos de esperança e novas oportunidade de viver a fé e apresentar o Cristo e sua Boa-Nova em nossa cultura. Com isso, a missão da Igreja de evangelizar se encontra, hoje, diferente daquela que se costumava fazer em períodos anteriores. E com isso, não faltam testemunhos desanimadores:

A imagem de uma missão conquistadora entre os pagãos, os gentios ou os “selvagens” parece definitivamente superada. Estamos em meio a um mundo plural, onde os próprios cristãos são os primeiros pagãos. Até poderíamos considerar como selvagens alguns fanatismos religiosos. É quase impossível, hoje, estabelecer fronteiras entre Cristianismo e paganismo, civilização e não civilização. Estamos todos sentados e sentadas na mesma mesa de um mundo ao mesmo tempo promotor de esperança e demiurgo das piores desumanizações.<sup>382</sup>

<sup>379</sup> BAUMAN, Z., Identidade, p. 81.

<sup>380</sup> AMADO, J., Catequese num mundo em transformação. IN: COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, 3ª Semana Brasileira de Catequese, p. 53.

<sup>381</sup> BAUMAN, Z., Identidade, p. 82.

<sup>382</sup> ARNOLD, S., La era de la mariposa, p. 190.

## 4.2.

### Recuperar o primeiro anúncio da fé

*“De um olhar mais aprofundado pelo contexto cultural, podem emergir as novas problemáticas que a Igreja é chamada a viver. Particularmente duas. A primeira é o fenômeno da cultura digital que traz consigo a segunda conotação, a globalização da cultura. [...] Com efeito, esta [vida de fé] transmite-se com o encontro interpessoal e alimenta-se na esfera da comunidade. A exigência de exprimir a fé com a oração litúrgica e de testemunhá-la com a força da caridade exige saber ultrapassar o caráter fragmentário das propostas para recuperar a unidade originária do ser cristão.”<sup>383</sup>*

Como é bom recordar, quando falamos de anúncio da fé cristã, da docilidade de São João XXIII quando celebrou a abertura de um concílio do qual já imaginava não ver sua clausura: “O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz”<sup>384</sup>. Eis um detalhe: além de falar sobre a defesa e difusão do *depositum fidei*, utiliza o advérbio “mais” para mostrar a eficácia deste anúncio. Muitos padres sinodais diziam que este discurso de abertura foi fundamental para que o concílio tomasse um rumo mais sinodal entre os bispos, e de maior colegialidade nas reflexões. O fato é que o papa deixou claro que o trabalho estava sendo feito, mas não suficientemente. Por isso insiste:

o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo.<sup>385</sup>

Nesta missão confiada ao concílio, o anúncio da fé cristã precisava ser feito de forma sistemática e ordenada, à luz dos sinais dos tempos. No último parágrafo do decreto *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja, aparece uma determinação clara e particular sobre este tema: “Dispõe também o sagrado Concílio que se redijam Diretórios gerais para a cura de almas, tanto destinados aos Bispos como aos párocos, onde uns e outros encontrem métodos seguros para mais fácil e frutuoso desempenho das obrigações pastorais”<sup>386</sup>. E há um complemento

<sup>383</sup> DC 16-17.

<sup>384</sup> JOÃO XIII, PP, Discurso na abertura solene do Sagrado Concílio, sessão V, n.1.

<sup>385</sup> JOÃO XIII, PP, Discurso na abertura solene do Sagrado Concílio, sessão VI, n.5.

<sup>386</sup> CD 44.

particular, como dissemos: redijam-se, ainda, um “Diretório sobre a formação catequética do povo cristão, que exponha os princípios fundamentais, a orientação e também o modo de elaborar os livros acerca desta matéria”<sup>387</sup>. E aqui se refere basicamente aos bispos, seguindo as determinações conciliares que, expondo a doutrina fielmente, buscassem orientar de maneira segura os fiéis nesta mesma fé e acompanhassem pedagógica e metodologicamente a instrução religiosa no processo de iniciação cristã.

Fixemos, a seguir, alguns apontamentos sobre o anúncio da fé no mundo de hoje com seus contornos nos distintos diretórios à luz do concílio.

#### 4.2.1.

##### **Em busca da unidade fundamental da ação evangelizadora**

De 20 a 25 de setembro de 1971, aconteceu em Roma o II Congresso Internacional de Catequese<sup>388</sup>, promovido pela Sagrada Congregação para o Clero, com o intuito de aprofundar e promover o *Diretório Catequético Geral* – publicado em 11 de abril do mesmo ano –, um documento importante que se destinou a “reavivar e renovar o ensino da doutrina cristã”<sup>389</sup>. Nestes primeiros anos pós-conciliares, havia muito entusiasmo e empenho por parte das diversas comissões para colocar em prática as orientações emanadas do concílio, e a publicação de diretórios<sup>390</sup> era uma delas.

<sup>387</sup> CD 44.

<sup>388</sup> O I Congresso Internacional de Catequese aconteceu 20 anos antes, de 10 a 14 de outubro de 1950, também em Roma, e contou com a participação de 600 pessoas, inclusive de representação brasileira, o monsenhor Álvaro Negromonte (1901-1964). De forma distinta deste primeiro – devido à distância e a renovação que o concílio determinava a toda a Igreja – o II Congresso conseguiu reunir 1.152 participantes de 79 países e contou com grande entusiasmo daqueles que já vinham buscando a renovação catequética desde as Semanas Internacionais de Catequese, da década de 1960, descritas no capítulo anterior. Deste encontro, além da “conferência programática do cardeal prefeito, J. Wright, outras quatro se deram: necessidade, dificuldade e possibilidade da catequese atual (J. M. Estepa Laurens); natureza, finalidade e metodologia da catequese na ação pastoral da Igreja (D. S. Arnalorpadavass); o objeto da catequese, as suas fontes e as suas relações mútuas (G. Stimpfle); a nova missão, as exigências fundamentais da ação catequística (M. Bournique)” (BOLLIN, A.; GASPARINI, F., *A catequese na vida Igreja*, p. 225).

<sup>389</sup> PAULO VI, PP, Audiência Geral, 22 set. 1971.

<sup>390</sup> No Brasil, o documento *Catequese Renovada* – publicado pela CNBB em 1983 – sempre serviu de bússola e referência aos catequistas e às comunidades, daquilo que se esperava da renovação conciliar, sendo o documento da conferência brasileira com maior número de edições e alta vendagem, mesmo 40 anos depois. Somente em 2006, a equipe nacional de Animação Bíblico-Catequética, com outros especialistas, publicaram um *Diretório Nacional de Catequese*, como sugestão da Cúria Romana às conferências nacionais, em um trabalho intenso que durou mais de três anos (DNC 1-3).

Com este primeiro diretório catequético, São Paulo VI recordava sobre a importância da instrução religiosa e do comprometimento dos responsáveis por ela:

A catequese é um ensino que, mais do que qualquer outro, exige a participação das pessoas interessadas. Exige a obra viva e direta de toda a comunidade da Igreja. Pode ser considerada como o testemunho da fé. Ora, todos os fiéis são obrigados, individualmente, a dar este testemunho, professando a própria fé, com os atos, com as palavras e com o exemplo. Diz-se, continuamente, que todos os membros da Igreja devem ser apóstolos, devem ser missionários; pelo próprio facto de participarem na vida da Igreja, devem ser, de algum modo, os seus promotores, os « filhos da luz » (cfr. Mt 5, 16; 1 Pd 2, 12; Ef 5, 8). Isto comporta o dever fundamental de conhecer a própria fé, de se instruir sobre as verdades da religião. Esta necessidade é uma das exigências prementes e sempre atuais da história do cristianismo.<sup>391</sup>

O Diretório de 1971, dirigido de forma mais direta aos bispos do mundo todo, apresenta proposições teológicas e pastorais agrupadas em seis blocos: a situação do mundo atual, o ministério da Palavra, a mensagem cristã, elementos de metodologia, a catequese segundo as idades e a ação pastoral do ministério da Palavra. Seu objetivo é percebido desde a apresentação, com a finalidade imediata de “oferecer subsídios para a elaboração de outros diretórios catequéticos e catecismos”<sup>392</sup>. Com ele, busca-se aprofundar o serviço do *ministério da Palavra*, que tem a missão de comunicar a mensagem de salvação aos homens do nosso tempo. É interessante dizer que o destaque do documento está em dizer que este ministério pode assumir diversas formas<sup>393</sup> na Igreja: a *forma de pregação missionária*, com o despertar do primeiro anúncio da fé; a *forma catequética*, buscando tornar esta fé viva, explícita e prática; a *forma litúrgica*, na experiência celebrativa com a comunidade, especialmente na Eucaristia; e a *forma teológica*, onde a fé é revestida de caráter científico e investigativo.

E, para isso, recorda:

A própria catequese pressupõe uma adesão global ao Evangelho de Cristo, proposto pela Igreja. No entanto, às vezes é dirigida a homens que, embora pertençam à Igreja, de fato nunca tiveram uma verdadeira adesão pessoal à mensagem revelada. Isto significa que a evangelização pode preceder ou acompanhar a catequese propriamente dita, segundo as circunstâncias. Mas, em todo caso, deve-se levar em conta que a conversão é um elemento necessário no dinamismo da fé e, portanto, a

<sup>391</sup> PAULO VI, PP, Audiência Geral no II Congresso Internacional de Catequese, p. 1.

<sup>392</sup> DCG, p. 6.

<sup>393</sup> DCG 17.



catequese, qualquer que seja sua forma, deve incluir de alguma forma a evangelização.<sup>394</sup>

Com todos os esforços despendidos nestes primeiros anos para uma renovação catequética, São João Paulo II não se esqueceu de reconhecê-lo na figura emblemática de seu antecessor, nas conclusões do Sínodo dos Bispos de 1977:

Os últimos Papas atribuíram à catequese um lugar eminente na sua solicitude pastoral. Nesta linha, Paulo VI, com os seus gestos, a sua pregação e a sua interpretação autorizada do Concílio Vaticano II — que ele considerava o grande catecismo dos tempos modernos — e até com toda a sua vida, serviu a catequese da Igreja de modo particularmente exemplar.<sup>395</sup>

Após as comemorações dos 30 anos do Concílio Vaticano II e à luz de uma extensa jornada catequética – de um lado, as provocações pastorais dos Sínodos dos Bispos de 1974 (sobre a Evangelização) e de 1977 (sobre a Catequese); de outro, a publicação do *Catecismo da Igreja Católica* (1992)<sup>396</sup> –, foi preciso atualizar aquele primeiro diretório, com menos normas imperativas e mais critérios de inspiração para a ação pastoral. Assim veio a público o *Diretório Geral para a Catequese* que – como outros diretórios – tornou-se um *vade-mecum*, “um conjunto de princípios, critérios e normas de natureza bíblico-teológica e metodológico-pastoral com a função de coordenar a ação pastoral”<sup>397</sup>.

Distribuído pedagogicamente no mesmo formato de seu antecessor, o novo diretório apresenta seis temas: uma exposição introdutória sobre o anúncio do evangelho no mundo contemporâneo; depois sobre a catequese na missão evangelizadora da Igreja; a mensagem evangélica; a pedagogia da fé, com elementos metodológicos; os destinatários da catequese, retomando a catequese por idades; e a catequese nas Igrejas Particulares, com o tema do ministério, formação e serviço.

De igual maneira, o anúncio da fé é descrito segundo as várias formas ou funções do ministério da Palavra. A convocação e o chamado à fé são realizados mediante o primeiro anúncio que, neste Diretório, classifica como destinatários<sup>398</sup>:

---

<sup>394</sup> DCG 18.

<sup>395</sup> CT 2.

<sup>396</sup> DGC 7.

<sup>397</sup> DNC 5.

<sup>398</sup> DGC 51.

os pagãos, os que vivem à margem da vida cristã, os que praticam outra religião e o despertar religioso em crianças em tempo de catequese. E, portanto, destaca que o “primeiro anúncio” e “catequese” possuem uma relação de distinção na complementaridade, ainda que na prática pastoral as duas se confundam. É necessário que no itinerário catequético se realize uma primeira etapa chamada de *pré-catecumenato*, em outros lugares, *catequese kerigmática* ou ainda *pré-catequese*, vivida como “proposta da Boa-Nova de acordo com uma sólida opção de fé”<sup>399</sup>.

Quando se remete ao contexto sociorreligioso, percebemos que muitas pessoas, envolvidas por este mundo plural e secularizado, possam apresentar alguns sintomas previstos pelo Diretório, como o abandono da prática religiosa regular, a busca frenética por gurus da fé e pseudorreligiosos, bem como uma rotina diária vivenciada como se Deus não existisse. O remédio, como abordado no capítulo anterior com a experiência da Conferência de Medellín, é buscar uma catequese evangelizadora, autenticamente evangélica e com uma linguagem adaptada às transformações culturais.

Ela visa educar os cristãos ao sentido da sua identidade de batizados, de crentes e de membros da Igreja, abertos ao mundo e em diálogo com ele. Recordá-lhes os elementos fundamentais da fé, estimula-os a um real processo de conversão, aprofunda neles a verdade e o valor da mensagem cristã diante das objeções teóricas e práticas, ajuda-os a discernir e a viver o Evangelho no cotidiano, torna-os aptos a dar razão da esperança que está neles, encoraja-os a exercer a sua vocação missionária, através do testemunho, do diálogo e do anúncio.<sup>400</sup>

No início do ano de 2013, pouco antes de renunciar, o papa Bento XVI, através da carta apostólica *Fides per Doctrinam*, transfere a competência sobre a Catequese da Congregação para o Clero para o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, criado em 2010. E já se pensava em uma nova edição do diretório para a comemoração dos 20 anos do Diretório Geral para a Catequese. Após várias prorrogações, em 25 de junho de 2020, através das mídias digitais, pela impossibilidade de encontro físico no início da pandemia do COVID-19, o referido Conselho publicou o *Diretório para a Catequese* que traz, entre outros destaques, o desafio da cultura digital e a globalização da cultura. Como se

<sup>399</sup> DGC 62.

<sup>400</sup> DGC 194.

vê, “ele representa uma etapa ulterior na renovação dinâmica que a catequese está realizando”<sup>401</sup>, diante de muitos passos significativos que as conferências episcopais foram dando na renovação catequética desde o Sínodo dedicado a este tema.

Um novo diretório foi preparado frente à distância do último publicado, a forte influência da internet na vida das pessoas e uma razão de ordem teológica e eclesial: a necessidade de reafirmar o espírito sinodal da Igreja e os últimos temas que foram trabalhados<sup>402</sup>. É dividido em doze capítulos, agrupados em três partes: a catequese na missão evangelizadora da Igreja, o processo da catequese e a catequese nas Igrejas Particulares.

Nos capítulos I e II se concentram as ideias mais reforçadas sobre a dimensão do anúncio da fé em meio à mutação que perpassa a comunidade cristã. Amparado no novo impulso missionário feito pelo papa Francisco, o Diretório fala claramente da necessidade de uma “pastoral do primeiro anúncio”, no mesmo espírito de propor e não impor a fé, de forma espontânea, como diziam os franceses<sup>403</sup> há algum tempo:

Esse espontâneo impulso missionário deve ser sustentado por uma autêntica e própria *pastoral do primeiro anúncio*, capaz de empreender iniciativas para, de modo explícito, propor a Boa Notícia da fé, manifestando concretamente a força da misericórdia, coração do Evangelho, promovendo a inclusão daqueles que se convertem na comunidade eclesial.<sup>404</sup>

<sup>401</sup> DC, p. 16.

<sup>402</sup> “Em 2005 o Sínodo sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja; em 2008, A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja; em 2015, A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo; em 2018, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Como se pode observar, em todas estas assembleias, repetem-se algumas constantes que tocam de perto o tema da evangelização e da catequese, o que se pôde verificar pelos documentos que se lhes seguiram. De modo mais particular é forçoso referir-nos a dois acontecimentos que, de forma complementar, marcam a história desta última década no que se refere à catequese: o Sínodo sobre a Nova evangelização e a transmissão da fé, em 2012, com a consequente Exortação apostólica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium*, e o vigésimo quinto aniversário da publicação do Catecismo da Igreja Católica, ambos tocando diretamente a competência do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização.” (FISICHELLA, R., Igreja lança novo diretório para a catequese depois de 23 anos, p. 1)

<sup>403</sup> *Proposer la foi dans la société actuelle* (Propor a fé na sociedade atual) foi uma carta da Conferência Episcopal Francesa, datada de 09 de novembro de 1996 e que já acenava para alguns desafios que a iniciação cristã enfrentaria no novo milênio. Adiante falaremos mais sobre este novo cenário catequético.

<sup>404</sup> DC 41.

O anúncio do Evangelho – lembra o Diretório – não se limita a um momento específico, mas a toda a catequese<sup>405</sup>, como dimensão constitutiva. Esta proposição é retirada quase que literalmente das palavras de Francisco, porque:

Ao designar-se como «primeiro» este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos. Por isso, também «o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado».<sup>406</sup>

Dessa forma, não se reduz o primeiro anúncio a uma mensagem, mas a “uma partilha que vem de Deus e comunicação da alegria de ter encontrado o Senhor”<sup>407</sup>. E esse rápido percurso através dos diretórios de catequese nos faz concluir que um novo paradigma vem despontando na dimensão catequética e iniciática da fé. Busquemos mais sinais concretos neste cenário transformador.

#### 4.2.2.

#### Ir ao coração da fé!

Na cultura bíblica hebraica, a palavra correspondente ao coração – *lev* (לֵב) – representava o ser interior da pessoa e a atividade psíquica passaria por vários órgãos do corpo humano. Muitos antigos desconheciam as funções fisiológicas do coração; no entanto, as reações emocionais eram facilmente percebidas. É nesse sentido que a linguagem moderna se difere da bíblica<sup>408</sup> e no coração, como centro principal de toda a atividade do corpo, está a inteligência, vontade, desejo, discernimento, sabedoria e conhecimento humano<sup>409</sup>.

<sup>405</sup> DC 57.

<sup>406</sup> EG 164.

<sup>407</sup> DC 68.

<sup>408</sup> “O coração é especialmente importante na religião bíblica. O mistério do eu escondido é plenamente conhecido por Deus e por Cristo (Jr 17,10, Lc 9,47, Rm 8,27 e por todo), e o coração é o lugar do nosso conhecimento de Deus (2Cor 4, 6). O estado de coração governa a visão de Deus (Mt 5, 8). Do coração fala-se a Deus (Sl 27, 8). O coração é o lugar da habitação divina (2Cor 1,22; Gl 4, 6; Ef 3,17). Por outro lado, o mal moral no coração é visto na perspectiva bíblica como pecado contra Deus. Os corações sem sentido são escurecidos, muitas vezes secretamente idólatras, longe de Deus, “não está certo” diante de Deus (Dt 29,18, 19; Mt 15,8; At 8,21; Rm 1,21). No entanto, o Senhor não desprezará um coração quebrantado e contrito (Sl 51,17).” (BIBLIOTECA BÍBLICA, Coração)

<sup>409</sup> MACKENZIE, J., Dicionário Bíblico, p. 183-184.

Em outra pesquisa<sup>410</sup>, foi recordada a importância que dois Sínodos dos Bispos, de maneira especial, tiveram para buscar novos caminhos de evangelização: um sobre a Evangelização no mundo moderno (III Assembleia Ordinária, de 27 de setembro a 26 de outubro de 1974) e outro sobre a Nova Evangelização para a transmissão da fé (XIII Assembleia Ordinária, de 07 a 26 de outubro de 2012). No primeiro caso, São Paulo VI vê que a Igreja – nascendo para evangelizar – precisa levar Cristo e seu Evangelho ao coração do mundo, como naquela manhã de Pentecostes:

Consciente do seu dever de pregar a todos a salvação e sabendo que a mensagem evangélica não é reservada a um pequeno grupo de iniciados, de privilegiados ou de eleitos, mas destinada a todos, a Igreja assume como sua própria a angústia de Cristo diante das multidões errantes e prostradas "como ovelhas sem pastor" e repete muitas vezes a sua mesma palavra: "Tenho compaixão desta multidão". Mas a Igreja, entretanto, também está consciente de que, para a eficácia da pregação evangélica no coração das massas, ela deve dirigir a sua mensagem a comunidades de fiéis cuja ação, por sua vez, pode e deve ir atingir outros.<sup>411</sup>

E mais uma vez o Magistério nos lembra que não caminhamos sozinhos, porque através “do Espírito Santo, o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é ele que faz discernir os sinais dos tempos, os sinais de Deus, que a evangelização descobre e valoriza no interior da história”<sup>412</sup>. Esta é a provocação para uma “Igreja em saída missionária” que, em muitos lugares, sofre o mal do comodismo, da ilusão da cristandade, da centralidade paroquial e acaba por “enferrujar” a dinâmica missionária eclesial. Esta situação pela qual passamos também é fruto do “coração angustiado” do homem moderno. E isto fora percebido na segunda ocasião sinodal sobre a evangelização:

O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas dum poder muitas vezes anônimo.<sup>413</sup>

<sup>410</sup> MACHADO, M., Primeiro anúncio e ação evangelizadora, p. 06-14.

<sup>411</sup> EN 57.

<sup>412</sup> EN 75.

<sup>413</sup> EG 52.

Papa Francisco lembra que, em meio a tantas cortinas de fumaça que podem descaracterizar a mensagem de salvação que a Igreja oferece, é preciso partir do coração do Evangelho para alcançar o coração do mundo:

Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado.<sup>414</sup>

Fica claro que diante de tantos desafios, se faz necessário recuperar algo que até então sempre se deu por experimentado e vivido quando se fala de fé cristã e que fora apresentado de maneira espetacular pelo teólogo espanhol Xavier Morlans (1949): o primeiro anúncio, o elo perdido<sup>415</sup>. E é neste reduto teológico que encontramos uma carta pastoral da Conferência Episcopal da França, dirigida a todo o povo de Deus, após duas assembleias anuais, intitulada “*Aller au coeur de la foi. Questions d'avenir pour la catéchèse*” (Ir ao coração da fé. Questões de futuro para a catequese)<sup>416</sup>.

Os bispos franceses, na ocasião, escreveram em Lourdes uma “Carta ao Povo de Deus”, mostrando que o caminhar juntos de discípulos se faz como na noite da Vigília Pascal, das trevas à luz, da noite escura de tristeza e tantas dúvidas à noite de alegria verdadeira com a presença do Ressuscitado no meio de nós. Oração, meditação e diálogo são dispositivos de espiritualidade para a missão da Igreja, onde já se falava em superar as velhas cristandades em vistas de voltar à novidade da fé, como na noite santa pascal.

Se a catequese tem como objetivo o encontro com Cristo vivo e a inserção do fiel no Corpo de Cristo, se compreende que a Vigília Pascal possa iluminar seu caminho: ver o cume da montanha para ajudar a escolher o caminho que a ele conduz! A Eucaristia pascal aparece como a fonte e cume de toda verdadeira evangelização: na noite entre o sábado e o domingo, a Igreja celebra a Páscoa de Cristo, sua passagem da morte para a vida para fazer nascer uma humanidade nova, vivendo sua própria vida com a força da Espírito Santo. [...] Sigamos ao coração da fé!<sup>417</sup>

<sup>414</sup> EG 36.

<sup>415</sup> MORLANS, X., El primer anuncio: el eslabón perdido (2009).

<sup>416</sup> Esta carta foi compilada junto a outros textos catequéticos da Europa por Donaciano Martínez, Pelayo González e José Luis Saborido e publicado pela editora Sal Terrae na coleção “Recursos Catequéticos”, em 2005, com o título *Proponer la fe hoy. De lo heredado a lo propuesto*. É um texto essencial para o tema em questão porque recolhe as diversas impressões e desafios catequéticos de outros países que, embora distintos eclesialmente, apresentam desafios semelhantes na nova evangelização em uma cultura global.

<sup>417</sup> MARTÍNEZ, D., Proponer la fe hoy, p. 205-206.

E este caminho é perceptível em inúmeras situações eclesiais:

Os bispos de Quebec sugerem que os itinerários de iniciação devem levar diretamente à *fonte*, ao essencial. E levar à fonte “é mais que conduzir para umas crenças ou ser introduzido em um sistema. É, sobretudo, tratar de revelar a experiência espiritual que nasce da vida, que surpreende, que faz sentir o essencial, que deserta, que se põe no caminho, que se faz viver”.<sup>418</sup>

Nesta situação, Velasco compreende que um novo paradigma surge para a catequese, diante das transformações sociais que exigem uma revisão por parte da Igreja no que toca à transmissão da fé. Os dados que ele apresenta da França, por exemplo, há décadas, reflete relativamente o que se vê hoje no Brasil de forma mais clara. Uma multidão de jovens e adolescentes que recebem os sacramentos e desaparecem dos encontros comunitários mostram a precariedade dos métodos que temos utilizado para a evangelização. Na Alemanha se dizia que “parece que a catequese sacramental se limita a suscitar simpatias ou a ser um fenômeno definido às vezes como ‘diaconia dos ritos ligados à biografia da pessoa’”<sup>419</sup>.

Em contrapartida, milhares de adultos anualmente tem buscado as comunidades e paróquias para entrar no catecumenato<sup>420</sup>, com o desejo de viver fielmente o que a Igreja pede em seus ensinamentos. Essa busca crescente de adultos mostra, por exemplo, que nas “atuais circunstâncias de evangelização, segue sendo possível outra forma de transmissão que a da inculturação sociorreligiosa, mais de acordo com a natureza da fé que se prende transmitir”<sup>421</sup>. E conclui, ainda, sabiamente como resposta a tantos desafios internos latentes entre grupos eclesiais: “evidentemente seus resultados não serão a cristianização massiva de toda a sociedade. Só que, sendo sinceros, tal cristianização massiva tem sido alguma vez outra coisa que uma ilusão ou um engano?”<sup>422</sup>.

<sup>418</sup> MARTÍNEZ, D., Proponer la fe hoy, p. 19.

<sup>419</sup> MARTÍNEZ, D., Proponer la fe hoy, p. 93.

<sup>420</sup> Aquí se entende o catecumenato como a busca da Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II de se inspirar no catecumenato antigo dos primeiros séculos, como um método seguro para iniciar na fé adultos, crianças e jovens. Assim prescreve o decreto *Ad Gentes* no número 14: “Aqueles que: receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenado, mediante a celebração de cerimônias litúrgicas; o catecumenado não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação e uma aprendizagem de toda a vida cristã; e prolongada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos, e com ritos sagrados, a celebrar em tempo sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus”.

<sup>421</sup> VELASCO, J. M., La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea, p. 70.

<sup>422</sup> VELASCO, J. M., La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea, p. 70.

No início do milênio, a Conferência Episcopal Alemã já falava de um paradigma iniciático missionário que deveria substituir o já desgastado e ineficaz método pedagógico:

É provável que em nossa geração está perdendo sua posição dominante uma forma de se fazer cristão: a forma da transmissão da fé cristã de tipo preferentemente pedagógico, que tem sido dominante desde o começo da Reforma ou da Contrarreforma [...]. agora estamos entrando num tempo que há de transmitir a fé cristã de um modo missionário e evangelizador na sucessão das gerações.<sup>423</sup>

A eleição e configuração do mundo vital das novas gerações exige muito mais na hora de erguer suas prioridades no mundo plural vigente. Por isso a fé cristã acaba sendo uma de tantas vozes que tentam mostrar sua plausibilidade no “concerto polifônico de ofertas”, recordam os bispos alemães. Por um acaso, outro alemão, em Roma, lembraria que se pode amenizar a confusão desta polifonia com uma outra, a polifonia da Palavra:

Falou-se, justamente, de uma sinfonia da Palavra, de uma Palavra única que se exprime de diversos modos: «um cântico a diversas vozes». [...] Além disso, se no centro da revelação divina está o acontecimento de Cristo, é preciso reconhecer que a própria criação, o *liber naturae*, constitui também essencialmente parte desta sinfonia a diversas vozes na qual Se exprime o único Verbo. Do mesmo modo confessamos que Deus comunicou a sua Palavra na história da salvação, fez ouvir a sua voz; com a força do seu Espírito, «falou pelos profetas». Por conseguinte, a Palavra divina exprime-se ao longo de toda a história da salvação e tem a sua plenitude no mistério da encarnação, morte e ressurreição do Filho de Deus. E Palavra de Deus é ainda aquela pregada pelos Apóstolos, em obediência ao mandato de Jesus Ressuscitado: «Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a criatura» (Mc 16, 15). Assim a Palavra de Deus é transmitida na Tradição viva da Igreja.<sup>424</sup>

É nesta sinfonia do Verbo feito carne que se busca beleza, mística e harmonia, em tempos de tantos ruídos. A mudança de paradigma eclesial passa por esta sensibilidade espiritual que muitos santos, por exemplo, tiveram em seu tempo. Ao falar da juventude da Igreja<sup>425</sup>, papa Francisco retoma o que diziam os padres sinodais sobre muitos santos profetas em sua juventude e que “fizeram brilhar, em toda a sua beleza, as características da idade juvenil e foram, em seu tempo, verdadeiros profetas da mudança; seu exemplo mostra do que os jovens são

<sup>423</sup> MARTÍNEZ, D., Proponer la fe hoy, p. 93.

<sup>424</sup> VD 7.

<sup>425</sup> CV 49-63.



capazes, quando se abrem ao encontro com Cristo”<sup>426</sup>. Sorrateiramente, lembra Francisco que o gnosticismo<sup>427</sup> e o pelagianismo<sup>428</sup>, retornam hoje com suas vestes cintilantes e arregadas de antropocentrismo antropocêntrico, tornando-se inimigos sutis para a santidade. E desabafa quando os esforços dos cristãos católicos, que deveriam voltar-se à caridade evangélica, mostram-se robustos nas facetas de obsessão pela lei, na ostentação litúrgica, na vaidade política e na realização autorreferencial:

É nisto que alguns cristãos gastam as suas energias e o seu tempo, em vez de deixarem guiar pelo Espírito no caminho do amor, apaixonarem-se por comunicar a beleza e a alegria do Evangelho e procurarem os afastados nessas imensas multidões sedentas de Cristo.<sup>429</sup>

Além de um novo modelo de cristão e um novo tipo de comunidade, Alberich completa que – num novo paradigma catequético – se faz necessário um “novo projeto de Igreja”, sobretudo ao revisitar o último concílio ecumênico:

A crise de credibilidade da instituição eclesial e a desafeição para com a Igreja, sobretudo dos jovens, reclamam com insistência uma profunda reforma da instituição, na perspectiva eclesiológica do Vaticano II. O modelo sonhado de Igreja apresenta alguns rasgos inconfundíveis: primazia da fraternidade e da comunhão, atitude desinteressada de serviço ao Reino no mundo, opção preferencial pelos pobres, seria reforma institucional e superação do clericalismo, reconhecimento das Igrejas particulares e dos carismas laicais, eliminação das discriminações intraeclesiais, etc. São temas de grande envergadura.<sup>430</sup>

<sup>426</sup> SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, n. 65.

<sup>427</sup> O gnosticismo designa as seitas que se proliferaram no mundo antigo entre os séculos II e IV, sendo combatidos pelos teólogos deste período. Este movimento religioso se caracterizava por oferecer a salvação mediante o conhecimento secreto dos mistérios de Deus e do homem, misturando religiões orientais, um pouco de tradição veterotestamentária e a filosofia helenista. Na Patrística tomou-se conhecimento destes grupos e o perigo para a fé cristã e, em contrapartida, apresentavam o verdadeiro gnóstico: o cristão, que se deixa transformar pelo conhecimento de Deus adquirido pelas Sagradas Escrituras e pela Tradição Apostólica. O papa Francisco, em sua exortação apostólica, descreve-os atualmente como uma “vaidosa superficialidade”, onde se quer colocar a inteligência humana no lugar do mistério divino. (PIKASA, X., *Dicionário Teológico o Deus Cristão*, p. 376-379.)

<sup>428</sup> O pelagianismo foi um movimento inspirado nas pregações do monge britânico Pelágio, no final do século IV da era cristã. A ideia era que, através do livre-arbítrio, o homem poderia alcançar a santidade através do seu esforço pessoal. Dessa vez, o mistério é esvaziado para ser preenchido pela vontade humana. Santo Agostinho e outros lutaram para combater esta heresia em favor da graça divina, tema amplificado em diversos concílios e sínodos. Papa Francisco alerta aqui e em diversas ocasiões de seu pontificado, que corremos o perigo de normalizar grupos que se esvaíam, confiando a salvação divina à estrutura meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito. (SENÈZE, N., *Pelagianismo*.)

<sup>429</sup> GEx 57.

<sup>430</sup> ALBERICH-SOTOMAYOR, E., *Catequesis Evangelizadora*, p. 36.

Este novo paradigma missionário que sugerem os bispos alemães é apresentado pela Associação Espanhola de Catequese (AECA) como um “novo giro copernicano”, em sua terceira fase. Um primeiro giro teria acontecido no início do cristianismo, no século II, onde foi preciso criar um projeto de iniciação que acompanhasse o grande número de pagãos que decidiam abraçar a fé cristã. Assim nasceu o *Catecumenato*<sup>431</sup> que, neste período, chegava a durar até sete anos, com catequeses e celebrações. O princípio fundamental desta fase era dizer que a formação cristã precedia o batismo. Mais tarde, no fim do Império Romano do Ocidente, o cristianismo se tornaria religião oficial e o catecumenato foi se tornando insustentável diante do novo modelo iniciático imposto pelos governantes: o modelo de cristandade, que perdurou até os nossos dias, onde a transmissão da fé acontecia por reprodução sociológica, marca registrada de um segundo giro. Mesmo com variantes de renovação catequética após a reforma católica no Concílio de Trento (1545-1563), o critério dos batizados em massa ainda perdurava. Hoje, diante do que já foi exposto, este novo milênio exige uma nova postura e nos encontramos diante de um terceiro giro:

Estamos em uma nova situação cultural e em um ambiente pós-cristão. Não se trata de repetir modelos anteriores, ainda que deles devemos aprender. Necessitamos de uma nova evangelização. E, dentro desta, necessitamos uma nova catequese iniciática que tem que ser missionária – própria dessa nova evangelização e não de uma pastoral de cristandade – e plural no seio de um marco iniciático comum.<sup>432</sup>

Esta visão europeia deixa claro que quem provocou este terceiro giro paradigmático foi o Vaticano II. De fato, a reforma conciliar é para toda a Igreja e afeta diretamente a catequese e a iniciação cristã. O que percebemos, sinceramente,

<sup>431</sup> De origem grega *katechéin*, que significa “fazer ressoar”, o catecumenato é a experiência que se faz em ser iniciado na Palavra de Deus, sendo instruído pelo catequista, um discípulo já iniciado. Sua instituição eclesial na história da Igreja foi cristalizada no século III, servindo como iniciação aos adultos recém-convertidos que se preparavam para receber os sacramentos. Mas, ainda que tardio, o catecumenato acolhe a herança do processo de evangelização herdado da era apostólica e, desta maneira, entendemos a inspiração da qual a Igreja tomou no século XX para recuperá-lo. Esta experiência primitiva teve seu ápice no século IV quando, com a chegada do tempo da cristandade – e com ela, a predominância da massificação, do cultualismo e da fixação infantil da catequese – foi sendo reduzida até seu desaparecimento, no século seguinte. A restauração do catecumenato feita durante o Concílio Vaticano II também levou à inspiração catecumenal de toda a catequese nas décadas seguintes. (SAES, J., *Catecumenato e inspiração catecumenal*. In: PEDROSA, V., *Dicionário de Catequética*, p. 124-133.)

<sup>432</sup> ASSOCIACION ESPANOLA DE CATEQUESIS, *Hacia un nuevo paradigma de la iniciación cristiana hoy*, p. 35

é que o concílio ainda não foi totalmente assimilado e, no que toca a este processo, grande parte da culpa se dá pela insistência em modelos passados ineficazes:

Efetivamente, o objetivo de toda ação catequética é a fé e, para conseguir este objetivo, é necessária a formação ou instrução catequética. Ou seja, a fé é o objetivo e a instrução catequética é um meio que há de ajudar a alcançá-lo. Esta perspectiva é radicalmente nova. Até agora se dava por suposto que os destinatários tinham fé e que somente era necessário formar a referida fé com os conteúdos mais adequados, fundamentando uma fé já existente. Creio que o Concílio dá um giro copernicano que, todavia, não se tem assumido na Igreja, talvez pela inércia dos modelos passados.<sup>433</sup>

Ademais, um grupo de europeus especialistas em catequese mostravam ainda que nas grandes instituições educacionais – família, escola e igreja – a transmissão religiosa em nossa cultura não tem desaparecido, mas sim, tem se transformado. Para eles, a religião não é mais herdada, mas um objeto de “reapropriação pelo indivíduo que pode desembocar em situações diferentes, tais como a ruptura definitiva, o restabelecimento condicional, a continuidade de sua relação com a instituição religiosa ou a eleição de um itinerário inteiramente pessoal”<sup>434</sup>. E nesse ponto recai mais uma vez nossa atenção quanto à eficácia dos métodos para a evangelização, porque o

exemplo é substituído em grande medida pela experiência pessoal, convertida na norma predominante que legitima a eleição de uma orientação ética ou religiosa, devido a que “um valor ou uma crença, para ser assumidos, devem haver sido previamente apreciados, degustados e julgados úteis”.<sup>435</sup>

É por isso que a mudança de época vigente exige uma reformulação pastoral da compreensão do primeiro anúncio da fé. Primeiro, porque o mundo cristão não se divide mais nas categorias de países que, de um lado, enviam missionários para terra distantes e, de outro, lugares que apenas acolhem estes enviados. Segundo que, por consequência, não distinguimos mais os chamados países cristãos daqueles que são chamados de “terra de missão”, diante da pluralidade geopolítica. E, terceiro, a insuficiência da transmissão da fé no núcleo familiar tem obstaculizado enormemente o trabalho da catequese tradicional. É preciso ter consciência que o

<sup>433</sup> EQUIPO EUROPEO DE CATEQUESIS, *La conversión misionera de la catequesis*, p. 43.

<sup>434</sup> VELASCO, J. M., *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, p. 59.

<sup>435</sup> VELASCO, J. M., *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, p. 59.

primeiro anúncio foi despojado do conhecido contorno exótico das terras longínquas. Sim, porque “hoje nenhuma comunidade cristã pode ignorar o fato de que no mesmo bairro e cidade vivem grupos inteiros e categorias de pessoas que não conhecem a Cristo. As grandes cidades e o mundo dos jovens se converteram em terra de missão”<sup>436</sup>.

Morlans – aparentemente pessimista – sugere a metáfora do *eslabón perdido* para mostrar sua angústia diante do primeiro anúncio na nova evangelização. Ele apresenta, a princípio, uma definição bastante completa sobre o assunto:

Entendemos neste sentido por *primeiro anuncio* aquela atividade ou conjunto de atividades que tem por objetivo propor a mensagem nuclear do Evangelho àqueles que não conhecem a Jesus Cristo, àqueles que havendo conhecido se afastaram d’Ele, e àqueles que crendo que já O conhecem suficientemente vivem uma fé cristã rotineira, com a intenção de suscitar em todos eles um interesse por Jesus Cristo que possa levar à uma primeira adesão ou a uma revitalização da fé nele.<sup>437</sup>

Para evitar confusão terminológica, outros, como o ex-presidente da Equipe Europeia de Catequese, Ir. Enzo Biammi (1952), que denominou esse esforço da Igreja em reavivar a fé dos que estão afastados e desanimados como “segundo anúncio” ou um segundo “primeiro anúncio da fé”. Esta atividade missionária implica, segundo o religioso, em um duplo problema nas comunidades e paróquias:

Por uma parte, trata-se de fazer com que os crentes (mais ou menos crentes) voltem a descobrir a novidade profunda do Evangelho, a não dá-la por suposta e voltar constantemente ao “primeiro amor”, ao “primeiro assombro”. Por outra parte, é necessário sair ao encontro dos que se afastaram da fé por diversas razões: por esquecimento, abandono, hostilidade, por separação física, por experiências negativas com a Igreja e seus representantes, pelo influxo de outras culturas ou religiões...<sup>438</sup>

Diante de um cenário que exige um enorme esforço da Igreja em preparar os discípulos de Cristo para esta missão, Biammi fala de três regras de ouro deste “segundo anúncio” já que, nascendo para evangelizar, a Igreja precisa continuar mostrando ao mundo e às pessoas que nele vivem que o Evangelho é uma promessa de vida boa, que transforma a vida das pessoas, a convivência entre os cidadãos e a

<sup>436</sup> GEVAERT, J., El primer anuncio, p. 14.

<sup>437</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 29.

<sup>438</sup> BIEMMI, E., El segundo anuncio, p. 51-52.

cultura. A primeira regra insiste em fugirmos das estatísticas de *marketing*, de grandes resultados em larga escala. O anúncio cristão precisa ser recebido como dom e surpresa, na alegria de encontrar Jesus, e não na quantidade de papéis, ritos e programas que se realiza. Uma segunda regra é provocar uma experiência de despertar da fé que suscite a maravilha do amor de Deus por nós, cuidando para não cair em exigências morais e radicais da fé. Esse não é o momento de tratar sobre isso e acaba por deixar as pessoas ainda mais arredias à fé. A vivência cristã é assumida durante a caminhada, conscientemente. E a terceira regra vai muito na direção do binômio fé-vida, consagrado no documento brasileiro *Catequese Renovada*, porque se pede para observar o rosto generoso do Evangelho que transforma a vida das pessoas, em todas as suas dimensões, não somente a religiosa e ritual<sup>439</sup>.

Retomar e recolocar o primeiro anúncio em nossa cultura é refletir e, principalmente, executar um projeto de evangelização do qual se conheça, previamente, que a fé alimentada nos últimos séculos, de herança sociológica, tinha por objetivo o crescimento da fé. Hoje a praxis pastoral necessita de metodologias catequéticas que propiciem o nascimento da primeira fé que, mesmo recebendo o selo batismal, podem continuar adormecidas. Aqui se explica a metáfora do “elo perdido” de Morlans, porque o ato comunicativo do primeiro anúncio exige uma mudança muito radical na vivência pastoral, o que pode se tornar desanimador a muitos. Este ato comunicativo se caracteriza: por uma breve intervenção oral que possa mover a vontade de quem escuta, na liberdade do destinatário; de uma atitude de quem anuncia em propor ao destinatário nenhuma convicção firme de fé, mas dialogar primeiro; de um despertar no destinatário, antes da fé, alguma experiência antropológica que o mova para o divino; com um anúncio que se faz de forma sintética e quase espontânea, sem recorrer a teses bíblicas e doutrinas teológicas; este anúncio, por mais que seja curto e sintético, precisa provocar uma mudança mental muito forte no destinatário, pensando no ritmo de vida que precisa ser transformado com ele; e, ainda, de um interlocutor – diferente da estabilidade do catequista – que não sabe se encontrará novamente o seu ouvinte, por isso a responsabilidade de não perder a oportunidade, a hora da graça<sup>440</sup>. A tese que o espanhol sustenta é que, na verdade, não teríamos um “elo perdido, mas um novo

<sup>439</sup> BIEMMI, E., *El segundo anuncio*, p. 122.

<sup>440</sup> MORLANS, X., *El primer anuncio*, p. 31.

elo” sendo forjado diante dos sinais que temos experimentado durante toda esta pesquisa.

Da parte de quem evangeliza<sup>441</sup>, pelo menos três elementos são basilares: o (a) testemunho de vida do crente, o (b) serviço através de gestos concretos e o (c) anúncio explícito da pessoa de Jesus Cristo<sup>442</sup>. Por isso que “evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e direta, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo”<sup>443</sup>. E da mesma forma complementa São Paulo VI sobre a pregação e a proclamação verbal de uma mensagem que “permanece sempre como algo indispensável. Nós sabemos bem que o homem moderno, saturado de discursos, se demonstra muitas vezes cansado de ouvir e, pior ainda, como que imunizado contra a palavra”<sup>444</sup>.

Do mesmo modo, Francisco descreve este anúncio kerigmático como um convite ao encontro pessoal com a Trindade: “o querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai”<sup>445</sup>. E conclui deixando clara a importância deste primeiro anúncio na ação evangelizadora: “Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais ‘sólida’. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio”<sup>446</sup>. O *kerigma* – que é um dos elementos essenciais do anúncio da fé, junto com os gestos de caridade e o testemunho – não pode limitar-se ao sentido cronológico que a metodologia de inspiração catecumenal sugere nos diversos manuais publicados. O que se vê é que o tempo do pré-catecumenato equivale ao *kerigma* e que pode ainda ser sinônimo de primeiro anúncio. A reflexão europeia, por exemplo, tem avançado muito nesse sentido de ampliar a dimensão kerigmática na vida da Igreja. Além do anúncio como adesão e os primeiros passos na fé, o primeiro anúncio tem um valor fundante, como espinha dorsal de toda a atividade da Igreja, como lembrou o pontífice. A Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé italiana recordava que:

<sup>441</sup> Alguns trechos e ideias foram retirados de um texto preparatório desta pesquisa, aprovado pelo CELAM com o título *Primer Anuncio y acción evangelizadora: del corazón del Evangelio al corazón del mundo* e publicado como artigo no periódico brasileiro *Revista de Catequese*, no ano de 2016.

<sup>442</sup> CELAM, *La alegría de iniciar discípulos misioneros*, n. 52-55.

<sup>443</sup> EN 26.

<sup>444</sup> EN 42.

<sup>445</sup> EG 164.

<sup>446</sup> EG 165.

A “prioridade” do primeiro anúncio se entende sobretudo no sentido genético e fundante: na base de todo o edifício da fé está o “cimento... que é Jesus Cristo” (1Cor 3,11); Ele é a “pedra angular, eleita, preciosa, e quem crê nela não ficará decepcionado” (1Pd 2,6). Desta maneira se edifica o Corpo de Cristo, “até que cheguemos todos... ao estado do homem perfeito, à plena maturidade de Cristo” (Ef 4,13).<sup>447</sup>

Vale lembrar, ainda, que Francisco oferece, como “cara e coroa”, unida à dimensão querigmática e de primeiro anúncio da fé, a experiência da iniciação mistagógica, tão querida e, algumas vezes, mal entendida no método de inspiração catecumenal adotado recentemente, e que precisa ser apresentada em duas direções: com uma “necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã”<sup>448</sup>. Viver a metodologia catecumenal é perceber que o primeiro anúncio e a mistagógica “amarram” o início e o fim desta experiência. E como recorda o pontífice, falta ainda em muitos materiais e no coração dos catequistas um anúncio Querigmático que se apresente com símbolos e uma comunidade orante, num caminho de escuta e resposta aos apelos de Deus pela sua Palavra que nos interpela.

Destacamos, portanto, após todos estes prolegômenos, pelo menos três funções pastorais da ação evangelizadora que se dão a partir do primeiro anúncio, dinamicamente kerigmático: viver esta primeira fé como porta de entrada à vida cristã, ter este anúncio como fundamento permanente da fé e não somente a quem não conhece a Cristo e, por último, propor este anúncio não somente como fundamento dinâmico de uma experiência cristã, mas também como chave hermenêutica da doutrina e da moral a partir dele.<sup>449</sup>

E cada época, para trilhar o caminho da fé, encontra suas resistências. O mundo plural pós-moderno também tem as suas<sup>450</sup>: a de um *Deus incerto*, onde se põe em questão a influência de um ser superior no dia-a-dia das pessoas, levando a um ateísmo prático; a de um *Deus improvável*, porque se cria uma resistência à fé alimentada pela razão científica, herdada do Iluminismo, onde as verdades de fé são consideradas apenas como produções culturais humanas; a de um *Deus*

<sup>447</sup> CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Questa è la nostra fede*, p. 10.

<sup>448</sup> EG 166.

<sup>449</sup> MORLANS, X., *La nueva evangelización y el anuncio kerigmático*, p. 6-8.

<sup>450</sup> FOSSION, A., *O Deus desejável*, p. 59-75.

*insuportável*, dado o comportamento histórico do cristianismo e da Igreja Católica vistos de forma negativa e que atravessa gerações, seja nas posturas dogmáticas, na tutela clerical e no abuso do poder em vários momentos, provocando ressentimentos diversos; a de um *Deus indecifrável* dada a parcialidade das representações religiosas na cultura atual, que acaba fazendo com as pessoas enxerguem a experiência da fé ora com equivalência entre a multiplicidade de igrejas que oferecem-na “ao gosto do freguês”, ora como livre interpretação individual, onde o sentimento de pertença à uma comunidade é totalmente comprometido; e poderíamos falar de uma resistência a um *Deus irrelevante*, que o mundo atual provoca num “dissolver de deus”, dado que se vive hoje plenamente a humanidade sem religião e sem falar de Deus. Aquele tão natural “Vai com Deus”, “Dorme com Deus”, “Se Deus quiser”, torna-se cada vez mais cultural e supersticioso do que, de fato, manifestação de fé do crente.

Quando falamos de recuperar, repensar e apresentar o primeiro anúncio da fé cristã ao mundo de hoje é refazer o caminho dos padres conciliares quando atravessaram a porte da fé com a aprovação da constituição *Gaudium et Spes*, em dezembro de 1965. Entre alegrias e esperanças, a Igreja alcança o coração do mundo com algo que pode não só transformar, mas dar vida plena aos homens e mulheres. Mas, para isso, precisamos atravessar estas resistências que são reais, e não somente ignorá-las, o que dificulta qualquer processo de evangelização. Constatou o jesuíta André Fossion (1944) que:

essas resistências se revelam uma passagem obrigatória para se chegar a uma fé madura, ponderada, adulta, purificada de seus eventuais elementos que não honram nem a grandeza de Deus nem a dignidade do homem. Deste ponto de vista, as resistências com respeito à fé, mesmo se a mantém à distância ou pareçam descartá-la, pode ser um caminho de descoberta de Deus, uma via de aproximação de Deus. É por isto que no universo do mundo contemporâneo, bizarro, colorido, cheio de contrastes, resistente à fé, sempre em dúvida e buscando como que às apalpadelas, nós podemos dizer hoje ainda, como outrora São Paulo no areópago ateniense: “Na realidade, Deus não está longe de cada um de nós” (At 17,27).<sup>451</sup>

---

<sup>451</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 63.



### 4.3.

#### A Iniciação à Vida Cristã à luz dos signos da evangelização

*A imagem do elo perdido nos faz pensar em uma cadeia ou conjunto articulado de elementos que devem se dar para que a evangelização seja um fato real, ativo, dinâmico e com frutos diversos a seu devido tempo.*<sup>452</sup>

Diante do que já foi apresentado, resta-nos buscar um conjunto de elementos que forme um conjunto global deste processo de evangelização do qual tanto se fala e se busca na práxis eclesial. É verdade que também não há um consenso para estes elementos pastorais que foram herdados durante os dois milênios da história cristã. O importante é que entre as nuances dos especialistas, a teologia pastoral foi redesenhando seus contornos quando se fala do anúncio do Evangelho. Entendamos brevemente este caleidoscópio pastoral.

O arcebispo e teólogo dom Bruno Forte (1949) apresenta uma ordem de prioridades – com três urgências – para a consciência cristã, diante dos temas que abordava desde a globalização, a recepção conciliar e o humanismo cristão. Seu pensamento vai de encontro à cultura ideológica dominante, focada no presente e descompromissada, nossa esperança cristã precisa ir além do desespero e da solidão:

Com uma terminologia ao mesmo tempo antiga e significativa para a atualidade, poder-se-ia reportar-las às três urgências da *μαρτυρία*, da *κοινωνία* e da *διακονία*. Elas respondem à pergunta decisiva: como tornar operante a ‘reserva escatológica’ da fé cristã nos cenários do tempo que abrem o novo milênio?<sup>453</sup>

Com o predomínio da prática devocional e sacramental, a pastoral da cristandade foi um estilo operativo sem futuro, ressalta Alberich. Por isso, o projeto pastoral de uma Igreja e uma “Pastoral Evangelizadora” depende de uma autêntica conversão pastoral que busque servir no mundo, para o mundo e ao serviço do Reino de Deus. O eixo de todo processo evangelizador é a categoria teológica da *martyria*, do testemunho cristão, capaz de provocar a urgente conversão. Daí, é preciso revisar “a fundo as funções eclesiais (os ‘signos evangelizadores’: *diaconia*,

<sup>452</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 33.

<sup>453</sup> FORTE, B., Para onde vai o Cristianismo?, p. 137.

*koinonía, martyría e liturgia*) para reequilibrar sua presença e articulação e para assegurar sua credibilidade”<sup>454</sup>.

Um texto importante no campo teológico é o compêndio de teologia pastoral de Casiano Floristán<sup>455</sup> (1926-2006), porque dedica a maior parte de sua obra – quase 400 páginas! – à Teologia Prática Especial. Nela, cinco grandes blocos vão intercalando alguns signos: a missão, que com o anúncio (*kerigma*) prepara a evangelização, apoiada no testemunho (*martyria*), no diálogo e no compromisso político e eclesial; a catequese (*didaskalia*), que como instrução e acompanhamento prioriza a catequese com adultos e o catecumenato como metodologia; a liturgia (*leitourgía*), que como lugar de encontro com o Ressuscitado, prioriza a religiosidade popular e a hermenêutica da pregação; o tema da comunidade (*koinonía*) que trata sobre a comunhão eclesial nos âmbitos da Igreja local, das paróquias e comunidades cristãs; e, por último, o tema do serviço (*diakonia*) no amor com os pobres e na missão da Igreja no seio da sociedade.

A série de manuais de Teologia da Biblioteca de Autores Cristãos (BAC) traz também um volume dedicado à Teologia Pastoral, que na sessão “Pastoral Especial”<sup>456</sup> apresenta a evangelização como um processo eclesial que acontece em três etapas: (a) ação missionária, (b) ação catecumenal e (c) ação pastoral. Particularmente, apresenta os temas da catequese, da comunhão eclesial, do serviço e da pastoral litúrgica. Vários dos signos citados acima vão aparecendo vez e outra, mais diluídos nas etapas eclesiais da obra em destaque.

Dois textos que nos parecem mais completos sobre este assunto, trazem os sete signos da evangelização, sendo distribuídos de maneira semelhante. Um primeiro é o de Xavier Morlans, publicado nos cadernos da Associação Espanhola de Catequetas, um texto já conhecido nesta pesquisa. Para a apresentação de seus elementos, Morlans alertava do perigo de esvaziar a evangelização num reducionismo, supervalorizando um ou outro elemento. O convite é não abandonar o ensinamento magisterial quanto a isso:

Graças à grande renovação eclesial promovida pelo Concílio Vaticano I (1962-1965) e sua ampla recepção em toda a Igreja, existe já um grande consenso em que a evangelização não se pode reduzir a um só elemento, seja ele o ético, o kerigmático, o catequético, o místico individual, o comunitário, o litúrgico, o militante, ou o

<sup>454</sup> ALBERICH-SOTOMAYOR, E., *Catequesis Evangelizadora*, p. 61.

<sup>455</sup> FLORISTÁN, C., *Teología Práctica*, p. 359-722.

<sup>456</sup> RAMOS, J., *Teología Pastoral*, p. 209-231.

místico coletivo. É a sábia combinação de todos estes elementos o que assegura uma evangelização integral.<sup>457</sup>

E a proposta desta evangelização integral se dá em três núcleos. O primeiro deles é o do serviço da Palavra, que começa com o primeiro anúncio da fé e desemboca na reflexão teológica, passando pela catequese sistemática. Um segundo núcleo é o serviço da Liturgia, que contempla não somente as celebrações, mas a vida de oração que se estende para fora do rito comunitário. E um terceiro em que mostra o serviço da Caridade desde dentro, na força da comunhão eclesial, e para fora, no serviço de ações caritativas, educacionais e transformadoras. Como Alberich, Morlans apresenta o elemento da *martyria* como eixo que perpassa, no amor, desde o anúncio da Palavra até a caridade na busca do Reino de Deus<sup>458</sup>.

E, propositalmente, deixo por último o único texto teológico encontrado e produzido no Brasil sobre esta temática, inspirador de outro texto publicado<sup>459</sup> durante esta pesquisa: as ideias provocativas e sempre lúcidas do pe. Agenor Brighenti (1952). Aos moldes dos manuais de teologia europeus, ele também agrupa os temas da teologia prática em Teologia pastoral fundamental, Teologia pastoral especial e Teologia pastoral aplicada, tentando responder, respectivamente, o “porquê”, o “que” e o “como” da pastoral. Na segunda sessão, de forma bem semelhante ao esquema de Morlans, Brighenti articula a ação pastoral desde a *tria munera Ecclesiae*, do povo de Deus que participa no *triplex múnus Christi*, impulsionada pela reflexão da constituição dogmática *Lumen Gentium* quando se fala da universalidade do povo de Deus: “Para isto mandou Deus o seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, para ser o Mestre, o Rei e o Sacerdote de todos, a cabeça do povo novo e universal dos filhos de Deus”<sup>460</sup>. Este esquema refere-se à missão de Cristo, que foi confiada aos apóstolos e, por consequência, a

<sup>457</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 42.

<sup>458</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 33-34.

<sup>459</sup> Em participação do XVIII Simpósio Internacional IHU, com o tema “A virada profética de Francisco. Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo”, em Porto Alegre (RS), de 21 a 24 de maio de 2018, foi apresentado nas salas de debate o artigo “A força dos signos evangelizadores no limiar de uma nova época: o sonho primaveril numa Igreja em saída”, que marcava o quinto aniversário do pontificado de Francisco e seu 80º aniversário natalício. Posteriormente, numa partilha com os membros da ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil), o texto foi publicado pela editora Paulus no segundo volume da coleção *Atualização Litúrgica*, em 2019.

<sup>460</sup> LG 13.

toda a Igreja, sendo refletido desde a Patrística, na busca de uma teologia dos ministérios pastorais.

A visualização da ação pastoral de todos os cristãos, a partir do tríplice ministério, é um dos passos mais importantes levados a cabo pela renovação teológico-pastoral impulsionada pelo Vaticano II. Hoje, tornou-se pacífico ver a ação da Igreja como um todo no tríplice ministério e na ordem protestante: o *ministério profético*, enquanto o serviço da Palavra em todos os níveis: evangelização, catequese e homilia (incluído, aqui, o papel do magistério); o *ministério litúrgico*, enquanto celebração dos mistérios cristãos: os sacramentos e a liturgia das horas (incluído o sacerdócio hierárquico); e o *ministério da caridade*, enquanto serviço da promoção da vida no mundo: a pastoral social, a organização e a direção eclesial (incluído o poder de jurisdição).<sup>461</sup>

Este caminho pastoral é bastante interessante e nele já contemplamos os diversos signos, sinais evangelizadores que nos apontam o caminho da fé, como faróis que iluminam quando a noite chegar. Este tríplice ministério, acolhido por primeiro na Reforma Protestante e, mais tarde, na pastoral católica, constitui um todo inseparável e integra a vocação de cada batizado. E o “primeirar” sempre vem da parte de Deus, em direção aos homens:

Evidentemente que a iniciativa sempre vem de Deus, que nos amou primeiro. Sua Palavra (ministério profético), acolhida na vida pelo dom da fé (ministério litúrgico), leva-nos a amar a Deus nos irmãos (ministério da caridade). Mas a porta da acolhida da Palavra e para a fé é o amor, que é o próprio Deus, que nos amou primeiro e, portanto, está com sua graça no começo de tudo.<sup>462</sup>

É por isso que, com todos estes modelos pastorais apresentados, escolhe-se este último pela riqueza teológica e metodológica apresentada. Neste triplex, o ministério profético recolhe os signos da *martyria* (testemunho), do *kerigma* (anúncio), da *didaskalia* (catequese) e da *krisis* (teologia); já o ministério litúrgico contempla o signo da *leitourgia* nas celebrações, nos sacramentos e na pregação; e o ministério da caridade compreende a *koinonia* (comunhão) e a *diakonia* (serviço)<sup>463</sup>. E para efeitos de delimitação da pesquisa e do projeto executado, a intenção aqui é explicitar apenas o primeiro grupo destes ministérios, o profético. Ainda que se reforce a ideia da unidade ministerial, o primeiro grupo corresponde

<sup>461</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 72.

<sup>462</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 85-86.

<sup>463</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 86.

mais diretamente ao curso natural da iniciação à vida cristã e à formação de discípulos missionários que, claro, se alimenta dos demais elementos eclesiais que apresentamos.

A Igreja, como escola de sabedoria cristã, precisa oferecer ao mundo, através de cada um destes sinais, algo realmente significativo, como no tão sonhado projeto de São Paulo VI, de uma civilização do amor:

se a Igreja quiser aprender algo da sinagoga, da qual ela se emancipou no passado, a lição é esta: tornar-se um *lugar de aprendizado* (e certamente também de oração, da celebração e da diaconia) e *estudar* com paciência até ela amadurecer para a tarefa que lhe foi confiada por Cristo: Ide e instruí todas as nações.<sup>464</sup>

#### 4.3.1.

##### **A *martyria* como eixo processual**

É emblemático o eco que se faz da frase de São Paulo VI quando conversava com leigos: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”<sup>465</sup>. E, à luz dessa constatação, unem-se os padres sinodais para dizer que “o testemunho de uma vida autenticamente cristã [...] é o primeiro meio de evangelização”<sup>466</sup>. Se está difícil convencer aos outros com a nossa confissão de fé, é porque ela se concentra em um credo que não interessa e nem incomoda a ninguém, porque nos falta o testemunho encarnado<sup>467</sup>. São João Paulo II, anos mais tarde, retomaria para dizer que a humanidade hoje crê

mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos fatos do que nas teorias. O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão: Cristo, cuja missão nós continuamos, é a “testemunha” por excelência (Ap 1, 5; 3, 14) e o modelo do testemunho cristão.<sup>468</sup>

Etimologicamente, a palavra *martyria* vem do grego *μαρτυρία* e significa “testemunho”. A tradição bíblica, por exemplo, apresenta outras variantes

<sup>464</sup> HALÍK, T., Não sem esperança, p. 48.

<sup>465</sup> EN 41.

<sup>466</sup> EN 41.

<sup>467</sup> ARNOLD, S., La era de la mariposa, p. 85.

<sup>468</sup> RM 42.

equivalentes como *martys*, *martyrion* e *martyrein*. Tem sua raiz em *mérmeres* (memoriável) e *mérimna* (aquilo que constitui fortemente numa pessoa a recordação fundamental). Por isso dizemos que testemunhar é fazer memória.<sup>469</sup>

De maneira especial nos Atos dos Apóstolo vemos: “Depois eu voltei a Jerusalém, e quando estava rezando no Templo, entrei em êxtase. Vi o Senhor que me dizia: ‘Depressa, saia logo de Jerusalém, porque não aceitarão o testemunho que você dá a meu respeito’”<sup>470</sup>. Aqui, *martyria* assume a dimensão querigmática do mistério pascal, o de dar testemunho da verdade e ser difusor da fé, se preciso, até a morte. No anúncio pascal, ela se torna o eixo de toda a evangelização. Daí a necessidade de revisar as demais funções eclesiais ou signos acima descritos “para reequilibrar sua presença e articulação e para assegurar sua credibilidade”<sup>471</sup>.

No 30º aniversário da publicação de *Evangelii Nuntiandi*, Velasco tenta combater o derrotismo e pessimismo eclesial do nosso tempo com a ideia de uma fecundidade humanizadora do cristianismo. Mesmo assim, não esconde sua preocupação quanto ao testemunho: “o cristianismo, como tal e, sobretudo, as Igrejas que o visibiliza parecem representar para muitos uma página pesada da história, umas instâncias estéreis desde o ponto de vista racional, cultural, ético, estético e, inclusive, humano”<sup>472</sup>. Por isso, a evangelização hoje pede uma “*recompreensão* da fé em formas *teologicamente* atualizadas, *existencialmente* significativas, *culturalmente* aceitáveis, coerentes e estimulantes em sua projeção ética”<sup>473</sup>. Arnold diria: ainda que “no contexto da crise dos discursos, o anúncio do Reino passa obrigatoriamente pelo testemunho radical, sentido último do martírio. Só uma Igreja testemunhal, mais além de seus pecados institucionais, será apta para estes tempos”<sup>474</sup>.

O último concílio ecumênico expediu uma literatura abundante<sup>475</sup> para falar sobre o testemunho cristão no mundo de hoje. Destacamos a constituição sobre a Igreja:

<sup>469</sup> XAVIER, D., Testemunho. In: PASSOS, J.; SANCHES, W., Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 961-962.

<sup>470</sup> At 22,17-18.

<sup>471</sup> ALBERICH-SOTOMAYOR, E., Catequesis evangelizadora, p. 61.

<sup>472</sup> VELASCO, J. M., Reflexión sobre los medios para la evangelización. IN: VVAA, Evangelizar, esa es la cuestión, P. 113.

<sup>473</sup> ALBERICH-SOTOMAYOR, E., Catequesis evangelizadora, p. 63.

<sup>474</sup> ARNOLD, S., La era de la mariposa, p. 153.

<sup>475</sup> O padre Agenor Brighenti afirma que “os documentos do Concílio Vaticano II citam 88 vezes o termo ‘testemunho’, 27 vezes a palavra ‘testemunha’ e sete vezes, ‘testemunhar’”. (BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 90-91.)

Na *Lumen Gentium* fica claro que é a participação no *múnus* de Cristo, em seu sacerdócio régio, que cada fiel está chamado ao testemunho de uma vida santa experimentada na prática efetiva do amor e da misericórdia (cf. LG 10). O testemunho dos cristãos obedece necessariamente a uma dinâmica interna: configurar-se a Cristo, servo obediente ao Pai e manifestá-lo aos outros, pelas obras de fé, esperança e caridade (cf. LG 31). Os cristãos são chamados por sua índole a darem a todos testemunho da verdade e da vida (cf. LG 28).<sup>476</sup>

Dentro desta perspectiva, é preciso reconhecer que a modernidade acabou por construir um fosso profundo entre a reflexão teológica e a espiritualidade, deixando esta intimista demais e aquela demasiado manualística. É preciso superar este divórcio com a força testemunhal e voltar – na expressão de dom Bruno Forte – ao primado de Deus na fé:

Concretamente, isso significa que diante da queda dos grandes horizontes de sentido, próprios da modernidade, os crentes são chamados em primeiro lugar a dar testemunho de Cristo, qualificando-se como discípulos, apaixonados por Sua Verdade, que liberta e salva. Mais que nunca é preciso que eles digam com a vida que há razões para viver e para viver juntos e que essas razões não estão em nós mesmos, mas no horizonte último que a fé reconhece como revelado e dado nAquele que é a Palavra brotada do eterno Silêncio de Deus.<sup>477</sup>

É preciso dizer que este testemunho já é uma evangelização implícita<sup>478</sup> e silenciosa, pois “irá suscitar perguntas por parte do interlocutor e, então, esse é o momento de oferecer gratuitamente o Evangelho, capaz de responder a todas as buscas do ser humano”<sup>479</sup>. É um sinal do anúncio libertador e chave de interpretação da vida e da história. Vemos que frente à “demanda de sentido e experiência do mal, que induz tantos homes ao fanatismo e ao desespero, os cristãos devem ser portadores de esperança, ‘inimigos do absurdo, profetas de significado’<sup>480</sup>. A presença deste discípulo de Cristo “ajuda o outro a ‘descobrir’, não a simplesmente aceitar o que Deus tem a lhe oferecer”<sup>481</sup>.

<sup>476</sup> XAVIER, D., Testemunho. In: PASSOS, J.; SANCHES, W., Dicionário do Concílio Vaticano II, p. 962.

<sup>477</sup> FORTE, B., Para onde vai o Cristianismo?, p. 138.

<sup>478</sup> EN 21.

<sup>479</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 90.

<sup>480</sup> ALBERICH-SOTOMAYOR, E., Catequesis evangelizadora, p. 51.

<sup>481</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 90.

É uma pérola literária o opúsculo “Carta a Diogneto”, do século II<sup>482</sup>, que descreve formidavelmente – em trocadilhos – um fiel testemunho que serve de testemunho para a nossa geração:

mesmo vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes de cada lugar quanto à roupa, ao alimento e a todo o resto, eles testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como se fossem forasteiros; participam de tudo como cristãos, e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é sua pátria, e cada pátria é para eles estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Compartilham a mesa, mas não o leito; vivem na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm a sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas, com a sua vida, superam todas as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, ainda assim, condenados; são assassinados, e, deste modo, recebem a vida; são pobres, mas enriquecem a muitos; carecem de tudo, mas têm abundância de tudo.<sup>483</sup>

Com a força do testemunho da fé dos primeiros séculos, a conferência episcopal da Alemanha recordava que “o centro de gravidade de todos os esforços catequéticos está, por conseguinte, na proclamação do Deus vivo, que sai ao nosso encontro em Jesus Cristo, sua Palavra e é testemunhado na bíblia”<sup>484</sup>. Este primeiro anúncio deve ser feito, hoje, de início, “como testemunho e ajuda para uma relação pessoal com Deus: diante da supressão dos apoios sociais que antes existiam, esta atividade adquire importância crescente para a transmissão da fé”<sup>485</sup>.

O testemunho autêntico é a “injeção de ânimo” para fazer com que o cristianismo se desprenda das amarras da secularização, como se veiculou numa nota do Conselho Pontifício para a Cultura:

Sem testemunho de vida cristã, a prática religiosa é abandonada progressivamente para uma religião *a la carte*, sem adesão aos dogmas da fé. Não se trata somente, como em outros tempos, de um simples abandono da prática sacramental ou de uma falta de vitalidade da fé, mas de algo que toca profundamente suas raízes. Este passo da pertença ao ocasional, da prática regular ao intermitente e, no nível das

<sup>482</sup> O cardeal indiano Ivan Dias (1936-2017) para falar dos caminhos da evangelização hoje, em preparação ao Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização (2012), dizia que era preciso recordar a dimensão tridimensional da evangelização ao longo destes dois milênios: a primeira centrada na própria Igreja, através do testemunho cristão, onde retoma a Carta a Diogneto como “lição de casa” para os cristãos de hoje; uma segunda centrada na relação entre as Igrejas cristãs, com o ecumenismo; e uma terceira com as pessoas de outros credos, mas que convivem conosco e onde se faz urgente recuperar o diálogo interreligioso. (DIAS, I., *La evangelización, hoy*. IN: AUGUSTIN, G., *El desafío de la nueva evangelización*, p. 91-97.)

<sup>483</sup> CARTA A DIOGNETO, § V-VI.

<sup>484</sup> MARTÍNEZ, D. (comp.), *Proponer la fe hoy*, p. 92.

<sup>485</sup> MARTÍNEZ, D. (comp.), *Proponer la fe hoy*, p. 92.



convicções, do estável ao pendular, é característico do processo de secularização e exige que se transforme mediante uma pastoral adequada.<sup>486</sup>

No âmbito das relações interpessoais, há um dinamismo interno do testemunho, que nos aportes de Fisichella, são dispostos no entrelaçar de três elementos: “em primeiro lugar a *ação* testemunhal que uma pessoa oferece, depois o *conteúdo* que testemunha e, por último, o *destinatário* que recebe o *testemunho*”<sup>487</sup>. Em outras palavras: uma existência cristã que se configura numa relação pessoal com Deus, com um conteúdo que é o testemunho que Cristo dá de si mesmo aos seus eleitos, afim de que o destinatário, aberto ao diálogo, esteja disposto a sair da superficialidade, buscar interesses comuns e perceber que a última resposta para os problemas da vida não está em suas mãos.

Isso tudo nos leva a pensar em uma experiência de discipulado e testemunho, como duas faces da mesma moeda neste novo paradigma, e que se dá em três níveis<sup>488</sup>: de uma vida teologal que nos ponha em comunhão plena com o Deus-Trindade, em uma nova forma de vida que pressupõe seguimento efusivo de viver a fé cristã e, por último, com ações e palavras que confirme sua nova condição de discípulo missionário e testemunha da fé. Aqui nos faz rever profundamente a forma de evangelizar, porque na maioria das vezes, “cuidamos muito do discurso, do que vamos ‘dizer’ e descuidando-nos do modo como vamos ‘fazer’, esquecendo-nos de que o mensageiro é também, ou sobretudo, a mensagem”<sup>489</sup>.

#### 4.3.2.

#### **O *kerigma*: ide e anunciai**

Pelo menos no último século, nunca se falou tanto sobre este signo. Usado para a redação do segundo testamento, sua origem grega remonta<sup>490</sup> primeiro ao verbo *κηρῖσσειν* (*kerissein*), como aquele que anuncia e proclama em alta voz; e dos substantivos *κηρῖς* (*kerix*), que remete ao grito do arauto que, por mandato, emite uma mensagem de interesse geral, e *κηριγμα* (*kerigma*), que evoca uma boa-nova ou anúncio feito publicamente. Desde a dimensão da fé, esta expressão

<sup>486</sup> EQUIPO EUROPEO DE CATEQUESIS, La conversión misionera de la catequesis, p. 37-38.

<sup>487</sup> CARVAJAL-BLANCO, J., Pedagogía del primer anuncio, p. 61.

<sup>488</sup> VVAA, *Evangelizar, esa es la cuestión*, p. 102.

<sup>489</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 89.

<sup>490</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 76.

designa a pregação da boa notícia da salvação oferecida por Cristo; é o “primeiro anúncio chocante do Evangelho que ressoa no decurso dos séculos. Trata-se essencialmente de anunciar este acontecimento e de convidar à conversão e à fé”<sup>491</sup>. Desta primeira abordagem conceitual vamos buscar entender alguns elementos importantes.

Se tomamos alguns textos mais antigos, veremos, por exemplo, a exortação paulina na comunidade de Corinto, na década de 50 do primeiro século:

De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo. Pois a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem. Mas, para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. Pois a Escritura diz: “Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes”. Onde está o sábio? Onde está o homem culto? Onde está o argumentador deste mundo? Por acaso, Deus não tornou louca a sabedoria deste mundo? De fato, quando Deus mostrou a sua sabedoria, o mundo não reconheceu a Deus através da sabedoria. Por isso através da loucura que pregamos, Deus quis salvar os que acreditam. Os judeus pedem sinais e os gregos procuram a sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos.<sup>492</sup>

Quando Paulo fala da “loucura que pregamos” se remete diretamente ao *kerigma*, “o primeiro convite à fé em Deus e em Jesus, Messias e Salvador, dirigido pelos Apóstolos aos judeus e aos pagãos; anúncio que por sua importância, deve provocar um profundo impacto existencial que conduz à conversão”<sup>493</sup>. Por isso, o elemento unificante deste anúncio explosivo é a pessoa de Jesus, identificado como Cristo e Senhor e “instaura um vínculo irrompível entre o evento-Jesus e seu poder salvífico”<sup>494</sup>. Em sentido estrito, podemos dizer que o *kerigma* é o anúncio de Jesus Salvador. De forma mais ampla, é a “proclamação da boa notícia salvadora e libertadora a quem carece de esperança, não tem liberdade, estão carentes de justiça ou são pobres e marginalizados”<sup>495</sup>.

Nas primeiras comunidades apostólicas, é possível diferenciar as formas de *kerigma* e anúncio explícito da pessoa de Jesus Cristo. Antes de ser, a princípio, repetições de verdades reveladas àquele pequeno grupo de discípulos, o *kerigma*

<sup>491</sup> LATOURELLE, R., Querigma/Catequese/Parênese. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R., Dicionário de Teologia Fundamental, p. 601-602.

<sup>492</sup> 1Cor 1,17-23.

<sup>493</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 76.

<sup>494</sup> LATOURELLE, R., Querigma/Catequese/Parênese. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R., Dicionário de Teologia Fundamental, p. 601-602.

<sup>495</sup> FLORISTÁN, C., Teología Practica, p. 366.

aparece como resposta à memória de Jesus, proclamada solenemente e celebrada com devoção. Depois, este anúncio acontecia de forma distinta nas diferentes comunidades e com algumas particularidades próprias de cada discípulo, seja com Pedro, Paulo, João ou ainda entre os grupos dos judeus convertidos ou pagãos que se aproximavam. Nos textos da Sagrada Escritura, o *kerigma* geralmente se expressa sob quatro formas principais<sup>496</sup>: na *forma narrativa*, preocupada em trazer à tona a vida de Jesus, seu mistério pascal e o Reino de Deus como presença escatológica; nas *fórmulas breves*, centradas no anúncio de Jesus como Senhor e sua missão salvífica; nas *fórmulas de fé*, com expressões curtas e que implicam diretamente a pessoa que as pronuncia, como “Jesus, Senhor”, fazendo referência à promessa divina na história da salvação, cumprida na pessoa de Jesus, o Nazareno; e nos *hinos cristológicos*, que expressam a forma mais elevada de celebrar a memória de Jesus, através do canto, da poesia e da celebração<sup>497</sup>.

Aqui há que se dizer que o *kerigma* não é sinônimo de primeiro anúncio e muito menos de catequese, como já visto anteriormente. Na América Latina, por exemplo, em vários textos se utiliza a expressão “primeiro anúncio” para dizer “querigma” e vice-versa. Mas todos os termos se entrelaçam nesta função profética da evangelização. O anúncio explícito da salvação em Cristo é parte de um processo dinâmico chamado primeiro anúncio da fé; por sua vez, este anúncio prepara o caminho para a instrução mais detalhada, e aí podemos falar de catequese.

Chama-nos a atenção a estrutura kerigmática bastante ordenada, presente nos textos do segundo testamento, especialmente em Atos dos Apóstolos. A pregação efusiva quase sempre seguirá uma ordem teológica<sup>498</sup>: 1. o cumprimento das promessas do primeiro testamento; 2. a memória da morte e ressurreição do Senhor; 3. a justiça do Pai que exalta Jesus como Senhor e Messias; 4. o derramamento do Espírito Santo como sinal divino; 5. a espera da segunda vinda de Jesus para o juízo final; 6. a exortação para a conversão pessoal e o convite para o batismo<sup>499</sup>.

<sup>496</sup> EQUIPO EUROPEO DE CATEQUESIS, La conversión misionera de la catequesis, p. 75-76.

<sup>497</sup> Os hinos cristológicos mais expressivos do Segundo Testamento são os de Filipenses 2,6-11, Colossenses 1,15-20 e João 1,1-18.

<sup>498</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 80-81.

<sup>499</sup> A Equipe Europeia de Catequetas também apresentou um esquema kerigmático comum em vários textos sagrados, com oito elementos: anúncio efusivo, o testemunho pessoal de quem anuncia, o centro na pessoa de Jesus Cristo, o ápice da revelação (ato final) no encontro com João Batista, o futuro de salvação na linha escatológica, o projeto de Deus que constitui a história da salvação, o efeito da libertação da condenação do pecado e dom da salvação e, por último, o chamado a uma decisão madura para a conversão e vivência da fé. (EQUIPO EUROPEU DE CATEQUESIS, La conversión misionera de la catequesis, p. 78.)

Tomemos uma perícope que mostra claramente estes elementos, com as indicações numéricas indicadas:

[4] O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos antepassados glorificou o seu servo Jesus. [2] Vocês o entregaram e o rejeitaram diante de Pilatos, que estava decidido a soltá-lo. Vocês, porém, renegaram o Santo e o Justo, e pediram clemência para um assassino. Vocês mataram o Autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E disso nós somos testemunhas. Graças à fé no nome de Jesus, esse Nome acaba de fortalecer este homem que vocês vêem e reconhecem. A fé em Jesus deu saúde perfeita a esse homem que está na presença de todos vocês. Apesar disso, meus irmãos, eu sei que vocês agiram por ignorância, assim como os chefes de vocês. [1] Deus, porém, cumpriu desse modo o que havia anunciado através de todos os profetas: que o seu Messias haveria de sofrer. [6] Portanto, arrependam-se e convertam-se para que os pecados de vocês sejam perdoados. Assim vocês poderão alcançar o tempo do repouso que vem do Senhor. E ele enviará Jesus, o Messias que havia destinado para vocês. No entanto, é necessário que o céu o receba, [5] até que se cumpra o tempo da restauração de todas as coisas, conforme disse Deus nos tempos passados pela boca de seus santos profetas. De fato, Moisés afirmou: ‘O Senhor Deus fará surgir, entre os irmãos de vocês, um profeta como eu. Escutem tudo o que ele disser a vocês. Quem não der ouvidos a esse profeta será eliminado do meio do povo.’ E todos os profetas que falaram desde Samuel e seus sucessores, também eles anunciaram estes dias. Vocês são filhos dos profetas e dos homens com quem Deus fez a Aliança, quando disse a Abraão: ‘Através da sua descendência, serão abençoadas todas as famílias da terra.’ [3] Após ter ressuscitado o seu servo, Deus o enviou em primeiro lugar a vocês, para os abençoar e para que cada um se converta de suas maldades.»<sup>500</sup>

Existe, de fato, um fio condutor que perpassa a teologia de todos os textos neotestamentários, uma “memória vital”, cujo sujeito é a comunidade apostólica. Uma memória primeira nos leva aos pés do calvário, que é a missão terrena de Jesus, obediente até a morte de Cruz. Uma segunda memória, chamada de “*kerigma* pascal” é o movimento executado pelos primeiros discípulos que estiveram com Jesus e recebem diretamente dele esta missão de anunciar o Reino de Deus, até que Ele voltasse. E ainda se consta uma terceira memória, a escrita, que são os 27 textos canônicos que chegam até nós<sup>501</sup>.

Não por acaso, este signo sucede a *martyria*, porque o momento do anúncio explícito pressupõe sempre o testemunho<sup>502</sup>. Vale lembrar o que disse São Paulo VI, quando detalhadamente apresenta seu programa evangelizador pós-conciliar em

<sup>500</sup> At 3, 13-26. Outros ajudam neste esquema kerigmático, como At 2, 14-39; 1Cor 15, 1-45; At 5, 29-32.

<sup>501</sup> EQUIPO EUROPEO DE CATEQUESIS, La conversión misionera de la catequesis, p. 72.

<sup>502</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 92. Gevaert também aborda extensamente o tema do testemunho na vida cristã. Ele afirma que o testemunho “precede e acompanha o anúncio explícito do Evangelho” (GEVAERT, J., El primer anuncio, p. 53.).

momentos específicos. São eles: 1. Renovação da humanidade – tarefa missionária e essencial da Igreja; 2. Testemunho cristão através de gestos e palavras; 3. Todo testemunho deve ser seguido necessariamente por um anúncio explícito da pessoa de Jesus; 4. Adesão do coração através da conversão; 5. Entrada na comunidade pela vivência sacramental; 6. Acolhida dos sinais pela participação no mistério de Cristo pela liturgia; 7. Iniciativas de apostolado, missão específica de cada discípulo<sup>503</sup>.

Papa Francisco<sup>504</sup>, em sua primeira exortação pós-sinodal, apresenta o *kerigma* como um dos momentos mais importantes no processo de Iniciação à Vida Cristã: “o querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai”<sup>505</sup>. E acrescenta ainda: “Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais ‘sólida’. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio”<sup>506</sup>.

Ainda como cardeal em Buenos Aires, o pontífice já exortava aos catequistas: “o recebido deve ser anunciado”. E mais:

o coração do catequista se submete a esse duplo movimento: centrípeto e centrífugo (receber e dar). Centrípeto quando ‘recebe’ o querigma como dom, acolhendo-o no centro do coração. Centrífugo, quando o anuncia com uma necessidade existencial<sup>507</sup>.

O anúncio kerigmático acontece, dessa forma, como um diálogo sereno, profundo e transformador entre interlocutores, mediado pela cultura<sup>508</sup>. É, no processo iniciático de fé e conversão, “aquele primeiro anúncio cheio de ardor que um dia transformou o homem e o levou à decisão de se entregar a Jesus Cristo pela fé”<sup>509</sup>.

<sup>503</sup> EN 24; MACHADO, M., Primeiro anúncio e ação evangelizadora, p. 11.

<sup>504</sup> Este tema e trechos aqui colocados foram bastante explorados em *A força dos signos evangelizadores no limiar de uma nova época*, do mesmo autor.

<sup>505</sup> EG 164.

<sup>506</sup> EG 165; MACHADO, M., Primeiro anúncio e ação evangelizadora, p. 6-14.

<sup>507</sup> FRANCISCO, PP, Anunciar o Evangelho, p. 63.

<sup>508</sup> BRIGHENTI, A. A pastoral dá o que pensar, p. 91-93.

<sup>509</sup> CT 25.

### 4.3.3.

#### A *didaskalia* e o rebento da semente da fé

De todos os sinais que se apresentam neste bloco profético, debruçamo-nos sobre este que é o mais familiar de todos. Isto não descarta os perigos e armadilhas principalmente em momentos de crise, que se dá durante o momento catequético. A sua função é bastante determinante no *modus vivendi* da comunidade eclesial:

O kerigma prepara o caminho para uma instrução mais detalhada (*catequese*, *didaqué* ou *didaskalia*), para uma progressiva formação que implica uma mudança de atitudes, sentimentos e hábitos até chegar à recepção dos sacramentos da iniciação – Batismo, Confirmação e Eucaristia – e a uma vida em Cristo o mais coerente possível.<sup>510</sup>

Aqui se faz necessário uma distinção<sup>511</sup>. No primeiro século era fartamente utilizado o verbo grego *κατεχείν* (catequizar), como a ação de fazer ressoar a Palavra e suscitar uma resposta. Este verbo estava unido ao primeiro anúncio da fé cristã, como eco da experiência pascal vivida pelos Apóstolos e, aos poucos, sendo assimilada como a tarefa eclesial acerca da ação salvífica de Deus. Como sugere a citação acima, a segunda palavra que se acrescenta neste período é *διδασχῆ* (didaqué), que consiste em instruções sobre a doutrina de Cristo, realizadas pelos Apóstolos e seus sucessores, como lembrava São Paulo: “Portanto, irmãos, ficais firmes; guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito”<sup>512</sup>. É conhecido também um pequeno compêndio destas instruções chamado justamente de *Didaqué* ou *Instrução dos Doze Apóstolos*<sup>513</sup>, que data do final do século I. Mais tarde, bastante aproveitada pelos Padres da Igreja, será usado frequentemente a expressão *διδασκαλία* (catequese), que consiste no ofício do mestre (*διδασκαλος*) de produzir frutos religiosos e morais através da doutrina à luz da revelação divina em Jesus Cristo. Na verdade, “não se trata tanto de instruir em uma doutrina, mas de conduzir o homem à salvação. No ensino catequético não se deve ir somente à

<sup>510</sup> MORLANS, X., El primer anuncio, p. 76.

<sup>511</sup> FLORISTAN, C., Teología Práctica, p. 423-425.

<sup>512</sup> 2Ts 2,15.

<sup>513</sup> A *Didaqué*, texto escrito provavelmente entre os anos 60 e 90 do século I, chegou até ser elencada entre os textos neotestamentários, o que depois acabou sendo considerado como o primeiro catecismo dos cristãos. É um pequeno manual doutrinal que reflete a caminhada das primeiras comunidades cristãs. São 16 instruções agrupadas em três sessões: sobre os dois caminhos – da vida e da morte, a celebração da vida (batismo e eucaristia) e preceitos para a vida comunitária. (DIDAQUÉ, O catecismo dos primeiros cristãos, p. 3-30.)

inteligência do ouvinte, mas à totalidade de sua pessoa”<sup>514</sup>. Este caminho de fé que ilumina a vida dos fiéis se tornou um fermento na massa com o catecumenato, durante os séculos II-IV. Com o fim do catecumenato e o início da Idade Média, a *didaskalia* também perderá sua eficácia em substituição a pequenas instruções oracionais e de piedade popular.

Sabemos o quanto no último século a catequese tem ganhado espaço para reflexão e planejamento. Ela se encontra num “posto de privilégio”<sup>515</sup> dentro da ação pastoral da Igreja, como uma “tarefa absolutamente primordial”<sup>516</sup> da evangelização e um “processo vital”<sup>517</sup> exigente à serviço da iniciação à vida cristã e sua permanente renovação dentro do seio comunitário. São Paulo VI, na clausura do Sínodo sobre a Catequese, lembrava aos participantes: “ninguém pode chegar à verdade completa apenas por uma simples experiência, isto é, sem uma explicação adequada da mensagem de Cristo, que é o ‘Caminho, Verdade e Vida’”<sup>518</sup>.

O último concílio ecumênico trouxe duas contribuições textuais importantes para endossar o movimento catequético que buscava uma promissora renovação nos últimos anos. Primeiro, no decreto *Christus Dominus*, quando confirma aos bispos sobre a instrução catequética “que se orienta a fazer com que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e operosa nos homens, seja cuidadosamente ministrada quer às crianças e aos adolescentes, quer aos jovens, quer até aos adultos”<sup>519</sup>. Depois, na declaração *Gravissimum Educationis*, sobre a educação cristã, apontando a catequese como aquela que “ilumina e fortalece a fé, alimenta a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério de Cristo e impele à ação apostólica”<sup>520</sup>. Tanto um texto como outro em suas definições confirmam a amplitude conceito e a missão de Jesus que é conferida à Igreja de levar a Boa-Nova a toda criatura:

*A primeira definição* sublinha a finalidade integral da catequese: a educação geral da fé, não reduzida a um conhecimento da fé (*fides quae*), mas como entrega total a Deus (*fides qua*), que inclui a adesão intelectual ao que ele revelou, bem como ao compromisso coerente nas obras. [...] *A segunda definição* descreve a catequese por suas tarefas ou objetivos imediatos: o conhecimento da fé; alimentar as atitudes

<sup>514</sup> FLORISTAN, C., Teología Práctica, p. 425.

<sup>515</sup> RAMOS, J., Teología Pastoral, p. 266.

<sup>516</sup> CT 15.

<sup>517</sup> DNC 38.

<sup>518</sup> PAULO VI, PP, Discurso na conclusão da IV Assembleia Geral, p. 1.

<sup>519</sup> CD 14.

<sup>520</sup> GE 4.

morais cristãs com o espírito de Cristo; exercitar na participação da liturgia e impulsionar a vida apostólica.<sup>521</sup>

Ainda que se distinga a catequese da evangelização primeira há que se considerar o que veio à tona nas sessões da IV Assembleia Sinodal sobre a catequese: “convém recordar que entre a catequese e a evangelização não existe separação nem oposição, como também não há identificação pura e simples, mas existem sim relações íntimas de integração e de complementaridade recíproca”<sup>522</sup>. No entanto, lembra Floristán que:

Se pode distinguir da evangelização a respeito do objetivo e dos conteúdos. A evangelização suscita a fé inicial e a conversão, enquanto que a catequese torna madura a semente da fé; a evangelização é um primeiro anúncio do Evangelho e uma primeira resposta cristã aos problemas básicos humanos, enquanto que a catequese é um ensino global e sistemático da pessoa de Jesus Cristo e sua mensagem (CT 18 e 19) ou uma educação *da fé, à fé e na fé*.<sup>523</sup>

Sempre provocativo e elucidativo no tema da iniciação cristã, André Fossion apresenta cinco modelos<sup>524</sup> sob a metáfora de canteiros em construção que irá reconfigurar a catequese nas próximas décadas.

Num primeiro cenário, está o *canteiro da comunidade*. Aqui o teólogo sublinha a importância de se implementar a “catequese da comunidade”, por mais que isso soe estranho diante da habitual catequese sacramental que estamos acostumados. É na intenção de favorecer a emergência de comunidades vivas, responsáveis e que tenham consciência da sua missão de discípulos missionários. Esta formação permanente tem o duplo objetivo de conduzir a comunidade à maturidade da fé como membros vivos de um mesmo corpo, na expressão paulina<sup>525</sup> e também na formação de um tecido comunitário fraterno<sup>526</sup>, que faça nascer um sentimento de pertença comunitária. Desde o primeiro diretório, a catequese já era vista como “ação eclesial que leva os indivíduos e as comunidades cristãs à maturidade de fé”<sup>527</sup>; o que aparece na última edição com as expressões de

<sup>521</sup> ARÉS, V.; RECALDE, R., Catequese. In: PEDROSA, V.M. (et al), Dicionário de Catequética, p. 139.

<sup>522</sup> CT 18.

<sup>523</sup> FLORISTAN, C., Teología Práctica, p. 368-369.

<sup>524</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 89-109.

<sup>525</sup> 1Cor 12,12-27.

<sup>526</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 92.

<sup>527</sup> DCG 21.



pertencimento à comunidade, comunhão e corresponsabilidade eclesial, “como sujeitos ativos para a edificação da comunidade”<sup>528</sup>. No Brasil, o diretório também destaca a formação permanente para que a comunidade seja a referência como fonte, lugar e meta da catequese<sup>529</sup>. Por isso os bispos em Aparecida falam de um processo de conversão eclesial na América Latina que busque uma formação integral, kerigmática e permanente da comunidade<sup>530</sup>. Para efetivar esta catequese permanente da comunidade, Fossion vê, na prática, que ela pode acontecer em algumas modalidades: quando se deixa conduzir pelo ano litúrgico, pondo em cena a história da salvação; com a proposta de um tema anual que fortaleça a fé dos fiéis e os motive, como a Igreja sempre favorece e os papas sempre promovem de tempos em tempos; outra modalidade são os tempos fortes promovidos na comunidade, alternando momentos de reflexão, oração e momentos fraternos comunitários; e um outro que visa momentos de encontro com grupos específicos, segundo a missão pelos quais foram chamados, envolvendo principalmente as famílias para o seio da comunidade.

Um segundo cenário pastoral é o *canteiro da diversidade*. Isso se percebe quando a catequese se encontra diante de uma cultura extremamente egoísta e individualizada. É preciso encontrar alguns acenos positivos porque “a modernidade inventou um modo de herdar que não é o modo tradicional, pois o indivíduo se dá o direito de eleger sua herança”<sup>531</sup>. A ideia de Fossion é de buscar caminhos flexíveis, segundo os gostos das pessoas e suas aspirações, porque a catequese, “mais do que transmissão de conceitos, noções genéricas, formulações intelectuais e nocionais, é processo de transmissão da fé para a formação de cristãos maduros, ativos e participativos da comunidade eclesial e da sociedade”<sup>532</sup>. Algumas categorias são suscitadas no meio da crise em que vivemos para encontrar novas práticas, porque a questão “não é conformar as pessoas a um modelo estabelecido da fé, mas oferecer-lhes um dispositivo variado no qual elas poderão se mover, sobre o qual poderão se apoiar para crescer e caminhar livremente na fé”<sup>533</sup>. Em meio a este pluralismo cultural, o desafio é lançado: o de “dar a conhecer

---

<sup>528</sup> DC 89.

<sup>529</sup> DNC 51-52.

<sup>530</sup> DAp 279.

<sup>531</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 95.

<sup>532</sup> SCHERER, O., Homilia do Senhor Cardeal. IN: 3ª Semana Brasileira de Catequese, p. 271.

<sup>533</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 95.

melhor o tesouro encontrado, levar a celebrá-lo no interior de uma comunidade de fé e vivê-lo como Igreja e como cidadão inserido na história. A confissão da fé, por aquilo que significa, não é um ato solitário, mas solidário”<sup>534</sup>.

Adiante se nota o *canteiro da iniciação das novas gerações*. Um canteiro onde as obras se veem bastante adiantadas, pelo menos esta é a intenção. O desejo do concílio de restaurar o catecumenato, ainda que a prioridade da iniciação cristã sempre fosse e é o adulto, a catequese infantil e juvenil também se encontra obrigada a rever a sua metodologia, já que se faz urgente uma catequese inicial de “caráter iniciático, intensidade e integridade da formação, gradualidade, emprego de ritos e a referência constante à comunidade”<sup>535</sup>. No Brasil, a III Semana Brasileira de Catequese deu visibilidade àquelas preocupações de novos cenários religiosos e a preocupação com o primeiro anúncio da fé que a Europa refletia no começo dos anos 90 do século passado. Dom Eugênio Rixen (1944) lembrava que:

a proposta da Iniciação à Vida Cristã num estilo catecumenal precisa ser adotada na catequese mais no seu espírito do que na letra. O importante é que as crianças, os adolescentes e os jovens sigam o mesmo caminho dos discípulos de Emaús. O catequista, a exemplo de Jesus Ressuscitado, escute as decepções e as preocupações dos catequizandos, aqueça os corações com a Palavra de Deus, dando sentido aos acontecimentos; convida à partilha e à eucaristia e leva à missão.<sup>536</sup>

Em seguida, contempla-se o *canteiro da missão*. Os bispos da América Latina, quando propõem uma Igreja em estado permanente de missão e com uma pastoral decididamente missionária, não deixam de reconhecer, humildemente, um processo iniciático pobre e fragmentado<sup>537</sup>. A fé como proposta, obriga-nos a “acolher o dom de Deus em condições novas e reencontrar assim o gesto inicial da evangelização: o da proposta simples e decidida do Evangelho de Cristo”<sup>538</sup>. O papa Bento XVI, quando de sua vinda ao Brasil, depois de citar pelo menos três vezes a expressão “proselitismo” – que poderia se equiparar, no sentido positivo, a uma forma de instrução catequética –, revela mais uma vez o rosto de uma catequese missionária:

<sup>534</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 94.

<sup>535</sup> CELAM, Manual de Catequética, p. 108.

<sup>536</sup> RIXEN, E., Homilia de Dom Eugène Lambert Adrian Rixen. IN: COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA, 3ª Semana Brasileira de Catequese, p. 282.

<sup>537</sup> DAp 287.

<sup>538</sup> MARTÍNEZ, D., Proponer la fe hoy, p. 57.

a Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por ‘atração’: como Cristo ‘atrai todos a si’ com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim também a Igreja cumpre sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor.<sup>539</sup>

Pensar uma catequese missionária é ter, como ponto de partida, pelo menos duas linhas de frente<sup>540</sup>: a do primeiro anúncio da fé cristã, podendo assumir formas narrativas, expositivas, testemunhais, dialogais ou ainda litúrgicas, garantindo a memória cristã no vasto campo cultural que vivemos; e a presença do catecumenato, tanto para aqueles que buscam descobrir a fé, como redescobri-la, como se buscou refletir em toda esta pesquisa. Este perfil traz um novo frescor à catequese, sinal sacramental da fé, como lembra o catequeta Abimar de Moraes:

Tal atitude missionária não é uma questão de estratégia circunstancial, mas está indissociavelmente ligada à própria natureza da ação catequética, que é ser como um sacramento, um sinal e um meio de operar a união íntima com Deus e a unidade de todo gênero humano. A catequese deve fazer muito mais do que *afirmar* que Deus quer a salvação do gênero humano. Ele deve ser um sinal eficaz dessa salvação. [...] uma ação catequética que não se separa da diaconia.<sup>541</sup>

O teólogo Roland Lacroix propõe ainda, frente a este cenário, um autêntico encontro da Igreja com a cultura contemporânea:

O saber da experiência adquirido durante anos de afastamento do cristianismo não deve ser negligenciado [...]. Uma catequese para os reiniciantes respeita seu percurso; reconhece esses homens e essas mulheres no seu caminho de fé como irmãos e irmãs cuja experiência é preciosa pois ela diz a maneira como Deus se revela hoje.<sup>542</sup>

#### 4.3.4.

#### **A *krisis* como coerência interna da fé**

Etimologicamente, a palavra *κρίσις* (*krisis*) está associada ao verbo grego *κρίνειν* (*krinein*), como o ato de julgar, decidir ou separar<sup>543</sup>. Na prática, *krisis*

<sup>539</sup> BENTO XVI, PP, Santa Missa de Abertura da V Conferência. IN: CELAM, DAp, p. 253.

<sup>540</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 104-105.

<sup>541</sup> MORAES, A., A catequese hoje. IN: AMADO, J.; FERNANDES, L. (org.), *Evangelii Gaudium* em questão, p. 274.

<sup>542</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 106.

<sup>543</sup> VESCHI, B., Etimologia de crise, p. 1.

revela a atitude de tomar uma decisão. O estado de caos e incerteza se encontra no latim como *crisis*, ou ainda na cultura chinesa como 危机 (*wéijī*), como uma experiência de perigo e oportunidade. Mais sugestivo, ainda, é o seu significado no hebraico: אבל-היא (*mas-her*), a antiga cadeira de parto onde as gestantes davam à luz<sup>544</sup>. Dessa forma, podemos dizer que a tomada de decisão, o ato de julgar ou separar, o momento de “dar à luz” desde a dimensão da fé, ocorre de maneira madura e robusta durante a formação teológica.

E é nesse ponto que exalto a grandeza da obra de Brighenti, pois ele é o único – na delimitação metodológica do levantamento bibliográfico – que apresenta a *krisis* separadamente como uma das funções proféticas da evangelização. É certo que Morlans e Fossion também falam da formação teológica: este como condicional à ação catequética da Igreja e aquele quando prevê que a catequese seja sempre “teológica”, buscando a inteligibilidade da fé.

Por isso, Fossion descreve também o *canteiro da inteligência da fé*. Ele explica que é necessário que o “conjunto do edifício catequético seja fecundo para uma inteligência renovada da fé, uma inteligência que a torne possível, desejável para o mundo que vem”. O trabalho catequético precisa buscar sempre uma fé pertinente, desejável e compreensível. São João Paulo II lembrou a Igreja quando exortava os catequistas para evangelizar as diversas culturas: “é deste modo que poderá propor a essas culturas o conhecimento do mistério escondido e ajudá-las a fazer surgir da sua própria tradição viva expressões originais de vida, de celebração e de pensamento cristãos”<sup>545</sup>.

E diante de um mundo plural, não podemos recuar ou nos esconder, recorda o catequeta canadense pe. Gilles Routhier (1953), no Jubileu de Ouro do Instituto Internacional *Lumen Vitae*, em 2008:

Encontrarmo-nos de novo em situação de pluralidade religiosa nos deixa acuados numa verdadeira reflexão sobre o mistério do Deus vivo, e a catequese não pode se furtar a fazer tal reflexão. [...] Como na Antiguidade, a catequese permanece um lugar de reflexão e de inteligência do mistério cristão e de produção de palavras novas para o exprimir, assim como ela deve também satisfazer a exigência de coerência interna da fé.<sup>546</sup>

<sup>544</sup> SWEET, L., Peregrinos do novo século, p. 19.

<sup>545</sup> CT 53.

<sup>546</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 107.

As crises são companheiras naturais da vida e precisam ser superadas ou administradas da melhor forma. Quantas vezes se busca apontar erros, encontrar culpados e querer entrar em uma “máquina do tempo” para refazer um passado que já é presente e não voltará à sua condição pretérita. Halík fala de superar a crise de confiança e procurar as fontes da esperança”<sup>547</sup>. Por isso, superar a crise desde a formação teológica nos ajuda a vencer sinais que nos fere demasiadamente, como se vê no “pietismo, no tradicionalismo, no fundamentalismo e no comunitarismo”<sup>548</sup>.

Como condicionante, a teologia tem, na função profética, o seu ponto crítico. Este itinerário da fé inicia na experiência “de um testemunho (*martyria*), passa pela conversão enquanto acolhida da mensagem revelada (*kerigma*), desemboca na profissão da fé explicitada pela catequese (*didaskalia*) e alcança sua maturidade quando mergulha na teologia (*krisis*)”<sup>549</sup>. A teologia sempre nos livra de uma fé ingênua e se torna um direito dentro da comunidade cristã, mesmo que seja um direito carente de ser atendido, pois “todo batizado, para aceder a uma fé madura, precisa ser, em certa medida, também um ‘teólogo’. Consequentemente, a Igreja tem o dever de propiciar as condições para que ele o seja”<sup>550</sup>.

Para experimentar os sabores do Evangelho na cultura atual, cabe também à teologia um grande desafio, nas palavras do historiador francês Marcel Gauchet (1946): “a sobrevivência do cristianismo depende de uma profunda renovação teológica e filosófica. O desafio é o de dar um *status* plausível ao discurso sobre o mais além, sobre Deus, sobre a fé. São as categorias do pensamento religioso que estão postas à prova”<sup>551</sup>. E Fossion conclui: “para contribuir com a construção do cristianismo que há de vir não basta uma boa organização pastoral. Faz-se necessário que ela seja animada por um novo sopro no que diz respeito à sua própria maneira de compreender a fé e de apresentá-la”<sup>552</sup>. Muitas de nossas instâncias sobrevivem mais de eventos pastorais que de processos que buscam a inteligibilidade da fé. E aqui se encontra o perigo de esvaziarmos a coerência interna da fé e entrar no fluxo da corrente líquida e gasosa da modernidade.

<sup>547</sup> HALÍK, T., Não sem esperança, p. 30.

<sup>548</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 107.

<sup>549</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 100-101.

<sup>550</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 102.

<sup>551</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 40.

<sup>552</sup> FOSSION, A., O Deus desejável, p. 40.

Não bastam a conversão e a profissão de fé. A dimensão profética da ação evangelizadora se nutre da plena comunhão de todos estes elementos apresentados que garantem um processo de iniciação coeso, sólido e ricamente evangélico. Esta tríade qualitativa visa contrapor o lamento dos bispos sobre a pobreza, a fragmentação e – acrescento – a liquidez da engrenagem eclesial para a evangelização do mundo moderno.

Neste sentido,

É preciso “dar razões” à própria fé, recebida e vivida no seio de uma comunidade eclesial, inserida no mundo. A fé não é um ato “da razão, mas é um ato “de” razão. Uma religião irracional seria indigna do ser humano, pois negaria precisamente um dom que nos torna semelhantes a Deus: a liberdade, fruto de uma consciência livre. Uma fé irracional, em vez de ser fator de plenitude do ser humano, seria sua negação. Ao contrário, a fé cristã quer potenciar o ser humano. Quanto mais humano, mais divino e vice-versa. Esta é a peculiaridade do cristianismo, que tem na encarnação do Verbo a negação de qualquer evasão religiosa de corte dualista, que oponha o divino ao humano, a fé à razão, o espírito à matéria, o mundo a Deus.<sup>553</sup>

De fato, o desejo de experimentar uma catequese sólida em tempos líquidos, requer atenção e perspicácia pastoral. Inúmeros teólogos justificaram aqui que “fugir do mundo” não é uma boa opção, além de mostrar um recuo diante do último concílio ecumênico que se mostrou valente no caminho do diálogo. Entretanto, corremos o risco de também nos deixar seduzir pela atmosfera galanteadora da pós-modernidade e correr o risco de cair no famoso “boa noite cinderela” eclesial! Por isso, não deixemos que roubem de nós aquilo que cada um recebeu de Deus e que se vivifica nos dons que o Espírito Santo derramou sobre os batizados. Que cada um destes sinais nos faça viver, em Cristo, o que eles mesmos dizem: são proféticos porque enxergam além do senso comum, porque buscam a justiça, porque esperam em Deus. Este é o passo seguro para que o novo paradigma catequético não se apresente a nós quebradiço, desanimador e titubeante.

<sup>553</sup> BRIGHENTI, A., A pastoral dá o que pensar, p. 101.

## Conclusão

Promover um itinerário discipular missionário: este foi o tema proposto para lançar luzes àquilo que Joel Portella comentava – no 10º aniversário da Conferência de Aparecida – ser o DNA do documento, que se refere ao novo cenário cultural que nos é imposto, uma verdadeira mudança de época que, ainda percebido em Medellín, Puebla e Santo Domingo, mostra-se de forma mais evidente e com consequências mais preocupantes para a vida das futuras gerações. Diante de uma modernidade que atingiu a sua maturidade, como dizia Bauman, a inspiração dos padres conciliares de voltar às fontes cristãs não soa a nós estranha ou fora de contexto. O pastor Leonard Sweet também provocou o seu rebanho para dizer que numa modernidade que entra em colapso e vive seu eclipse – como Lyotard profetizou com o colapso das metanarrativas modernas – o caminho é viver um cristianismo da cruz que busca se inspirar novamente na tradição cristã clássica dos primeiros séculos. E recuperar desde aquilo que os bispos da V Conferência propuseram sem cessar: recomeçar a partir de Jesus Cristo. Por isso o catecumenato dos primeiros séculos continua inspirando a Igreja do novo milênio a dar passos sólidos ainda que imersa na liquidez moderna, para se sentir segura em meio às tensões sociais e libertadora frente a inúmeras correntes ideológicas que aprisionam.

O subtítulo também revelou esta mesma preocupação, a de promover a evangelização de batizados em tempos líquidos. Aqui são suscitadas diversas situações em conflito: que tipo de batizados? São os que não terminaram a iniciação sacramental, são os afastados da comunidade ou os batizados praticantes? Poderíamos dizer que a proposta serviu de tudo um pouco para estes diversos contextos. Primeiro, porque a evasão de muitas crianças e jovens no tempo da catequese tradicional continua crescendo, tendo em vista a dificuldade, no seio familiar, em viver o que muito se chamou de “Igreja doméstica”, expressão tão querida por São João Paulo II. A falta de conexão daquilo que se experimenta na catequese, dentro das paróquias, com o que se vive fora delas, acaba por ser fato decisivo para a grande desistência na busca dos sacramentos e da vivência de fé.

Segundo, porque muitos são os batizados que não vivem a fé que receberam, no dizer de São Paulo VI, ou no nosso popular “católicos não-praticantes”, que aparecem com muita frequência nos censos quando questionados sobre sua denominação religiosa. Estes não praticam porque perderam o vínculo cristão familiar, vindo de um cristianismo sociológico; também não praticam porque se decepcionaram em algum momento da vida com um sacerdote, um coordenador ou com o modo como a comunidade se estruturava; ou ainda porque entendem a Igreja como um balcão de supermercado e se servem de uma religião *a la carte*, ritmados pelos conhecidos ritos de passagem como casamentos, batizados, festas do santo de devoção e missas exequiais ou de sétimo dia.

E terceiro, porque muitos batizados frequentadores e participantes também sofrem do mal que o papa Francisco recordava de ser “estátuas de museu”, rígidos, encarquilhados e estéreis; ou ainda como católicos com “cara de vinagre”, azedos e impossibilitados de comunicar alegria, quando é preciso se purificar desde dentro, transformando sua espiritualidade e seu modo de viver a fé no mundo. É nesse sentido que a insistência do documento de Aparecida para uma conversão pastoral não se anuncia por acaso. Francisco teve essa visão quando fez ressoar o programa missionário de conversão latino-americano para a Igreja universal na constituição apostólica *Evangelii Gaudium*. Muitos fiéis de nossas comunidades, mesmo estando nos bancos todos os domingos, vivem à margem, ou naquilo que São Paulo VI denominou como “viver numa sociedade cristã, mas sem princípios cristãos”. Hoje muito se fala de uma catequese e formação permanente para leigos, sacerdotes e, inclusive, para bispos. O itinerário discipular missionário acompanha toda a vida do cristão e, por isso, o fio condutor desta pesquisa buscou integrar um itinerário evangelizador respaldado na dinamicidade das primeiras comunidades frente aos novos modelos culturais, ao impulso renovador dos movimentos eclesiais na modernidade que tiveram sua vitrine exposta durante o Vaticano II, na experiência sinodal que nunca deixou de corresponder às necessidades da Igreja em tocar feridas abertas e carentes de atenção e cuidado no mundo contemporâneo, bem como na experiência latino-americana que buscou, em cada instância, ser um sinal libertador e de impulso na missão e no discipulado.

Há de se concordar com o espanhol Jordi D’Arquer que o que buscamos, hoje, é um “catecumenato catequético”, não simplesmente uma “catequese catecumenal”... e isso faz toda a diferença! Na prática, o que se observa, por vezes,



é uma epígrafe de inspiração catecumenal que serve para adjetivar e decorar uma atividade pastoral que não viveu um processo de conversão. A intuição de D'Arquer é inspiradora para este milênio: o instrumental catequético – pedagógico e metodológico – deve iluminar sempre o processo de iniciação à vida cristã – querigmático e mistagógico, como lembra Francisco. Corremos o risco de perder tempo em trocar datas para a recepção dos sacramentos, inventar ritos de entregas de símbolos, distribuir convites e *selfies* e nos esquecer do processo e do acompanhamento, porque estes não se alimentam dos eventos; antes, buscam permanecer em Cristo e caminhar com Ele, como ramos unidos à videira.

É de impressionar a simplicidade e a profundidade com que o monge beneditino Simón Pedro Arnold escreveu *La era de la mariposa*. Sim, porque vivemos uma espiritualidade em processo de casulo, no momento em que a lagarta busca alçar vôo com suas próprias forças. Por mais pessimista que pareça o nosso tempo, e isso se experimenta nos rótulos de pós-modernidade, pós-cristão, pós-Deus e até de pós-verdade... Tudo isso não deixa de projetar lampejos de oportunidades e esperança. Ainda que as figuras do encarcerado, do consumidor e do turista de Bauman pareçam estar destinadas ao fracasso e ao esgotamento, é possível enxergar além e ver a partir de nossa própria casa, da comunidade cristã que participamos. Aos discípulos, quando voltavam pra Emaús, também pairou uma nuvem de desânimo, fracasso e profunda tristeza. Somente quando se abriram ao *kairós* divino, uma oportunidade reveladora como fenda aberta no terremoto – na *acolhida* àquele que se aproxima, na *escuta* atenta antes de dizer algo, na *hospitalidade* de querer o outro por perto, na *partilha* sentados à mesma mesa fraterna e na *coragem* de testemunhar, mesmo que tudo pareça loucura.

Todos estes gestos nos levam da crise à esperança: este é o verdadeiro *kairós* que se espera deste novo paradigma no processo iniciático da fé. Ao invés de nos conformar com os três ‘vilões’ da vida líquido-moderna, busquemos ancorar nos sinais proféticos. É no *testemunho* sincero e determinado que se busca alcançar o coração do mundo com a mensagem de salvação. Este *anúncio explícito* da pessoa de Jesus nos conduz a um encontro pessoal com Ele, o Deus Uno e Trino, exigindo uma resposta e uma mudança radical de vida. Renovados neste encontro, busquemos ser *instruídos* na “escola do Espírito Santo”, frisou Francisco, no domingo de Pentecostes. E este caminho quer ser trilhado de forma segura quando nos livramos de uma fé ingênua e assumimos uma instância crítica, dando razões

da nossa fé, retomando São Pedro em sua epístola. É na *formação teológica* que os discípulos missionários alcançam a maturidade ensinada pelo Mestre.

Que esta pesquisa, uma singela janela entreaberta destes tempos líquidos, ajude-nos, desde a provocação da fé e das instâncias eclesiais, a buscar novas rotas e alternativas para este paradigma catequético que vai sendo rabiscado e desejado com tanto amor desde o impulso renovador do Concílio Vaticano II. Parafraseando São João XXIII, diríamos: “Vamos abrir as janelas da nossa Igreja, para que os ventos da modernidade possam arejá-la, reacomodá-la e deixar o Sol da Justiça iluminá-la, aquecê-la e despertá-la a novas posturas e gestos transformadores”.

## 6

## Referências bibliográficas

A IGREJA das catacumbas. 17 dez. 2009. **Dom total**. Disponível em: [https://domtotal.com/direito-pagina-detalle.html?id\\_pagina=31956](https://domtotal.com/direito-pagina-detalle.html?id_pagina=31956).

Acesso em: 09 jun. 2022.

AHUMADA, E., La catequesis latinoamericana en los inicios de tercer milenio. **Revista Medellín**, v. XXXVIII, n. 150, p. 253-269, abr./jun. 2012.

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE CATEQUESIS. **Hacia un nuevo paradigma de la iniciación cristiana hoy**. Madrid: PPC, 2008.

ALBERICH-SOTOMAYOR, E. **Catequesis Evangelizadora**. Manual de catequética fundamental. 3.ed. Madrid: CCS, 2011.

AMADO, J.; FERNANDES, L. (org.). **Evangelii Gaudium em questão**: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

AMADO, J. O documento de Aparecida e sua proposta para toda a Igreja. **Revista atualidade teológica**, v. 22, n. 58, p. 65-90, jan./abr. 2018.

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANJOS, M. Sínodo para a América: leitura contextual. **Revista Perspectiva Teológica**, v. 30, n. 80, p. 11-35, jan./abr. 1998.

ANTONIAZZI, A. O projeto de evangelização da CNBB “Rumo ao Novo Milênio”. **Revista Perspectiva Teológica**, v. 29, n. 77, p. 77-88, jan./abr. 1997.

AQUINO, T. **Catena Áurea**: exposição contínua sobre os Evangelhos. v. 4. Evangelho de São João. Campinas: Ecclesiae, 2021.

ARMENTERAS, M. L’Omnicaminité dans le retail ne suffit plus. 14 set. 2018. **Revista Grupidea**. Disponível em: <https://grupidea.com/fr/lomnicaminité-dans-le-retail-ne-suffit-plus/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

ARNOLD, S. **La era de la mariposa**. Una espiritualidad en proceso de crisálida. Buenos Aires, Claretiana, 2015.

ASSOCIACIÓN ESPAÑOLA DE CATEQUESIS. **Hacia un nuevo paradigma de la iniciación cristiana hoy**. Madrid: PPC, 2009.

AUGUSTIN, G. (ed.). **El desafío de la nueva evangelización**. Impulsos para la revitalización de la fe. Santander: Sal Terrae, 2012.

AUSTER, P.; COETZEE, J. M. **Here and now**. Letters, 2008-2011. Nova York: Viking, 2014.

AYRES, A. **Como entender a pós-modernidade**. O desafio de conduzir a Igreja segundo os princípios bíblicos. São Paulo: Vida, 1998.

BAUMAN, Z. **Mortality, Immortality & Other Life Strategies**. Oxford: Polity Press, 1992.

BAUMAN, Z. **Ética Pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para o consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Legisladores e Intérpretes**. Sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Z., **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Z., **Bauman sobre Bauman**. Diálogos com Keith Tester. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. **Liquid Modernity**. 22 reimp. Oxford: Polity Press, 2012.

BAUMAN, Z.; MAURO, E. **Babel**: entre a incerteza e a esperança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

BAUMAN, Z.; BORDONI, C. **Estado de crise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.

BEILHARZ, P. **Dialectic of Postmodernity**. Londres: Sage, 2000.

BÉJAR, H. **Identidades inciertas**: Zygmunt Bauman. Barcelona: Herder, 2007.

BENTO XVI, PP. **Deus caritas est**. Carta Encíclica. São Paulo: Loyola, 2006.

BENTO XVI, PP. Encontro e celebração das vésperas com os bispos do Brasil. Catedral da Sé. São Paulo, 11 de maio de 2007. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070511\\_bishops-brazil.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070511_bishops-brazil.html). Acesso em 30 out. 2021.

BENTO XVI, PP. **Spe Salvi**. Carta Encíclica. São Paulo: Paulus, 2007.

BENTO XVI, PP. **Verbum Domini**. Exortação Apostólica Pós-sinodal. São Paulo: Paulinas, 2010.

BENTO XVI, PP. **Porta fidei**. Carta Apostólica. São Paulo: Paulus, 2011.

BENTO XVI, PP. Santa Missa para a Abertura do Sínodo dos Bispos. 7 out. 2012. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20121007\\_apertura-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.html). Acesso em: 15 maio 2022.

BENTO XVI, PP. Santa Missa para a Conclusão do Sínodo dos Bispos. 28 out. 2012. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20121028\\_conclusionesinodo.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121028_conclusionesinodo.html). Acesso em: 27 maio 2022.

BENTO XVI. Encontro do Papa Bento XVI com o clero de Roma. 14 fev. 2013. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20130214\\_clero-roma.pdf](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130214_clero-roma.pdf). acesso em: 03 abr. 2022.

BEOZZO, J. **Pacto das Catacumbas**: por uma Igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015.

BERGER, P; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. A orientação do homem moderno. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BERNARDINO, A. Santo Domingo: Um pouco de história e coração na caminhada. **Revista Vida Pastoral**, n. 170, p. 02-06, mar./abr. 1994.

BERZOSA, R. **Transmitir la fe en un nuevo siglo**. Retos y propuestas. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2006.

BESEN, J. **História da Igreja**: da idade apostólica aos nossos tempos. Florianópolis: Mundo e Missão, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 3. impr. São Paulo: Paulus, 2004.

BIBLIOTECA BÍBLICA. **Coração**. Significado em grego e hebraico. Disponível em: <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2017/11/coracao-significado-em-grego-e-hebraico.html>. Acesso em: 27 maio 2022.

BIEMMI, E. **El segundo anuncio**. La gracia de volver a empezar. Santander: Sal Terrae, 2013.

BIOGRAFIA. Quem é Michel Maffesoli? **PUCRS On Line**. Disponível em: <https://blog-online.pucrs.br/public/quem-e-michel-maffesoli/#:~:text=Pensador%20extraordin%C3%A1rio%2C%20construiu%20um%20modo,fenomenol%C3%B3gica%20e%20da%20sociologia%20compreensiva>. Acesso em: 09 jun. 2022.

BIOGRAFIA de Sua Santidade Bento XVI. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf\\_ben-xvi\\_bio\\_20050419\\_short-biography\\_old.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography_old.html). Acesso em: 12 dez. 2021.

BINGEMER, M. O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**, n. 224, p. 30-33, 18 jun. 2007. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao224.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2021.

BLASI, M. Décrire la mondialisation : vers un monde « gazeux » plutôt que « liquide ». **Revista Esprit**. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/maxime-de-biasi/decrire-la-mondialisation-vers-un-monde-gazeux-plutot-que-liquide-15600>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BONDAN, F. **Lecionário Patrístico Dominical**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

BOFF, C. O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**, n. 224, p. 15-18, 18 jun. 2007. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao224.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2021.

BRANDES, O. A Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho. **Canal A12**. Sessão Opinião. 31/05/2017. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/opiniaao/a-conferencia-geral-do-episcopado-latino-americano-e-caribenho>. Acesso em: 28 nov. 2021.

BRIGHENTI, A. *Raíces de la epistemología y del método de la teología latinoamericana*. **Revista de Medellín**, v. XX, n. 78, p. 207-254, jun. 1994.

BRIGHENTI, A. **A Igreja perplexa**. A novas perguntas, novas respostas. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRIGHENTI, A. **A pastoral dá o que pensar**. A inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

BRIGHENTI, A. Documento de Aparecida: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. **Revista Pistix Praxis: teologia e pastoral**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 673-713, set./dez. 2016. Disponível em: <file:///D:/Meus%20arquivos/Documents/MESTRADO%20PUC-RIO/1318-2164-1-SM.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2021.

CALIMAN, C. (org.). **A sedução do sagrado**. O fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998.

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARDONA, M. La sociedad gaseosa. **Periódico de Ibiza y Formetera**. 15 jan. 2017. Disponível em: <https://www.periodicodeibiza.es/opinion/opinion/2017/01/15/242162/sociedad-gaseosa.html>. Acesso em: 08 mar. 2022.

CARTA A DIOGNETO. Documento que descreve quem eram e viviam os cristãos dos primeiros séculos. **Aleteia**. 28 dez. 2018. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2018/12/28/carta-a-diogneto-documento-que-descreve-quem-eram-e-viviam-os-cristaos-dos-primeiros-seculos/>. Acesso em: 31 maio 2022.

CARVAJAL-BLANCO, J. **Pedagogía del primer anuncio**. El Evangelio ante el reto de la increencia. Madrid: PPC, 2012.

CAVALLIN, A. A I Semana Latino-americana de Catequese. Entrevista. **Revista de Catequese**, ano 6, n. 21, p. 38-40, jan./mar. 1983.

CELAM. Documento Básico Preliminar para II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano. Medellín, ago. 1968. **Revista Medellín**. Separata Especial. Bogotá, v. XIX, n. 76, dez. 1993, p. 01-52.

CELAM. **La Iglesia en la actual transformación de América Latina a la luz del Concilio**. I Ponencias. 2.ed. Santafé de Bogotá, 1969.

CELAM. **Documento de Consulta**: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. São Paulo: Paulinas, 1991.

CELAM. **Evangelizar la posmodernidad desde América Latina**. Santafé de Bogotá: CELAM, 2000.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM. **Manual de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM. **Las cinco conferencias generales del episcopado latinoamericano**. Santafé de Bogotá: San Pablo, 2014.

CELAM. **La catequesis en América Latina y el Caribe**. Semanas Latinoamericanas de Catequesis. Santafé de Bogotá: CELAM, 2015. (Documentos CELAM n. 194)

CELAM. **La alegría de iniciar discípulos misioneros en el cambio de época**. Santafé de Bogotá: CELAM, 2015. (Documentos CELAM n. 195)

CNBB. **Rumo ao Novo Milênio**. São Paulo: Paulinas, 1996. (Documento 56)

CNBB. **II Semana Brasileira de Catequese**. São Paulo: Paulus, 2002. (Estudos 84)

CNBB. **Projeto Nacional de Evangelização (2004-2007)**: Queremos ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida. São Paulo: Paulinas, 2003. (Documento 72)

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2006. (Documento 84)

CNBB. **Iniciação à vida cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017. (Documento 107)

COMBLIN, J. Puebla de los Angeles. **Revista Vida Pastoral**, n. 249, p. 09-13, maio/jun. 2006.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA. **3ª Semana Brasileira de Catequese**. Iniciação à Vida Cristã. Brasília: Edições CNBB, 2010.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituições, Decretos, Declarações, Documentos e Discursos Pontifícios**. São Paulo: Paulinas, 1967.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Catequético Geral**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.



CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. **Questa è la nostra fede**. Nota pastorale sul primo annuncio del Vangelo. 15 maio 2005. Disponível em: <http://www.riccardoabati.it/file/pdf/catecumenato/documentazione/nostrafe.de.pdf>. Acesso em: 31 maio 2022.

COSTA, M. Entrevista com Wolfgang Gruen sobre sua experiência com a primeira graduação de Ciência da Religião no Brasil. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 306-316, jul./dez. 2018.

COSTA, R. **A espiritualidade do consumo e o consumo da espiritualidade**. Um estudo a partir de Gilles Lipovetsky. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

COX, H. **O futuro da fé**. São Paulo: Paulus, 2015.

D'ANCONA, M. **Pós-Verdade**. A nova guerra contra os fatos em tempos de *fake News*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DELUMEAU, J. **À espera da aurora**. Um cristianismo para o amanhã. São Paulo: Loyola, 2007.

DIDAQUÉ. **O catecismo dos primeiros cristãos para s comunidades de hoje**. 17.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

DUCH, L., **La crisis de la transmisión de la fé**. Madrid: PPC, 2009.

DUCH, L. **La religión en el siglo XXI**. Madrid: Siruela, 2012.

DUQUE, J. **Para o diálogo com a pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 2016.

EQUIPO EUROPEO DE CATEQUESIS. **La conversión misionera de la catequesis**. Relación entre fe y primer anuncio en Europa. Madrid: PPC, 2009.

ESTRADA, J. **El cristianismo en una sociedad laica**. Cuarenta años después de Vaticano II. 2 ed. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2006.

FACHIN, P. Samuel Ruiz García e as origens da Teologia Indígena. 14 fev. 2016. **Revista Instituto Humanitas Unisinos On-Line**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/551093-samuel-ruiz-garcia-e-as-origens-da-teologia-indigena-entrevista-especial-com-igor-luis-andreo>. Acesso em: 30 out. 2021.

FERREIRA, R. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Revista Eletrônica Pensar**, FAJE, v. 7, n. 2, p. 215-228, 2016. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3649/3750>. Acesso em: 29 dez. 2021.

FERREIRA, V. **Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo**. Aparecida: Santuário, 2015.

FISICHELLA, R. **La nueva evangelización**. Santander: Sal Terrae, 2012.

FISICHELLA, R. Igreja lança novo diretório para a catequese depois de 23 anos. **Revista Eletrônica Dom Total**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1455732/2020/06/igreja-lanca-novo-diretorio-para-a-catequese-depois-de-23-anos/>. Acesso em: 27 maio 2022.

FLORISTÁN, C. **Para comprender el Catecumenado**. Estella: Verbo Divino, 1991.

FLORISTÁN, C. **Teología Práctica**. Teoría y praxis de la acción pastoral. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993.

FORTE, B. **Para onde vai o Cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003.

FOSSION, A. **O Deus desejável**. Proposição da fé e iniciação. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO, PP. **Anunciar o Evangelho**: Mensagens aos Catequistas. Campinas: Ecclesiae, 2013.

FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos Bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano. 28 jul. 2013. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130728\\_gmg-celam-rio.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html). Acesso em: 19 maio 2022.

FRANCISCO, PP. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos catequistas vindo a Roma por ocasião do Ano da Fé e do Congresso Internacional de Catequese. 27 set. 2013. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco\\_20130927\\_pellegrinaggio-catechisti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130927_pellegrinaggio-catechisti.html). Acesso em: 21 dez. 2021.

FRANCISCO, PP. Carta do Papa Francisco por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina. 03 mar. 2015. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco\\_20150303\\_lettera-universita-cattolica-argentina.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html). Acesso em: 05 jun. 2022.

FRANCISCO, PP. Celebração Eucarística no encerramento do Jubileu pelos 800 anos da confirmação da Ordem dos Pregadores. 21 jan. 2017. **A**

**Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco\\_20170121\\_omelia-domenicani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170121_omelia-domenicani.html). Acesso em: 27 fev. 2022.

FRANCISCO, PP. **Gaudete et Exsultate**. Sobre a chamada à santidade no mundo atual. Exortação Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO, PP. **Christus Vivit**. Para os jovens e para todo o Povo de Deus. Exortação Apostólica pós-sinodal. São Paulo: Paulus: 2019.

FRANCISCO, PP. Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária da Pontifícia Academia para a Vida. 28 fev. 2020. **A Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco\\_20200228\\_accademia-perlavita.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200228_accademia-perlavita.html). Acesso em: 08 abr. 2022.

FRANCISCO, PP. Papa Francisco: Aprendamos a fazer um caminho de amadurecimento na familiaridade com o Senhor. 17 abr. 2020. **Comunidade Shalom.** Disponível em: <https://comshalom.org/papa-francisco-aprendamos-a-fazer-um-caminho-de-amadurecimento-na-familiaridade-com-o-senhor>. Acesso em: 29 dez. 2021.

FRANCISCO, PP. Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião da apresentação da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. 24 jan. 2021. **A Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/papa-francesco\\_20210124\\_messaggio-celam.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/papa-francesco_20210124_messaggio-celam.html). Acesso em: 05 dez. 2021.

FRANCISCO, PP. Audiência Geral. 24 nov. 2021. **A Santa Sé.** Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco\\_20211124\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20211124_udienza-generale.html). Acesso em: 25 fev. 2022.

GALLAGER, M. **El Evangelio en la cultura actual**. Un frescor que sorprende. Cantabria: Sal Terrae, 2010.

GALILEA, S. **A Mensagem de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.

GEVAERT, J. **El primer anuncio**. Proponer el Evangelio a quien no conoce a Cristo. Finalidades, destinatarios, contenidos, modos de presencia. Santander: Sal Terrae, 2001.

GIARELLI, C. La società liquida che diventa gassosa. **Revista digital Il Piacenza.** 07 abr. 2018. Disponível em: <https://www.ilpiacenza.it/blog/anticaglie/la-societa-liquida-che-diventa-gassosa.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.

GONÇALVES, A. Sociedade em estado sólido, líquido e gasoso. **Instituto Humanitas Unisinos**. 28 out. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604130-sociedade-em-estado-solido-liquido-e-gasoso>. Acesso em: 01 mar. 2022.

GRUEN, W. Novas orientações para a catequese no Brasil. **Revista de Catequese**, ano 7, n. 27, p. 34-47, jul./set. 1984.

GRZONA, R. La catequesis en América Latina: orientaciones del Magisterio. **Revista Medellín**, v. XVIII, n. 72, p. 825-850, dez. 1992.

GUDYNAS, E. ¿Somos líquidos...o más bien viscosos? **Revista Digital Envio**, n. 145, ago. 2017. Disponível em: <https://www.envio.org.ni/articulo/5378>. Acesso em: 01 mar. 2022.

HALÍK, T. **Não sem esperança**: o retorno da religião em tempos pós-otimistas. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, B. **No enxame**. Perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

HANCOCK, J. Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano. **El País Internacional On Line**. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638\\_931299.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html). Acesso em: 08 jun. 2022.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 23.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**. A religião em movimento. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOBSBAWN, E. **Tempos fraturados**. Cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JOÃO PAULO II, PP. **Catechesi Tradendae**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

JOÃO PAULO II, PP. Discurso na abertura da XIX Assembleia do CELAM. Catedral de Porto Príncipe, Haiti. 9 mar. 1983. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19830309\\_assemblea-celam.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html). Acesso em: 12 out. 2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Christifideles Laici**. Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo: Paulinas, 1988.

JOÃO PAULO II, PP. **Redemptoris Missio**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1997.

KAFKA, F. **Contemplanção/O foguista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KELLNER, D. Zygmunt Bauman's postmodern turn. **Revista Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 1, fev. 1998. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/026327698015001008>. Acesso em: 04 mar. 2022.

KEYS, R. **A era da pós-verdade**. Desonestidade e enganação na vida contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2018.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Petrópolis: Jorge Zahar, 1997.

KÜNG, H. **Teología para la postmodernidad**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

KÜNG, H. **Uma ética global para a política e a economia mundiais**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAUTOURELLE, R.; FISICHELLA, R. **Dicionário de Teologia Fundamental**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LELO, A. Aplicação no Brasil do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. **Revista de Catequese**, n. 108, p. 05-20, out./dez. 2004.

LENAERS, R. **Outro cristianismo é possível**. A fé em linguagem moderna. São Paulo: Paulus, 2010.

LIBÂNIO, J. B. **Jovens em tempo de pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

LIBÂNIO, J. B. **Qual o futuro do Cristianismo?** São Paulo: Paulus, 2006.

LIBÂNIO, J. B. Memória de Santo Domingo até nossos dias. **Revista Vida Pastoral**, n. 249, p. 22-27, maio/jun. 2006.

LIBÂNIO, J. B. Conferência de Aparecida. **Revista Vida Pastoral**, n. 257, p. 20-26, nov./dez. 2007.

LIBÂNIO, J. B. Aparecida significou quase uma surpresa. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**, n. 224, p. 19-23, 20 jun. 2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1038-joao-batista-libanio-3>. Acesso em: 03 dez. 2021.

LIBÂNIO, J. B. **Cenários da Igreja**: num mundo plural e fragmentado. São Paulo: Loyola, 2009.

LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. **Introdução à Teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2011.

LIMA, L., Discípulos e missionários de Jesus Cristo. Síntese dos temas da III Semana Latino-Americana de Catequese. **Revista de Catequese**, n. 114, p. 38-52, abr./jun. 2006.

LIMA, L. Gênese e desenvolvimento do Diretório Nacional de Catequese. **Revista de Catequese**, n. 116, p. 06-25, out./dez. 2006.

LIMA, L. Medellín-Aparecida: um diálogo provocador. **Revista Medellín**, v. XXXIV, n. 136, p. 593-624, dez. 2008.

LIMA, L. A alegria de iniciar discípulos missionários: apresentação do novo documento catequético do Celam. **Revista de Catequese**, n. 146, p. 42-57, jul./dez. 2015.

LIMA, L. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**. São Paulo: Paulus, 2016.

LIPOVETSKY, G. **Da leveza**: rumo a uma civilização sem peso. Barueri: Manole, 2016.

LLOSA, M. **A civilização do espetáculo**. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LOPEZ, J. **España, país de misión**. Madrid: PPC, 1979.

LOZADA, L. *La importancia del método en el Concilio y en el Magisterio Episcopal Latinoamericano*. **Revista de Medellín**, v. XXXII, n. 126, p. 313-331, jun. 2006.

LYON, D. **Jesús en Disneylandia**. La religión en la posmodernidad. Madrid: Cátedra, 2002.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. 16.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

LYOTARD, J. F. **Le posmoderne explique aux enfants**. Paris: Galilée, 1986.

MACHADO, M. Uma catequese sólida em tempos líquidos. **Revista de Catequese**, n. 145, p. 06-21, jan./jun. 2015.

MACHADO, M. Primeiro anúncio e ação evangelizadora: do coração do Evangelho ao coração do mundo. **Revista de Catequese**, n. 148, p. 06-14, jul./dez. 2016.

MACKENZIE, J. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983.

MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**. Vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, M. **A ordem das coisas**. Pensar a pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

MANZATTO, A. As primeiras conferências do CELAM. **Revista Vida Pastoral**, n. 249, p. 03-08, maio/jun. 2006.

MARDONES, J. **Postmodernidad y cristianismo: el desafío del fragmento**. Bilbao: Sal Terrae, 1988.

MARINS, J. Crônica sobre Medellín. **Revista Medellín**, v. 15, n. 58-59, p. 21-28, jun./set. 1989.

MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTÍNEZ, J. **La polémica de la posmodernidad**. Santander: Sal Terrae, 2005.

MARTÍNEZ, D. (comp.). **Proponer la fe hoy**. De lo heredado a lo propuesto. Madrid: Ediciones Libertarias, 1986.

MEKARY, A. Papa Francisco enumera três pecados contra a missão. 02 dez. 2019. **Aleteia**. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2019/10/02/papa-francisco-enumera-3-pecados-contr-a-missao/#>. Acesso em: 23 dez. 2021.

MENDONÇA, J. T. **Elogio da sede**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MENDOZA-ÁLVAREZ, C. **O Deus escondido da pós-modernidade**. Desejo, memória e imaginação escatológica. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

MIRANDA, M. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. Escritos eclesiológicos. São Paulo: Loyola, 2006.

MONSEÑOR Felipe Santiago Benítez renovó la catequesis de la Iglesia en Paraguay. 23 mar 2009. **Zenit**. Disponível em: <https://es.zenit.org/2009/03/23/monsenor-felipe-santiago-benitez-renovo-la-catequesis-de-la-iglesia-en-paraguay> Acesso em: 03 nov. 2021.

MORLANS, X. **El primer anuncio**. El eslabón perdido. Madrid: PPC, 2009.

MORLANS, X. **La nueva evangelización y el anuncio kerigmatico**. Pontifício Conselho para a Nova Evangelização. 2014. Disponível em:

<https://docplayer.es/560528-La-nueva-evangelizacion-y-el-anuncio-kerigmatico-p-xavier-morlans-i-molina.html>. Acesso em: 31 maio 2022.

NERY, I. J. Panorama da catequese, nos 40 anos do Concílio Vaticano II. **Revista Perspectiva Teológica**, v. 37, n. 103, p. 381-397, set./dez. 2005.

NERY, I. J. **Catequese com adultos e catecumenato**. História e proposta. São Paulo: Paulus, 2019.

NUNES, R. Da vida líquida para a vida gasosa. **Migalhas**. 09 abril 2015. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/abc-do-cdc/218647/da-vida-liquida-para-a-vida-gasosa>. Acesso em: 20 dez. 2021.

NUNES, R. **Era do Consumo**. São Paulo: Migalhas, 2016.

O NOVO CATECISMO: a fé para adultos. 6.ed. São Paulo: Loyola, 1975.

OLIVEIRA, A. O primeiro shopping center de São Paulo: O Iguatemi. **São Paulo in foco**. 25 nov. 2013. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/shopping-iguatemi/>. Acesso em: 12 maio 2022.

ORIENTAÇÕES gerais da Semana Internacional de Catequese. Comunicações. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, v. 28, fasc. 3, p. 642-646, set. 1968.

OTÓN, J. **El reencantamiento espiritual posmoderno**. Madrid: PPC Editorial, 2014.

PADILHA, V. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006.

PALLARES-BURKE, M. A sociedade líquida de Zygmunt Bauman. *Caderno Mais! Folha de São Paulo*, 19 out. 2003, p. 04-09.

PARO, T. (org.). **Atualização Litúrgica**. v. II. São Paulo: Paulus, 2019.

PASSOS, J.; SANCHES, W. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.

PAULO VI, PP. IX aniversário da Coroação de Sua Santidade. Homilia. 29 jun. 1972. **A Santa Sé**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19720629.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629.html). Acesso em: 27 maio 2022.

PAULO VI, PP. **Evangelii Nuntiandi**. Carta Encíclica. São Paulo: Paulus, 1997.

PECORARO, R. **Nihilismo e (pós) modernidade**. Introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo. São Paulo: Loyola, 2005.



PEDROSA, V. M. (et al). **Dicionário de Catequética**. Tradução H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004.

PICO, Josef (coord.). **Modernidad y Postmodernidad**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

PIERINI, F. **Catecismo do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas, 1967.

PIKAZA, X. (dir.). **Dicionário Teológico O Deus Cristão**. São Paulo: Paulus, 1998.

PLACIDA, F. **Comunicare Gesù**. La catechesi oggi. Vaticano: Urbaniana University Press, 2015.

PLATÃO. **A República**. 3.ed. Belém: EDUFPA, 2000.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Il catechista testimone della fede**. Far crescere il Desiderio di Dio nel cuore degli uomini. Milão: San Paolo, 2018.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2020.

PONTES, P. La catequesis latino-americana al impulso de Medellín y Puebla. **Revista Medellín**, v. XV, n. 58-59, p. 133-151, jun./set. 1989.

PRÊMIO Nobel de Literatura 2003. **WOOK**. Disponível em: [https://www.wook.pt/autor/j-m-coetzee/79715#:~:text=Um%20duro%20\(como%20mostrou%20na,se%20tinham%20convertido%20na%20sua](https://www.wook.pt/autor/j-m-coetzee/79715#:~:text=Um%20duro%20(como%20mostrou%20na,se%20tinham%20convertido%20na%20sua). Acesso em: 05 jun. 2022.

QUEIRUGA, A. **Fim do Cristianismo pré-moderno**. São Paulo: Paulus, 2003.

RAMOS, J. **Teología Pastoral**. Madrid: BAC, 2006.

RETROSPECTIVA dos congressos internacionais de catequese. **Revista de Catequese**, ano 60, n. 15, p. 77-78, out./dez. 1992.

RICCARDI, A. Bauman: o Papa Francisco é minha esperança. Tradução: Luísa Rabolini. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**. 10 fev. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/575979-bauman-o-papa-francisco-e-a-minha-esperanca>. Acesso em: 26 fev. 2022.

ROCHA, S. Bauman: mundo líquido, obra sólida. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**. 09 jan. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/585891-bauman-mundo-liquido-obra-solida>. Acesso em: 07 mar. 2022.

RODRÍGUEZ, N. Primera evangelización y evangelización “nueva” a la luz de Medellín y Puebla. **Revista Medellín**, v. XV, n. 58-59, p. 114-132, jun./set. 1989.

ROMEO, F. *Verso uma modernité gassosa?* **Revista Amalteia**, 2006, p. 33-35. Disponível em: [http://nuke.amalteiaonline.com/Portals/0/upload\\_rivista/Rivista\\_due\\_e\\_tre/Modernita\\_Gassosa\\_riv\\_Amaltea2\\_3\\_2006.pdf](http://nuke.amalteiaonline.com/Portals/0/upload_rivista/Rivista_due_e_tre/Modernita_Gassosa_riv_Amaltea2_3_2006.pdf). Acesso em: 02 dez. 2021.

RORTY, R.; VATTIMO, G. **O futuro da religião**: solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

ROYO, A. **La sociedad Gaseosa**. Barcelona: Plataformas Editoriais, 2017.

SANDRINI, M. **Religiosidade e Educação no contexto da pós-modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SARANYANA, J. **Cem anos de teologia na América Latina (1899-2001)**. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, B. **Evangelizar com Papa Francisco**. Comentário à *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2014.

SCOLARI, C. Adiós sociedad líquida. Bienvenida sociedad gaseosa. **Revista Hipermidiaciones**, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://hipermidiaciones.com/2021/08/13/adios-sociedad-liquida-bienvenida-sociedad-gaseosa/>. Acesso em: 03 jan. 2022.

SENÈZE, N. Pelagianismo: entre graça e livre-arbítrio. **Revista Instituto Humanitas Unisinos On-Line**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/584758>. Acesso em: 31 maio 2022.

SÍNODO DOS BISPOS. Mensagem ao Povo de Deus. Mensagem final da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. **L'Osservatore Romano**, Cidade do Vaticano, ed. em Português, n. 44, 03 nov. 2012.

SÍNODO DOS BISPOS. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**. Documento Final da XV Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SLOTTERDIJK, P. **Pós-Deus**. Petrópolis: Vozes, 2019.

SMITH, D. **Zygmunt Bauman**: prophet of Postmodernity. Oxford: Polity Press, 1999.

SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (org.). **Medellín**: memória, profetismo e esperança na América Latina. Petrópolis: vozes, 2018.

SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (org.). **Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe – opção pelos pobres, libertação e resistência**. Petrópolis: Vozes, 2019.

SUESS, P. **Dicionário de Aparecida**. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007.

SWEET, L. **Aqua Church 2.0**. Piloting your Church in Today's Fluid Culture. 2.ed. Colorado: David Cook, 2008.

SWEET, L. **Peregrinos do novo século: a paixão do primeiro século para o mundo contemporâneo**. São Paulo: Garimpo Editorial, 2010.

TABET, S. Du projet moderne au monde liquide. Entretien avec Zygmunt Bauman. **Revista Socio**, n. 08, jun. 2017, p. 35-56.

TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. (org.). **Teologia na pós-modernidade**. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.

UHÍA, J. **La sociedad Revelada**. Anotaciones para un mundo post-moderno. Santafé de Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2000.

VATTIMO, G. **Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VATTIMO, G. (coord.). **Em torno a la posmodernidad**. 2 ed. Barcelona: Anthropos Editorial, 2003.

VATTIMO, G., O cristianismo é a religião da pós-modernidade. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**. São Leopoldo, ano III, n. 88, p. 8-12, dezembro 2003. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao88.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2022.

VATTIMO, G. O Papa que salvou a Igreja do suicídio. Um grande milagre. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-Line**. São Leopoldo, ed. 465, 18 maio 2015. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5925-gianni-vattimo-5>. Acesso em: 01 abr. 2022.

VELA, J. **Evangelizar de nuevo el kerigma cristiano en un mundo roto**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

VELA, J. **Reevangelización**. El primer anuncio del Evangelio a bautizados no cristianos. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2014.

VELASCO, J. M. **El malestar religioso de nuestra cultura**. Madrid: Paulinas, 1993.

VELASCO, J. M. **Ser cristiano en una cultura posmoderna**. Madrid: PPC, 1997.

VELASCO, J. M. **La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea**. Santander: Sal Terrae, 2002.

“VER, julgar e agir” é o método de análise da V Conferência. **Canção Nova**. 17 maio 2007. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/ver-julgar-e-agir-e-o-metodo-de-analise-da-v-conferencia/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

VESCHI, B. **Etimologia de crise**. Disponível em: <https://etimologia.com.br/crise/>. Acesso em: 03 jun. 2022.

VILHENA, M.; PASSOS, J. (org.). **Religião e consumo**. Relações e discernimentos. São Paulo: Paulinas, 2012.

VVAA. **Evangelizar, esa es la cuestión**: en el XXX aniversario de la Evangelli Nuntiandi. Madrid: PPC, 2006.

WAGNER, I. **Bauman**: uma biografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ZEZINHO, P. In: **Um certo galileu**. Panorâmico 0312, Paulinas-Comep, 1975, vol. 1, faixa 1 (4 min 38 s). *long play*, vinil.